

JOHN KENNEDY TOOLE

UMA CONFRARIA
DE TOLOS



JOHN KENNEDY TOOLE
„UMA CONFRARIA DE TOLOS“

JOHN KENNEDY TOOLE

UMA CONFRARIA
DE TOLDS



Prefácio

Talvez a melhor maneira de apresentar este romance que na terceira leitura me surpreende ainda mais que na primeira seja relatando meu primeiro contacto com ele. Quando eu era professor em Loyola, em 1976, andei recebendo telefonemas de uma senhora desconhecida. O que ela me propunha era absurdo. Não que ela tivesse escrito alguns capítulos de um livro e quisesse assistir às minhas aulas. Era seu filho, já falecido, que escrevera um romance na década de 60, um romance inteiro e ela queria que eu o lesse. Por que lê-lo?, perguntei-lhe. “Porque um grande romance” respondeu-me ela.

Com o passar dos anos, desenvolvi uma brilhante capacidade de me desvencilhar de tarefas indesejáveis. E se havia alguma coisa indesejável, sem dúvida era isto: envolver-me com a mãe de um romancista morto e, pior de tudo, ter que ler o original do que ela achava um *grande* romance, que, na verdade, não passava de uma cópia a carbono, pouco legível.

Mas a senhora era persistente, e acabou conseguindo chegar ao meu escritório para me entregar o volumoso manuscrito. Não havia como escapar, mas ainda restava uma esperança: ler as primeiras páginas, que seriam ruins o bastante, e, com a consciência tranquila, não prosseguir a leitura. Em geral, faço apenas isso. De facto, basta às vezes o primeiro parágrafo. Meu único temor era que este não fosse tão ruim assim, ou fosse até bonzinho, e eu tivesse que continuar a lê-lo.

Neste caso, continuei lendo. E lendo. De início, com a impressão de que não era tão ruim para ser posto de lado, depois com uma ponta de interesse, com estímulo crescente, e afinal com incredulidade: não era mesmo possível que fosse tão bom. Vou resistir à tentação de contar o que primeiro me deixou boquiaberto, o que me fez sorrir, o que me fez dar uma gargalhada, ou balançar a cabeça, maravilhado. O melhor é deixar ao próprio leitor a descoberta.

De qualquer modo, temos aqui Ignatius Reilly, sem ascendência em qualquer literatura que eu conheça extraordinário paspalhão, Oliver Hardy louco, Dom

Quixote gordo, Tomás de Aquino teimoso, dentro da mesma embalagem , profundamente revoltado contra a Idade Moderna como um todo, em seu camisolão de flanela, num quarto de fundos em Nova Orleans, que, entre gigantescos acessos de flatulência e eructações, preenche dezenas de cadernos com suas invectivas.

A mãe acha que ele precisa de trabalho. E estes se sucedem. Cada tarefa se transforma rapidamente em proeza doida, em desastre acabado; e, mesmo assim, cada uma, como as de Dom Quixote, tem lógica própria e espantosa.

A namorada, Myrna Minkoff, do Bronx, acha que ele precisa de sexo. O que acontece com Myrna e Ignatius é diferente de tudo o que já ouvi contar em termos de encontro amoroso.

De forma alguma uma virtude menor do romance de Toole é a recriação das particularidades de Nova Orleans, suas ruelas, os bairros afastados, seu linguajar, os brancos enquanto grupo e um preto no qual Toole alcançou quase o impossível, uma personagem de incrível comicidade no seu desembaraço, sem o menor resquício dos menestréis de Rastus.

Mas a maior conquista de Toole é o próprio Ignatius Reilly, intelectual, ideólogo, malandro, simplório, glutão, que provocaria repulsa no leitor com seus excessos pantagruélicos, sua obstinação tonitruante e sua luta solitária contra todos: Freud, os homossexuais, os heterossexuais, os protestantes, e os variados excessos dos tempos modernos. Imaginem um Tomás de Aquino arruinado, transposto para Nova Orleans, de onde parte para uma feroz incursão pelos pântanos até a Universidade do Estado da Louisiana em Baton Rouge, onde seu casaco de couro é roubado no banheiro do corpo docente enquanto ele lá está sentado absorto em seus avassaladores problemas gastrointestinais. Sua válvula pilórica se contrai periodicamente em protesto pela ausência de "geometria e teologia adequadas" no mundo moderno.

Eu hesitaria em usar o termo "comédia" embora se trate de comédia, pois

implica apenas um livro engraçado, e este romance é muito mais do que isso. Uma farsa retumbante, nas dimensões de um *Falstaff*, talvez o definisse melhor.

É triste, também. Nunca se sabe ao certo de onde vem a tristeza: se da tragédia existente por trás da ira gasosa de Ignatius e suas alucinadas aventuras, ou da tragédia inerente ao próprio livro.

A tragédia do livro é a tragédia do autor: seu suicídio em 1969, aos trinta e dois anos. Outra tragédia está no corpo da obra que vínhamos rejeitando. É mesmo uma pena que John Kennedy Toole não esteja vivo e escrevendo. Mas, já que não está, só podemos trabalhar para que esta pantagruélica e tumultuada tragicomédia humana pelo menos esteja ao alcance de um mundo de leitores.

Walker Percy

«Tem razão. Somos mediterrâneos. Nunca estive na Grécia nem na Itália, mas tenho certeza de que me sentiria em casa logo que desembarcasse.»

Creio que sim. Nova Orleans se parece mais com Gênova ou Marselha, com Beirute ou Alexandria do que com Nova York, embora todos os portos se pareçam mais uns com os outros que com qualquer lugar do interior. Como Havana e Port-au-Prince, Nova Orleans se insere na órbita de um mundo helenístico que nunca atingiu o Atlântico norte. O Mediterrâneo, o Caribe e o golfo do México formam um mar homogéneo, ainda que interrompido.»

A J Liebling,

O conde de Louisiana

Um

Um boné verde de caça se espremia no alto da cabeça gorda.

Os protectores, cobrindo suas orelhas de abano, seu cabelo por cortar e tufos de pêlos que lhe saíam de dentro dos ouvidos, apontavam para ambos os lados como se fossem sinais de trânsito indicando duas direcções obrigatórias ao mesmo tempo. Lábios cheios, franzidos, projectavam-se sob o vasto bigode preto e caíam nos cantos em duas rugas plenas de reprovação e de migalhas de batatas *chips*. À sombra da viseira do boné verde, o arrogante olhar azul-amarelado de Ignatius J. Reilly reparava com desprezo nas pessoas que, sob o relógio, esperavam à porta da loja D. H. Holmes, estudando o grupo a partir de suas demonstrações de mau gosto no vestir. Muitos daqueles trajés, observou Ignatius, eram novos e caros o bastante para serem enquadrados como ofensas ao bom gosto e à decência. A posse de algo novo ou dispendioso apenas reflectia a falta de teologia e geometria do possuidor, podendo até levantar dúvidas sobre a alma dessa pessoa.

O próprio Ignatius se vestia com conforto e bom senso. O boné de caça protegia-o contra as correntes de ar. As amplas calças de *tweed* eram resistentes e permitiam total liberdade de locomoção.

Suas pregas isolavam bolsões de ar viciado e morno que produziam um efeito calmante sobre Ignatius. A camisa de flanela xadrez dispensava casaco, ao mesmo tempo em que o cachecol servia de anteparo à parte da pele que ficava entre o colarinho e os protectores de orelha do boné. Embora confuso, o traje atendia a todos os padrões teológicos e geométricos, e sugeria uma intensa vida interior.

Deslocando seu peso de um quadril para o outro, à sua maneira pesada e paquidérmica, Ignatius fez ondular as carnes flácidas sob o *tweed* e a flanela, ondas que se detinham nos botões e nas costuras.

Assim reacomodado, passou a meditar sobre o longo tempo que estivera esperando por sua mãe. Considerou basicamente o desconforto que começava a sentir. Parecia-lhe que todo o seu ser estava prestes a estourar naquelas inchadas botas de camurça, e, como que para conferir, dirigiu para os pés seus olhos singulares. Os pés, de facto, pareciam inchados. Preparou-se para oferecer à mãe a visão das botas intumescidas como prova da falta de consideração da parte dela. Elevando o olhar, viu o sol que se punha sobre o Mississipi no fim da Canal Street. O relógio da loja Holmes marcava quase cinco horas lá elaborava algumas acusações cuidadosamente formuladas destinadas a levarem a mãe ao

arrendimento ou, pelo menos, à inse-gufatiça Precisava sempre colocá-la em seu devido lugar.

Ela o deixara no centro da cidade no velho Plymouth, e, enquanto estava no médico tratando da artrite, Ignatius comprara no Werlein algumas partituras para trompete e uma corda nova para o alaúde. Vagou então pelo fliperama da Royal Street, para ver se haviam instalado alguma nova máquina. Ficou desapontado ao descobrir que tinham tirado a máquina do minijogo de beisebol.

Talvez fosse só para conserto. Da última vez que jogara, o batedor não estava funcionando, e, após pequena discussão a gerência lhe devolvera o dinheiro da ficha, não sem antes o pessoal do fliperama ter tido a baixeza de insinuar que fora Ignatius quem quebrara a máquina de tanto chutá-la.

Concentrado no desaparecimento da máquina de mini-beisebol, Ignatius distanciou-se da realidade física da Canal Street e das pessoas à sua volta, sem perceber, portanto, os olhos que o observavam, ávidos, por trás de uma coluna da D. H. Holmes, tristes olhos, brilhando de esperança e desejo.

Seria possível consertar a máquina em Nova Orleans?

Provavelmente. Mas talvez ela tivesse que ser enviada a outro lugar, como Milwaukee ou Chicago, ou outra cidade cujo nome Ignatius associava a eficientes oficinas de reparos e fábricas com chaminés fumegando ininterruptamente. Ignatius gostaria que o minijogo de beisebol fosse bem embalado para o transporte, que nenhum dos bonequinhos tivesse um pedaço arrancado pelos grosseiros ferroviários que pareciam empenhados em levar à ruína a estrada de ferro com tantas reclamações por perdas e danos, ferroviários que logo em seguida entrariam em greve para arruinar a Central de Illinois.

Enquanto Ignatius considerava o prazer proporcionado à humanidade pelo minijogo de beisebol, os olhos tristes e cobiçosos focalizaram-no em meio à multidão como torpedos assestando a mira em um grande petroleiro peludo. O policial puxou Ignatius pela sacola das partituras.

— Tem documentos? — perguntou o policial, na esperança de que Ignatius não fosse oficialmente identificado.

— O quê? — Ignatius olhou com desprezo para o emblema, no boné azul. — Quem é o senhor?

— Deixe-me ver sua carteira de motorista.

— Eu não dirijo. O senhor quer fazer o favor de sair daqui?

Estou esperando minha mãe.

— O que é isso na sua bolsa?

— O que acha que é, seu burro? Uma corda para o meu alaúde.

— Que é isso? — O policial deu um passo atrás. — Você é daqui?

— É função da Secretaria de Segurança incomodar-me, enquanto esta cidade é uma flagrante capital do vício do mundo civilizado? — Ignatius berrava acima do vozerio que havia na frente da loja. — Esta cidade é famosa pelos jogadores, prostitutas, exibicionistas, anticristos, alcoólatras, sodomitas, viciados em drogas, fetichistas, onanistas, pornógrafos, corruptos, imorais, desordeiros e lésbicas, todos eles muito bem protegidos pelas "caixinhas". Se dispõe de tempo, posso discutir o problema da criminalidade com o senhor, mas não cometa o erro de incomodar *a mim*.

O policial agarrou Ignatius pelo braço e as partituras bateram no seu boné. O pedaço de corda do alaúde que estava fora da bolsa chicoteou-o na orelha.

— Ei! — disse o policial.

— Olhe aí! — gritou Ignatius, reparando que começava a se formar um círculo de curiosos.

Dentro da D. H. Holmes, a sra. Reilly estava na secção de doces, comprimindo o peito maternal no balcão de docinhos de amêndoa. Com um dedo calejado de esfregar por muitos anos as gigantescas cuecas encardidas do filho, bateu no vidro para chamar a atenção da vendedora.

— Srta. Inez — chamou a sra. Reilly naquele sotaque que, ao sul de Nova Jersey, só aparece em Nova Orleans, aquela Hoboken próxima do golfo do México. — Aqui, meu bem.

— Oi, como vai? — perguntou a srta. Inez. — Passando bem, querida?

— Mais ou menos — respondeu a sra. Reilly com sinceridade.

— Não fique chateada. — A srta. Inez se debruçou sobre o balcão e esqueceu os bombons. — Eu também não ando boa. São os pés.

— Bem que eu queria estar no seu lugar. Estou é com artrite no cotovelo.

— Ai, não! — disse a srta. Inez com profunda solidariedade. — Meu paizinho, coitado, tinha isso. A gente fazia ele se sentar numa banheira cheia de água bem quente.

— Meu filho costuma ficar na banheira o dia inteiro. Eu quase nem posso mais entrar no banheiro.

— Eu pensava que ele era casado, coração.

— Ignatius? Ai, ai — disse a sra. Reilly tristemente.

— Queridinha, quer me dar duas dúzias dos sortidos?

— Mas eu pensei que a senhora tivesse me contado que ele era casado — disse a srta. Inez, enquanto colocava os bombons na caixa.

— Não tem nem pretendente. A namorada que ele tinha tomou chá de sumiço.

— Bom, ele tem tempo.

— Acho que sim — disse a sra. Reilly, desinteressada.

— Olhe, quer me dar meia dúzia daqueles com rum? Ignatius fica doente quando os doces de casa se acabam.

— Seu filho gosta um bocado de doce, hein?

— Ai, meu Deus, o cotovelo está me matando! — respondeu a sra. Reilly.

No centro do ajuntamento que se formara diante da loja, o boné de caça, núcleo verde do círculo de gente, agitava-se, frenético.

— Vou falar com o prefeito — gritava Ignatius.

— Deixe o moço em paz — disse uma voz na multidão.

— Dê em cima das boates da Bourbon Street — acrescentou um senhor. — Ele é um moço direito. Está esperando a mãe.

— Obrigado — disse Ignatius com altivez. — Todos vocês são testemunhas deste ultraje.

— Você vem comigo — falou o policial, com pouca convicção. O

pessoal em volta começava a se agitar, e não havia nenhum guarda de trânsito

por ali. — Vamos para a delegacia.

— Um moço direito não pode nem esperar pela mãe na frente da D. H. Holmes!
— Era o mesmo senhor. — Vou lhe contar, essa cidade nunca esteve desse jeito!
São os comunistas.

— Está me chamando de comunista? — perguntou o policial ao senhor, enquanto se esquivava de outra lambada da corda do alaúde.

— Vai junto também. Com quem o senhor acha que está falando para me chamar assim de comunista?

— Deixe o velho em paz, meganha — gritou uma mulher. — Tem idade para ser seu avô.

— Tenho mesmo — disse o senhor. — Já tenho seis netas, todas estudando em colégio de freiras. São muito inteligentes.

Por cima das cabeças, Ignatius viu sua mãe atravessar lentamente o saguão da loja, carregando as caixas de doces como se fossem sacos de cimento.

— Mãe! — chamou. — Bem na hora. Fui preso! Abrindo caminho entre as pessoas, a sra. Reilly disse: — Ignatius! Que houve? Que é que você fez dessa vez? Ei, tire a mão do meu filho!

— Nem estou encostando nele, dona — disse o policial. — Esse aqui é seu filho?

A sra. Reilly tomou a sibilante corda de alaúde de Ignatius.

— É claro que eu sou filho dela — disse Ignatius. — Não está vendo o carinho que ela tem comigo?

— Ela é louca pelo filho — disse o senhor.

— O que está querendo fazer com meu filhinho? — perguntou a sra. Reilly ao policial. Ignatius deu umas palmadinhas no cabelo espichado da velha com aquela sua mão enorme. — Deve dar-lhe muito trabalho, com tanta gente na cidade, escolher logo os filhos que ficam esperando as mães. Ficam esperando, e eles vão logo prendendo.

— Este caso é para a União das Liberdades Civis — observou Ignatius, apertando com a manopla o ombro caído da mãe. — Vamos falar com Myrna Minkoff, meu antigo amor. Ela entende dessas coisas.

— São os comunistas — interrompeu o senhor.

— Que idade ele tem? — perguntou o policial à sra. Reilly.

— Trinta anos — respondeu Ignatius, condescendente.

— Tem emprego?

— Ignatius me ajuda em casa — disse a sra. Reilly. Sua coragem inicial diminuiu agora, e ela enrolava a corda do alaúde no barbante das caixas de doces. — Eu sofro demais de artrite.

— Ajudo na arrumação — disse Ignatius ao policial. — Além disso, no momento estou escrevendo uma longa acusação contra o nosso século. Quando meu cérebro se ressentiu do esforço intelectual, faço uns canapés de queijo.

— Ignatius faz uns canapés deliciosos — disse a sra. Reilly.

— É muita atenção da parte dele — disse o senhor.

— Os rapazes dessa idade ficam na rua sem fazer nada o tempo todo.

— Cale essa boca — disse o policial ao senhor.

— Ignatius — perguntou a sra. Reilly, com voz trêmula —, que foi que você fez, filho?

— Para dizer a verdade, mãe, acho que foi ele quem começou.

— Ignatius apontou, com a sacola de partituras, para o senhor. — Eu só estava aqui parado, esperando você, rezando para o médico achar que você estava melhorando.

— Tire aquele velho daqui — disse a sra. Reilly para o policial.

— Ele é que está fazendo confusão. É uma vergonha esse tipo de gente solto pelas ruas.

— Na polícia só dá comunista — disse o senhor.

— Já disse para calar a boca — falou o policial, irritado.

— Todas as noites eu levanto os braços para o céu e agradeço a Deus pela protecção que nós temos — disse a sra. Reilly para a multidão. — Já estaríamos todos mortos se não fosse a polícia.

Deitados em nossas camas com a garganta cortada de orelha a orelha.

— Lá isso é verdade, moça — disse uma mulher do meio do grupo.

— Rezem um terço pela polícia. — A sra. Reilly se dirigia agora à multidão. Ignatius lhe acariciava o ombro desenfreadamente, soprando palavras de estímulo. — Vocês rezariam um terço pelos comunistas?

— Não! — várias vozes responderam com fervor. Alguém empurrou o velho.

— É verdade, dona — gritou o senhor. — Ele queria prender o seu filho. Como na Rússia. São todos comunistas.

— Venha cá — disse o policial ao senhor. Agarrou-o violentamente pelas costas do paletó.

— Ah, meu Deus! — disse Ignatius, olhando para o policial, franzino, que tentava segurar o velho. — Meus nervos estão em frangalhos.

— Socorro! — o velho apelava para a multidão. — É um assalto.

É uma violação da Constituição!

— Ele é louco, Ignatius — disse a sra. Reilly. — É melhor a gente ir embora daqui, filhote. — Voltou-se para o grupo. — Vamos, pessoal. Ele pode nos matar. Acho mesmo que *ele* é que é comunista.

— Não precisa exagerar, mãe — disse Ignatius, enquanto se esquivavam em meio à multidão, agora dispersa, e desciam a passos rápidos a Canal Street. Olhou para trás e viu o velho e o policial nanico engalfinhados sob o relógio da loja. — Quer andar mais devagar, por favor? Acho que estou com sopro no coração.

— Ora, cale a boca. Acha que eu estou me sentindo bem? Na minha idade, eu não devia mais precisar correr desse jeito.

— O coração é importante em qualquer idade, acho.

— Você não tem nada no coração.

— Mas vou ter, se a gente não andar mais devagar. — As calças de *tweed* se inflavam em torno das nádegas pantagruélicas de Ignatius à medida que ele avançava. — A corda do alaúde ficou com você?

A sra. Reilly empurrou-o para a esquina da Bourbon Street, e foram andando pelo Bairro Francês.

— Como foi que aquele guarda pegou você, filho?

— Nunca vou saber. Mas ele vai estar atrás de nós daqui a pouco, assim que conseguir segurar aquele velho fascista.

— Você acha, é? — perguntou a sra. Reilly, nervosa.

— É bem provável. Parecia mesmo disposto a me prender.

Deve ganhar alguma comissão, qualquer coisa desse tipo. Duvido muito que ele me deixasse escapar com tanta facilidade.

— Mais ia ser um horror! Você ia aparecer em todos os jornais, Ignatius. Que desgraça! Você devia estar fazendo alguma coisa enquanto me esperava, Ignatius. Conheço você, filho.

— Se já houve alguém quieto no seu canto, era eu. — Ignatius tomou fôlego. — Por favor, vamos parar. Acho que vou ter uma hemorragia.

— Certo. — A sra. Reilly olhou para o rosto lívido do filho e se deu conta de que ele, de muito bom grado, desabaria a seus pés só para provar que tinha razão. Já fizera isso antes. Da última vez que ela o obrigara a acompanhá-la à missa de domingo, tivera dois desmaios a caminho da igreja, e um terceiro na hora do sermão sobre a preguiça, caindo do banco e criando uma situação muito embaraçosa. — Vamos entrar ali e sentar um pouco.

Ela o empurrou pela porta do bar Noite do Prazer com uma das caixas de doces. Na obscuridade, que cheirava a bourbon e cigarro apagado, instalaram-se em duas banquetas do bar. Enquanto a sra.

Reilly acomodava suas caixas no balcão, Ignatius distendeu as narinas já dilatadas e disse:

— Nossa, mãe, que cheiro horrível! Está me embrulhando o estômago.

— Quer voltar para a rua? Quer que o guarda pegue você?

Ignatius não respondeu; cheirava o ar ruidosamente e fazia caretas. Um *barman*, que estivera observando os dois, indagou, zombeteiro, das sombras:

— Sim?

— Vou querer um café — disse Ignatius em tom grandiloquente. — Café com leite fervido.

— Só temos solúvel — disse o *barman*.

— Não dá para tomar — disse Ignatius para a mãe. — É um nojo.

— Bem, peça uma cerveja, Ignatius. Não vai fazer mal nenhum.

— Posso ficar de pileque.

— Vou querer uma Dixie 45 — disse a sra. Reilly para o *barman*.

— E o cavalheiro? — perguntou o *barman* em voz pomposa, empostada. — Que lhe apetece?

— Traga uma Dixie para ele também.

— Não vou tomar isso — disse Ignatius, assim que o *barman* saiu de cena para abrir as cervejas.

— Não podemos ficar aqui sentados sem pagar, Ignatius.

— Não sei por que não. Somos os únicos clientes. Eles deviam dar-se por satisfeitos por nós estarmos aqui.

— Eles têm *striptease* aqui à noite, hein? — A sra. Reilly cutucou o filho.

— É bem provável — disse Ignatius, indiferente. Fez uma expressão de dor. — Devíamos ter parado em outro lugar. Suspeito que a polícia vá dar uma batida daqui a pouco. — Bufou com estardalhaço e pigarreou com força. — Graças a Deus o meu bigode filtra um pouco desse fedor. Meu olfato já está começando a se ressentir.

Depois do que pareceu uma longa espera, durante a qual se ouviu muito tilintar de copos e fechar de portas de geladeira em algum ponto da escuridão, o *barman* tornou a aparecer e colocou as cervejas à frente deles, entornando um pouco na roupa de Ignatius.

Os Reillys recebiam o pior serviço do Noite do Prazer, tratamento reservado aos clientes indesejáveis.

— Você por acaso não tem um Dr. Nut gelado? — perguntou Ignatius.

— Não.

— Meu filho adora Dr. Nut — explicou a sra. Reilly. — Eu devia comprar às caixas. Às vezes ele se senta e toma duas, três garrafas de uma vez.

— Tenho certeza de que esse homem não está interessado — disse Ignatius.

— Quer tirar o boné? — perguntou o *barman*.

— Não tiro! — trovejou Ignatius. — Está um gelo aqui dentro.

— Como quiser! — falou o *barman*, e desapareceu na escuridão, do outro lado do bar.

— Realmente!

— Fique calmo — disse-lhe a mãe.

Ignatius levantou o protetor de orelhas do lado da mãe.

— Bem, vou levantar isto para você não ter que forçar a voz. O que o médico falou do cotovelo ou seja lá o que for?

— Tenho que fazer massagem.

— Tomara que você não esteja querendo que eu faça. Sabe o que eu sinto quando pego nos outros.

— Ele me disse para evitar o frio o máximo possível.

— Se eu soubesse dirigir, acho que ia poder ajudar você um pouco mais.

— Ora, tudo bem, amor.

— Para dizer a verdade, até andar de carro me incomoda.

Claro, muito pior é andar naqueles ônibus de turismo. Você se lembra daquela vez em que eu fui para Baton Rouge num deles? Vomitei o tempo todo. O motorista teve que parar o ônibus no meio da estrada para eu descer e tomar um pouco de ar. Os outros passageiros ficaram danados. Deviam ter estômago de ferro para andar naquela coisa horrrosa. Sair de Nova Orleans também me afectou bastante.

Fora dos limites da cidade começa a terra de ninguém, o desconhecido absoluto.

— Eu me lembro, Ignatius — disse a sra. Reilly, ausente, sorvendo a cerveja em grandes goles. — Você voltou para casa doente mesmo.

— Nessa hora eu já estava melhor. O pior foi minha chegada a Baton Rouge. Dei-me conta de que tinha passagem de ida e volta, e ia ter que voltar de ônibus.

— Você me contou, querido.

— O táxi que eu tomei para voltar a Nova Orleans me custou quarenta dólares, mas pelo menos nele eu não passei muito mal, apesar de ter sentido várias vezes que ia começar a vomitar. Mandeí o motorista dirigir bem devagar, e foi um desastre para ele. A polícia rodoviária o fez parar duas vezes por estar abaixo da velocidade mínima da estrada. Da terceira vez, tomaram a carteira de motorista dele. Sabe, eles estavam acompanhando o carro pelo radar o tempo todo.

A atenção da sra. Reilly se dividia entre o filho e a cerveja.

Havia três anos que ouvia aquela história.

— Claro — continuou Ignatius, julgando que era de interesse o olhar que a mãe lhe lançara —, foi a única vez na minha vida que saí de Nova Orleans. Acho que pode ter sido a falta de um ponto de orientação o que me incomodou. A velocidade daquele ônibus fez-me sentir-me como se eu estivesse caindo num precipício. Depois que deixamos os pântanos e chegamos às montanhas perto de Baton Rouge, tive medo que aqueles camponeses jogassem uma bomba no ônibus. Eles adoram atacar os veículos que passam, porque são símbolos do progresso, acho eu.

— Bem, felizmente você não aceitou o emprego — disse a sra.

Reilly automaticamente, tomando o "acho eu" como deixa.

— Não havia a menor possibilidade de eu ficar naquele emprego. Quando vi o chefe do Departamento de Cultura Medieval, minhas mãos começaram a tremer. Era um desalmado. Então ele fez um comentário qualquer por eu não estar de gravata e disse qualquer coisa sobre a jaqueta de couro. Fiquei abismado de ver uma pessoa fazendo aquelas afrontas tão gratuitas. A jaqueta de couro foi uma das poucas comodidades a que eu me apeguei, e, se algum dia eu encontrar o infeliz que a roubou, vou denunciá-lo às autoridades competentes.

Veio à mente da sra. Reilly a horrível jaqueta de couro, manchada de café, que ela em segredo sempre quisera dar para o Exército de Salvação, junto com outras das roupas preferidas de Ignatius.

— Veja só, eu estava tão arrasado pela grosseria daquele "catedrático" espúrio, que sai da sala dele bem no meio de uma das suas divagações cretinas e corri para o banheiro mais próximo, que por acaso era o do "Corpo Docente". De qualquer modo, eu estava sentado numa privada, e tinha deixado a jaqueta em cima da porta.

De repente, vi a jaqueta sendo puxada pelo outro lado. Ouvi um ruído de passos. Depois, a porta do toalete se fechando. Naquele momento eu não tinha condições de sair atrás do ladrão sem-vergonha, então comecei a gritar. Alguém entrou no banheiro e bateu na porta da cabine. Era um sujeito da segurança da universidade, pelo menos foi o que ele disse. Do outro lado da porta, expliquei o que tinha acabado de acontecer. Ele me prometeu encontrar a jaqueta e foi embora. Na verdade, como eu já disse antes, sempre suspeitei de que ele e o tal "catedrático" fossem a mesma pessoa. As vozes eram meio parecidas.

— Não se pode mesmo confiar em ninguém hoje em dia, meu bem.

— Logo que eu pude, fugi dali, só querendo ficar bem longe daquele lugar horrível. Claro, quase me congelei de ficar parado no campus deserto, tentando arranjar um táxi. Afinal, achei um que combinou de me trazer para Nova Orleans por quarenta dólares, e o motorista ainda teve a generosidade de me emprestar o casaco. Mas, até a gente chegar aqui, ele já estava bem aborrecido por lhe terem tomado a carteira de motorista, e ficou muito grosseiro. Parece também que pegou um resfriado forte, a julgar pela quantidade de espirros que deu. Afinal de contas, ficamos na estrada quase duas horas.

— Acho que vou tomar outra cerveja, Ignatius.

— Mãe! Neste lugar horrível?

— Só uma, meu bem. Vamos lá, eu quero mais uma, — Nós vamos pegar uma doença nesses copos. Mas, já que você está tão decidida, peça um conhaque para mim, está bem?

A sra. Reilly fez sinal para o *barman*, que saiu das sombras e perguntou:

— Então, o que aconteceu com você naquele ônibus, cara? Eu não peguei o final da história.

— Quer fazer a fineza de nos atender devidamente? — pediu Ignatius, furioso. — É sua obrigação servir em silêncio quando chamamos. Se quiséssemos incluí-lo na nossa conversa, já o teríamos feito. Na verdade, estamos discutindo assuntos urgentes e particulares.

— O homem só está tentando ser simpático, Ignatius. Que vergonha!

— Eis aí uma contradição nos próprios termos. Não existe a possibilidade de alguém ser simpático numa espelunca dessas.

— Queremos mais duas cervejas.

— Uma cerveja e um conhaque — corrigiu Ignatius.

— Acabaram os copos limpos — disse o *barman*.

— Mas que pena! — disse a sra. Reilly. — Bom, podemos ficar com estes mesmos.

O *barman* deu de ombros e desapareceu na escuridão.

II

Na delegacia, o senhor estava sentado num banco com os outros, a maioria ladrões de loja, que constituíam o arrastão do final de tarde. Arrumara no colo, enfileirados com capricho, sua carteira de aposentado da Previdência Social, a carteira de sócio da Ordem Terceira de São Odo de Cluny, um crachá do Clube da Idade de Ouro e uma declaração atestando que pertencia à Legião Americana. Um jovem negro, com os olhos ocultos por baixo dos óculos escuros de modelo espacial, observava o pequeno dossiê, no colo do outro.

— Caramba! — disse, num esgar. — Você deve ser sócio de tudo.

O velho tornou a arrumar meticulosamente os papéis e não respondeu.

— Como é que eles botam a mão num tipo como você? — Os óculos escuros sopraram a fumaça bem em cima das carteiras. — Eles agora estão a fim de qualquer coisa.

— Estou aqui devido à violação dos meus direitos constitucionais — disse o senhor com ira repentina.

— Bom, eles não vão mesmo acreditar nisso. É melhor arranjar outra desculpa. — A mão escura apanhou uma das carteiras. — Ei, o que quer dizer "Idade de Ouro"?

O velho pegou a carteira e recolocou-a no colo.

— As carteirinhas não vão servir para nada. Eles vão é metê-lo atrás das grades. Fazem isso com todo mundo.

— Você acha? — perguntou o velho à nuvem de fumaça.

— Claro. — Outra nuvem elevou-se. — Como é que você veio parar aqui, cara?

— Não sei.

— Como não sabe? Que loucura! Deve haver um motivo para estar aqui. Preto eles pegam à toa, mas você tem que ter um motivo para estar aqui.

— Não sei mesmo — disse o senhor, desanimado. — Eu só estava no meio do povo, na frente da D. H. Holmes.

— E passou a mão numa bolsa.

— Não, xinguei o guarda.

— Xingou-o de quê?

— De comunista.

— *Comuna!* Uau! Se eu chamasse um cara de comuna ia entrar no pau. Mas eu bem que ia gostar de chamar um desses sacanas de comuna. Como hoje à tarde, eu estava por ali, dentro da Woolsworth, pegaram uma lata de castanha de caju, e a mulher começou a gritar como se a estivessem esganando. Depressinha, o segurança me pegou e o camburão me trouxe. Não tive a menor chance. Caramba!

— Os lábios sugaram o cigarro. — Ninguém encontrou a castanha comido mas me seguraram aqui assim mesmo Acho que o tal segurança é comuna. É um filho da puta, o miserável.

O senhor pigarreou e mexeu nos cartões.

— Acho que vão te deixar sair — disse o negro de óculos. — Comigo, vão querer bater um papinho, para ver se me assustam, mesmo sabendo que eu não estou com a castanha. Vão querer provar que eu peguei a tal castanha. Vão comprar uma lata e botar no meu bolso. A Woolsworth vai querer me encanar para o resto da vida.

O negro parecia totalmente resignado, e expeliu nova onda de fumaça azulada, que o encobriu, ao velho e às carteiras. Então disse para si mesmo:

— Eu só queria saber quem passou a mão nas castanhas. Vai ver foi o próprio segurança.

Um policial convocou o velho para ir até a mesa, no centro da sala, onde estava sentado o sargento. O guarda que o prendera estava de pé, ao lado.

— Seu nome? — perguntou o sargento ao velho.

— Claude Robichaux — respondeu ele, e colocou as carteiras na mesa, diante do sargento.

O sargento passou os olhos pela papelada e disse: — O guarda Mancuso, aqui, diz que o senhor resistiu à prisão e o chamou de comunista.

— Não foi isso o que eu quis dizer — falou o velho com tristeza, reparando na veemência com que o sargento sacudia as carteiras.

— Mancuso disse que o senhor falou que todos da polícia são comunistas.

— Uau! — fez o negro do outro lado da sala.

— Quer calar a boca, Jones? — repreendeu o sargento.

— Ok — respondeu Jones.

— Depois eu falo com você.

— Olhe, eu não chamei ninguém de comuna — disse Jones. — Só estou aqui por causa daquele segurança da Woolsworth. Detesto castanha.

— Cale essa boca.

— Ok — disse Jones solenemente, e soprou um enorme redemoinho de fumaça.

— Não foi nada disso o que eu quis dizer — falou o sr.

Robichaux ao sargento. — Eu só fiquei nervoso. Fui envolvido na confusão. O guarda estava querendo prender um rapazinho que só estava esperando a mãe na frente da Holmes.

— Quê? — o sargento virou-se para o policial nanico. — Que é que você estava querendo fazer?

— Não era um rapazinho — disse Mancuso. — Era um homenzarrão gordo, com uma roupa esquisita. Tinha um ar muito suspeito. Eu só tentei fazer uma verificação de rotina, e ele resistiu.

Para dizer a verdade, parecia um pervertido.

— Pervertido, hein? — perguntou o sargento, sôfrego.

— É — disse Mancuso com renovada confiança. — Um grande pervertido.

— De que tamanho?

— O maior que eu já vi na vida — disse Mancuso, abrindo os braços como se exibisse um troféu de pesca. Os olhos do sargento brilhavam. — A primeira coisa em que eu bati os olhos foi o boné de caça verde que ele estava usando.

Jones ouvia com atento distanciamento, em algum lugar dentro de sua nuvem.

— Bom, e aconteceu o quê, Mancuso? Como é que ele não está aqui na minha

frente?

— Ele escapuliu. A mulher saiu de dentro da loja e aprontou a maior confusão, e os dois saíram correndo e viraram a esquina do Bairro Francês.

— Ah, dois tipos do Bairro Francês! — disse o sargento, iluminando-se de repente.

— Não, senhor — interrompeu o velho. — Ela eramesmo a mãe dele. Uma senhora muito gentil, muito simpática. Eu já os vi na rua outras vezes. Ela ficou assustada com o guarda.

— Ora, escute, Mancuso! — gritou o sargento. — é o único sujeito da tropa que quis prender alguém por causa da mãe. E por que foi que trouxe o vovô aqui? Telefone para a família dele e diga que o venham buscar.

— Por favor! — implorou o sr. Robichaux. — Não me façam isso. Minha filha está ocupada com as crianças. Nunca fui preso na vida. Ela não vai poder vir buscar-me. O que é que as minhas netas vão pensar? Elas estudam em colégio de Freiras.

— Pegue o telefone da filha, Mancuso. É para ele aprender a não nos chamar de comunistas!

— Por favor! — O sr. Robichaux tinha lágrimas nos olhos. — As minhas netas me respeitam.

— Minha nossa! — disse o sargento. — Tenta prender o filho com a mãe, e aí traz o avô de outro. Suma daqui, Mancuso, e leve o vovô. Quer prender tipos suspeitos? Vou dar um jeito em você.

— Sim, senhor — disse Mancuso em voz baixa, conduzindo para fora o velho choroso.

— Uauu! — fez Jones do interior de sua nuvem.

III

Baixava o crepúsculo em torno do bar Noite do Prazer. Do lado de fora, a Bourbon Street começava a se iluminar. Os letreiros acendiam-se e apagavam-se, refletindo-se nas ruas molhadas pela garoa que caíra durante algum tempo. Os táxis, ocupados pelos primeiros clientes do final do expediente, os turistas do meio-oeste e delegados de convenções provocavam um leve chapinhar ao lusco-fusco.

Havia outras pessoas no Noite do Prazer: um homem que passava o dedo por uma pista de corrida imaginária, uma loura deprimida que parecia pertencer ao bar, e um jovem muito bem-vestido que fumava um Salem atrás do outro e tomava daiquiris de um só gole.

— Ignatius, é melhor a gente ir andando — disse a sra. Reilly, e arrotou.

— Quê? — berrou Ignatius. — Vamos ficar e apreciar a corrupção. Agora é que está começando.

O jovem bem-vestido derramou daiquiri no paletó de veludo verde-garrafa.

— Ei, *barman* — chamou a sra. Reilly. — Traga um pano. O cliente entornou a bebida.

— *Está tudo bem*, querida — disse o jovem, com raiva. Ergueu uma sobrancelha para Ignatius e sua mãe. — Acho mesmo que entrei no bar errado.

— Não fique zangado, meu bem — recomendou a sra. Reilly. — Você está tomando o quê? Parece sorvete de abacaxi.

— Mesmo se eu desse a fórmula, duvido que você entendesse o que é.

— Como é que você ousa falar desse jeito com a minha mãe querida e amada?

— Sossegue, grandão — disse, áspero, o jovem. — Olhe só o meu paletó.

— É absolutamente grotesco.

— Chega! Vamos fazer as pazes — disse a sra. Reilly, com os lábios cobertos de espuma. — Já nos metemos em bastante confusão por hoje.

— E o seu filho parece que adora provocação.

— Calma, vocês dois. Nesse tipo de lugar, a gente só vem para se divertir. — A sra. Reilly sorriu para o jovem.

— Deixe eu lhe oferecer um outro drinque, meu bem, no lugar do que entornou. E acho que vou tomar mais uma Dixie.

— Eu realmente estou com pressa — suspirou o jovem. — De qualquer maneira, obrigado.

— Numas noite como esta? — perguntou a sra. Reilly. — Ora, não se chateie com o que Ignatius está dizendo. Fique para ver o *show*.

O jovem revirou os olhos.

— É... — A loura quebrou o silêncio. — Ver peitos e bundas.

— Mãe — disse Ignatius com frieza. — Acho que você está incentivando essa gente insensata.

— Bem, foi você quem quis ficar, Ignatius.

— É, eu queria mesmo ficar, mas como observador. Não tinha a menor intenção de participar.

— Meu bem, para dizer a verdade, não aguento mais ouvir de novo aquela história do ônibus. Você já a contou quatro vezes desde que nós chegamos aqui.

Ignatius fez uma expressão magoada.

— Eu nem desconfiava que estava aborrecendo você. Afinal, a viagem de ônibus foi uma das experiências mais enriquecedoras da minha vida. Como mãe, você devia se interessar pelos traumas que ajudaram a formar a minha visão do mundo.

— Que houve com o ônibus? — perguntou a loura, passando para a banquetta ao lado de Ignatius. — Meu nome é Darlene. Gosto dessas histórias. Sabe alguma piada?

O *barman* bateu com a cerveja e o daiquiri no balcão bem na hora em que o ônibus partia para sua viagem no turbilhão.

— Venha cá, pegue um copo limpo — rosnou o barman para a sra. Reilly.

— Que gentil! Ei, Ignatius, consegui um copo limpo!

Mas seu filho estava ocupado demais com a chegada a Baton Rouge para ouvi-la.

— Sabe como é, meu bem — disse a sra. Reilly ao jovem —, eu e o meu filho, a gente teve um probleminha hoje. A polícia queria prendê-lo.

— Ah, minha cara! Os policiais são sempre tão inconvenientes, não é?

— É, e Ignatius deu nele uma lição com diploma e tudo.

— Mas, afinal, o que ele estava fazendo?

— Nada. Só estava em pé esperando a mãe querida.

— A roupa dele é meio estranha. Pensei que ele fosse artista, logo que entrei, mas não dava para saber que tipo de artista.

— Eu vivo falando com ele sobre a roupa, mas ele não liga. A sra. Reilly olhou para as costas da camisa de flanela do filho e para o cabelo emaranhado em sua nuca. — É lindo mesmo, esse seu paletó.

— Este aqui? — perguntou o jovem, passando a mão pelo veludo da manga. — Não me importo de contar que custou uma fortuna. Descobri-o numa boutique do Village.

— Você parece estrangeiro.

— Ah, não — o jovem suspirou e acendeu um Salem com um clique alto do isqueiro. — Estou falando do Greenwich Village, em Nova York, meu anjo. Por falar nisso, onde foi que você arranjou esse chapéu? É incrível!

— Ora bolas, eu o tenho desde que Ignatius fez a primeira comunhão.

— Já pensou em vendê-lo?

— Como?

— Eu lido com roupa usada. Dou dez dólares por ele.

— Ora vamos. Por isso?

— Quinze?

— Mesmo? — A sra. Reilly tirou o chapéu. — Claro, querido.

O jovem abriu a carteira e deu à sra. Reilly três notas de cinco dólares. Esvaziou

o cálice de daiquiri, levantou-se e disse: — Agora estou mesmo com pressa.

— Tão cedo?

— Fiquei felicíssimo de encontrá-la.

— Cuide-se para não apanhar um resfriado.

O jovem sorriu, colocou o chapéu cautelosamente por baixo da capa de chuva e saiu do bar.

— É claro que o radar da polícia rodoviária é muito seguro — contava Ignatius para Darlene. — Parece que o motorista do táxi e eu estávamos fazendo uns pontinhos na tela em todo o trajecto de Baton Rouge.

— Você apareceu no radar — disse Darlene entre bocejos. — Pense nisso.

— Ignatius, agora nós temos que ir — disse a sra. Reilly. — Estou com fome.

Virou-se para ele e esbarrou na garrafa de cerveja, que foi ao chão numa chuva de estilhaços escuros.

— Mãe, você quer fazer escândalo? — perguntou Ignatius, irritado. — Não está vendo que a srta. Darlene e eu estamos conversando? Você comprou uns bombons. Coma. Está sempre reclamando que não vai a lugar nenhum. Achei que você ia gostar de passar uma noite na cidade.

Ignatius voltou ao radar, e à sra. Reilly só restou apanhar as caixas e comer um chocolate.

— Gosta? — perguntou ela ao *barman*. — São bons. Eu comprei uns com rum também.

O *barman* fingiu procurar alguma coisa nas prateleiras.

— Que cheiro de torta com rum! — gritou Darlene, olhando por cima de Ignatius.

— Pegue um, amor — disse a sra. Reilly.

— Acho que também vou querer um — disse Ignatius. — Desconfio que, se fossem com licor, seriam melhores.

A sra. Reilly passou a caixa pelo bar. Até mesmo o homem da pista de corrida

aceitou um bombom.

— Onde comprou esses bombons de rum tão gostosos, senhora? — perguntou Darlene à sra. Reilly. — São gostosos e húmidos.

— Lá na Holmes, querida. Eles vendem bombons sortidos. Bem variados.

— Estão deliciosos — admitiu Ignatius, passando a língua flácida e rosada pelo bigode, à procura de migalhas. — Acho que vou comer mais alguns. Sempre disse que coco faz bem à saúde.

Vasculhou a caixa com determinação.

— Eu faço muita questão de um doce depois das refeições — falou a sra. Reilly para o *barman*, que lhe virou as costas.

— Aposto que a senhora sabe cozinhar, hein? — Perguntou Darlene.

— A mãe não sabe cozinhar — disse Ignatius com dogmatismo.

— Sai tudo queimado.

— Eu cozinhava quando era casada — contou Darlene. — Mas também usava muita comida enlatada. Gosto daquele arroz à valenciana que eles fazem e do esparguete com molho de tomate.

— Comida enlatada é uma perversão — disse Ignatius. — Desconfio que acaba prejudicando muito a alma.

— Meu Deus, o cotovelo começou de novo! — gemeu a sra.

Reilly.

— Por favor, eu estou falando — disse-lhe o filho. — Jamais como comida pronta. Comi uma vez, e senti o meu intestino se atrofiar.

— Você tem estudo — disse Darlene.

— Ignatius formou-se na faculdade. Depois, ficou lá mais quatro anos para fazer o mestrado. Ignatius formou-se muito bem.

— "Formou-se muito bem" — repetiu Ignatius, melindrado. — Faça o favor de definir os seus termos. Quer dizer exatamente o quê, esse "formou-se muito bem"?

— Não fale assim com a sua mãe — disse Darlene.

— Ah, às vezes ele me trata mal — disse a sra. Reilly em voz alta, e começou a chorar. — Você não sabe de nada. Quando eu penso em tudo o que fiz por esse menino...

— Mãe, o que você está dizendo?

— Que você não gosta de mim.

— Pare com isso agora mesmo. Estou achando que você tomou cerveja demais.

— Você me trata como se eu fosse um lixo. Fui boa para você — soluçava a sra. Reilly. Virou-se para Darlene. — Gastei toda a herança da avó dele nesses oito anos de faculdade, e desde que se formou passa o dia inteiro deitado em casa vendo televisão.

— Você devia ter vergonha — disse Darlene para Ignatius. — Um homem desse tamanho. Olhe só a coitada da sua mãe.

A sra. Reilly estava à beira de um colapso, soluçando no bar, com uma das mãos crispada em torno do copo de cerveja.

— Isso é ridículo. Mãe, pare com isso.

— Se eu soubesse que o senhor era tão malvado, não teria ficado aqui ouvindo a história louca do ônibus de turismo.

— Levante-se, mãe.

— Parece mesmo maluco — disse Darlene. — Eu devia ter adivinhado. Olhe só como chora, essa pobre mulher.

Darlene tentou empurrar Ignatius da banquetta, mas mandou-o de encontro à mãe, que de repente parou de chorar e gaguejou: — Meu cotovelo!

— Que é que está acontecendo aqui? — perguntou uma mulher da porta almofadada de couro. Era uma mulher escultural, próxima da meia-idade, e seu lindo corpo estava coberto com um casaco de couro preto, molhado de chuva. — Saio daqui um pouquinho para fazer compras e veja o que acontece. Sou obrigada a ficar aqui dentro cada minuto, para não deixar essa gente acabar com o meu negócio.

— São só dois bêbados — disse o *barman*. — Dei o gelo neles desde que

chegaram, mas grudaram aqui como moscas.

— Mas você, Darlene! — disse a mulher. — Fazendo amizade com eles, hein? De papo com esses tipos?

— Esse sujeito estava maltratando a mãe — explicou Darlene.

— Mãe? Agora vem mãe aqui? Que decadência!

— Como disse? — falou Ignatius.

A mulher ignorou-o, olhou para os cacos de vidro e a caixa vazia no balcão, e disse:

— Andaram fazendo piquenique aqui dentro? Droga! Já falei para vocês que dá formiga e rato.

— Como disse? — repetiu Ignatius. — Minha mãe está presente.

— Só mesmo eu dou o azar de encontrar esse lixo aqui, logo agora que estou sem faxineira. — A mulher olhou para *obarmán*. — Tire os dois daqui.

— Sim, srta. Lee.

— Não se incomode — disse a sra. Reilly. — Já estávamos de saída.

— Sem dúvida — acrescentou Ignatius, projetando-se para a porta, deixando a mãe descer sozinha da banquetá. — Ande logo, mãe. Essa mulher parece um comandante nazista. Ela pode nos atacar.

— Espere! — gritou a srta. Lee, segurando Ignatius pela manga. — Quanto é que esses tipos estão devendo?

— Oito dólares — disse o *barman*.

— É uma roubalheira descarada! — trovejou Ignatius. — Nosso advogado vai procurá-la.

A sra. Reilly pagou com duas das notas que o jovem lhe dera e, ao passar cambaleando pela srta. Lee, disse: — Sabemos onde não somos desejados. Vamos frequentar outro lugar.

— Ótimo — respondeu a srta. Lee. — Vão dar o cano em outro lugar. Frequência de gente como vocês é pior que o demônio.

Depois que a porta almofadada se fechou atrás dos Reillys, a srta. Lee disse:

— Nunca fui muito chegada a mães. Nem à minha.

— Minha mãe era puta — disse o homem da pista de corrida, sem levantar os olhos do jornal.

— Mãe é uma merda — observou a srta. Lee, e tirou o casaco de couro. — Agora você e eu vamos ter uma conversinha, Darlene.

Lá fora, a sra. Reilly apoiou-se no braço do filho, mas, por mais que tentassem, prosseguiram muito devagar, parecendo ir para os lados com mais facilidade. Havia uma constante no caminhar: três passos rápidos para a esquerda, pausa, três passos rápidos para a direita, pausa.

— Que mulher terrível! — disse a sra. Reilly.

— Uma negação de todas as qualidades humanas — acrescentou Ignatius. — Aliás, onde ficou o carro? Estou muito cansado.

— Em St. Ann, amor. Só uns quarteirões.

— Você esqueceu o chapéu no bar.

— Não, eu o vendi para aquele moço.

— Vendeu? Por quê? Por acaso me perguntou se eu queria vendê-lo? Eu tinha muita ligação com aquele chapéu.

— Desculpe, Ignatius. Não sabia que você gostava tanto dele.

Você nunca me disse nada.

— Eu tinha uma ligação muda. Ele tinha relação com a minha infância, um elo com o passado.

— Mas o moço me deu quinze dólares, Ignatius.

— Faça-me o favor. Nunca mais fale nisso. Esse negócio foi um sacrilégio. Deus sabe a utilização degenerada que ele vai dar àquele chapéu. Você está com os quinze dólares?

— Ainda tenho sete.

— Então por que não paramos para comer alguma coisa? — Ignatius apontou

para a carrocinha na esquina. Tinha o formato de um cachorro-quente com rodas. — Creio que eles têm o cachorro comprido.

— Cachorro-quente, meu bem? Com essa chuva e esse frio, vamos ficar aqui fora comendo porcarias?

— Foi só uma sugestão.

— Não — disse a sra. Reilly, com coragem etílica. — Vamos para casa. Eu não ia mesmo comer uma coisa dessas carrocinhas tão sujas! Os vendedores são um bando de vagabundos.

— Já que você insiste — disse Ignatius, fazendo beijo.

— Mesmo eu estando com muita fome, e você tendo, afinal, vendido um memorial da minha infância por trinta dinheiros, por assim dizer.

Continuaram na mesma cadência do andar pelas lajes molhadas da Bourbon Street. Em St. Ann, encontraram o velho Plymouth com facilidade. O teto alto aparecia acima de todos os outros carros, sua maior qualidade. O Plymouth sempre fora fácil de encontrar nos estacionamento dos supermercados. A sra. Reilly subiu duas vezes no meio-fio, tentando tirar o carro da vaga, e deixou a marca do pára-choque do Plymouth 1946 no capô de um Volkswagen que se encontrava atrás deles.

— Meus nervos! — disse Ignatius. Ele se abaixara no assento, de maneira que apenas o boné de caça verde aparecia pela janela, como a ponta de uma apetitosa melancia. No banco traseiro, onde sempre se sentava, depois de ter lido alguma coisa sobre o facto de o lugar ao lado do motorista ser o mais perigoso, observava com desaprovação a grosseira e incompetente manobra de sua mãe. — Desconfio que você de facto desmontou aquele carrinho que alguém inocentemente estacionou atrás desta banheira. É melhor você sair daqui antes que o dono apareça.

— Cale a boca, Ignatius. Você está me pondo nervosa — disse a sra. Reilly, olhando para o boné de caça pelo retrovisor.

Ignatius endireitou-se no assento e olhou pela janela de trás.

— Aquele carro virou sucata. Vão cassar a sua carteira de motorista, se é que você tem mesmo carteira. E terão toda a razão.

— Deite aí e tire um cochilo — disse-lhe a mãe, e o carro deu um solavanco

para trás.

— Acha que vou conseguir dormir? Estou temendo pela minha vida. Tem certeza de que está virando o volante para o lado certo?

De repente, o carro saiu aos trancos do estacionamento e atravessou em disparada a rua molhada, indo bater num poste de ferro que sustentava uma varanda. O poste tombou e o Plymouth bateu em cheio na parede.

— Ah, meu Deus! — gritou Ignatius do banco de trás. — Que foi que você fez?

— Chame um padre!

— Acho que não estamos feridos, mãe. Mas você me embrulhou o estômago pela semana inteira. — Ignatius baixou uma das janelas e examinou o pára-lama amassado de encontro à parede. — Acho que vamos ter de trocar o farol deste lado.

— Que é que nós vamos fazer?

— Se eu estivesse dirigindo, dava uma ré e saía de cena com a máxima elegância. Com toda a certeza, alguém vai aparecer, pedindo indenização. Os donos desse barraco mal-acabado devem estar esperando uma oportunidade dessas há anos. Vai ver que foram eles que jogaram óleo na rua depois de escurecer, para os carros derraparem de propósito e baterem no poste. — Arrotou. — Estou com uma azia arrasadora. Acho que vou ficar de ressaca.

A sra. Reilly engatou a marcha à ré e acelerou de leve. Quando o carro se moveu, soou sobre suas cabeças o estalar de madeira, estalar que se transformou em romper de tábuas e retorcer de metais. Então a varanda caiu aos pedaços, trovejando no teto do carro com o estouro surdo e seco de granadas. O carro, como um ser petrificado, parou de se mexer e um pedaço da decoração de ferro batido entrou pela janela traseira, estilhaçando-a.

— Amor, você está bem? — perguntou a sra. Reilly, ansiosa, depois do que lhe pareceu o bombardeio final.

Ignatius produziu um som amortecido. Seus olhos azul-amarelados estavam cheios de lágrimas.

— Diga alguma coisa, Ignatius — implorou-lhe a mãe, virando-se bem na hora em que ele pôs a cabeça para fora da janela e vomitou na lateral do carro batido.

O guarda Mancuso descia lentamente a Chartres Street, metido em uma malha

de balé e um suéter amarelo, roupa que, segundo o sargento, lhe permitiria prender marginais autênticos, em vez de avós e rapazes esperando a mãe. A roupa era castigo do sargento.

Este dissera a Mancuso que, daquele dia em diante, ele seria inteiramente responsável pela prisão de tipos suspeitos, e que a Central de Polícia tinha um guarda-roupa completo que possibilitaria a Mancuso variar o disfarce todos os dias. Desolado, o guarda Mancuso vestiu a malha na frente do sargento, que o tirara à força do vestiário e lhe dissera para entrar na linha, ou seria expulso da corporação.

Nas duas horas em que esteve percorrendo o Bairro Francês, não capturou ninguém. Por duas vezes, teve alguma esperança.

Parou um homem de boina para pedir um cigarro, mas ele ameaçou chamar a polícia. Deteve depois um jovem de capa que estava usando chapéu de mulher, mas o jovem lhe deu um tapa na cara e saiu em disparada.

Enquanto o guarda Mancuso caminhava pela Chartres Street, esfregando o rosto, que ainda ardia do bofetão, ouviu o ruído do que lhe pareceu uma explosão. Na esperança de que algum tipo suspeito tivesse acabado de jogar uma bomba ou de estourar os próprios miolos, virou a esquina da St. Ann e viu o boné de caça verde soltando vômito pelos destroços.

Dois

"Com a derrocada do sistema medieval, os deuses do Caos, Alucinação e Mau Gosto passaram a dominar", escreveu Ignatius em um de seus cadernos.

"Após um período no qual o mundo ocidental tinha desfrutado da ordem, tranquilidade, unidade e harmonia no Deus Verdadeiro e na Santíssima Trindade, ventos de mudança prenunciavam os dias amaldiçoados por vir. O ar poluído empestieia os pulmões. A era luminosa de Abelardo, Thomas Beckett e Everyman mergulhou nas trevas; a roda da Fortuna voltou-se contra a humanidade, quebrando-lhe o pescoço, esmagando-lhe o crânio, contorcendo-lhe o tórax, perfurando-lhe a pélvis, entristecendo-lhe a alma. Tendo chegado a um estágio tão elevado, a humanidade caiu tão baixo! O que antes fora dedicado à alma era agora dedicado à venda."

— Está uma beleza! — disse Ignatius para si mesmo, e prosseguiu, apressado, seu manuscrito.

"Mercadores e charlatães detinham o controle da Europa, chamando seu insidioso evangelho de 'Iluminismo'. A justiça não tardou, mas das cinzas da humanidade não renasceu a Fênix. Pilar Agrense, humilde e piedoso campônio, foi à cidade vender seus filhos aos senhores da Nova Ordem, com finalidades que, na melhor das hipóteses, chamaríamos de dúbias. (Ver Reilly, Ignatius J., *Sangue nas mãos: O crime de todos, estudo de determinados abusos na Europa do Século XVI*, monografia, 2 páginas, 1950, Sala de Livros Raros, corredor à esquerda, terceiro andar, Biblioteca Comemorativa Howard-Tilton, Universidade Tulane, Nova Orleans 18, Louisiana.

Nota: Enviei essa singular monografia como doação à biblioteca, mas não posso garantir se foi aceita. Pode ter sido recusada apenas por estar escrita a lápis, em folhas de caderno.) Ampliou-se o turbilhão; a Malha de Seres tilintava como cadeia de cliques para papel emendados por algum débil mental; morte, destruição, anarquia, progresso, ambição e proveito próprio seriam o novo destino de Pilar. E seria um destino corrompido: defrontava-se agora com a perversão de ter que TRABALHAR."

Esvanecendo-se temporariamente sua visão da história, Ignatius rabiscou um nariz no pé da página. Desenhou então um revólver e uma caixinha e rotulou-a com as maiúsculas caprichosas de CÂMARA DE GÁS. Com o lápis inclinado, riscou todo o papel e mudou a placa para APOCALIPSE. Ao terminar a decoração da página, jogou o caderno no chão, onde muitos outros se espalhavam. Fora uma manhã muito produtiva, pensou ele. Havia várias

semanas que não obtinha tanto êxito. Olhou para as dezenas de cadernos que compunham um tapete em volta da cama e pensou, presunçoso, que naquelas páginas amareladas e em suas mal-traçadas linhas se depositavam as sementes de um grandioso ensaio de história comparativa. Bastante desordenadas, é claro. Mas algum dia o mundo se incumbiria da tarefa de editar aqueles fragmentos de seu intelecto sob a forma de um quebra-cabeça que faria parte de um extenso projecto; o quebra-cabeça, depois de montado, revelaria aos intelectuais o desastroso curso seguido pela história nos últimos quatro séculos. Durante os cinco anos em que se dedicara a esse trabalho, produzira em média apenas seis parágrafos mensais. Não conseguia sequer lembrar-se do que escrevera em certos cadernos, e tinha consciência de que vários deles continham basicamente rabiscos. Porém, pensava Ignatius com calma, Roma não se fez num dia.

Levantou o camisolão de flanela e olhou o estômago dilatado.

Era comum dilatar-se quando ele ficava deitado na cama pela manhã, meditando na desditosa guinada dos acontecimentos a partir da Reforma. Doris Day e os ônibus de turismo, que lhe vinham à mente, provocavam uma expansão ainda mais rápida de sua região central.

Mas desde a tentativa de prisão e o acidente automobilístico, dilatava-se praticamente sem motivo, fechando-se sua válvula pilórica de maneira inesperada e indiscriminada, enchendo-lhe o estômago de gás represado, gás esse que era dotado de personalidade própria e se ressentia do confinamento. Ele imaginava que sua válvula pilórica, como Cassandra, talvez estivesse tentando dizer-lhe alguma coisa. Como bom medievalista, Ignatius acreditava na roda da Fortuna, o conceito central de *De consolatione philosophiae*, tratado filosófico que lançou os fundamentos do pensamento medieval. Boécio, que nos estertores do Império Romano escrevera a *Consolatione* durante sua injusta passagem pela prisão, a mando do imperador, dissera que uma divindade cega nos prega a uma roda, e que nossa sorte obedece a ciclos. Seria aquela ridícula tentativa de prisão o início de um mau ciclo? Estaria sua roda girando rapidamente para baixo? O acidente também foi um mau sinal. Ignatius estava preocupado. Por toda a sua filosofia, Boécio fora torturado e morto. Aí a válvula de Ignatius tornou a fechar-se, e ele se virou do lado esquerdo para forçá-la a abrir-se.

— Oh, Fortuna, deusa cega e negligente, estou preso à sua roda! — arrotou Ignatius. — Não me esmague entre suas trevas.

Eleve-me bem alto, divindade.

— Que é que você está resmungando aí, menino? — perguntou sua mãe do outro

lado da porta.

— Estou rezando — respondeu Ignatius, irritado.

— O guarda Mancuso vem hoje aqui para falar do acidente. É

melhor você rezar uma ave-maria para mim, amor.

— Ai, meu Deus! — murmurou Ignatius.

— Acho maravilhoso você rezar, meu bem. Estava imaginando o que é que você estaria fazendo aí trancado esse tempo todo.

— Vá embora, por favor! — gritou o filho. — Você está perturbando o meu êxtase religioso.

Massajando-se de lado vigorosamente, Ignatius sentiu os gases subirem pela garganta, mas, quando abriu a boca, esperançoso, emitiu apenas uma ligeira eructação. Ainda assim, a massagem teve algum efeito fisiológico. Tocou a pequena erecção que apontava por baixo do lençol, segurou-a, e ficou deitado quieto, decidindo o que fazer com ela. Naquela posição, com o camisolão de flanela vermelha enrolado no peito e seu estômago maciço afundado no colchão, pensou com alguma tristeza que seu passatempo, ao cabo de deztoito anos, se transformara num ato meramente físico e mecânico, despido dos vãos de imaginação e inventividade que um dia o haviam acompanhado. Em certa época, quase o desenvolvera como forma de arte, praticando o passatempo com o empenho e o fervor de um artista ou filósofo, de acadêmico ou fidalgo. Havia ainda, escondidos no quarto, diversos acessórios que ele utilizara: uma luva de borracha, um pedaço de pano de guarda-chuva, um pote de creme.

Tornar a escondê-los, depois de tudo terminado, costumava deixá-lo deprimido demais.

Ignatius manipulou-se e concentrou-se. Afinal apareceu uma visão, a figura conhecida do grande e fiel *collie* que fora seu companheiro nos tempos de faculdade. "Au!" Ignatius quase ouvia Rex latindo outra vez. "Au! Au! Arf!" Rex parecia tão natural! Deixou cair uma orelha. Resfolegou. A aparição pulou uma cerca e abocanhou um bastão que alguém jogara em meio aos acolchoados de Ignatius. À medida que a pelagem marrom e branca chegava mais perto, os olhos de Ignatius se arregalavam, envesgavam, fechavam, e ele se jogava de costas, esgotado, em seus quatro travesseiros, procurando lembrar-se se tinha lenços de papel no quarto.

II

— Vim por causa do anúncio de faxineiro que saiu no jornal.

— É? — Lana Lee olhou para os óculos escuros. — Tem referências?

— A polícia pode lhe dar referências. Disseram que é melhor eu sentar o rabo num emprego garantido — disse Jones, e soprou um jato de fumaça dentro do bar vazio.

— Sinto muito. Nada de tipos da polícia. Não num negócio como o esse. Tenho que zelar pelo meu investimento.

— Eu ainda não sou bem um desses tipos, mas sei dizer que aquele ordinário não vai ter como continuar com a queixa contra mim. Foi o que eles me disseram. — Jones recolheu-se à sua nuvem de fumaça. — Achei que o Noite do Prazer ia gostar de ajudar uma pessoa a fazer parte da comunidade, ajudar um moço de cor a não entrar em cana. Vou botar os bagunceiros para fora, manter o padrão do Noite do Prazer.

— Corte a carapinha.

— Ei! Qual é?

— Tem experiência como faxineiro?

— Quê? Vassoura, pano de chão, essas merdas de serviço de negro?

— Dobre a língua, rapaz. Esta firma é de respeito.

— Droga, qualquer um faz isso, quanto mais um crioulo — Estou procurando — disse Lana Lee, transformando-se numa gerente de pessoal muito séria — há vários dias a pessoa certa para esta função. — Colocou as mãos nos bolsos do casaco de couro e olhou para dentro dos óculos escuros.

Era mesmo uma sorte, um presente deixado na porta. Um sujeito de cor precisava de emprego para não ser preso por vadiagem. Teria um faxineiro cativo, disposto a trabalhar em troca de quase nada. Que beleza! Lana sentiu-se bem pela primeira vez desde que haviam aparecido aqueles dois fazendo confusão no bar. — São vinte dólares de salário por semana.

— Ei! Não foi à toa que não apareceu ninguém. Caramba! Diga aí, que foi que aconteceu com o salário mínimo?

— Você está precisando de emprego, não é? Eu preciso de faxineiro. Negócio é negócio. É pegar ou largar.

— O cara antes de mim deve ter morrido de fome.

— Você trabalha seis dias por semana, das dez às três. Se der certo, quem sabe?, talvez possa lhe aumentar um pouco o salário.

— Não se incomode. Vai dar certo, faço qualquer coisa para não encostar o rabo na delegacia por uns tempos — disse Jones, jogando um pouco de fumaça em Lana Lee. — Cadê a porra do espanador?

— Ficamos entendidos numa coisa: aqui você não pode dizer palavrão.

— Certo, madame. Garanto para a senhora que não vou causar má impressão num lugar distinto como o Noite do Prazer. Caramba!

A porta se abriu e Darlene entrou usando um vestido de noite de jérsei e chapéu de flores, fazendo flutuar a saia com graça ao caminhar.

— Como é que você me chega a uma hora dessas? — gritou Lana para ela. — Eu disse que hoje era para chegar à uma.

— Meu papagaio apareceu com um resfriado ontem à noite, Lana. Foi horrível. Ficou a noite toda tossindo no meu ouvido.

— Como é que você inventa essas desculpas?

— Bem, é verdade — respondeu Darlene, com voz magoada.

Pôs seu enorme chapéu no balcão do bar e subiu na banquetta para mergulhar numa nuvem soprada por Jones. — Tive que levá-lo ao veterinário hoje de manhã para tomar uma injeção de vitamina. Não vou querer aquele papagaio tossindo nos meus móveis.

— Onde é que você estava com a cabeça para ficar de conversa fiada com aqueles dois tipos ontem à noite? Todo o dia, todo dia, Darlene, eu procuro lhe explicar que espécie de clientela nós queremos aqui. Então eu entro e encontro você de papo com uma velha qualquer e um gordão. Você quer que eu feche o meu negócio?

O pessoal chega até a porta, vê uma reunião daquelas, e vai para outro bar. O que eu preciso fazer para você *entender*, Darlene? Como é que se enfia uma coisa numa cabeça como a sua?

— Eu já disse que fiquei com pena da pobre mulher, Lana. Você precisava ver o jeito como ela era tratada pelo filho. Devia ouvir a história que ele me contou do ônibus. E aquele tempo todo aquela senhora tão simpática pagando a bebida dele. *Eu tive* que aceitar o bombom para ela se sentir melhor.

— Bom, da próxima vez que eu encontrar você dando corda para esse tipo de gente e arruinando o meu investimento, vou chutar você daqui para fora. Ficou claro?

— Sim, senhora.

— Tem certeza de que entendeu o que eu disse?

— Sim, senhora.

— Certo. Agora mostre a este rapaz onde é que a gente guarda o material de limpeza e mande recolher os cacos de garrafa que aquela senhora quebrou. Fica responsável por manter esta droga deste lugar imaculadamente limpo, pelo que você fez comigo ontem à noite. Vou fazer compras. — Lana chegou à porta e virou-se. — Não quero ninguém mexendo naquele armário debaixo do bar.

— Juro — Darlene disse a Jones, depois que Lana saiu, estabana — que isto aqui é pior que o exército. Ela contratou você hoje?

— Foi — respondeu Jones. — Não foi bem um *contrato*. Ela mais ou menos me comprou num leilão.

— Pelo menos você recebe salário. Eu só trabalho com comissão sobre o que consigo fazer o pessoal beber. Sabe lá o que é isso? Fazer um sujeito tomar mais de uma bebida dessas que eles servem aqui? Água pura. Eles têm que gastar dez, quinze dólares para fazer algum efeito. Garanto que é um serviço pesado. Lana põe água até no champanhe. Você devia provar. Depois fica reclamando que os negócios estão difíceis. Tinha que tomar as bebidas deste bar para ver por quê. Mesmo que ela tenha só umas cinco pessoas aqui dentro, já está ganhando uma fortuna. A água não custa nada.

— Que é que ela foi comprar? Um chicote?

— Não me pergunte. Lana nunca me diz nada. Essa Lana é engraçada. — Darlene assoou o nariz com delicadeza. — O que eu queria mesmo era ser artista. Fico treinando sempre no meu apartamento. Se eu conseguir que Lana me deixe dançar aqui à noite, vou poder receber salário e parar de correr atrás de comissão de água. Agora que me lembrei, eu devia receber comissão pelo

que aquele pessoal bebeu aqui ontem à noite. Aquela senhora tomou um monte de cerveja. Não vejo motivo para Lana ficar reclamando.

Negócio é negócio. O gordo e a mãe dele não eram muito piores que muita gente que vem aqui. Acho que o que irritou Lana foi aquele boné verde tão engraçado, metido na cabeça dele. Quando falava, ele baixava o protector de orelhas, e quando ouvia, levantava-o outra vez. Na hora em que Lana chegou aqui todo mundo estava gritando com ele, então os protectores de orelha estavam espetados como duas asas. Sabe, estava engraçadíssimo.

— Você falou que o gordão estava aqui com a mãe? — perguntou Jones, associando as ideias.

— Isso mesmo. — Darlene dobrou o lenço e enfiou-o no decote.

— Espero mesmo que eles nunca mais resolvam aparecer por aqui.

Eu ia entrar numa fria. Nossa! — Darlene parecia preocupada. — Olhe, é melhor a gente dar um jeito nisto aqui antes de Lana voltar.

Mas escute. Não precisa se acabar limpando esta porcaria. Desde que eu trabalho aqui, nunca vi isto limpo pra valer. E fica sempre tão escuro que ninguém vê a diferença. Quem ouve Lana falar fica pensando que este buraco é o Ritz.

Jones soltou nova baforada. Com seus óculos escuros, não enxergava absolutamente nada.

III

O guarda Mancuso adorava subir de motocicleta a St. Charles Avenue. Na delegacia, apanhara uma emprestada, bem grande e barulhenta, toda cromada e azul-clara, que a um toque de botão se transformava em fliperama, acendendo, piscando e brilhando em vermelho e branco. A sirene, cacofonia de doze uivos enlouquecidos, bastava para fazer com que os tipos suspeitos, no raio de um quilómetro, cagassem de medo e debandassem em busca de cobertura. Era intenso o amor platónico do guarda Mancuso pela motocicleta.

As forças do mal, geradas pelo abominável — e aparentemente impenetrável — submundo de tipos suspeitos, porém, pareciam-lhe essa tarde muito remotas. Os antigos carvalhos da St. Charles Avenue arqueavam-se sobre a alameda como um dossel protector contra o cáldido sol de inverno que batia e se reflectia nos cromados da motocicleta. Embora os últimos dias tivessem sido frios e húmidos, a tarde tinha aquela tepidez que torna tão agradáveis os invernos de Nova Orleans. O guarda Mancuso gostava do calor, pois usava apenas uma camiseta com bermudas, o disfarce escolhido pelo sargento para aquele dia. A barba ruiva, pendurada com arame nas orelhas, aquecia-lhe o pescoço; ele a surrupiara do armário quando o sargento não uva olhando.

O guarda Mancuso inspirou o aroma de mofo dos carvalhos e pensou, em romântico aparte, que a St. Charles Avenue deveria ser o lugar mais agradável do mundo. De vez em quando, ultrapassava um bonde lento e sacolejante, que parecia mover-se, descansado, em direcção a lugar nenhum, seguindo seu caminho por entre as velhas mansões que se alinhavam dos dois lados da avenida. Tudo parecia muito calmo, próspero e insuspeito. Por sua vez, ele ia visitar a pobre viúva Reilly. Ela parecera tão digna de pena, chorando em meio aos destroços... O mínimo que poderia fazer era tentar ajudar.

Na Constantinople Street, virou em direcção ao rio, reclamando e resmungando contra a região decadente, até chegar a um quarteirão de casas construídas entre 1880 e 1890, ruínas do entalhe gótico e decapê, gotejando pingentes e arabescos, estereótipos suburbanos separados por aléias tão estreitas que um galho mais crescido poderia unir, e cercados com lanças de ferro e muros baixos de tijolos semidestruídos. As casas maiores haviam se convertido em prédios de apartamentos e os alpendres, em cómodos extras. Em algumas fachadas havia abrigos cobertos para carros, e telhas de alumínio reluzente tinham sido instaladas em um ou dois prédios. Era uma região que degenerava do estilo vitoriano para nada específico, um quarteirão que se transportara para o século XX sem cuidado nem carinho — e com muito pouco dinheiro.

O endereço que o guarda Mancuso procurava era a construção mais tímida do quarteirão, uma Lilliput dos Oitocentos, a não ser pelos abrigos de carro. Uma bananeira ressecada, escura e machucada apoiava-se na parte fronteira da varanda, pronta para desabar, como acontecera há muito com a cerca de ferro. Próximo à árvore morta, havia uma ligeira elevação de terra com uma cruz celta cortada em compensado e tombada para o lado. O Plymouth 1946

estava estacionado na entrada com o pára-choque comprimido contra a varanda e as lanternas traseiras obstruindo a calçada de tijolos.

Porém, com exceção do Plymouth, da cruz abandonada ao tempo e da bananeira mumificada, a entrada estava totalmente vazia. Não havia plantas. Não havia grama Não cantavam pássaros.

O guarda Mancuso olhou para o Plymouth e viu a moessa funda no teto e o pára-lama, coberto de círculos côncavos, que estava separado da carroçaria por um espaço de uns dez centímetros. VAN

CAMP — SECOS E MOLHADOS estava impresso no pedaço de papel colocado no lugar do que fora o vidro traseiro. Parando junto à sepultura, leu REX, em letras desbotadas, na cruz. Subiu então os degraus de tijolos gastos e ouviu, pelas persianas fechadas, um canto retumbante.

"Moça bonita não chora.

Moça bonita não chora.

Moça bonita, moça não cho-o-ra.

Moça não chora.

Moça bonita, moça não cho-ra."

Enquanto esperava que alguém atendesse a campanha, leu o adesivo desbotado, no vidro da porta: "Um olhar que brilha faz perder a trilha".

Na rua, algumas pessoas saíram à porta para olhar o policial e a moto. As persianas, cujas lâminas sorrateiras deslizavam para cima e para baixo, procurando a melhor visibilidade, indicavam que havia uma considerável plateia invisível, já que um veículo da polícia no quarteirão constituía um acontecimento,

ainda mais se o motorista estivesse de bermudas e barba ruiva. O bairro era pobre, sem dúvida, mas honesto. Constrangido de repente, o guarda Mancuso tocou outra vez a campainha e assumiu o que ele considerava sua postura erecta, oficial. Exibiu à plateia seu perfil mediterrâneo, mas a plateia nada viu além de uma figura mirrada e pálida, de bermudas ridículas, com o cavalo maior que o seu tamanho, cujas pernas pareciam espetadas e muito peladas em comparação com as meias de ligas para traje de passeio completo, abaixadas até o tornozelo. A plateia continuou curiosa, mas não admirada; alguns poucos sequer estavam curiosos, pois já esperavam que, mais dia menos dia, aquele tipo de gente viesse visitar a miniatura de casa.

"Moça bonita não chora.

Moça bonita não chora."

O guarda Mancuso bateu com brutalidade nas janelas.

"Moça bonita não chora.

Moça bonita não chora."

— Eles estão em casa — gritou uma mulher pela persiana da casa ao lado, uma versão arquitectónica local de Jay Gould. — A sra.

Reilly deve estar na cozinha. Dê a volta por trás. O senhor é o quê, moço? Tira?

— Guarda Mancuso. Disfarçado — respondeu ele com austeridade.

— É? — Houve um momento de silêncio. — Está procurando quem, o filho ou a mãe?

— A mãe.

— Ah, bom. Dele, o senhor não ia conseguir nada. Passa o dia vendo televisão. Está ouvindo só? Isso está me botando doída. Vou ter um troço.

O guarda Mancuso agradeceu à mulher e passou para os fundos da casa por um canteiro húmido. No pátio, encontrou a sra. Reilly pendurando um lençol com manchas amareladas no varal preso em figueiras nuas.

— Ah, é o senhor? — disse a sra. Reilly depois de um instante.

Quase se pusera a gritar, ao ver o homem de barba ruiva aparecer no pátio. — Tudo bem, sr. Mancuso? O que foi que eles disseram? — Deu passos cautelosos no piso de tijolos quebrados, com seus chinelos de feltro marrom. — Vamos entrar e tomar um cafezinho.

A cozinha era grande, tinha pé-direito alto o maior cómodo da casa, e cheirava a café e jornais velhos. Como todos os outros cómodos, era escura; o revestimento engordurado e as molduras de madeira escura teriam transformado qualquer claridade em penumbra, e, de qualquer modo, do jardim ao lado vinha muito pouca luz. Embora não se interessasse por decoração de interiores, o guarda Mancuso percebeu, como qualquer um faria, o antiquíssimo fogão de forno alto e a geladeira com motor cilíndrico à mostra.

Pensando na frigideira eléctrica, na secadora a gás, no misturador e na batedeira, na chapa de *waffles* e na grelha automática que pareciam esta sempre zumbindo, rangendo, batendo, gelando, assobiando e assando na cozinha espacial de sua mulher Rita, imaginou o que a sra. Reilly fazia em um lugar tão despojado.

Sempre que um novo aparelho era anunciado na televisão, a sra.

Mancuso o comprava, por mais obscura que fosse sua utilidade.

— Agora me conte o que o homem falou. — A sra. Reilly pôs uma leiteira para ferver em seu velho fogão a gás. — Eu vou ter que pagar quanto? O senhor falou que eu sou uma pobre viúva com um filho para sustentar não é?

— É, contei tudo a ele — disse o guarda Mancuso, sentado, erecto, na cadeira e olhando, esperançoso, para a mesa da cozinha coberta com uma toalha plástica. — A senhora se importa se eu colocar a barba em cima da mesa? Está meio quente aqui e ela está me picando.

— Claro, deixe-a ali, meu bem. Ali. Tire uma rosquinha. Eu as comprei hoje de manhã na Magazine Street, estão fresquinhas. O

Ignatius me disse hoje de manhã: "Mamãe, estou louco por uma rosca frita". Sabe como é? Então, fui lá, nos alemães, e comprei duas dúzias. Olhe, ainda ficaram algumas.

Ofereceu ao guarda Mancuso uma caixa de doces engordurada e amassada, que parecia ter sido submetida ao ataque feroz de alguém que tentasse tirar todas as roscas ao mesmo tempo. No fundo da caixa, o guarda Mancuso encontrou dois pedaços murchos de rosca, dos quais, a julgar pelas pontas, o recheio fora chupado.

— Não, muito obrigado, sra. Reilly. Almocei demais.

— Mas que pena! — Encheu duas xícaras até a metade com café forte e frio e derramou leite fervendo até a borda. — Ignatius adora rosquinha. Ele costuma dizer: “Mamãe, adoro rosca frita”. — A sra. Reilly deu um gole no café, ruidosamente. — Ele está na sala de visitas, vendo tv. Todo dia, sem falta, ele assiste àquele programa das crianças que dançam. — Na cozinha, a música estava mais baixa que na entrada. O guarda Mancuso visualizou o boné de caça verde, iluminado pelo brilho azul e branco da tela da televisão. — Ele não gosta nada do programa, mas não perde um. Devia ver o que ele diz das criancinhas.

— Falei com o homem hoje de manhã — disse guarda Mancuso, achando que a sra. Reilly já tinha esgotado o assunto do filho.

— É? — Colocou três colheres de açúcar no café e, segurando a colher dentro da xícara com o polegar, de modo que o cabo quase lhe entrava pelo olho, sorveu mais um pouquinho. — Que foi que ele disse, meu bem?

— Falei para ele que fiz uma investigação do acidente e que a senhora apenas derrapou na rua molhada.

— Muito bem dito. Então que foi que ele disse, amor?

— Disse que não vai dar queixa. Quer fazer um acordo.

— Ai, meu Deus! — Ignatius berrou da frente da casa. — Que afronta ao bom gosto!

— Não se incomode, não — aconselhou a sra. Reilly ao policial estupefacto. — Ele fica assim o tempo todo quando está vendo tv.

"Acordo." Quer dizer que ele quer receber qualquer coisa, hein?

— Ele até chamou um empreiteiro para avaliar o prejuízo.

Olhe, este é o orçamento.

A sra. Reilly apanhou a folha e leu a coluna dactilografada, com a discriminação

das despesas, no papel timbrado do empreiteiro.

— Nossa! Mil e vinte dólares! Que horror! Como é que eu vou pagar isso? — Deixou cair a folha na toalha plástica. — Tem certeza de que isso está certo?

— Sim, senhora. Ele também o mandou para o advogado ver. É

tudo preto no branco.

— Mas onde é que eu vou arranjar mil dólares? Eu e o Ignatius só temos a aposentadoria do meu finado marido e uma pensãozinha que não dá para muita coisa.

— Não posso acreditar na depravação que tenho diante dos meus olhos! — berrou Ignatius da sala de visitas. A música tinha um ritmo cadenciado, tribal; um coro de faldetes cantava algo, insinuando amor a noite inteira.

— Desculpe — disse o guarda Mancuso, quase desolado com o dilema financeiro da sra. Reilly.

— Ora, você não tem culpa, querido — disse ela tristemente. — Quem sabe eu consigo uma hipoteca da casa? Não há outro jeito, não é?

— Não, senhora — respondeu o guarda Mancuso, prestando atenção às passadas que se aproximavam.

— As crianças daquele programa deviam ser esganadas — disse Ignatius, ao entrar pomposamente na cozinha, de camisolão. Então reparou na visita e disse um "ah!" indiferente.

— Ignatius, você já conhece o sr. Mancuso. Diga boa-tarde.

— Acho que já o vi por aqui — disse Ignatius, e olhou para fora, pela porta dos fundos.

O guarda Mancuso estava por demais abismado com o monstruoso camisolão de flanela para responder à gentileza de Ignatius.

— Ignatius, meu bem, o homem quer mais de mil dólares pelo que eu fiz na parede.

— Mil dólares? Não vai receber um tostão. Vai ser processado agora mesmo. Chame os nossos advogados, mãe.

— Advogados? Ele pediu o orçamento de um empreiteiro. O sr.

Mancuso, aqui, disse que eu não posso fazer nada.

— Ah! Bem, então você tem que pagar.

— Eu posso processá-lo, se você achar melhor.

— Dirigindo bêbada — disse Ignatius calmamente. — Você não tem a mínima chance.

A sra. Reilly parecia deprimida.

— Mas, Ignatius, mil e vinte dólares!

— Tenho certeza de que você pode desembolsar uma certa quantia — disse-lhe.

— Ainda temos café, ou você deu o último aqui para este carnavalesco?

— Nós podemos hipotecar a casa.

— Hipotecar a casa? Lógico que não.

— Que mais a gente pode fazer, Ignatius?

— Usar outros meios — disse o filho, ausente. — Gostaria que você não me incomodasse com isso. Aquele programa sempre aumenta a minha ansiedade.

— Cheirou o leite antes de colocá-lo na panela. — Era bom você ligar para a padaria agora mesmo. Este leite está velho.

— Posso conseguir mil dólares na Carteira Hipotecária — falou a sra. Reilly, serena, para o silencioso policial. — A casa é uma boa garantia. Um corretor me ofereceu sete mil no ano passado.

— O que há de irônico naquele programa — dizia Ignatius junto ao fogão, de olho na panela, para ver o leite subir — é que se propõe a ser um exemplo para a juventude da nação. Gostaria muito de saber o que as Associações de Pais iriam dizer se vissem aquelas crianças em meio a tamanha devassidão. No entanto, sempre desconfiei que a democracia chegaria a este ponto. — Colocou o leite cuidadosamente em sua caneca Shirley Temple. — Um governo firme deve ser imposto a esta nação antes que ela se destrua a si mesma.

Os Estados Unidos carecem de teologia e geometria, de gosto e decência. Desconfio que estamos prestes a ir para o abismo.

— Ignatius, vou ter que ir à Carteira Hipotecária amanhã.

— Não vamos negociar com aqueles usurários, mãe. — Ignatius vasculhou a carteira. — Vai aparecer alguma coisa.

— Ignatius, meu bem, eles vão me prender.

— Se você vai começar com aquelas cenas de histeria, vou voltar para a sala. Aliás, acho melhor ir mesmo.

Agitou-se novamente na direcção da música, e as sandálias de borracha estalaram alto contra a sola de seus pés enormes.

— Que é que eu vou fazer com um menino desses? — perguntou a sra. Reilly, com tristeza, ao guarda Mancuso, — Não liga para a pobre mãezinha. Às vezes, penso que para Ignatius não ia fazer diferença se eles me botassem na cadeia. Tem um coração de pedra, esse menino.

— Ele é muito mimado — disse o guarda Mancuso. — A mãe tem que tomar cuidado para não estragar os filhos.

— O senhor tem quantos filhos, sr. Mancuso?

— Três. Rosalie, Antoinette e Angelo.

— Mas que amor! Aposto que eles são uma graça, hein? Não são como Ignatius. — A sra. Reilly sacudiu a cabeça. — Ignatius era uma criança tão fofa! Não entendo como foi que ele mudou tanto. Ele sempre me dizia: "Mamãe, eu a adoro". Agora não diz mais isso.

— Ora, não chore — disse o guarda Mancuso, profundamente emocionado. — Vou fazer mais café para a senhora.

— Ele não vai ligar se eles me trancafiarem — fungou a sra.

Reilly. Abriu o forno e tirou uma garrafa de moscatel. — O senhor aceita um bom vinho, sr. Mancuso?

— Não, obrigado. Pertencendo à corporação, tenho que dar o exemplo. E também sou muito visado pelas pessoas.

— Importa-se? — perguntou a sra. Reilly, por perguntar, e tomou um longo trago no gargalo da garrafa. O guarda Mancuso foi esquentar o leite, ocupando o fogão com ar muito doméstico. — Às vezes fico numa melancolia... A vida está difícil.

Eu também já dei duro. Fui boa.

— A senhora tem que ver o lado bom das coisas — disse o guarda Mancuso.

— Eu sei — respondeu a sra. Reilly. — Tem gente que teve mais azar que eu. Como a minha prima, coitada, que mulher maravilhosa! Ia à missa todos os dias. Foi atropelada por um bonde na Magazine Street de manhã cedinho, quando ia para a Missa dos Pescadores. Ainda estava escuro.

— Eu, pessoalmente, nunca me deixo abater — mentiu o guarda Mancuso. — A senhora deve erguer a cabeça. Entende o que estou dizendo? Eu trabalho num ramo muito perigoso.

— O senhor pode ser morto.

— Às vezes não prendo ninguém o dia inteiro. Outras vezes, prendo a pessoa errada.

— Como aquele senhor na frente da D. H. Holmes. Foi minha culpa, sr. Mancuso. Eu devia ter visto que o Ignatius estava fazendo qualquer coisa errada. É bem do feito dele. Fico falando o tempo todo: "Ignatius, olhe, ponha essa camisa bonita. Ponha aquele suéter que eu comprei para você". Mas ele não me escuta. Esse menino não é fácil. Cabeça-dura.

— Às vezes tenho problemas em casa. Com três filhos, a minha mulher fica meio nervosa.

— O nervoso acaba com a gente. Coitada da srta. Annie, aqui do lado, ela sofre dos nervos. Grita demais quando Ignatius faz barulho.

— A minha mulher é assim. Às vezes tenho que sair de casa. Se eu fosse desse tipo, bem que eu saía da linha e tomava umas e outras. Cá entre nós.

— Eu tomo um golinho de vez em quando. Baixa a pressão, sabe?

— Eu vou é jogar boliche.

A sra. Reilly tentou imaginar o guarda Mancuso, tão pequeno, com com um bolão de boliche, e disse: — O senhor gosta, é?

— Boliche é uma maravilha, dona. A gente pára de pensar no que não deve.

— Oh, céus! — gritou uma voz da sala. — Essas meninas já são prostitutas, sem dúvida nenhuma. Como eles podem apresentar esses horrores em público?

— Eu gostaria de ter uma distração dessas.

— A senhora devia experimentar o boliche.

— Ai, ai, ai. Já tenho artrite no cotovelo. Estou muito velha para ficar por aí de bola na mão. Acabaria quebrando a espinha.

— Tenho uma tia de sessenta e cinco anos que já é avó e joga boliche o tempo todo. Até faz parte de um time.

— Tem mulheres assim. Eu nunca fui muito de desporto.

— Boliche é mais que um desporto — disse o guarda Mancuso, na defensiva. — A senhora encontra um monte de gente na pista. Um pessoal ótimo. Pode fazer amizades.

— É, mas com a sorte que eu tenho, sou capaz de deixar a bola cair no dedão do pé. Já tive pé chato.

— Da próxima vez que eu for, vou chamar a senhora. Vou levar a minha tia. Vamos a senhora, eu e a minha tia jogar boliche. Certo?

— Mãe, a que horas você passou esse café? — indagou Ignatius, balançando-se outra vez cozinha adentro.

— Mais ou menos há uma hora. Por quê?

— Está muito ruim.

— Eu achei muito bom — disse o guarda Mancuso. — Tão bom quanto o que eles fazem no Mercado Francês. Agora estou fazendo mais. Vai querer uma xícara?

— Com licença — disse Ignatius. — Mãe, você vai receber este cavalheiro a tarde inteira? Eu só queria lembrar a você que hoje à noite vou ao cinema e tenho que chegar às sete em ponto, para ver o desenho que passa antes. Gostaria de sugerir que você comesse a preparar qualquer coisa para comer.

— É melhor eu ir andando — disse o guarda Mancuso.

— Ignatius, você devia envergonhar-se — disse a sra. Reilly, com voz zangada. — Eu e o sr. Mancuso só estamos aqui tomando café. Você fez malcriação a tarde toda. Nem está querendo saber como eu vou arranjar esse dinheiro. Não se importa se eles me prenderem. Você não liga para coisa nenhuma.

— Eu vou ser agredido na minha própria casa na frente de um estranho que usa barba postiça?

— Meu coração está partido.

— Ah, é mesmo? — Ignatius virou-se para o guarda Mancuso.

— Quer fazer a gentileza de sair? O senhor está incitando minha mãe.

— O sr. Mancuso não está fazendo nada, está apenas sendo delicado comigo.

— Acho melhor eu ir — disse o guarda Mancuso, desculpando-se.

— Vou arranjar o dinheiro — gritou a sra. Reilly. — Vendo esta casa. Vendo por sua causa, menino. Vou morar num asilo de velhos.

Agarrou a ponta da toalha de plástico e enxugou os olhos.

— Se o senhor não sair — disse Ignatius para o guarda Mancuso, que estava colocando a barba —, vou chamar a polícia.

— Ele é da polícia, burro.

— Isso é um absurdo total — disse Ignatius, agitado. — Vou para o meu quarto.

Bateu a porta e apanhou um caderno do chão. Jogando-se na cama, entre os travesseiros, começou a rabiscar uma página amarelada. Após quase trinta minutos puxando o cabelo e mordendo o lápis, passou a redigir um novo parágrafo.

"Se Hroswitha ainda estivesse entre nós, buscaríamos nela conselhos e directrizes. Da austeridade e tranquilidade de seu mundo medieval, o olhar penetrante desta legendária profetisa monacal haveria de exorcizar os horrores que se materializam diante de nossos olhos em nome da televisão. Se nos fosse possível justapor o globo ocular dessa mulher santificada ao tubo de imagem da televisão, se tivessem ambos aproximadamente o mesmo formato, que fantasmagórica explosão de eléctrodos não ocorreria. A imagem daquelas crianças convolutas em lascívia se desintegraria em íons e moléculas, efectuando assim a catarse que a tragédia da corrupção de inocentes demanda necessariamente."

A sra. Reilly ficou no corredor, olhando para o cartaz de NÃO

PERTURBE escrito em uma folha de caderno e preso à porta por um velho Band-Aid cor da pele.

— Ignatius, deixe-me entrar, filho — gritou ela.

— Deixar você entrar? — falou ele, do outro lado da porta. — Claro que não. Estou ocupado, no momento, com uma passagem particularmente sucinta.

— Deixe-me entrar.

— Você sabe que nunca deve entrar aqui.

A sra. Reilly socou a porta.

— Não sei o que está acontecendo com você, mãe, mas desconfio que está tendo uma perturbação momentânea. Agora que me conscientizei, estou com medo demais para abrir a porta. Você deve estar com uma faca ou um caco de vidro.

— Abra essa porta, Ignatius.

— Ai, minha válvula! Está fechando! — Ignatius rugiu. — Já está satisfeita, agora que me estragou o resto da tarde?

A sra. Reilly se atirou contra a madeira descascada.

— Bem, não arrombe a porta — disse ele afinal, e, depois de alguns instantes, a chave girou na fechadura.

— Ignatius, que lixo é esse todo no chão?

— Você está vendo a minha visão de mundo. Ainda vai ser reunido num todo, por isso, olhe onde pisa.

— E essas janelas fechadas, Ignatius! Ainda está claro lá fora.

— Meu ser não é destituído de elementos proustianos — disse Ignatius da cama, para onde voltara correndo. — Ai, meu estômago.

— Está um cheiro horrível aqui.

— E o que é que você estava esperando? O corpo humano, quando confinado, exala certos odores que costumamos ignorar nesta era de desodorizantes e outras perversões. Na verdade, acho a atmosfera deste quarto bem acolhedora. Schiller

precisava do odor de maçãs apodrecendo sobre sua mesa para poder escrever. Eu também tenho as minhas necessidades. Você deve se lembrar de que Mark Twain preferia ficar apático, deitado na cama, enquanto elaborava aquelas obras ultrapassadas e cansativas, cujo significado os acadêmicos contemporâneos procuram provar. A veneração a Mark Twain é uma das causas do impasse intelectual em que nos encontramos.

— Se eu soubesse que estava desse jeito, já tinha entrado aqui há muito tempo.

— Não sei nem por que você entrou aqui *agora*. Aliás, não sei por que essa compulsão repentina de invadir meu santuário. Duvido que continue o mesmo após o trauma da intrusão de um espírito alienígena.

— Vim conversar com você, filho. Desenterrá-lo desses travesseiros.

— Isso deve ser influência daquele grotesco representante da lei. Parece que ele fez você se voltar contra o próprio filho. Por falar nisso, ele já foi embora, não foi?

— Foi, e eu me desculpei pela maneira como você se comportou.

— Mãe, você está pisando nos cadernos. Quer chegar um pouco para lá? Já não basta ter interrompido a minha digestão, e ainda quer destruir os frutos do meu cérebro?

— Então onde é que eu vou ficar, Ignatius? Quer que eu me deite na cama com você? — perguntou a sra. Reilly, com raiva.

— Olhe onde pisa, por favor! — trovejou Ignatius. — Meu Deus, nunca ninguém foi assim assediado e atormentado, em sentido literal. O que foi que a trouxe para cá nesse estado psicótico? Será o fedor de vinho vagabundo que penetra nas minhas narinas?

— Já me decidi. Você tem que sair e arranjar um emprego.

Que peça de mau gosto lhe pregava agora a Fortuna? Prisão, acidente, emprego. Até onde iria esse ciclo terrível?

— Entendo — disse Ignatius com calma. — Sabendo que você tem uma incapacidade congênita para tomar decisões de tamanha importância, penso que aquele mongolóide agente da lei meteu essa ideia na sua cabeça.

— Eu e o sr. Mancuso conversamos do mesmo jeito que eu conversava com o papai. O papai me dizia o que eu devia fazer.

Queria tanto que ele ainda estivesse vivo!

— Mancuso e meu pai só se parecem pelo facto de ambos darem a impressão de ser bastante incosequentes. No entanto, seu actual mentor aparenta ser o tipo de pessoa que acha que tudo corre bem quando todo mundo está trabalhando sem parar.

— O sr. Mancuso trabalha demais. É um serviço difícil, o da delegacia.

— Aposto que ele sustenta um monte de menores abandonados, todos querendo ser da policia quando crescerem, inclusive as meninas.

— Ele tem três filhinhos.

— Imagine. — Ignatius começou a se agitar. — Ai!

— O que você está fazendo? Já começa com essa história de válvula outra vez? Ninguém mais tem essa válvula, só você. *Eu* não tenho válvula nenhuma.

— *Todo mundo* tem válvula! — gritou Ignatius. — Só que a minha é mais desenvolvida. Estou tentando desobstruir uma passagem que você bloqueou de propósito. Acho que agora vai ficar fechada para sempre, pelo que eu sei.

— O sr. Mancuso disse que, se você trabalhasse, podia me ajudar a pagar a dívida. Disse que acha que o homem aceita pagamento parcelado.

— Seu amigo da policia fala demais. Você deve ter puxado por ele, como dizem aí. Nunca desconfiei que ele fosse tão eloquente, nem que fosse capaz de um comentário tão preciso! Você tem consciência de que ele está querendo destruir o nosso lar? Começou na hora da brutal tentativa de prisão em frente à D. H. Holmes.

Apesar de você ser limitada demais para compreender isso tudo, mãe, esse homem é o nosso anjo vingador. Ele está forçando a nossa roda para baixo.

— Roda? O sr. Mancuso é um homem muito bom. Devia dar graças a Deus por ele não prender você.

— Em meu apocalipse particular, ele vai sei empalado no próprio cassetete. De qualquer forma, é inconcebível eu arranjar um emprego. Estou ocupadissimo com a minha obra no momento, e sinto que estou entrando numa etapa muito fecunda. É possível que o acidente tenha produzido vibrações benéficas no meu pensamento.

Hoje mesmo, produzi bastante.

— Nós temos que pagar aquele homem, Ignatius. Você quer que eu vá para a cadeia? Não ia ficar com vergonha de ver a coitada da sua mãe atrás das grades?

— Quer fazer o favor de parar de falar em prisão? Parece que você está obcecada pela ideia. Aliás, parece que você gosta de pensar nisso. O martírio não tem sentido na nossa era. — Eructou em silêncio. — Eu gostaria de sugerir umas economias aqui em casa.

Logo você vai ver que tem o dinheiro.

— Gasto o dinheiro todo com você, com comida e besteiras.

— Tenho encontrado muitas garrafas de vinho vazias por aqui ultimamente, cujo conteúdo sem dúvida não fui eu que consumi.

— Ignatius!

— Cometi a imprudência de ligar o forno outro dia sem olhar lá dentro. Quando o abri para colocar a minha *pizza* congelada, quase fiquei cego com uma garrafa de vinho assado que estava prestes a explodir. Sugiro que você diversifique o investimento que anda fazendo na indústria de bebidas.

— Que vergonha, Ignatius! Só umas garrafas de vinho, e você com tanta quinquilharia!

— Poderia definir o significado de "quinquilharia"? — dardejou Ignatius.

— Esses livros todos. A vitrola. O trompete que eu comprei para você no mês passado.

— Considero o trompete uma boa aplicação de capital, apesar de nossa vizinha, a srta. Annie, não achar. Se ela bater na minha janela outra vez, jogo um balde d'água nela.

— Amanhã nós vamos ver os anúncios de emprego do jornal.

Você vai se vestir e sair para arranjar um serviço.

— Lamento ter de perguntar qual a sua ideia sobre "se vestir".

Só pode ser um completo deboche.

— Vou passar para você uma camisa branca, e você vai pôr uma gravata linda do papai.

— Tem cabimento? — perguntou Ignatius ao travesseiro.

— É isso, Ignatius, ou então eu faço a hipoteca. Quer perder o tecto que o abriga?

— Não! Você não vai hipotecar a casa. — Baixou a manopla sobre o colchão. — Isto iria fragmentar a sensação global de segurança que venho tentando desenvolver. Não vou permitir que uma parte desinteressada controle o meu domicílio. Eu não ia aguentar. Só de pensar nisso já fico com as mãos trêmulas.

Estendeu a manopla para que a mãe examinasse o estrago.

— Está fora de cogitação — continuou. — Todas as minhas ansiedades latentes iam me subir à cabeça, e o resultado seria assustador. Não quero ver você passar o que lhe resta da vida cuidando de um louco trancado no sótão. Não vamos hipotecar a casa. A gente deve ter alguma reserva em algum lugar.

— Tenho cento e cinquenta no Hibernia Bank

— Meu Deus, só isso? Nunca pensei que nossa existência fosse tão precária. Porém, já é uma felicidade você ter me escondido isso.

Se eu soubesse que estávamos quase na penúria absoluta, teria ficado atacado dos nervos há muito tempo. — Ignatius coçou as mãos. — Devo admitir, porém, que a alternativa para mim é sinistra.

Duvido sinceramente que alguém me dê emprego.

— Que é que você está dizendo, meu bem? Você é um rapaz fino, teve uma boa educação.

— Os padrões vêem em mim a negação dos valores deles. — Rolou sobre as costas. — Eles me temem. Desconfio que percebem que sou obrigado a viver num século que eu abomino. Foi assim, quando trabalhei na Biblioteca Pública de Nova Orleans.

— Mas, Ignatius, foi a única vez que você trabalhou desde que saiu da faculdade, e só ficou lá quinze dias.

— É isso mesmo o que eu estou dizendo — replicou Ignatius, mirando uma bola de papel no bojo do lustre de vidro leitoso.

— Lá, você só ficava colando umas fichinhas nos livros.

— É, mas eu tinha minha própria estética na colagem das fichas. Levei alguns dias para colar umas três ou quatro fichas e fiquei satisfeito com a qualidade do meu trabalho. Mas a directoria da biblioteca ficou indignada com a integridade com que eu encarava a coisa toda. Eles só queriam um animal para passar cola naquela literatice.

— Será que você consegue trabalhar lá outra vez?

— Duvido, sinceramente. Na época, eu disse certas verdades para a chefe da secção de processamento. Eles até anularam o meu cartão de empréstimo. Você precisa se dar conta do temor e da aversão que a minha *Weltanschauung* instila nas pessoas. — Ignatius arrotou. — Nem vou mencionar aquela malfadada viagem a Baton Rouge. Aquele incidente, creio eu, provocou em mim a formação de um bloqueio mental contra o trabalho.

— Eles foram bons com você na faculdade, Ignatius. Vamos, fale a verdade. Deixaram você ficar lá um tempão. Até lhe deram uma turma.

— Ora, foi basicamente a mesma coisa. Uns brancos pobres do Mississippi contaram ao decano que eu fazia propaganda do papa, o que era uma falsidade patente. Não apoio o papa actual. Ele não se enquadra no meu conceito de um bom papa, autoritário. Na verdade, eu me oponho ao relativismo do catolicismo moderno. Porém, a audácia daqueles fundamentalistas branquelos e ignorantes fez com que meus outros alunos formassem uma comissão para exigir que eu corrigisse e devolvesse as provas e trabalhos acumulados. Houve até uma pequena manifestação na janela da minha sala. Foi teatral. Para crianças tão simples e ignorantes, eles estavam muito bem organizados. No auge da demonstração, joguei pela janela toda a papelada (não corrigida, é evidente) bem na cabeça dos alunos. A faculdade era pequena demais para aceitar essa atitude de desafio ao caos do academicismo contemporâneo.

— Ignatius! Você nunca me contou isso.

— Eu não queria deixar você perturbada naquela época. E disse também aos alunos que, pelo futuro da humanidade, eu esperava que fossem todos estereis. — Ignatius ajeitou os travesseiros sob a cabeça. — Eu jamais conseguiria ler até o fim o semi-analfabetismo que brotava das mentes obscuras daqueles alunos. Ia ser a mesma coisa em qualquer lugar onde eu fosse trabalhar.

— Você pode arranjar um bom emprego. Eles vão ver que você tem mestrado.

Ignatius suspirou pesadamente e disse: — Não vejo outra alternativa. — Contorceu o rosto em uma máscara de sofrimento. Não valia a pena lutar contra a Fortuna até o ciclo terminar. — Você deve ter consciência, é lógico, de que tudo é culpa sua. O progresso da minha obra vai ser bastante prejudicado.

Sugiro que você procure o seu confessor e faça alguma penitência, mãe. Prometa a ele que vai evitar a trilha do pecado e da bebida daqui para diante. Conte qual foi a consequência de sua fraqueza moral. Ele precisa saber que você retardou a execução de uma monumental acusação contra nossa sociedade. Talvez ele seja compreensivo com a sua falha. Se for o meu tipo de padre, a penitência há-de ser bem severa. Porém, já me habituei a exigir muito pouco dos sacerdotes de hoje.

— Vou ser boa para você, Ignatius. Você vai ver.

— Aqui ou ali, vou arranjar algum emprego, mesmo que não seja necessariamente o que você considera um bom emprego. Devo ter um valioso poder de observação, que vai beneficiar o patrão.

Talvez a experiência acrescente uma nova dimensão à minha obra.

Estar engajado no sistema que eu critico vai ser uma ironia interessante em si. — Ignatius arrotou com espalhafato. — Se Myrna Minkoff estivesse aqui para ver como eu caí...

— Essa menina anda fazendo o quê? — perguntou a sra. Reilly, desconfiada. — Gastei tanto dinheiro para mandar você para a universidade, e acaba escolhendo uma tipa dessas.

— Myrna ainda está em Nova York, seu *habitat* natural. Aposto que agora mesmo está provocando a polícia em alguma manifestação até conseguir ser presa.

— Ela me deixava mesmo nervosa quando ficava tocando aquele violão pela casa inteira. Se melhorou de vida, como você disse, bem que podia se casar com ela. Vocês precisam se estabelecer, ter um filhinho, uma coisa assim.

— Mal posso acreditar que tamanha obscenidade venha dos lábios da minha própria mãe — berrou Ignatius. — Agora suma daqui e me prepare o jantar. Tenho hora para chegar ao cinema. É uma comédia musical, uma proclamação de excessos que estou querendo ver já faz tempo. Amanhã a gente vê os classificados.

— Fico tão orgulhosa de você finalmente ir trabalhar! — disse a sra. Reilly, emocionada, e beijou o filho no bigode húmido.

IV

"Olhe essa coroa", ponderou Jones para a sua psique quando o ônibus fez uma curva e o atirou contra a mulher ao seu lado. "Tá pensando que por eu ser crioulo vou violá-la. Quase meteu o rabo pela janela. Caramba! Não estou a fim de violar ninguém."

Afastou-se dela com discrição, cruzou as pernas e teve vontade de fumar dentro do ônibus. Ficou imaginando quem seria o gordão de boné verde que, de repente, parecia estar em todos os lugares ao mesmo tempo. Onde é que iria aparecer agora? Devia ser algum fantasma, o monstrengo do boné verde.

"Bom, vou contar para aquele guarda que arrumei emprego remunerado, que é para ele largar do meu pé, vou contar que encontrei uma alma caridosa que me paga vinte dólares por semana.

Aí ele diz: 'Isso mesmo, rapaz. Dá gosto ver você endireitar'. Então eu digo: 'É isso aí!' E ele diz: 'Agora, quem sabe, você vai fazer parte da comunidade'. E eu digo: „É, arrumei um serviço de negro a preço de negro. Estou mesmo fazendo parte da comunidade. Agora sou negro de verdade. Não sou mais vagabundo. Só negro' Caramba!

Mudou o quê?"

A senhora puxou a cordinha do sinal e saiu do lugar, evitando conscientemente qualquer contacto com a anatomia de Jones, que observava o contorcionismo dela com o distanciamento dos óculos escuros.

"Olhe só. Tá achando que estou com sífilis, que sou marginal, que vou dar uma navalhada nela e bater a carteira dela. Pô!"

O olhar de Jones acompanhou a mulher ao descer do ônibus e misturar-se à multidão parada no ponto. De algum lugar do grupo, surgiu uma alteração. Um homem com um jornal enrolado na mão golpeava outro de barba ruiva que usava bermudas. O homem de barba tinha uma aparência conhecida. Jones ficou inquieto. Primeiro era o fantasma do boné verde, e agora, aquela pessoa que ele não conseguia identificar.

Jones desviou a atenção da janela quando o homem da barba ruiva saiu correndo, e abriu a revista *Life* que Darlene lhe dera. Pelo menos Darlene fora delicada com ele no Noite do Prazer. Darlene assinava a *Life* para adquirir cultura, e, ao dá-la a Jones, sugerira que também ele poderia encontrar nela

alguma utilidade. Jones tentou embrenhar-se em um editorial sobre o envolvimento americano no Extremo Oriente, mas parou a meio caminho, imaginando como uma coisa dessas poderia ajudar Darlene a se tornar artista, o objectivo a que ela se referia repetidas vezes. Voltou-se para os anúncios, pois eram o que mais lhe interessava em uma revista. Achou a propaganda da revista excelente. Gostou do anúncio da companhia de seguros, com a foto da casa bonita que um casal acabara de comprar. Os homens da loção pós-barba da Yardley eram limpos e cheirosos. Era essa a utilidade da revista para ele. Queria ter a aparência daqueles homens.

Quando a Fortuna forçar seu ciclo para baixo, vá ao cinema, aproveite melhor a vida. Ignatius dizia isso a si mesmo; lembrou-se então de que ia ao cinema quase toda noite, não importava para onde a Fortuna o levasse.

Sentou-se com cuidado na escuridão do Prytania, a poucas fileiras da tela, enchendo seu lugar com o corpo e projectando-se pelos dois lugares adjacentes. À sua direita, instalou o sobretudo, três dropes e dois sacos de pipoca sobressalentes, tendo a preocupação de enrolar bem os sacos na borda para manter a pipoca quente e crocante. Ignatius comeu as pipocas que tinha nas mãos e assistiu, extasiado, ao *trailer*. O filme parecia ruim demais, pensou, para levá-lo outra vez ao Prytania. Então a tela brilhou em tecnicolor, o leão rugiu, e o título da proclamação de excessos espocou diante dos olhos azul-amarelados. Seu rosto ficou imóvel, e o saco de pipoca começou a tremer. Antes de entrar no cinema, prevenira-se abotoando os protectores de orelha no alto do boné, e agora a estridente partitura do musical tomava de assalto suas orelhas nuas, cercando-o pelos diversos alto-falantes. Ouvia a música e detectou duas canções populares que o desagradavam particularmente.

Perscrutou os créditos à procura de nomes de atores que o repugnassem.

Terminados os créditos, e depois que ele notou que vários atores, o compositor, o director, o cabeleireiro e o assistente de produção eram pessoas cujo trabalho já o agredira em outras ocasiões, apareceu na tela grande uma cena com muitos figurantes comprimindo-se em torno de uma lona de circo. Estudou sofregamente a multidão e descobriu a protagonista em um plano secundário.

— Ai, meu Deus! — gritou. — Lá está ela.

As crianças na fila da frente se voltaram de olhos arregalados, mas Ignatius não lhes deu atenção. Os olhos azul-amarelados seguiam a atriz, que levava alegremente um balde de água para o que se constatou ser seu elefante.

— Vai ser pior do que eu pensava — disse Ignatius, quando viu o elefante.

Levou aos lábios o saco de pipoca vazio, encheu-o e esperou, com os olhos cintilando pelo reflexo do tecnicolor. A um rufar de tambor, a trilha sonora se encheu de violinos. A protagonista e Ignatius abriram a boca ao mesmo tempo, ela para cantar, ele para gemer. No escuro, duas mãos trémulas se encontraram com violência. O saco de pipoca estourou como um tiro. As crianças soltaram gritinhos.

— Que barulheira é essa? — perguntou a balconista da *bonbonnière* ao gerente.

— Ele veio hoje — disse-lhe o gerente, apontando, por sobre a plateia, para o volumoso contorno abaixo da tela. O gerente caminhou pela lateral até as primeiras filas, onde a gritaria aumentava. Como o susto se desfizera por si, as crianças começaram a apostar quem gritava mais alto. Ignatius ouviu os guinchos e risadinhas em falsete esganiçado, rejubilou-se com a desordem e se recolheu à escuridão. Com algumas ameaças brandas, o gerente acalmou as primeiras filas e dardejou o olhar para a fileira onde a figura isolada de Ignatius se elevava como um monstro entre as cabecinhas. Mas foi de encontro apenas a um perfil balofo. Os olhos que brilhavam sob viseira verde seguiam a artista e seu elefante por toda a extensão da tela até entrarem na lona do circo.

Por alguns instantes, Ignatius permaneceu relativamente calmo, reagindo ao desdobramento da trama apenas com um eventual resfolegar reprimido. Então, o que parecia sei o elenco completo apareceu ao mesmo tempo. Em primeiro plano, em um trapézio, estava a protagonista. Balançava-se em ritmo de valsa.

Sorria num *close* gigantesco. Ignatius inspeccionou-lhe os dentes em busca de cáries e obturações. Ela estendeu a perna. Ignatius rapidamente vistoriou o seu contorno à procura de defeitos estruturais. Ela começou a cantar qualquer coisa cuja letra dizia para se tentar muitas vezes até se conseguir. Ignatius estremeceu ao perceber a filosofia da letra. Observou a maneira como ela segurava o trapézio, na esperança de que a câmara registasse o mergulho fatal na serragem lá embaixo.

Em segundo plano, o conjunto completo fazia coro, sorrindo e cantando a plenos pulmões o último sucesso, enquanto giravam, balançando-se e saltitando.

— Meu Deus do céu! — gritou Ignatius, incapaz de se conter por mais tempo. As pipocas se espalharam pela camisa e tornaram a se juntar nas pregas da calça.
— Quem foi o degenerado que produziu este aborto?

— Silêncio — disse alguém atrás dele.

— Olhe como riem esses débeis mentais. Se ao menos essas cordas arreventassem! — Ignatius chocalhou os piruás do último saco de pipoca. — Graças a Deus essa cena acabou!

Quando se iniciou uma cena de amor, desvencilhou-se do assento e foi pisando forte pela lateral, até a *bonbonnière*, para comprar mais pipocas, e, ao voltar para o seu lugar, as duas figuras rosadas se preparavam para um beijo.

— Vai ver que eles têm mau hálito — anunciou Ignatius sobre a cabeça das crianças. — Nem quero pensar nos lugares obscenos por onde andaram essas bocas!

— Você tem que fazer alguma coisa — disse a balconista para o gerente, lacónica. — Ele está pior que das outras vezes.

O gerente suspirou e dirigiu-se para a fileira onde Ignatius resmungava.

— Ah, meu Deus, estão esfregando a língua na dentadura um do outro!

Três

I

Ignatius cambaleou pela trilha de tijolos até a entrada da casa, subiu os degraus com dificuldade e tocou a campainha. Um galho da bananeira morta despenicara firme na capota do Plymouth.

— Ignatius, meu bem — gritou a sra. Reilly ao abrir a porta. — Que foi que aconteceu? Parece que você está morrendo.

— Minha válvula se fechou no bonde.

— Nossa, saia logo desse frio!

Ignatius arrastou-se, em estado lastimável, até a cozinha e se deixou cair em uma cadeira.

— O chefe de pessoal da companhia de seguros me tratou de maneira ultrajante.

— Você não conseguiu o emprego?

— Lógico que não consegui o emprego.

— Que foi que houve?

— Prefiro não falar nesse assunto.

— Você foi aos outros lugares?

— É óbvio que não. Estou em condições de convencer algum patrão? Tive o bom senso de voltar para casa o mais cedo possível.

— Não fique chateado, fofura.

— Chateado? Tenho a impressão de que nunca fiquei chateado.

— Vamos, não fique de mau humor. Você vai arranjar um bom emprego. Faz pouco tempo que você está procurando — disse a mãe, e olhou para ele. — Ignatius, você estava de boné quando falou com o homem da companhia?

— Lógico que estava. O aquecimento do escritório não funcionava direito. Não sei como é que os funcionários daquela empresa conseguem sobreviver expondo-se àquela friagem todo santo dia. Além disso, tinha aquelas lâmpadas

fluorescentes cozinhando os miolos e deixando todo mundo cego. Não gostei daquele escritório, não mesmo. Procurei explicar a inadequação do local ao gerente de pessoal, mas ele estava muito desinteressado.

Estava mesmo muito hostil. — Ignatius deixou escapar um arroteo exagerado. — Porém, eu já lhe tinha dito que ia ser desse jeito. Eu sou um anacronismo. As pessoas se dão conta e ficam indignadas.

— Nossa, filho, você precisa melhorar.

— Melhorar? — repetiu Ignatius com selvageria. — Quem está espalhando esse lixo antinatural dentro da sua cabeça?

— O sr. Mancuso.

— Ai, meu Deus! Eu já devia saber. Ele é o próprio exemplo do "melhorado".

— Você devia ouvir a história da vida desse pobre homem.

Precisava ouvir o que o sargento na delegacia está querendo...

— Pare! — Ignatius cobriu uma orelha e bateu com o punho fechado na mesa. — Não vou ouvir nem mais uma palavra sobre aquele homem. No decorrer dos séculos, foram os Mancusos do mundo que provocaram as guerras e semearam a destruição. De repente o dragão da maldade espreita a nossa casa. Esse homem é o nosso Svengali!

— Ignatius, controle-se.

— Eu me recuso a "melhorar". O otimismo me dá nojo. É uma perversão. Desde o pecado original, o lugar mais adequado para o homem, no universo, é a própria miséria.

— Eu não sou miserável.

— Você é.

— Não sou, não.

— É, sim.

— Ignatius, eu *não* sou miserável. Se fosse, dizia para você.

— Se eu tivesse demolido uma propriedade privada num momento de

embriaguez, e por esse motivo tivesse atirado meu filho às feras, estaria batendo no peito, gemendo e chorando. Eu faria penitência até os joelhos sangrarem. Aliás, qual foi a penitência que o padre lhe deu pelo seu pecado?

— Três aves-marias e um pai-nosso.

— Só isso? — gritou Ignatius. — Você contou para ele o que fez, que você sustou a execução de um trabalho crítico de grande brilhantismo?

— Eu fui me confessar, Ignatius. Conteí tudo para o padre. Ele disse: "Parece que não foi sua culpa, filha. A mim me parece que você só derrapou na rua molhada". Então eu conteí sobre você. Eu disse: "O meu filho acha que eu não estou deixando ele escrever nos cadernos dele. Ele está escrevendo uma história há quase cinco anos". E o padre disse: "É? Isso não me parece muito importante.

Diga a ele para sair de casa e procurar emprego".

— Não é de admirar que eu não suporte essa Igreja — berrou Ignatius. — Você devia ser flagelada ali mesmo, no confessionário.

— Então amanhã, Ignatius, você vai tentar em outro lugar. Tem uma porção de empregos nesta cidade. Eu estive conversando com a srta. Marie Louise, aquela que trabalha com os alemães. Ela tem um irmão deficiente, que usa aparelho. Ele é meio surdo, sabe? Pois arranjou emprego nas Indústrias da Boa Vontade.

— É lá que eu devia procurar.

— Ignatius! Eles só empregam gente cega, retardada, para fazer vassouras, essas coisas.

— Tenho certeza de que é um ambiente de trabalho muito agradável.

— Vamos olhar no vespertino. Quem sabe não tem um emprego bem bom?

— Se amanhã eu tiver que ir, não vou sair de casa tão cedo. Eu me senti muito desorientado no tempo que passei no centro da cidade.

— Você só saiu daqui depois do almoço.

— Pois é, mas assim mesmo eu não estava funcionando bem.

Tive muitos pesadelos essa noite. Acordei ansioso, falando sozinho.

— Aqui, escute só. Tenho visto este anúncio todos os dias — disse a sra. Reilly,

segurando o jornal bem junto aos olhos. — "Trabalhador, capriche..."

— É "caprichoso".

— "Trabalhador, caprichoso, honesto, sossessa..."

— "Sossegado." Dê-me isso aqui — disse Ignatius, puxando o jornal das mãos da mãe. — É uma pena você não ter completado o curso primário.

— Papai era muito pobre.

— Faça o favor! Não aguento ouvir essa história outra vez.

"Trabalhador, caprichoso, honesto, sossegado." Ótimo! Que tipo de monstro eles estão querendo? Desconfio que nunca vou conseguir trabalhar para uma firma com essa visão de mundo.

— Leia o resto, meu querido.

— "Para serviços de escritório. Vinte e cinco a trinta e cinco anos. Entrevistas Calças Levy, Distrito Industrial do Rio, das oito às nove da manhã." Bem, esse está fora de cogitação. Eu nunca ia conseguir chegar tão longe antes das nove horas.

— Amor, se você vai trabalhar, tem que levantar cedo.

— Não, mãe. — Ignatius atirou o jornal em cima do fogão. — Tenho outras aspirações. Não posso sobreviver nesse tipo de trabalho. Tenho a impressão de que alguma coisa como entrega de jornais seria bem interessante.

— Ignatius, um homem do seu tamanho lá pode ficar em cima de uma bicicleta, entregando jornais?

— Quem sabe você poderia dirigir para mim, e eu jogaria os jornais pela janela do carro.

— Escute, menino — disse a sra. Reilly, zangada. — Você vai tentar em outros lugares amanhã. Estou falando sério. E a primeira coisa que você vai fazer é ir ver este anúncio. Você fica enrolando.

Conheço você.

— Hããã — bocejou Ignatius, exibindo a língua flácida e rosada.

— Calças Levy soa tão mal ou pior que os nomes das outras firmas que eu procurei. Já dá para perceber que estou atingindo os limites do mercado de trabalho.

— Espere só, amor. Você vai se dar bem.

— Ai, meu Deus!

II

O guarda Mancuso teve uma boa ideia, que lhe fora sugerida, ora vejam, por Ignatius Reilly. Telefonara para perguntar à sra. Reilly quando poderia jogar boliche com ele e a tia. Mas Ignatius atendera o telefone e gritara:

— Pare de nos molestar, seu mongolóide. Se tivesse bom senso, estaria investigando um antro como o Noite do Prazer, onde minha querida mãe e eu fomos destrutados e roubados. Eu, infelizmente, fui vítima de uma viciosa e depravada P. Além disso, a proprietária é nazista. Por sorte escapamos com vida. Vá investigar aquela quadrilha e deixe-nos em paz, seu destruidor de lares.

Nesse momento, a sra. Reilly passou a disputar o telefone com o filho.

O sargento ia gostar de saber algo a respeito desse lugar.

Poderia até cumprimentar o guarda Mancuso por ter obtido a informação. O guarda Mancuso pigarreou, apurou-se diante do sargento e disse:

— Tenho a indicação de um lugar onde exploram a prostituição.

— Tem a informação? — perguntou o sargento. — Quem lhe deu a informação?

O guarda Mancuso preferiu não envolver Ignatius no caso por vários motivos. Fixou-se na sra. Reilly.

— Uma senhora que eu conheço — respondeu.

— Como essa senhora ficou sabendo do lugar? — perguntou o sargento. — Quem a levou lá?

O guarda Mancuso não podia dizer: o filho. Seria mexer em certas feridas. Por que as conversas com o sargento tinham que ser sempre difíceis?

— Ela foi sozinha — disse afinal o guarda Mancuso, tentando evitar que o encontro se transformasse numa carnificina.

— E uma senhora vai a um lugar desses sozinha? — gritou o sargento. — Que tipo de senhora é essa? Deve ser prostituta também. Saia daqui, Mancuso, e só me apareça com um marginal.

Você ainda não trouxe ninguém. Não me venha com dicas de prostitutas. Vá ver no seu armário. Hoje você sai de soldado. Caia fora!

O guarda Mancuso deixou-se ir tristemente para o vestiário, imaginando por que nunca tinha razão quando falava com o sargento.

Depois que saiu, o sargento virou-se para um detective e disse: — Mande uns dois homens ao tal Noite do Prazer uma noite dessas. Alguém de lá deve ter dado com a língua nos dentes. Mas não conte a Mancuso. Não vou prestigiar esse imbecil. Ele vai ficar de fantasia até me trazer um suspeito.

— O senhor sabe, hoje tivemos outra reclamação contra o Mancuso. Uma mulher disse que um sujeitinho de sombrero ficou se encostando nela no ônibus — disse o detective.

— Não brinque — disse o sargento, pensativo. — Bom, outra reclamação dessas, e a gente *prende* Mancuso.

III

O sr. Gonzalez acendeu a luz da pequena sala e ligou o aquecedor ao lado da escrivaninha. Nos vinte anos que trabalhara para as Calças Levy, sempre fora a primeira pessoa a chegar ao escritório.

— Ainda estava escuro quando cheguei aqui hoje de manhã — diria o sr. Gonzalez ao sr. Levy, nas raras ocasiões em que este último era obrigado a visitar a fábrica.

— Deve estar terminando o expediente muito cedo — diria o sr.

Levy.

— Fiquei na escada do escritório hoje de manhã, conversando com o leiteiro.

— Ora, chega, Gonzalez. Foi buscar a minha passagem de avião para Chicago, para ver a decisão do campeonato?

— Aqueci a sala para quando os outros chegarem para trabalhar.

— Está é desperdiçando energia. Fique no frio. Faz bem à saúde.

— Fiz duas páginas do livro caixa quando estive aqui, por minha conta. Olhe, peguei um rato perto do bebedouro. Ele achava que não tinha ninguém por perto, e eu joguei nele um peso de papéis.

— Tire esse maldito rato de perto de mim. Este lugar já me deixa deprimido. Vá para o telefone e me faça as reservas de hotel para a corrida de cavalos.

Mas os critérios das Calças Levy eram muito elásticos. A pontualidade era um bom pretexto para uma promoção. O sr.

Gonzalez chegou a gerente, e passou a controlar os poucos e desanimados funcionários sob suas ordens. Nunca conseguiu lembrar-se realmente de todos os nomes dos escriturários e dactilógrafas. De vez em quando, parecia-lhe que uns saíam e outros entravam, com exceção da srta. Trixie, auxiliar de contabilidade octogenária, que copiava cifras pouco precisas nos livros da Levy há quase meio século. Ela usava sua viseira de celulóide branco até mesmo no trajeto de ida e volta para o trabalho, gesto que o sr.

Gonzalez interpretava como símbolo de lealdade às Calças Levy. Aos domingos, acontecia de ir de viseira para a igreja, confundindo-a com um chapéu. Chegou

a usá-la no enterro de seu irmão, onde lhe foi arrancada da cabeça pela cunhada, mais lúcida e um pouco mais jovem. No entanto, a sra. Levy dera ordens para que não a dispensassem por motivo algum.

O sr. Gonzalez esfregou uma flanela na escrivaninha e pensou, como fazia todas as manhãs a essa hora, quando o escritório ainda estava gelado e deserto e as ratazanas corriam, frenéticas, por dentro das paredes, na felicidade que fora para ele ingressar nas Calças Levy. No rio, os cargueiros deslizavam em meio à névoa dispersa e apitavam uns para os outros. O som profundo das buzinas ecoava nos arquivos enferrujados da sala. Ao lado do sr. Gonzalez, o pequeno aquecedor estava à medida que as peças se dilatavam sob a acção do calor. Ele prestou atenção, inconscientemente, àqueles sons que há vinte anos iniciavam seu dia e acendeu o primeiro dos dez cigarros que se permitia. Depois de fumá-lo até o filtro, apagou-o, e esvaziou o cinzeiro na lata de lixo. Sempre lhe agradou causar uma boa impressão no sr. Levy pela organização da sua mesa.

Ao lado da escrivaninha ficava a escrivaninha de tampo corrediço da srta. Trixie. Jornais velhos saíam pelas gavetas entreabertas. Em meio aos inúmeros remendos dispostos no tampo, fora introduzido, de um lado, um calço de papelão para nivelá-lo. No lugar da srta. Trixie, uma sacola de papel pardo, cheia de retalhos de tecido, e um rolo de barbante ocupavam a cadeira. Pontas de cigarros espalhavam-se para fora do cinzeiro. Tratava-se de um mistério que o sr. Gonzalez nunca fora capaz de desvendar, pois a srta. Trixie não fumava. Interrogou-a diversas vezes a esse respeito, não obtendo nunca uma resposta coerente. Havia alguma coisa de magnético na área da srta. Trixie. Parecia atrair todo o refugio do escritório, e sempre que alguém dava por falta de caneta, óculos, carteira ou isqueiro, geralmente conseguia encontrá-los em sua escrivaninha. A srta. Trixie também costumava dar sumiço em todos os caderninhos de telefone, que iam abastecer o tumulto das suas gavetas.

O sr. Gonzalez estava nos domínios da srta. Trixie, procurando a almofada de carimbos, que desaparecera da escrivaninha, quando se abriu a porta do escritório, e ela veio se arrastando, raspando os ténis nas tábuas do assoalho. Trazia consigo outra sacola de papel, que parecia conter o mesmo sortimento de tecido e barbante, além da almofada de carimbos, que despontava no alto da sacola. Havia dois ou três anos que a srta. Trixie carregava aquelas sacolas, acumulando às vezes três ou quatro ao lado da escrivaninha, nunca revelando a ninguém sua utilidade.

— Bom dia, srta. Trixie — disse o sr. Gonzalez, com sua efervescente voz de tenor. — Como vai passando?

— Quem? Ah, olá, Gomez — respondeu debilmente a srta.

Trixie, e dirigiu-se para o banheiro de senhoras, como se fosse levada pelo vento. A srta. Trixie nunca andava na perfeita vertical; entre ela e o chão havia sempre um ângulo de menos de noventa graus.

O sr. Gonzalez aproveitou a oportunidade para recuperar a almofada de carimbos de dentro da sacola, e descobrir que estava lambuzada pelo que o tacto e o olfacto acusavam como sendo toucinho defumado. Enquanto esfregava a almofada, pensou em quantos funcionários apareceriam nesse dia. Certo dia, um ano antes, só ele e a srta. Trixie tinham aparecido para trabalhar, mas isso fora antes de a companhia estabelecer um aumento de salário automático de cinco dólares por mês. Mesmo assim, os funcionários das Calças Levy costumavam mudar de emprego sem dar sequer um telefonema para o sr. Gonzalez. Era um aborrecimento constante, ainda mais agora que a fábrica deveria começar a despachar a coleção de primavera e verão. A verdade é que ele precisava desesperadamente dos empregados.

O sr. Gonzalez viu uma viseira verde do lado de fora da porta.

Será que a srta. Trixie dera a volta na fábrica e resolvera voltar pela porta da frente? Era bem do feitio dela. Uma vez, ela fora ao banheiro pela manhã e só fora encontrada pelo sr. Gonzalez no final da tarde, dormindo em um fardo de tecidos, no almoxarifado. Então a porta se abriu e um dos maiores homens que o sr. Gonzalez já vira entrou no escritório. Tirou o boné verde e mostrou o cabelo preto emplastrado com brilhantina, no estilo dos anos 20. Ao retirar o sobretudo, o sr. Gonzalez viu anéis de gordura espremidos dentro de uma camisa branca, dividida ao meio por uma gravata florida.

Pareceu-lhe que a brilhantina também fora aplicada no bigode, pois este reluzia. E ali estavam os incríveis olhos azul-amarelados, emoldurados por finos capilares purpúreos. O sr. Gonzalez rezou quase em voz alta para que aquele navio enalhado fosse um candidato ao emprego. Ficou impressionado e esmagado.

Ignatius se encontrava talvez no mais indecoroso escritório em que já entrara. As lâmpadas, sem lustres, penduradas no teto manchado a intervalos irregulares, derramavam uma luz fraca e amarelada no assoalho empenado. Velhos arquivos de aço dividiam a sala em vários cubículos, em cada um dos quais se encontrava uma escrivaninha pintada com zarcão. Pelas vidraças empoeiradas do escritório, tinha-se a pálida vista do cais da Poland Avenue, do Arsenal do Exército, do Mississippi, e, ao longe, o dique seco e os telhados de Algiers, do outro lado do rio. Uma mulher velhíssima cambaleou pela sala até ir de encontro a uma fileira de

arquivos. A atmosfera do lugar lembrava a Ignatius seu próprio quarto, e sua válvula relaxou-se, abrindo-se alegremente. Ignatius rezou quase em voz alta para que conseguisse aquele emprego. Ficou impressionado e esmagado.

— Pois não? — indagou com vivacidade o homem garboso, sentado à escrivaninha ordenada.

— Ah. Pensei que a senhora ali fosse a encarregada — disse Ignatius, em seu tom de voz mais firme, considerando o homem a única falha no escritório. — Vim pelo anúncio do jornal.

— Que maravilha! Qual deles? — gritou o homem com entusiasmo. — Pusemos dois anúncios, um para homem e outro para mulher.

— Por qual o senhor acha que eu vim? — trovejou Ignatius.

— Perdão — disse o sr. Gonzalez, muito confuso. — Sinto muito. Falei sem pensar. Quer dizer, não faz diferença o sexo. O

senhor pode ficar com qualquer dos dois empregos. Quer dizer, não faço questão de homem ou mulher.

— Está bem — disse Ignatius. Reparou com interesse que a velha senhora balançava a cabeça em sua mesa, em sinal de aprovação. As condições de trabalho ali eram excelentes.

— Venha sentar-se, por favor. A srta. Trixie vai levar seu casaco e o chapéu para o armário dos funcionários. Queremos que o senhor fique à vontade nas Calças Levy.

— Mas eu ainda não conversei com o senhor.

— Está tudo bem. Nós vamos nos dar muito bem. Srta. Trixie!

Srta. Trixie!

— Quem? — gritou a srta. Trixie, deixando cair o cinzeiro cheio no chão.

— Bom, eu levo as suas coisas. — O sr. Gonzalez levou um tapa na mão ao tentar pegar o boné, mas foi-lhe permitido ficar com o casaco. — Que beleza de gravata! Hoje em dia se vêem muito poucas.

— Pertenceu ao meu falecido pai.

— Sinto muito em saber — disse o sr. Gonzalez, e colocou o casaco em um velho armário de aço dentro do qual Ignatius viu uma sacola igual às duas que estavam ao lado da escrivaninha da velha senhora. — Aliás, esta é a srta. Trixie, uma das nossas funcionárias mais antigas. Vai gostar de conhecê-la.

A srta. Trixie havia adormecido, e seu cabelo branco se espalhara por entre os jornais velhos sobre a mesa.

— Sim? — suspirou finalmente a srta. Trixie. — Ah, é você, Gomez? Já terminou o expediente?

— Srta. Trixie, este é o nosso novo funcionário.

— Um rapagão — disse a srta. Trixie, voltando os olhos remelentos para cima, na direção de Ignatius. — Bem nutrido.

— A srta. Trixie está connosco há mais de cinquenta anos. O

senhor pode fazer uma ideia da satisfação dos nossos funcionários em pertencer às Calças Levy. A srta. Trixie trabalhou para o finado pai do sr. Levy, uma pessoa muito educada.

— É, uma pessoa muito educada — disse a srta. Trixie, apesar de não conseguir se lembrar de mais nada em relação ao finado sr.

Levy. — Ele me tratava muito bem. Sempre com uma palavra boa, aquele homem.

— Obrigado, srta. Trixie — disse ligeiro o sr. Gonzalez, como um mestre-decerimónias querendo encerrar um quadro do programa que se revelara desastroso.

— A companhia disse que vai me dar um presunto na Páscoa — contou a srta. Trixie a Ignatius. — Estou esperando. Eles esqueceram do meu peru de Natal.

— A srta. Trixie permanece com as Calças Levy ano após ano — explicou o gerente, enquanto a vetusta auxiliar de contabilidade continuava a balbuciar algo sobre o peru.

— Passei muitos anos esperando a minha aposentadoria, mas cada ano que passa eles dizem que ainda falta mais um. Eles sugam até a última gota — ofegou a srta. Trixie. Perdendo, então, o interesse pela aposentadoria, acrescentou: — Ia ser tão bom aquele peru!

Começou a vasculhar uma das sacolas.

— Pode começar hoje? — perguntou o sr. Gonzalez a Ignatius.

— Creio que ainda não discutimos a respeito de salário e coisas assim. Não é o procedimento normal, hoje em dia? — perguntou Ignatius, condescendente.

— Bem, o salário para o serviço de arquivo, que é o que o senhor vai fazer, porque nós realmente precisamos de uma pessoa para o arquivo, é de sessenta dólares por semana. Os dias que o senhor faltar por doença, etc., serão deduzidos do pagamento semanal.

— Sem dúvida está bem aquém do que eu esperava. — Ignatius assumiu uma importância fora do comum. — Tenho uma válvula sujeita a vicissitudes, que pode me forçar a ficar acamado alguns dias. Diversas organizações mais interessantes estão disputando os meus serviços. Preciso considerar as outras ofertas.

— Mas escute — disse o gerente, em tom confidencial. — A srta. Trixie aqui só ganha quarenta dólares por semana, e ela tem certa prioridade.

— Parece meio acabada — disse Ignatius, observando a srta.

Trixie espalhar o conteúdo da sacola sobre a mesa e remexer nos trapos. — Ainda não chegou à aposentadoria?

— Chhh — sussurrou o sr. Gonzalez. — A sra. Levy não quer que ela seja aposentada. Acha que é melhor para a srta. Trixie ter uma actividade. A sra. Levy é uma mulher brilhante, muito instruída.

Tem curso de psicologia por correspondência. — O sr. Gonzalez fez uma pausa para a observação calar fundo. — Agora, voltando ao nosso entendimento, o senhor tem muita sorte de começar com o salário que eu combinei. É a campanha das Calças Levy para atrair sangue novo para a companhia. A srta. Trixie, infelizmente, começou a trabalhar antes do plano estar em execução. Como não era retroactivo, ela não recebeu o benefício.

— Creio que vou ter que desapontar o senhor, mas o salário não é muito adequado. Um magnata do petróleo me ofereceu milhares de dólares para eu ser secretário particular dele. No momento, o único empecilho é aceitar a visão de mundo materialista desse homem. Desconfio que no final vou ter que dizer que sim.

— Nós acrescentamos vinte *cents* por dia para a condução — condescendeu o sr. Gonzalez.

— Mas isso muda muito as coisas — disse Ignatius. — Vou aceitar o emprego a título de experiência. Devo admitir que o "Plano Calças Levy" me atrai bastante.

— Mas que maravilha! — disse o sr. Gonzalez abruptamente. — Ele vai adorar isto aqui, não é, srta. Trixie?

A srta. Trixie estava muito ocupada com os retalhos para responder.

— Acho estranho que o senhor não tenha perguntado nem o meu nome — bufou Ignatius.

— Ai, meu Deus! Esqueci completamente. Quem é o senhor?

Naquele dia, apareceu uma outra funcionária, a estenógrafa.

Uma mulher telefonou para avisar que ia deixar a firma para viver do seguro-desemprego. Ninguém mais entrou em contacto com as Calças Levy.

IV

— Tire esses óculos. Como é que vai enxergar essa sujeira no chão?

— Quem é que vai olhar para a sujeira no chão?

— Eu falei para tirar os óculos, Jones.

— Eu *fico* de óculos. — Jones jogou o escovão em uma banquetta do bar. — A vinte dólares por semana, não dá para fazer muita exigência.

Lana Lee passou um elástico no maço de notas e empilhou as moedas que retirara da caixa registadora.

— Pare de bater com a vassoura no balcão — gritou ela. — Mas que droga, você está me pondo nervosa!

— Se a senhora quer tudo de mansinho, contrate uma velha. Eu varro com *energia*.

A vassoura bateu no bar muitas vezes mais. Depois a nuvem de fumaça e a vassoura foram se afastando pelo chão.

— Tem que falar para os fregueses usarem o cinzeiro. Dizer para esse pessoal que tem um empregado que ganha menos que o salário. Quem sabe eles têm um pouco mais de consideração!

— Devia dar graças a Deus por eu lhe dar uma chance, rapaz — disse Lana Lee.
— Tem muito preto procurando emprego hoje em dia.

— É, e tem muito preto que prefere ficar na vadiagem, depois que vê o que eles pagam por aí. Às vezes eu penso que, se a senhora fosse preta, ia preferir a vadiagem.

— Devia dar graças a Deus por ter emprego.

— Eu rezo de joelhos todas as noites.

A vassoura bateu em uma mesa.

— Avise-me quando terminar de varrer — disse Lana Lee. — Quero que leve um recado para mim.

— Recado? Só faltava essa! Achei que era só varrer e passar pano. — Jones

soprou um monte de poeira. — Que merda de recado é esse?

— Escute aqui, Jones — Lana Lee despejou uma pilha de moedas na caixa registradora e anotou um número em uma folha de papel. — Eu só preciso ligar para a polícia e avisar que você largou o emprego. Está me entendendo?

— E avisar a polícia que o Noite do Prazer é uma arapuca. Fui enganado quando vim trabalhar neste lugar. Caramba! Agora só estou querendo arrumar uma prova. Quando eu conseguir, vou botar a boca no mundo naquela delegacia.

— Dobre a língua.

— Os tempos mudaram — disse Jones, ajeitando os óculos. — A senhora não mete mais medo nos negros. Eu arranjo aí um pessoal para fazer um piquete na sua porta, difamo o seu negócio, a senhora vai parar na televisão. Preto já levou muito na cabeça, e a vinte dólares por semana a senhora não arranja mais ninguém. Cansei da vagabundagem e de trabalhar por menos que o salário. Arrume outra pessoa para dar o seu recado.

— Arre, pare com isso e acabe de varrer o chão. Vou mandar Darlene.

— Aquela pobre coitada! — Jones explorava um reservado com a vassoura. — Bebida batizada, recadinhos. Não é fácil!

— Ligue para a delegacia para falar dela. É mulher de programa.

— Estou esperando para ligar para a delegacia e falar da senhora. Darlene não faz programa porque quer. É obrigada. Ela disse que queria ser artista.

— Ah, é? Com aquela burrice, tem é sorte de não ter ido parar num *rendez-vous*.

— Ia gostar mais que daqui.

— Ia gostar mais se pensasse só em vender a minha bebida e dançar com os clientes. Fico só imaginando o que uma pessoa como ela ia fazer no meu lugar. Darlene é o tipo de gente que dá o maior prejuízo se não se ficar de olho nela.

A porta almofadada se abriu com estrondo e um jovem entrou no bar, estalando no chão a biqueira de metal das botas.

— Até que enfim — disse-lhe Lana.

— Arranjou outro palhaço, hein? — O rapaz olhou para Jones por entre os cachos de cabelo crespo e oleoso. — Que foi que aconteceu com o outro? Morreu, ou o

quê?

— Querido — disse Lana com delicadeza.

O rapaz abriu uma pasta espalhafatosa de artesanato e deu a Lana um maço de notas.

— Correu tudo bem, George? — perguntou ela. — Os órfãos gostaram?

— Gostaram daquela na mesa, de óculos. Acharam que era professora, qualquer coisa assim. Desta vez só vou levar dessa.

— Acha que eles iam gostar de outra desse tipo? — perguntou Lana com interesse.

— É. Boa ideia. Assim com um quadro-negro, um livro. Sabe como é? Um giz na mão, fazendo qualquer coisa.

O rapaz e Lana sorriram um para o outro.

— Eu arranjo a foto — disse Lana, e piscou o olho.

— Ei, babaca — disse o rapaz, chamando Jones. — Você tem cara de babaca.

— Você é que vai ficar com cara de babaca quando eu enfiar no seu cu a vassoura do Noite do Prazer — disse Jones lentamente. — Esta vassoura velha do Noite do Prazer, cheia de farpas.

— Pare! Pare! — gritou Lana. — Não quero conflito racial aqui dentro. Tenho de zelar pelo meu negócio.

— É melhor a senhora mandar o seu amiguinho dar o fora. — Jones soprou fumaça nos dois. — Não estou num emprego destes para aturar desaforo.

— Deixe pra lá, George — disse Lana. Abriu o armário embaixo do bar e deu a George um embrulho de papel pardo. — Esta é a que você quer. Agora, vá em frente. Caia fora!

George piscou para ela e bateu a porta.

— Esse aí é o representante dos órfãos? — perguntou Jones. — Pagava para ver para que órfãos ele trabalha. Aposto que o Juizado não conhece esses tais órfãos.

— Você está falando de quê, afinal? — perguntou Lana, irritada.

Observou o rosto de Jones, mas os óculos não lhe permitiram entrever nada. — Não tem nada de mais fazer um pouco de caridade.

Agora volte para a faxina.

Lana passou a emitir alguns sons, como uma ladainha proferida por uma sacerdotisa, para as notas que o rapaz lhe dera. Números e palavras sussurrados esvaíam-se pelos lábios de coral, e, de olhos fechados, ela escreveu uns algarismos em um pedaço de papel. Seu corpo esbelto, por tantos anos um investimento lucrativo, inclinou-se em reverência sobre o altar de fórmica. A fumaça, qual incenso, se elevava do cigarro no cinzeiro, junto ao seu cotovelo, espiralada no alto, até a hóstia que ela elevava, procurando identificar a data de emissão, único dólar de prata entre as oferendas. As pulseiras tilintaram, chamando comungantes ao altar, mas o único presente no templo fora excomungado da fé pela própria origem e pela labuta contínua. Uma oferenda caiu no chão, a hóstia, e Lana ajoelhou-se para venerá-la e recuperá-la.

— Cuidado aí — gritou Jones, violando a sacralidade do ritual.

— Deixando cair o lucro dos órfãos, mão mole?

— Você viu onde caiu, Jones? — perguntou ela. — Veja se encontra.

Jones descansou o pano de chão no bar e foi procurar a moeda, apertando os olhos por trás dos óculos escuros e da fumaça.

— Mas que merda! — murmurava para si mesmo, enquanto os dois pesquisavam o chão.

— Achei — disse Lana, emocionada. — Consegui!

— Ainda bem. Ei! É melhor não ficar jogando dólares no chão desse jeito, assim o Noite do Prazer vai à falência. A senhora não vai aguentar a sua folha de pagamento.

— E por que é que você não cala essa boca, seu?

— E olhe como a senhora fala comigo — Jones pegou no cabo da vassoura e avançou na direção do altar. — Não é nem mesmo a Scarlet O'Horror!

Ignatius acomodou-se no táxi e deu o endereço da Constantinople Street. Do bolso do sobretudo, tirou um formulário das Calças Levy, pegou emprestada a prancheta do motorista e começou a escrever, enquanto o táxi penetrava no engarrafamento na St. Claude Avenue.

"Sinto-me verdadeiramente exausto, agora que meu primeiro dia de trabalho chega ao seu final. Pela primeira vez em minha vida encontro-me frente a frente com o sistema, em plena determinação de agir dentro desse contexto como observador e crítico camuflado, por assim dizer. Se houvesse mais empresas como as Calças Levy, tenho certeza de que a força de trabalho dos Estados Unidos estaria mais bem-adaptada a suas tarefas. Um funcionário que mereça confiança não tem a possibilidade de ser incomodado. O sr. Gonzalez, meu chefe, apesar de cretino, é uma pessoa bastante agradável.

Aparenta constante apreensão, por certo demasiada apreensão, para criticar o desempenho de qualquer subalterno no exercício de suas funções. Na verdade, é capaz de aceitar qualquer coisa, ou quase, e, assim sendo, torna-se um atraente democrata, à sua maneira retardada. Para citar um exemplo, a srta. Trixie, Mãe Terra do mundo dos negócios, por desatenção, ateou fogo a certos pedidos importantes, ao acender um aquecedor. O sr. Gonzalez demonstrou extrema tolerância para com esta *gaffe*, se considerarmos que a empresa, nos últimos tempos, tem recebido cada vez menos pedidos e que os pedidos se referiam a uma solicitação de Kansas City, no valor de quinhentos dólares (US\$ 500!) de nosso produto. Devemos lembrar, porém, que o senhor Gonzalez se encontra sob as ordens de misteriosa magnata, considerada brilhante e culta, a sra. Levy, tendo determinações expressas de tratar bem a srta. Trixie e fazê-la sentir-se útil e querida. Mas ele também tem sido gentil ao máximo comigo, permitindo-me ter opinião própria a respeito dos arquivos.

Pretendo estender-me um pouco na observação da srta. Trixie: desconfio que esta Medusa do capitalismo é dotada de valioso discernimento e oferece comentários substanciais.

O único ponto chato — e aqui degenero para a gíria a fim de melhor descrever meus sentimentos pela criatura que passo a analisar — foi Gloria, a jovem e desavergonhada estenógrafa. Tinha a mente repleta de preconceitos e julgamentos precipitados. Após ela fazer uma ou duas observações maliciosas, sem ser solicitada, sobre minha pessoa e meu aspecto, chamei o sr. Gonzalez em particular para lhe contar que Gloria pretendia deixar o emprego sem aviso prévio, no final do expediente. O sr Gonzalez, de imediato, reagiu com

veemência e despediu Gloria naquele exato momento, concedendo-se uma demonstração de autoridade que, pelo que pude ver, só ocorre em raras oportunidades. Na verdade, foi o barulho insuportável dos saltos altos de Gloria o que me levou a fazer o que fiz. Mais um dia junto àquele bate-estacas teria lacrado minha válvula para todo o sempre. Além disso, havia o rímel, o batom e outras vulgaridades que prefiro não enumerar.

Tenho muitos planos para o meu departamento de arquivo, e ocupei — dentre as várias disponíveis — uma mesa próxima à janela.

Lá me senti com o pequeno aquecedor a gás a pleno vapor, durante toda a tarde, observando os navios de exóticas procedências percorrerem as águas frias e escuras do porto. O ressonar da srta.

Trixie e a violenta datilografia do sr. Gonzalez constituíram um agradável contraponto às minhas reflexões.

O sr. Levy não apareceu hoje; foi-me dado a entender que raramente visita a companhia e que pretende, na verdade, como o sr.

Gonzalez colocou, “desfazer-se do negócio o mais breve possível”.

Quem sabe só nós três (pois procurei fazer com que o sr. Gonzalez despeça outros funcionários que apareçam amanhã; gente demais naquele escritório prejudicaria a concentração) no escritório possamos revitalizar o empreendimento e restaurar a fé do sr. Levy, o Jovem. Já tenho diversas e excelentes ideias que, possivelmente, farão com que o sr. Levy se proponha a dedicar-se de corpo e alma à empresa.

Tive oportunidade de efetuar um acordo muito interessante com o sr. Gonzalez convencio de que, por ajudá-lo a poupar a despesa com o salário de Gloria, ele poderia retribuir-me cobrindo a despesa que tenho com o transporte de táxi. O regateio que se seguiu foi uma nódoa sobre este dia tão aprazível, mas afinal prevaleceu meu ponto de vista, depois que eu lhe expliquei os perigos a que está sujeita minha válvula e minha saúde em geral.

Vemos assim que, mesmo quando a Fortuna nos impele para baixo, a roda pode deter-se por um instante, no qual usufruímos de um pequeno ciclo bom dentro do próprio ciclo mau. No presente momento, encontro-me em um ciclo interno. Por certo, ciclos menores, dentro deste ciclo, são perfeitamente possíveis."

Ignatius deu ao motorista, junto com a prancheta, inúmeras instruções sobre a localização, velocidade e alterações no percurso.

Ao chegarem à Constantinople Street, havia no carro um silêncio hostil, só quebrado quando o motorista cobrou a corrida.

Enquanto Ignatius, mal-humorado, se esforçava por sair de dentro do táxi, viu sua mãe descendo a rua. Usava uma blusa rosa de frente-única e um chapéu vermelho que se projetava sobre um olho, dando-lhe a aparência de dançarina fugida de um musical do cinema mudo. Ignatius reparou, desolado, que ela ainda acrescentara uma flor murcha à lapela da frente-única. Os tamanquinhos marrons rangiam com o espalhafato de uma liquidação quando ela andava, toda vermelha e rosa, pela calçada de tijolo gasto. Apesar de ter convivido com o estilo da mãe durante toda a vida, vê-la exibir tudo a que tinha direito sempre provocava nele um ligeiro estreitamento de sua válvula.

— Oi, amor — disse a sra. Reilly, ofegante, ao se encontrarem junto ao pára-choque traseiro do Plymouth, que interrompia todo o tráfego da calçada. — Aconteceu uma coisa horrrosa.

— Ai, meu Deus! Que foi que houve?

Ignatius imaginou que fosse alguma coisa com a família de sua mãe, um pessoal muito dado a acidentes e sofrimentos. Ora era a velha tia de quem um assaltante levava cinquenta *cents*, ora o primo que fora atropelado pelo bonde, o tio que comera uma bomba de chocolate estragada, ou ainda o compadre que encostara em um fio de alta tensão derrubado por uma tempestade.

— É a vizinha, a srta. Annie, coitada. Hoje de manhã ela desmaiou na rua. Sofre dos nervos, meu bem. Ela acha que foi por sua causa, disse que você incomodou demais, tocando banjo hoje de manhã.

— Não é banjo, aquilo é alaúde — trovejou Ignatius. — Será que ela pensa que eu sou uma dessas personagens pervertidas de Mark Twain?

— Eu fui lá visitá-la. Ela está na casa do filho, na St. Mary Street.

— Ah, aquele rapaz inconveniente! — Ignatius subiu as escadas na frente de sua mãe. — É, ainda bem que a srta. Annie vai nos dar uma folga. Pode ser que agora eu possa tocar o meu alaúde sem precisar ouvir as infames reclamações dela do outro lado do muro.

— Antes, fui à loja de Lenny e comprei para ela dois vidrinhos com água de Lourdes.

— Não é possível. Nunca vi uma casa de artigos religiosos com tamanha

parafernália. Desconfio que qualquer dia desses vão presenciar um milagre bem dentro da loja. Deve ser a ascensão do próprio Lennv.

— A srta. Annie adorou os vidrinhos, filho. Na mesma hora começou a rezar um terço.

— Fez bem. É melhor que conversar com você.

— Apanhe uma cadeira, meu bem, que vou preparar qualquer coisa para a gente comer.

— Envolvida com o ataque da srta. Annie, parece que você se esqueceu de que me despachou para as Calças Levy hoje de manhã.

— Ah, Ignatius, o que aconteceu? — perguntou a sra. Reilly, aproximando um fósforo aceso de um bico de gás ligado há vários segundos. Ocorreu uma explosão localizada em cima do fogão. — Nossa, eu quase me queimei!

— Agora eu sou funcionário das Calças Levy.

— Ignatius! — gritou a mãe, circundando-lhe os cabelos engordurados em um desajeitado abraço cor-de-rosa, que espremeu o nariz dele. Tinha lágrimas nos olhos. — Tenho tanto orgulho do meu filho!

— Estou exausto. A atmosfera daquele escritório é hipertensa.

— Eu sabia que você ia se dar bem.

— Obrigado pela confiança.

— Quanto as Calças Levy vão pagar, querido?

— Sessenta dólares americanos por semana.

— Ah, só isso? Talvez fosse melhor você procurar um pouco mais.

— Tenho muitas oportunidades para progredir, há planos maravilhosos para jovens ambiciosos. Vai haver aumento de salário muito em breve.

— Você acha? Bem, fico orgulhosa, de qualquer jeito, amor.

Tire o sobretudo. — A sra. Reilly abriu uma lata de ensopado e esvaziou-a na panela. — Tem garotas bonitas trabalhando lá?

Ignatius lembrou-se da srta. Trixie e disse: — Tem, tem uma.

— Solteira?

— Parece que sim.

A sra. Reilly piscou, e Ignatius atirou seu sobretudo em cima do guarda-comida.

— Olhe, meu bem, o ensopado está esquentando. Abra uma lata de ervilhas, e o pão está na geladeira. Também comprei um bolo no alemão, mas não me lembro agora onde o deixei. Procure aqui na cozinha. Tenho que ir.

— Aonde você vai?

— O sr. Mancuso e a tia, eles vêm me buscar daqui a pouco.

Vamos jogar boliche.

— O quê? — gritou Ignatius. — Está falando sério?

— Vou voltar cedo. Eu disse ao sr. Mancuso que não podia chegar tarde. E a tia dele já tem netos, então acho que ela deve dormir cedo.

— Sem dúvida uma bela recepção, depois do meu primeiro dia de trabalho — disse Ignatius, furioso. — Você não pode jogar boliche.

Tem artrite ou qualquer coisa desse tipo. Que ridículo! Onde é que você vai jantar?

— Eu compro um *chili* no caminho do boliche. — A sra. Reilly já se dirigia para o quarto para trocar de roupa. — Ah, meu bem, chegou uma carta para você de Nova York. Eu a coloquei atrás da cafeteira. Parece que é daquela menina, Myrna, porque o envelope está todo sujo e amarrotado. Como é que essa Myrna tem coragem de mandar correspondência nesse estado? Você não disse que o pai dela ficou rico?

— Você não pode ir jogar boliche — berrou Ignatius. - É a coisa mais estapafúrdia que você já fez.

A sra. Reilly bateu a porta. Ignatius achou o envelope e rasgou-o em mil pedaços ao abri-lo. Retirou a propaganda de um ano antes, para um festival de cinema. Nas costas da propaganda havia uma carta escrita com a letra irregular e angulosa que identificava a caligrafia dos Minkoff. O costume de Myrna de escrever mais a editores que aos amigos reflectia-se já na saudação:

"Prezados senhores,

Que carta estranha e assustadora você me escreveu, Ignatius!

Como posso entrar em contato com a União das Liberdades Cívicas com tão poucas provas como as que você me mandou? Nem sei como a polícia quis prendê-lo. Você fica trancado no quarto o tempo todo. Eu teria acreditado na prisão, se você não tivesse escrito sobre aquele 'acidente automobilístico'. Se estava com os pulsos quebrados, como poderia me escrever uma carta

Sejamos honestos um com o outro, Ignatius. Não acredito em uma só palavra do que li. Mas tenho medo — por você. A fantasia sobre a prisão tem todas as características da paranóia clássica. E

você sabe, com toda a certeza, que Freud ligava a paranóia às tendências homossexuais."

— Obscena! — gritou Ignatius.

"No entanto, não prosseguiremos neste aspecto de sua fantasia, porque sei o quanto você é devotado à sua aversão ao sexo de qualquer espécie. Assim mesmo, seu problema emocional é bastante pronunciado. Desde que foi reprovado naquela entrevista para o emprego de professor em Baton Rouge (enquanto reclamava do ônibus e outras coisas — uma transferência de culpa), provavelmente experimentou uma sensação de fracasso. Este 'acidente automobilístico' é mais uma muleta a que você se agarra para se desculpar por uma existência impotente e vazia. Ignatius, você precisa se *identificar* com alguma coisa. Como já lhe disse diversas vezes, precisa engajar-se nos problemas cruciais de nosso tempo."

— Hã, hã — bocejou Ignatius.

"Você é movido pelo inconsciente a justificar seu fracasso, enquanto intelectual e homem de letras, em participar ativamente das alterações sociais críticas. Além disso, um contato sexual satisfatório viria purificar sua mente e seu corpo. Você necessita com urgência da terapia do sexo. Temo — pelo que sei sobre casos

clínicos como o seu — que venha a se transformar num inválido psicossomático como Elizabeth B. Browning."

— Que insulto indescritível! — vociferou Ignatius.

"Não tenho muita afinidade com você, já que se fechou tanto ao amor quanto à sociedade. No momento, dedico todas as horas do meu dia a ajudar amigos empenhados em conseguir financiamento para um filme corajoso e arrasador sobre um casamento inter-racial.

Embora seja uma produção modesta, já no roteiro podem se perceber verdades perturbadoras e nuances fascinantes. Foi escrito pelo Shmuel, um rapaz que conheço desde as minhas primeiras viagens.

Shmuel também fará o papel de marido. Descobrimos uma moça nas ruas do Harlem para o papel da mulher. É uma pessoa tão autêntica, tão cheia de vida que se tornou minha melhor amiga. Discuto permanentemente com ela os problemas raciais, estimulando-a mesmo quando não está disposta — e posso lhe dizer o quanto ela aprecia esses diálogos comigo.

Há no roteiro um canalha, o senhorio irlandês que recusa ao casal o aluguel do apartamento. Eles, a essa altura, já tinham se casado numa cerimônia segundo sua própria ética cultural. O

senhorio mora num quarto-útero com as paredes cobertas de fotos do papa e coisas desse tipo. Para encurtar, o público não terá dificuldades para entendê-lo desde a primeira tomada do quarto.

Ainda não temos ninguém para o papel do senhorio. Você, é claro, seria perfeito. Perceba, Ignatius, que basta cortar o cordão umbilical que o prende a essa cidade estagnada, a essa sua mãe, e a essa sua cama, e vir para cá, aproveitar as oportunidades que aparecerem.

Está interessado no papel? Não pagamos muito, mas você pode ficar comigo.

Vou tocar uma música de fossa ou de protesto no violão para a trilha sonora. Espero que logo possamos concretizar esse grandioso projeto em forma de filme, porque a Leola, a moça incrível do Harlem, está começando a reclamar do salário. Já consegui uns mil dólares com meu pai, que não acredita (como

sempre) nessa realização.

Ignatius, já fui muito condescendente com você em nossa correspondência. Não torne a me escrever antes de se decidir na vida. Detesto covardia.

M. Minkoff

P. S.: Pode escrever, se quiser o papel do senhorio."

— Vai ver só, sua meretriz! — resmungou Ignatius, atirando a propaganda do festival de cinema ao fogo aceso para o ensopado.

Quatro

I

As Calças Levy se constituíam da fusão de duas estruturas em uma unidade macabra. A fachada do prédio era uma construção comercial do século XIX, com telhado em águas-furtadas que se projetavam em várias janelas de moldura rococó, com a maioria das vidraças quebradas. Daquele ângulo, o escritório ocupava o terceiro andar, o depósito, o segundo e o refugio, o primeiro. Anexa a esse prédio, a que o sr. Gonzalez se referia como "o centro nervoso", ficava a fábrica, um hangar com aparência de celeiro. As duas chaminés que se projetavam acima do teto de zinco da fábrica pendiam para lados diferentes, como orelhas de coelho, dando a impressão de uma descomunal antena de televisão, antena essa que não só não recebia promissores sinais do exterior como expelia às vezes uma fumaça espessa e escura. Alinhada com os telhados cinzentos dos galpões do cais que margeavam o rio e o canal até depois dos trilhos da estrada de ferro, as Calças Levy se amontoavam qual silenciosa e enfumaçada solicitação de melhor planejamento urbano.

No centro nervoso havia algo mais que a atividade costumeira.

Ignatius pregava, em uma coluna próxima aos arquivos, um cartaz de papelão escrito em letras góticas com tinta azul-real:

DEPARTAMENTO DE PESQUISA E REFERÊNCIA I, J, REILLY,
ENCARREGADO

Deixara de lado o material a ser arquivado pela manhã para fazer o cartaz, espalhando-se no chão com o papelão e a tinta azul, e pintando meticulosamente por mais de uma hora. A srta. Trixie pisara no cartaz por ocasião de uma de suas excursões sem destino pelo escritório, mas a avaria se limitara a um detalhe da sola do tênis impresso em um dos lados do cartão. Mesmo assim, Ignatius considerou aquela rasura pouco condizente com o aspecto geral e pintou sobre ela uma versão estilizada de flor-de-lis.

— Mas que beleza! — disse o sr. Gonzalez quando Ignatius parou de martelar. — Dá ao escritório um ar de distinção.

— Que quer dizer isso? — indagou a srta. Trixie, colocando-se bem embaixo do cartaz para examiná-lo em minúcias.

— É só um marco — disse Ignatius, orgulhoso.

— Não entendo coisa alguma — disse a srta. Trixie. — O que é que está havendo por aqui? — Voltou-se para Ignatius. — Gomez, quem é essa pessoa?

— Srta. Trixie, a senhora já conhece o sr. Reilly. Ele está trabalhando conosco há uma semana.

— Reilly? Pensei que fosse Gloria.

— Vamos voltar aos números — disse-lhe o sr. Gonzalez. — Temos que mandar este extrato para o banco antes do meio-dia.

— Ah, é, temos que mandar este extrato — concordou a srta.

Trixie, e meteu-se no toailete de senhoras.

— Sr. Reilly, eu não quero fazer pressão — disse o sr. Gonzalez com cautela —, mas reparei que o senhor está com uma pilha de papéis na sua mesa que ainda não foram arquivados.

— Ah, aquilo. Sei. Bem, quando abri uma gaveta hoje de manhã, veio me dar bom-dia um camundongo de bom tamanho.

Parece que ele estava entretido em devorar a pasta da Tecidos Abelman. Achei preferível esperar que ele terminasse a refeição. Ia ser horrível se eu contraísse peste bubônica e jogasse a culpa nas Calças Levy.

— Perfeitamente — disse o sr. Gonzalez, nervoso, estremecendo diante da perspectiva de um acidente de trabalho.

— Além disso, minha válvula tem se comportado mal e não me permite que eu me abaixe até as últimas gavetas.

— Tenho uma coisa que vai ajudar — disse o sr. Gonzalez, e entrou no almoxarifado para apanhar, pelo que Ignatius imaginava, algum tipo de remédio. Mas voltou com a menor banqueta de metal com rodinhas que Ignatius já vira. — Olhe só. A pessoa que trabalhava no arquivo se sentava aqui para abrir as gavetas de baixo.

Experimente.

— Não creio que a estrutura do meu corpo vá se adaptar a esse instrumento — observou Ignatius, lançando um olhar penetrante para o banquinho enferrujado.

Ignatius nunca tivera muito equilíbrio e, desde sua obesa infância, tivera tendência a quedas, tropeções e esbarrões. Até os cinco anos, quando finalmente conseguiu andar de modo quase normal, fora uma massa de equimoses e hematomas. — Porém, em consideração às Calças Levy, vou tentar.

Ignatius foi se agachando aos poucos, até as nádegas enormes tocarem a banqueta, quase juntando os joelhos aos ombros. Ao se instalar afinal em seu peiço, parecia uma berinjelela equilibrada em uma tachinha.

— Isso não vai funcionar. Fico muito sem conforto.

— Dê uma experimentada — disse o sr. Gonzalez com vivacidade.

Impulsionando o banquinho com os pés, Ignatius deslizou, apavorado, pela fileira de arquivos até que uma das rodinhas se partiu com um estalo. A banqueta foi tombando devagar e depois emborcou de vez, despejando Ignatius pesadamente no solo.

— Ai, meu Deus! — berrou ele. — Acho que quebrei a espinha.

— Ui! — gritou o sr. Gonzalez no seu tom de tenor, horrorizado.

— Vou ajudá-lo a levantar-se.

— Não! Nunca se deve mexer numa pessoa com a espinha quebrada sem ter uma maca. Posso ficar paralítico pela sua incompetência.

— Por favor, levante-se, sr. Reilly. — O sr. Gonzalez olhava para a montanha a seus pés. Seu coração disparou. — Vou ajudá-lo.

Acho que o senhor não está muito machucado.

— Deixe-me em paz — Ignatius gritou. — Seu imbecil! Não quero passar o resto dos meus dias numa cadeira de rodas.

O sr. Gonzalez sentia os pés dormentes e frios.

O baque da queda de Ignatius atraíra a srta. Trixie para fora do toalete; acercou-se pelo lado dos arquivos e deu uma topada no monte de carne inerte.

— Ah, meu bem — disse debilmente. — Gloria está morrendo, Gomez?

— Não — disse o sr. Gonzalez, ríspido.

— Ah, que bom! — disse a srta. Trixie, pisando na mão estendida de Ignatius.

— Ai, meu Deus! — trovejou Ignatius, e pulou, sentado. — Esmigalharam os ossos da minha mão. Vou perder os movimentos.

— A srta. Trixie é muito leve — disse o gerente. — Acho que não deu para machucar.

— Ela já pisou em você, idiota? — Como é que pode saber?

Ignatius ficou sentado aos pés dos colegas de trabalho, examinando a mão.

— Desconfio que vou perder os movimentos desta mão. É

melhor voltar agora mesmo para casa e colocada debaixo d'água.

— Mas ainda falta uma porção de coisas para arquivar. Veja como o senhor está atrasado.

— O senhor ainda fala de arquivo numa hora dessas? Fique sabendo que a qualquer momento eu posso chamar o meu advogado para processá-lo por ter-me obrigado a me sentar naquela banqueta imoral.

— Vou ajudar você a se levantar, Gloria. — A srta. Trixie colocou-se no que imaginava fosse a posição de um guindaste. Com os tênis separados e as pontas dos pés voltadas para fora, agachou-se como uma dançarina de Bali.

— Levante-se — dardejou-lhe o sr. Gonzalez. — A senhora vai cair.

— Não — respondeu ela por entre os dentes cerrados. — Vou ajudar Gloria. Segure desse lado, Gomez. Vamos puxar Gloria por baixo do braço.

Ignatius observava a cena passivamente, enquanto o sr.

Gonzalez se abaixava do outro lado.

— Vocês estão distribuindo o peso de maneira errada — disse aos outros com didatismo. — Se pretendem levantar-me, essa posição não lhes dá equilíbrio. Desconfio que vamos nos machucar os três. Acho melhor vocês ficarem de pé. Assim podem abaixar-se e suspender-me.

— Não fique nervosa, Gloria — disse a srta. Trixie, balançando os quadris. Caiu então sobre Ignatius, deitando-o de costas outra vez. A ponta da viseira de celulóide feriu-o no pescoço.

— Ah, ah, ah! — gargarejou Ignatius das profundezas da garganta.

— Gloria! — chiou a srta. Trixie. Olhou para o rosto maciço logo acima do dela.

— Gomez, chame um médico.

— Srta. Trixie, saia de cima do sr. Reilly — sibilou o gerente de onde estava, agachado ao lado dos dois estirados.

— Ai!

— O que é que essas pessoas estão fazendo aí no chão? — perguntou um homem da porta.

O rosto jovial do sr. Gonzalez enrijeceu-se em uma máscara de pavor, e ele disse com um fio de voz: — Bom dia, sr. Levy. Que prazer essa visita!

— Só passei para ver se tinha correspondência particular. Estou de partida para o litoral. Para que é aquele cartaz ali pregado?

Alguém pode furar o olho numa das pontas.

— Esse é que é o sr. Levy? — perguntou Ignatius do chão. Não conseguia ver o homem de trás dos arquivos. — Ah, eu queria mesmo conhecê-lo.

Desvencilhando-se da srta. Trixie, que caiu ao chão com um baque, Ignatius pôs-se de pé e viu um homem de meia-idade, com traje esporte, segurando a maçaneta da porta do escritório para poder escapular com a mesma rapidez com que entrara.

— Olá — disse o sr. Levy, sem prestar atenção. — Funcionário novo, Gonzalez?

— Sim, senhor. Sr. Levy, este é o sr. Reilly. Ele é muito eficiente. Uma potência. Para dizer a verdade, ele nos tornou possível operar com menos funcionários.

— Ah!

— Sim, é o nome que está no cartaz — O sr. Levy olhou Ignatius de modo estranho.

— Tenho um interesse todo especial pela sua empresa — disse Ignatius ao sr. Levy. — O cartaz em que o senhor reparou ao entrar é apenas a primeira das várias inovações que tenho em mente. Vou mudar sua opinião sobre esta empresa, senhor. Preste atenção ao que estou dizendo.

— É mesmo? — O sr. Levy observou Ignatius com uma certa curiosidade. — Tem correspondência, Gonzalez?

— Pouca coisa. Chegaram os novos cartões de crédito. A Companhia de Aviação Transglobal mandou-lhe um diploma de piloto honorário por ter mil horas de voo com eles. — O sr. Gonzalez abriu a gaveta e entregou a correspondência ao sr. Levy. — Também chegou um folheto de um hotel de Miami.

— É melhor você começar logo a fazer as minhas reservas para o treinamento da primavera. Já lhe dei o meu itinerário dos campos de treinamento, não foi?

— Sim, senhor. Aliás, tenho umas cartas para o senhor assinar.

Tive que escrever para a Tecidos Abelman. Eles sempre nos dão problemas.

— Sei. Que é que esses chatos querem agora?

— A Abelman está reclamando que a última partida de calças despachada para eles só tinha sessenta centímetros de perna. Estou tentando protelar o assunto.

— É? Bem, estão mesmo acontecendo umas coisas muito estranhas por aqui — disse o sr. Levy rapidamente. O escritório começava a lhe causar depressão. Tinha que ir embora. — É melhor falar com o chefe de turma lá na fábrica. Como é que ele se chama?

Olhe, você mesmo assina essas cartas, como das outras vezes.

Preciso sair. — O sr. Levy escancarou a porta. — Dê uma folga para esses meninos, hein, Gonzalez? Adeusinho, srta. Trixie. Minha mulher manda lembranças.

A srta. Trixie continuava sentada no chão, amarrando o cadarço do tênis.

— Srta. Trixie! — gritou o sr. Gonzalez — O sr. Levy está falando com a senhora.

— Quem? — rosnou a srta. Trixie. — O senhor não disse que ele tinha morrido?

— Espero que da próxima vez que o senhor aparecer já possa verificar amplas modificações — disse Ignatius. — Vamos revitalizar, como antes, o seu negócio.

— Certo. Vá com calma — disse o sr. Levy, e saiu batendo a porta.

— Que homem maravilhoso! — disse, entusiasmado, o sr.

Gonzalez a Ignatius.

De uma janela, os dois viram o sr. Levy entrar no carro esporte. O motor rugiu, e o sr. Levy desapareceu em poucos segundos, deixando para trás uma nuvem de gás carbônico.

— Acho que vou trabalhar no arquivo — disse Ignatius, ao perceber que estava na janela olhando uma rua deserta. — O senhor quer fazer o favor de assinar essas cartas para eu poder arquivar as cópias? Agora já posso ver o que o roedor não comeu da pasta da Abelman.

Ignatius espiou o sr. Gonzalez, com muito custo, falsificar a assinatura de Gus Levy nas cartas.

— Sr. Reilly — disse o sr. Gonzalez, fechando com cuidado sua caneta barata —, vou à fábrica falar com o chefe de turma. Faça o favor de dar uma olhada nas coisas.

As *coisas*, imaginou Ignatius, deveriam ser a srta. Trixie, que ressonava alto no chão, na frente dos arquivos.

— *Seguro* — disse Ignatius sorrindo. — Um pouco de espanhol, em homenagem aos seus antepassados.

Assim que o gerente saiu, Ignatius colocou uma folha de papel timbrado das Calças Levy na máquina de escrever alta e preta do sr.

Gonzalez. Se aquela empresa quisesse progredir, o primeiro passo seria tratar com pulso firme seus detratores. As Calças Levy precisavam de mais disciplina e autoridade para sobreviver na selva das transações modernas. Ignatius datilografou o cabeçalho:

"Tecidos Abelman

Kansas City, Missouri

EUA

A/C: Sr. I. Abelman, Mongolóide

Prezados senhores,

Acusamos o recebimento, pelo correio, de seus comentários absurdos sobre os artigos de nossa fabricação, comentários esses por si só reveladores de total falta de contato com a realidade por parte de V. Sas. Fossem V. Sas. mais atentos do que são, teriam percebido que os artigos que motivam essa demanda foram enviados com pleno conhecimento de nossa parte quanto à insuficiência referente ao comprimento.

Assim sendo, 'por quê?', indagarão V. Sas. em seu incompreensível balbuciar, incapazes de assimilar os novos e estimulantes conceitos comerciais em sua limitada visão de mundo.

As calças em questão lhes foram enviadas: 1.º) Para testar a iniciativa de V. Sas. (Uma empresa vigilante precisa ter capacidade para transformar calças três-quartos, na última moda, em vestimenta masculina. Os programas de propaganda e *marketing* de V. Sas. estão obviamente defasados.) 2.º) Para testar a posição de V. Sas. diante dos padrões de distribuição exigidos para um produto de primeira qualidade. (Nossos leais e agradecidos revendedores têm condições de comercializar qualquer artigo com a etiqueta Levy, independentemente do facto de serem de estilo e confecção abomináveis. Ao que tudo indica, V. Sas.

não passam de pessoas bitoladas.)

Otrossim, esperamos, no futuro, não tornar a ser importunados por reclamações desse nível. Solicitamos limitarem sua correspondência à emissão de pedidos. Fazemos parte de uma organização dinâmica e atarefada, cujos objetivos não podem sofrer empecilhos de segunda instância. Caso voltem a nos molestar, prezados senhores, talvez sintam o fio do açoite sobre seus próprios ombros.

Desabonadoramente

de V. Sas.,

Gus Levy,

presidente."

Ponderando alegremente que o mundo só reconhece a linguagem da força e do poder, Ignatius copiou a assinatura de Levy com a caneta do gerente, rasgou a

carta do sr. Gonzalez para a Abelman e colocou a sua na caixa de "saída". Foi então na ponta dos pés até onde estava a figura mirrada e inerte da srta. Trixie, voltou ao departamento de arquivo, apanhou a pilha de papéis por arquivar e jogou-a na lixeira.

II

— Ei, srta. Lee, aquele gordo com a mãe, que tem um boné verde, não voltou mais?

— Não, graças a Deus. Esse tipo de gente é péssimo para o meu negócio.

— Quando é que o amiguinho dos órfãos vai voltar? Tou muito a fim de saber o que foi que aconteceu com aqueles órfãos. Garanto que vai ser a primeira turma de órfãos com a polícia pegando no pé.

— Já falei que mando coisas para os órfãos. Fazer caridade não faz mal a ninguém. A gente se sente bem.

— Não dá para entender que caridade é essa, se os órfãos pagam uma nota preta pelo que o Noite do Prazer manda para eles.

— Pare de reclamar dos órfãos e fique de olho na limpeza. Já estou com muitos problemas. Darlene quer ser artista, você quer aumento. E eu ainda tenho problemas maiores além desses. — Lana pensou no policial à paisana que andava frequentando o bar a altas horas da noite. — Está tudo uma desgraça.

— É. Estou aqui de prova. Recebo salário de fome nesta espelunca.

— Escute, Jones, você tem ido à delegacia ultimamente? — indagou Lana, cautelosa, na suposição de que Jones talvez estivesse atraindo a polícia ao local. Esse Jones ainda haveria de lhe dar dor de cabeça, a despeito do baixo salário.

— Não, não visito os meus amigos da polícia. Estou esperando uma prova concreta. — Jones soprou uma nebulosa. — Estou esperando uma brecha nesse caso dos órfãos. Se estou!

Lana apertou os lábios de coral, tentando imaginar quem a teria alcaguetado.

III

A sra. Reilly custava a crer que aquilo lhe tivesse realmente acontecido. Nada de televisão. Nada de reclamações. O banheiro vazio. Até as baratas haviam se mudado. Sentou-se à mesa da cozinha, tomou um gole de moscatel e soprou uma baratinha que ia passando pela mesa. O corpo minúsculo voou longe e desapareceu. A sra. Reilly disse:

— Adeus, amor.

Serviu-se de mais um copo, ao se dar conta, pela primeira vez, de que mesmo a casa tinha um cheiro diferente. Permanecia o cheiro de lugar fechado, mas o odor peculiar do filho, que sempre lhe recordara um saquinho de chá usado, desaparecera. Segurou o copo e ficou pensando se as Calças Levy já estariam exalando aquele aroma.

De repente, a sra. Reilly se lembrou da terrível noite em que fora com o sr. Reilly ao Prytania para ver Clark Gable e Jean Harlow.

Em meio ao calor e à confusão reinantes, ao voltarem para casa, o sr.

Reilly tentara uma abordagem indireta, e Ignatius foi concebido.

Coitado do sr. Reilly. Nunca mais, enquanto viveu, voltou ao cinema.

A sra. Reilly suspirou e olhou para o chão, para ver se a baratinha ainda estava por ali. Estava com tão bom humor que não conseguia desejar mal a ninguém. Observava a toalha plástica quando o telefone tocou no *hall*. A sra. Reilly tampou a garrafa e guardou-a no forno.

— Alô — atendeu ela.

— Olá, Irene — disse uma voz gutural de mulher. — Você está fazendo o quê, querida? É a Santa Battaglia.

— Tudo bem, amor?

— Estou morta. Acabei de abrir quatro dúzias de mariscos no quintal — disse Santa, com seu tom de barítono oscilante. — É um trabalho do cão, martelar aquela faca de mariscos.

— Eu nunca faria uma coisa dessas — disse a sra. Reilly com honestidade.

— Eu nem ligo. Quando era criança, abria os mariscos para a minha mãe. Ela tinha uma barraca de peixe no mercado. Coitada de mamãe. Direto do barco. Nem falava a língua. E lá ficava eu, uma coisinha de nada, abrindo mariscos num banquinho. Nem fui para a escola. De vez em quando, minha mãe me dava uma surra. Estava sempre saindo briga na nossa barraca.

— Sua mãe era muito agitada, não é?

— Coitadinha! Ficava ali na chuva de chapéu de palha, sem entender quase nada do que os outros diziam. Que época difícil, Irene! Que dureza!

— Isso mesmo — concordou a sra. Reilly. — Nós também passamos por uma fase difícil, lá na Dauphine Street. Papai era muito pobre. Trabalhava nos bondes, mas então apareceram os automóveis, e ele machucou a mão numa correia de ventilador. A gente passava semanas a feijão e arroz.

— Feijão me dá gases.

— A mim também. Escute, Santa, por que foi que você ligou, meu anjo?

— Ah, é, eu quase me esqueço. Você se lembra daquela noite em que nós fomos ao boliche?

— Na terça-feira?

— Não, acho que foi na quarta. De qualquer jeito, foi naquela noite que prenderam o Angelo e ele não pôde ir.

— Mas que horror! A polícia prendendo sua própria gente.

— É. Coitado do Angelo! Tão bonzinho! Ele está mesmo encalacrado naquela delegacia. — Santa tossiu, rouca, no telefone. — De qualquer jeito, foi na noite em que você veio me buscar naquele carro seu e nós fomos ao boliche sozinhas. Hoje de manhã, fui ao mercado de peixe para comprar o tal do marisco, e um velho chegou para mim e disse: "A senhora não estava na pista de boliche outro dia?" Então eu disse: "Sim, senhor, vou demais lá". E ele disse: "Bom, eu estava lá com a minha filha e o marido dela, e vi a senhora com uma outra senhora que tem o cabelo meio ruivo". Eu disse: "Está falando daquela senhora que pinta o cabelo de acaju? É minha amiga, a sra. Reilly. Estou ensinando-a a jogar boliche". Foi isso, Irene. Ele levantou o chapéu e foi embora.

— Estou aqui pensando quem podia ser — disse a sra. Reilly com grande interesse. — Que coisa mais gozada! Como é que ele é, meu bem?

— Muito simpático, meio idoso. Eu já o vi por aqui, levando umas crianças à missa. Devem ser os netos.

— Que esquisito! Quem ia andar perguntando por mim?

— Não sei, minha filha, mas fique prevenida. Tem alguém de olho em você.

— Ai, Santa! Já estou muito velha para isso.

— Ora, veja só! Você ainda é muito jovem, Irene. Eu vi muitos homens de olho em você lá no boliche.

— Ora, vamos!

— É verdade, filha. Não estou mentindo. Você fica enterrada demais dentro de casa por causa desse seu filho.

— Ignatius disse que está se dando muito bem nas Calças Levy — disse a sra. Reilly na defensiva. — Eu é que não quero me meter com um velho.

— Ele não é assim *tão* velho — disse Santa, sentindo-se atingida. — Escute, Irene, eu e Angelo vamos passar aí lá pelas sete, hoje à noite.

— Não sei, querida. Ignatius anda dizendo que eu devia ficar mais em casa.

— Fazendo o quê, menina? Angelo me disse que ele já é grandinho.

— Ignatius disse que fica com medo quando eu saio de noite e o deixo sozinho. Tem medo de assalto.

— Traga-o também, que Angelo o ensina a jogar.

— Ah, ah! Ignatius não é o que se chama um tipo esportivo — acrescentou rapidamente a sra. Reilly.

— Mas então você vem, não é?

— Está bem — disse a sra. Reilly, afinal. — Acho que esse exercício faz bem para o cotovelo. Vou dizer a Ignatius para se trancar no quarto dele.

— Claro. Não vai acontecer nada com ele.

— Nós não temos mesmo nada de valor para roubar. Não sei de onde Ignatius tira essas ideias.

— Eu e Angelo passamos às sete.

— Certo, e escute, querida, procure saber lá no mercado quem é esse velho.

IV

A casa dos Levy ficava no meio de pinheiros, no alto de uma ladeira com vista para a baía de St. Louis. O exterior era um modelo de rusticidade elegante; o interior, uma tentativa bem-sucedida de eliminar o que fosse rústico: um útero a uma temperatura constante de vinte e quatro graus, ligado ao ar-condicionado central por um labirinto umbilical de canos e orifícios que, em silêncio, enchiam os cômodos da brisa do golfo do México, filtrada, e exalavam o dióxido de carbono, a fumaça dos cigarros e o tédio dos Levys. O mecanismo central do aparato vivificante pulsava em algum local azulejado e com isolamento acústico nas entranhas da casa, como um instrutor da Cruz Vermelha dando aula de ritmo em respiração artificial: "Pra dentro ar puro, pra fora ar viciado, pra dentro ar puro".

A casa tinha a confortável sensualidade que se supõe ter o útero humano. Todas as poltronas afundavam vários centímetros ao mais leve toque, pois a espuma e as plumas cediam de maneira abjeta a qualquer pressão. Os tufo dos tapetes de lã acrílica faziam cócegas nos tornozelos de quem tivesse a gentileza de caminhar sobre eles. Ao lado do bar, o que parecia ser o dial de um rádio podia, quando ligado, fazer com que a iluminação de toda a casa passasse da suavidade à exuberância, de acordo com o humor do momento. Espalhadas pela casa, a poucos passos uma da outra, havia cadeiras anatômicas, uma mesa de massagem e uma prancha de exercícios motorizada cujas muitas opções forneciam ao corpo um movimento suave e insinuante: A Cabana Levy — como dizia a placa na estrada litorânea — era o Xanadu das sensações; entre suas paredes ilhadas sempre se encontrava algum motivo de prazer.

O sr. e a sra. Levy, que consideravam um ao outro os únicos motivos de desprazer dentro de casa, estavam diante da televisão, olhando as cores mescladas na tela.

— Perry Como está com o rosto verde — disse a sra. Levy, em tom hostil. — Parece um cadáver. É melhor devolver esse aparelho.

— Mas eu o trouxe de Nova Orleans esta semana — disse o sr.

Levy, soprando no peito os pêlos negros que apareciam pelo decote em V do roupão de plush. Acabara de tomar uma sauna e queria secar-se totalmente. Mesmo com ar-condicionado e aquecimento central o ano inteiro, devem-se prevenir amolações.

— É, mas vai ter que devolvê-lo. Não vou agora ficar olhando cegamente para

uma televisão enguiçada.

— Pare com isso. Está muito boa.

— Não está nada boa. Até a boca ficou verde.

— É a maquiagem que eles usam.

— Vai me dizer que eles põem batom verde na boca de Perry Como?

— Eu sei lá o que eles fazem!

— Claro que não — disse a sra. Levy, voltando para o marido seus olhos de água-marinha. Ele estava submerso nas almofadas de um sofá amarelo. Ela só conseguia ver um pedaço de *plush* e a sola de um chinelo de borracha no final de uma perna cabeluda.

— Não fique me chateando — disse ele. — Vá fazer ginástica na prancha.

— Hoje à noite eu nem chego perto daquilo. Fiz o cabelo à tarde. — Ajeitou os louríssimos cabelos cheios de laquê. — O

cabeleireiro disse que eu devia comprar uma peruca.

— O que você vai fazer com uma peruca? Já tem tanto cabelo!

— Mas eu quero uma peruca castanha. Para variar de personalidade.

— Você não é morena? Então por que não deixa o cabelo crescer na cor natural e compra uma peruca loura?

— Não tinha pensado nisso.

— Bem, fique pensando e de boca fechada. Estou cansado.

Quando fui à cidade, hoje, passei no escritório. Isso sempre me deixa deprimido.

— Aconteceu alguma coisa lá?

— Nada. Absolutamente nada.

— Foi o que eu pensei — suspirou a sra. Levy. — Você afundou a empresa do seu pai. É a grande frustração da sua vida.

— Ora, quem é que vai querer aquela fábrica caindo aos pedaços? Foi culpa do

meu pai. Na década de 30, quando veio a moda das pregas no cós, ele continuou fazendo as calças com pences. Era o Henry Ford da indústria do vestuário. Depois, quando as pences voltaram, na década de 50, ele começou a fazer calças com pregas. Agora, você devia ver só o que o Gonzalez chama de "nova linha de verão". Parecem aquelas calças bufantes de palhaço de circo. E a fábrica! Eu não teria coragem de usar aquilo nem para depósito de lixo.

— Quando nós nos casamos, eu idolatrava você, Gus. Eu achava que você estava com tudo. Que ia transformar as Calças Levy numa grande empresa. Quem sabe até com escritório em Nova York

Você recebeu tudo de presente e jogou fora.

— Pare de reclamar. Você está muito bem de vida.

— Seu pai era um líder. Eu o respeitava.

— Meu pai era um grande homem só para quem estava de fora.

Ditadorzinho. Eu tinha algum interesse pela firma quando era moço.

Tinha mesmo muito interesse. Mas ele acabou com tudo na base da ditadura. Para mim, as Calças Levy são a *empresadele*. Podem afundar. Ele se opunha a todas as minhas ideias boas só para mostrar quem mandava ali. Se eu dissesse: "Pregas", ele dizia: "Nada de pregas! Nunca!" Se eu dissesse: "Vamos experimentar um tecido sintético", ele dizia: "Sintético, só passando sobre o meu cadáver".

— Ele começou a vender calças como camelô. Veja só o quanto ele cresceu. Com o que você tinha no começo, poderia ter transformado as Calças Levy numa empresa de âmbito nacional.

— A economia da nação teve foi sorte, pode crer. Eu cresci dentro daquelas calças. Agora chega de ouvir essa história. Ponto final.

— Está bem, vamos ficar calados. Olhe, a boca de Perry Como está ficando vermelha... Você nunca foi um pai de verdade para Susan e Sandra.

— Da última vez que Sandra veio aqui, abriu a bolsa para apanhar um cigarro e deixou cair uma caixa de preservativos bem na minha frente.

— É disso que eu estou falando. Você nunca se impôs diante das filhas. É por isso que elas ficam assim desnorteadas. Eu tentei dar educação a elas.

— Escute, não vamos agora discutir sobre Susan e Sandra. Elas estão lá na universidade. Felizmente nem sabemos o que está acontecendo. Quando elas se cansarem, vão se casar com um pobre coitado qualquer e tudo vai dar certo.

— Mas que tipo de avô você vai ser?

— Não sei. Deixe-me em paz. Vá para a prancha de ginástica, para a hidromassagem. Eu quero é ver esse programa.

— Como é que você pode ver com as caras todas de outra cor?

— Não vamos começar outra vez, tudo de novo.

— Vamos para Miami no mês que vem?

— Pode ser. Pode ser que a gente se mude para lá.

— E abandonar tudo isto aqui?

— Abandonar o quê? A sua prancha cabe no caminhão de mudança.

— E a firma?

— A firma já deu o que tinha que dar. Está na hora de vendê-la.

— Ainda bem que seu pai já morreu. Imagine se ele visse isso.

— A sra. Levy lançou um olhar trágico para o chinelo de borracha. — Agora você vai poder passar o tempo todo no Jôquei e em Daytona. É

uma desgraça, Gus. Uma desgraça, mesmo.

— Não adianta tentar fazer das Calças Levy uma peça do Arthur Miller.

— Graças a Deus que eu estou aqui para zelar por você. Graças a Deus *eu* me interesso por essa firma! Como vai a srta. Trixie?

Espero que esteja tudo bem com ela.

— Ainda está viva, e para ela isso já é uma grande coisa.

— Pelo menos eu me interesso por ela. Você já a teria posto na rua há muito tempo.

— Essa mulher devia ter se aposentado faz tempo.

— Eu lhe disse que a aposentadoria seria a morte para ela.

Precisa sentir-se útil e querida. Aquela mulher é um modelo de vitalidade. Gostaria que a trouxesse aqui um dia desses. Gostaria muito de fazer um trabalho com ela.

— Trazer aquela velha aqui? Está ficando maluca? Não quero saber de nada que diga respeito às Calças Levy aqui no meu canto.

Ela vai urinar no sofá. Pode ficar com ela bem longe.

— Típico de você — suspirou a sra. Levy. — Nunca vou entender como é que eu aguento essa falta de sentimentos há tantos anos.

— Eu já deixei você ficar com a Trixie no escritório, mesmo sabendo que aquele Gonzalez só falta ficar louco com ela do lado.

Hoje de manhã, quando eu fui lá, estava todo mundo deitado no chão. Nem adianta perguntar o que eles estavam fazendo. Podia ser qualquer coisa. — O sr. Levy assobiou por entre os dentes. — Gonzalez é aquela imbecilidade de sempre, mas você devia ver só o outro sujeito que está trabalhando lá. Não sei onde eles descobriram aquele tipo. Você não ia acreditar, pode crer. Não quero nem pensar no que os três palhaços ficam fazendo no escritório o dia inteiro. É

incrível que ainda não tenha acontecido alguma coisa.

Ignatius decidiu-se a não ir ao Prytania. O filme em cartaz era um drama sueco muito elogiado pela crítica, sobre um homem que perdera sua alma, e Ignatius não tinha o menor interesse em vê-lo.

Tinha que falar com o gerente do cinema sobre a idiotice que era programar esse tipo de filme.

Observou a fechadura do quarto e ficou imaginando a que horas sua mãe voltaria para casa. De um dia para outro, ela passara a sair quase todas as noites. Mas Ignatius tinha outras preocupações no momento. Abrindo a gaveta, viu a pilha de artigos que escrevera certa vez de olho no mercado editorial. Para os periódicos de opinião, havia "Boécio comentado", e "Em defesa de Hroswitha, para os que não crêem em sua existência". Para as revistas dedicadas à família, escrevera "A morte de Rex" e "Criança, esperança do mundo". Para penetrar no mercado dos suplementos dominicais, fizera "O desafio da segurança da água", "O perigo dos automóveis de oito cilindros", "Abstinência, o método mais seguro de controle da natalidade", e "Nova Orleans, cidade de romance e cultura". Enquanto passava os olhos pelos velhos manuscritos perguntava a si mesmo por que desistira de enviá-los, já que eram todos excelentes, cada qual em seu estilo.

Porém, havia agora um novo projeto, extremamente comercial.

Ignatius limpou a mesa ligeiro, jogando ao chão os artigos e os blocos de uma só patada. Colocou à sua frente um fichário sem folhas e escreveu com capricho, na capa rugosa, a lápis de cera vermelho: DIÁRIO DE UM TRABALHADOR, OU A DERROTA DA PREGUIÇA. Ao terminar, arrancou a faixa que envolvia a resma de papel pautado e colocou-a no fichário. Furou com o lápis as folhas de papel timbrado das Calças Levy onde já fizera algumas anotações e inseriu-as na parte da frente do fichário. Pegando a caneta esferográfica das Calças Levy, começou a escrever na primeira folha do novo papel:

"Caro leitor,

'Os livros são prole imortal a desafiar suas origens.'

Platão

Creio eu, caro leitor, que já me habituei ao ritmo febril da vida em um escritório, adaptação esta de que eu próprio me considerava incapaz. É claro que, em

minha breve carreira nas Calças Levy Ltda., já consegui introduzir diversos métodos de racionalização de trabalho. Aqueles dentre os leitores que compartilharem comigo o trabalho burocrático e que lerem este diário durante a pausa para o café, deverão anotar algumas das minhas inovações. Dirijo estes comentários aos funcionários, mas também aos empresários.

Prefiro chegar ao escritório uma hora depois do início do expediente. Dessa forma, estou mais calmo e descansado na chegada, evitando aquela inútil primeira hora do dia na qual o corpo e os sentidos, ainda apáticos, transformam cada tarefa em uma penitência. Acho que, por chegar mais tarde, o trabalho executado é de muito melhor qualidade.

Minha inovação relacionada com o sistema de arquivo deve permanecer em segredo por algum tempo, por ser bastante revolucionária e por ter eu de testá-la em minúcias. Em teoria, essa inovação é magnífica. Entretanto, diria apenas que os papéis amarelecidos em arquivo constituem um risco de incêndio. Um detalhe que talvez não se aplique a todos os casos é o facto de meus arquivos aparentemente hospedarem culturas de bacilos variados. A peste bubônica era um destino válido para o homem medieval; creio, porém, que contrair a peste neste século hediondo seria ridículo.

Hoje o escritório foi contemplado finalmente com a presença de nosso senhor e mestre, sr. G. Levy. Para ser sincero, achei-o por demais despreocupado e indiferente. Chamei sua atenção para o cartaz (sim, leitor, foi finalmente executado e afixado; uma flor-de-lis imperial veio acrescentar-lhe dignidade), o que também despertou pouquíssimo interesse de sua parte. A visita foi rápida e pouco profissional, mas quem somos nós para questionar as razões dos gigantes da economia, cujos caprichos regem o destino da nação?

Com o tempo, ele reconhecerá minha lealdade à empresa, minha dedicação. Meu exemplo, por outro lado, poderá devolver-lhe a fé nas Calças Levy.

La Trixie continua introvertida como sempre, provando assim mais sabedoria do que eu lhe atribuía. Desconfio que essa mulher sabe de muitas coisas, e que sua apatia não passa de um disfarce para o seu aparente ressentimento com as Calças Levy. Ela se torna ainda mais coerente quando fala na aposentadoria. Reparei que precisa de meias brancas, pois o par que está usando já ficou cinza.

Pretendo presentear-lhe em breve com meias esporte, felpudas; pode ser que o gesto a comova, induzindo-a a uma maior comunicação.

Parece ter gostado muito do meu boné, e costuma usá-lo de preferência à sua viseira de celulósido.

Como já declarei anteriormente, eu rivalizava com o poeta Milton ao passar minha juventude em isolamento, meditação e estudos, com a finalidade de aperfeiçoar o dom de escrever; a intemperança cataclísmica de minha mãe atirou-me ao mundo de maneira insolente; meu sistema permanece em estado de fusão.

Portanto, estou ainda em processo de adaptação às tensões do mundo empresarial. Tão logo meu sistema se habitue ao escritório, tomarei a providência de visitar a fábrica, alma das Calças Levy. Ouvi mais de uma vez rugidos e chiados pela porta da fábrica, mas minha situação atual, de extrema sensibilidade, não permite, no momento, uma descida a esse determinado inferno. Em certas ocasiões, um operário desgarrado adentra o escritório para pleitear uma causa (geralmente o alcoolismo do chefe de turma, uma disputa crônica).

Quando eu estiver inteiro outra vez, irei ver aquelas pessoas lá na fábrica; tenho convicções profundas e arraigadas no que se refere à ação social. Estou certo de poder fazer algo para a melhoria da gente da fábrica. Não posso admitir que alguns se omitam diante da injustiça social. Acredito no engajamento intímido nos problemas cruciais de nosso tempo.

Notas sociais: tenho evitado ir ao Prytania, coagido por certos horrores em tecnicolor, aberrações filmadas que atentam contra qualquer critério de bom gosto ou decência, rolos e mais rolos de perversão e blasfêmia a se desenrolarem diante de meus olhos incrédulos, chocando minha alma virginal e lacrando minha válvula.

Minha mãe ligou-se a pessoas indesejáveis, que pretendem transformá-la

em

atleta

polivalente,

espécimes

humanos

corrompidos, que vêm em uma bola o caminho da salvação.

Encontro-me por vezes tolhido em minha florescente carreira empresarial diante de certas omissões domésticas.

Saúde: minha válvula fechou-se com violência hoje à tarde, quando o sr. Gonzalez me pediu para somar determinados números.

Ao ver o estado em que fiquei após a convocação, preferiu fazer a conta ele mesmo. Procurei não fazer escândalo, mas a válvula foi mais eloquente. Aquele gerente ainda pode vir a me causar aborrecimentos.

Até a próxima,

Darryl, o Trabalhador."

Ignatius leu com prazer o que acabara de escrever. O *Diário* englobava toda sorte de possibilidades. Poderia ser o documento contemporâneo, vital, real, dos problemas de um jovem. Fechou afinal o fichário à sua frente e meditou em uma resposta a Myrna, um ataque vituperante a seu modo de ser, sua visão de mundo. Talvez fosse melhor esperar a visita à fábrica para ver as possibilidades de ação social no local. Tamanha temeridade precisava ser muito bem planejada; ele deveria desenvolver um trabalho junto aos operários que fizesse Myrna parecer reacionária em termos de ação social.

Tinha que provar sua superioridade diante da petulância e da provocação.

Tomando o alaúde, resolveu relaxar com música por um instante. Passou a língua maciça pelo bigode, dedilhou o instrumento e, terminados os preparativos, começou a cantar: "Não mais busqueis/ vossa morada/ Pois vosso olhar/ achou refúgio".

— Cale a boca! — berrou a srta. Annie de trás das venezianas fechadas.

— Como ousa? — replicou Ignatius, escancarando sua janela e olhando para a escuridão dos canteiros. — Apareça! Como ousa se esconder atrás de janelas fechadas?

Correu para a cozinha, encheu uma panela com água e voltou depressa para o quarto. No exato momento em que ia atirar a água nas venezianas sempre fechadas da srta. Annie, ouviu bater a porta de um carro na rua. Alguém entrava pelo jardim. Ignatius fechou a janela, apagou a luz e ficou ouvindo sua mãe falar com alguém. O

guarda Mancuso disse qualquer coisa ao passarem sob sua janela, e uma voz rouca, de mulher, disse:

— Parece que está tudo bem, Irene. Não tem luz acesa. Ele deve ter ido ao cinema.

Ignatius vestiu o sobretudo e correu para a porta da frente, enquanto eles abriam a porta da cozinha. Saiu de casa e viu o Rambler do guarda Mancuso estacionado em frente. Abaixando-se com muito sacrifício, Ignatius enfiou o dedo na válvula de um dos pneus até que parasse o assobio e a roda tocasse na valeta de tijolos.

Caminhou então pelo canteiro, que mal comportava o seu volume, até os fundos da casa.

Havia luzes acesas na cozinha, e ele ouviu o rádio ordinário da mãe pela janela fechada. Subiu a escada em silêncio e espiou pelo vidro engordurado da porta. Sua mãe e o guarda Mancuso estavam sentados à mesa com uma garrafa quase cheia de uísque. O guarda Mancuso parecia mais oprimido do que nunca, mas a sra. Reilly batia com o pé no chão e ria timidamente do que via à sua frente. Uma mulher atarracada, de cabelo grisalho e encarapinhado, dançava só, no meio da cozinha, sacudindo os peitos como pêndulos dentro de uma blusa de malha branca. Os sapatos de boliche marcavam o compasso no chão, levando os peitos balouçantes e as nádegas giratórias de um lado para outro, entre a mesa e o fogão.

Então essa era a tia do guarda Mancuso. Só mesmo o guarda Mancuso poderia ter uma tia daquelas, bufou Ignatius consigo mesmo.

— Uuu! — gritou a sra. Reilly, feliz da vida. — Santa!

— Olhe só, pessoal! — gritou em resposta a mulher grisalha, como um técnico para sua equipe, e foi se abaixando, sem parar de rebolar, até quase tocar o solo.

— Ai, meu Deus! — disse Ignatius para a vidraça.

— Você vai dar um nó nas tripas — riu a sra. Reilly. — Vai despencar bem no meu chão.

— É melhor parar, tia Santa — disse o guarda Mancuso, mal-humorado.

— Droga, não é agora que eu vou parar! Nem comecei — respondeu a mulher, levantando-se no ritmo da música. — Quem foi que disse que a vovó não sabe dançar?

Abrindo os braços, a mulher aterrizou na pista de linóleo.

— Nossa! — disse a sra. Reilly, e soltou uma gargalhada, batendo com o copo na garrafa de uísque. — E se Ignatius chegar agora?

— Que Ignatius se foda!

— Santa! — disse a sra. Reilly, boquiaberta, mas, pelo que Ignatius pôde notar, também satisfeita.

— Acabem com isso, vocês, aí — bradou a srta. Annie de trás das venezianas.

— Quem é? — perguntou Santa à sra. Reilly.

— Acabem com isso, senão eu chamo a polícia — gritou a voz abafada da srta. Annie.

— *Por favor*, parem — implorou, nervoso, o guarda Mancuso.

Cinco

I

Do outro lado do balcão, Darlene enchia de água, até a metade, as garrafas que continham bebida.

— Ei, Darlene, escute esta merda — ordenou Lana Lee, dobrando o jornal e firmando-o com um cinzeiro: — "Frieda Club, Betty Bumper e Liz Steele, todas residentes à St. Peter Street, 796, foram detidas ontem à noite na Boate El Caballo, Burgundy Street, 570, e autuadas por perturbar a ordem e provocar tumulto. Conforme declaração das autoridades, o incidente teve início quando um homem não-identificado fez uma proposta a uma das mulheres. Suas companheiras responderam atacando o homem, que fugiu da boate.

Liz Steele atirou um banco no barman, e as duas outras ameaçaram os clientes com cadeiras quebradas e cacos de vidro. Testemunhas presentes no local disseram que o homem que fugiu usava sapatos de boliche". Que tal? Esse tipo de gente está acabando com o bairro.

Um sujeito honesto quer dar umas voltas com uma piranha e as outras batem nele. Já foi o tempo em que se tinha sossego por aqui.

Agora é só putas e veados. É por isso que esse negócio vai mal.

Tenho ódio de piranha. Ódio.

— Por aqui a gente só vê polícia à paisana — disse Darlene. — Como é que eles não vão atrás desse tipo de mulher?

— Isto aqui está virando uma delegacia. Só fazendo um *show* em benefício do Clube da Polícia — disse Lana com repugnância. — Tanto lugar vazio, e os tiras aqui, fazendo sinalzinho um para o outro.

Passo metade do tempo de olho em você, para ver se não empurra bebida para eles.

— Ora, Lana! — disse Darlene. — Como é que eu vou saber quem é tira? Para mim todo mundo tem a mesma cara. — Fungou. — Tenho que ganhar a vida.

— Você conhece o tira olhando nos olhos, Darlene. Eles são muito metidos. Já estou neste negócio faz tempo. Conheço polícia de longe. O dinheiro marcado, a roupa esquisita. Se você não sabe olhar no fundo do olho, dê uma olhada no

dinheiro. É todo riscado.

— Como é que eu vou ver o dinheiro? Aqui é tão escuro que eu mal consigo ver os olhos.

— Bem, vou ter que fazer alguma coisa. Não quero você sentada aí nas minhas mesas. Qualquer dia vai querer vender um martini duplo para o delegado.

— Então deixe-me dançar. Para variar.

— Ora, cale a boca! — resmungou Lana. — Se Jones soubesse que a polícia frequenta o bar, adeus faxineiro malpago. Olhe aqui, não conte para Jones que de repente temos um batalhão aqui, à noite. Você sabe como essa gente de cor tem medo da polícia. Ele pode assustar-se e sumir. Quer dizer, eu só quero ajudar o rapaza não voltar para a cadeia.

— Certo — disse Darlene. — Mas assim eu não vou ganhar dinheiro nenhum, morrendo de medo de estar sentada bem do lado dos tiras. Sabe do que é que esse bar está precisando para melhorar?

— Do quê? — perguntou Lana, irritada.

— Está precisando de um bichinho.

— Quê? Só faltava essa!

— Não estou aqui para limpar sujeira de bicho — disse Jones, batendo com a vassoura nas pernas das banquetas.

— Vá para aquele lado e limpe debaixo dos bancos — mandou Lana.

— Pô! Onde foi que eu deixei sujeira? Hein?

— Veja no jornal, Lana — disse Darlene. — Quase todos os clubes aqui da rua têm bichos no *show*.

Lana virou a página de espetáculos e, em meio à fumaça de Jones, examinou os anúncios de casas noturnas.

— É, Darlene está por dentro. Acho que você quer ser gerente aqui do bar, não é?

— Não, senhora.

— Ainda bem — disse Lana, e percorreu com o dedo os anúncios. — Veja estes. Tem uma cobra no Jerry's, pombos no 104, um filhote de onça, um mico...

— É nesses lugares que as pessoas vão — disse Darlene. — A senhora precisa se atualizar.

— Muitíssimo obrigada. Já que deu a idéia, tem algum bicho para sugerir?

— Sugiro que a gente se mude para o jardim zoológico.

— Continue com a limpeza — disse Lana.

— A gente podia usar o meu papagaio — disse Darlene. _

Treinei um balé com ele. Ele é muito esperto. A senhora precisa ouvi-lo falando.

— Os bares dos pretos estão sempre mandando o pessoal deixar os passarinhos do lado *de fora*.

— Dê uma chance para o papagaio — suplicou Darlene.

— Eta! — falou Jones. — Olhe só. Chegou o amigo dos órfãos.

Tá na hora da caridade.

George entrou gingando, em um suéter vermelho, calças brancas e botas bege de bico fino, Nas costas de ambas as mãos, tinha punhais desenhados com caneta esferográfica.

— Desculpe, George, hoje não tem nada para os órfãos - disse Lana rapidamente.

— Viu só? Acho melhor esses órfãos irem bater em outra porta — disse Jones, soprando uma fumaceira nos punhais. — A gente aqui já tem problema de salário. Santo de casa não faz caridade.

— Hein? — perguntou George.

— Esse pessoal de orfanato é muito mal-encarado hoje em dia — observou Darlene. — Se fosse eu, não dava nada para ele, Lana.

Tem trambique nesse negócio, fique de olho. Se esse cara é órfão, eu sou a rainha da Inglaterra.

— Venha cá — disse Lana a George, e saiu com ele para a rua.

— Que foi que houve? — perguntou George.

— Não dava para conversar na frente daqueles dois idiotas — disse Lana. — Olhe, esse faxineiro novo não é igual ao antigo. O

engraçadinho não parou de me perguntar sobre essa história de orfanato desde que viu você. Não se pode confiar nele. Já estou com um problema com a polícia.

— Então arranje outro palhaço. Tem montes por aí.

— Eu não emprego nem um cego pelo salário dele. Arranjei-o numa liquidação, mais ou menos isso. E ele acha que, se largar o emprego, eu posso mandar prendê-lo por vadiagem. Eu fiz um trato, George. Nesse meu ramo, é dá cá e toma lá. Entendeu?

— E como é que eu fico?

— Esse Jones sai para o almoço entre meio-dia e meio-dia e meia. Então você passa às quinze para uma.

— E fico fazendo o quê com esses embrulhos a tarde toda? Só posso ir para lá às três. Não quero ficar andando por aí com isto na mão.

— Guarde-os na Rodoviária. Problema seu. Mas tome cuidado com o material. Amanhã nos falamos.

Lana voltou para o bar.

— Tomara que a senhora tenha dado um fora naquele sujeito — disse Darlene.

— Alguém devia denunciar esses malandros ao Ministério da Fazenda.

— Caramba!

— Vamos, Lana. Dê uma chance para mim e o papagaio. Nós somos bons demais, vai ver.

— Antigamente, os velhos vinham e se contentavam em ver uma garota bonita se sacudir. Agora, tem que ter um bicho. Você sabe o que é que está acontecendo hoje em dia? O pessoal está enfasiado. Fica difícil a gente trabalhar assim. — Lana acendeu um cigarro e emparelhou com Jones fumaça a fumaça. — Está bem.

Vamos experimentar o papagaio. É mais garantido para mim ver você no palco com ele que no bar com os tíras. Traga essa droga de papagaio.

II

O sr. Gonzalez sentou-se junto ao pequeno aquecedor, ouvindo o barulho do rio, com a alma em paz, pairando em algum nirvana muito além das duas antenas das Calças Levy. Seu inconsciente saboreava a algazarra dos camundongos, o cheiro de papel velho e de madeira e a sensação de posse transmitida pelas calças Levy bufantes que usava. Emitia um filete de fumaça filtrada e fazia pontaria para que a cinza do cigarro caísse exatamente no meio do cinzeiro. O impossível acontecera: a vida nas Calças Levy estava cada dia melhor. O sr. Reilly era a razão. Que fada madrinha entregara o sr. Ignatius J. Reilly na portaria destrocada das Calças Levy?

Ele valia por quatro empregados. Nas mãos competentes do sr.

Reilly, o material a ser arquivado como que desaparecia. E ainda tratava muito bem a srta. Trixie; dificilmente saía uma discussão no escritório. O sr. Gonzalez ficou emocionado com o que vira na véspera: o sr. Reilly, de joelhos, calçando as meias na srta. Trixie. O

sr. Reilly tinha tão bom coração! É claro, havia o problema da válvula. Mas aquele constante falatório sobre a válvula podia ser tolerado. Era seu único inconveniente.

Olhando em torno com alegria, o sr. Gonzalez observava os efeitos da habilidade manual do sr. Reilly. Pregado à escrivaninha da srta. Trixie, estava um imenso cartaz que dizia SRTA. TRIXIE, com um ramalhete de flores desenhado a um canto. Em sua própria mesa, havia o cartaz SR. GONZALEZ, ilustrado com o brasão do rei Afonso.

Havia uma cruz recruzada, pregada em uma coluna da sala, cada braço proveniente de um caixote, ainda exibindo os rótulos de Suco de Tomate Libby e Geléia Kraft, à espera da pintura que o sr. Reilly prometera, que seria marrom com riscas pretas, para imitar os veios da madeira. Diversos potinhos de sorvete vazios, arrumados em cima dos arquivos, mostravam brotos de feijão começando a despontar. O

manto roxo que pendia como cortina da janela mais próxima do sr.

Reilly criava um ambiente de meditação no escritório. Ali o sol despejava uma claridade difusa sobre a imagem de gesso de Santo António, de um metro de altura, que ficava ao lado do cesto de papéis.

Nunca antes houvera um funcionário como o sr. Reilly. Além de interessado, era dedicadíssimo à empresa. Pretendia até mesmo visitar a fábrica, quando a válvula melhorasse, para efetuar benefícios em prol dos operários. Os outros funcionários haviam sido sempre tão desligados, tão relaxados!

A porta se abriu devagar para a chegada da srta. Trixie, precedida por uma enorme sacola.

— Srta. Trixie! — disse o sr. Gonzalez no que acreditava ser um tom de estupor.

— Quem? — gritou a srta. Trixie em frenesi.

Foi então que ela olhou para sua camisola de renda rasgada, semi-encoberta pelo robe de flanela.

— Céus! — falou, esganiçada. — Bem que eu senti um friozinho lá fora.

— Volte para casa imediatamente.

— Está muito frio lá fora, Gomez.

— A senhora não pode trabalhar nas Calças Levy desse jeito.

Desculpe, mas não pode.

— Vou me aposentar? — perguntou a srta. Trixie, esperançosa.

— Não! — chiou o sr. Gonzalez. — Vai em casa só para mudar de roupa. Daqui à sua casa é só virar a esquina. Vamos rápido.

A srta. Trixie esgueirou-se pela porta, batendo-a atrás de si.

Voltou então para apanhar a sacola, que havia deixado no chão, e bateu a porta outra vez.

Quando Ignatius chegou, uma hora mais tarde, a srta. Trixie ainda não tinha voltado. O sr. Gonzalez ouviu as passadas pesadas e lerdas do sr. Reilly na escada. Escancarou-se a porta, e Ignatius apareceu, magnífico, com um cachecol quadriculado do tamanho de um xale em volta do pescoço e uma das pontas enfiada dentro do casaco.

— Bom dia, senhor — disse, majestático.

— Bom dia — respondeu o sr. Gonzalez, em deleite. — Fez uma boa viagem?

— Razoável. Desconfio que o motorista era um piloto frustrado.

Tive que adverti-lo durante todo o trajeto. Na verdade, a hostilidade era recíproca. Onde está nossa companheira de trabalho?

— Tive que mandá-la de volta para casa. Veio trabalhar de camisola.

Ignatius franziu o cenho e disse:

— Não compreendo por que ela foi mandada de volta. Afinal, nós aqui temos um relacionamento informal. Somos uma grande família. Só espero que o senhor não a tenha ofendido. — Encheu um copo no bebedouro para regar os feijões. — Não se espante se um dia eu vier com o meu camisolão. Acho muito confortável.

— É claro que eu não pretendo impor a vestimenta de vocês — disse o sr. Gonzalez, pressuroso.

— Espero que não. A srta. Trixie e eu já temos muitos problemas.

O sr. Gonzalez fingiu procurar qualquer coisa em uma gaveta para não ter que enfrentar os olhares terríveis que Ignatius lhe dirigia.

— Vou terminar a cruz — disse Ignatius finalmente, retirando uma latinha de tinta do bolso enorme de seu sobretudo.

— Que maravilha!

— A cruz, no momento, tem prioridade. Arquivo, ordem alfabética... isso tudo pode esperar até eu terminar este projeto. Aí, quando eu acabar a cruz, vou ter que visitar a fábrica. Desconfio que aquela gente anseia por alguém que ouça suas queixas, dê-lhes diretrizes. Talvez isso possa ser de utilidade para eles.

— É claro. Não preciso dizer-lhe o que fazer.

— Não precisa. — Ignatius encarou o gerente. — Afinal, minha válvula me permitiu essa visita. Não posso desperdiçar a oportunidade. Se eu esperar, ela pode ficar lacrada durante meses.

— Então é bom ir à fábrica hoje — concordou o gerente, com entusiasmo.

O sr. Gonzalez olhou para Ignatius em busca de resposta, mas não a recebeu. Ignatius arquivou o sobretudo, o cachecol e o boné em uma gaveta e pôs-se a trabalhar na cruz. Por volta das onze horas, deu a primeira demão, aplicando a tinta meticulosamente com um pequeno pincel de aquarela. A srta. Trixie

continuava ausente.

Ao meio-dia, o sr. Gonzalez olhou para a pilha de papéis à sua frente e perguntou:

— Por onde andará a srta. Trixie?

— O senhor deve tê-la deixado muito deprimida — respondeu Ignatius com desdém. Passou o pincel de leve pelos cantos irregulares. — No entanto, ela deve aparecer para o almoço. Ontem eu disse a ela que ia trazer um sanduíche de filé. Descobri que a srta.

Trixie aprecia iguarias. Eu poderia oferecer um sanduíche ao senhor, mas creio que o que eu trouxe só dá para mim e para a srta. Trixie.

— Não se preocupe. — O sr. Gonzalez deu um sorriso amarelo e observou Ignatius abrir um saco velho de papel pardo. — Vou ter mesmo que trabalhar na hora do almoço para poder terminar estas faturas.

— Acho melhor mesmo. Não podemos permitir que as Calças Levy soçobre na luta pela sobrevivência.

Ignatius deu uma dentada no primeiro sanduíche, cortando-o pelo meio, e mastigou alegremente alguns instantes.

— Tomara que a srta. Trixie volte logo — disse ele, após terminar o primeiro sanduíche e soltar uma série de arrotos quesoaram como se o seu aparelho digestivo estivesse se desintegrando.

— Desconfio que a minha válvula não tolera muito bem sanduíche de filé.

Quando arrancava com os dentes o recheio do segundo sanduíche, entrou a srta. Trixie, com a viseira de celulóide virada para trás.

— Ei-la que surge — disse Ignatius ao gerente, por sob a folha de alface murcha que pendia de sua boca.

— Ah, é mesmo... — disse o sr. Gonzalez sem convicção. — A srta. Trixie.

— Sabia que o filé haveria de ativar suas faculdades. Por aqui, Mãe do Comércio.

A srta. Trixie foi de encontro à imagem de Santo António.

— Eu sabia que tinha me esquecido de alguma coisa, Gloria — disse a Srta.

Trixie, agarrando o sanduíche e dirigindo-se para a sua mesa.

Ignatius observa, fascinado, o elaborado processo que envolvia as gengivas, a língua e os lábios e que fora desencadeado pelo sanduíche.

— A senhora demorou bastante para mudar de roupa — disse o gerente para a srta. Trixie, reparando com azedume que a nova roupa era pouco mais apresentável que a camisola e o robe.

— Quem? — perguntou a srta. Trixie, esticando a língua cheia de pão e carne mastigados.

— Eu disse que a senhora demorou para se trocar.

— Eu? Eu acabei de sair.

— O senhor quer parar de incomodá-la? — pediu Ignatius, com irritação na voz.

— Ela não tinha motivo para se atrasar. Mora aqui pertinho — disse o gerente, e voltou a trabalhar nos papéis.

— Gostou? — perguntou Ignatius à srta. Trixie, quando ela terminou o último movimento dos lábios.

Ela concordou com um aceno de cabeça e atacou, laboriosa, um segundo sanduíche. Depois de finalmente comer metade, relaxou no encosto da cadeira.

— Ai, Gloria, já estou cheia! Estava uma delícia.

— Sr. Gonzalez, o senhor aceita o pedaço de sanduíche que a srta. Trixie não quis comer?

— Não, obrigado.

— Gostaria que o senhor aceitasse. Caso contrário, os ratos vão nos assaltar em massa.

— É, Gomez, aceite — disse a srta. Trixie, atirando o resto do sanduíche sobre os papéis que estavam na mesa do gerente.

— Veja só o que fez, velha idiota! — gritou o sr. Gonzalez. — Droga de sra. Levy. É o extrato do banco.

— Como ousa atacar o elevado espirito da sra. Levy? — trovejou Ignatius. —

Vou denunciá-lo, senhor.

— Eu levei uma hora para fazer este extrato. Veja o que ela fez.

— Quero o meu peru de Natal! — rosnou a srta. Trixie. — Onde é que ele está? Larguei um emprego muito bom na bilheteria do cinema para trabalhar nesta companhia. Agora, acho que vou morrer dentro do escritório. Vou lhe dizer, os funcionários aqui são muito maltratados. Vou me aposentar *agora mesmo*.

— Por que não vai lavar as mãos? — disse-lhe Gonzalez.

— Boa idéia, Gomez — disse a srta. Trixie, e encaminhou-se para o toalete.

Ignatius ficou desolado. Esperava um escândalo. O gerente começou a passar o extrato a limpo, e Ignatius voltou ao trabalho na cruz. Antes, porém, precisou tirar dali a srta. Trixie, que já voltara, ajoelhou-se e começou a rezar embaixo da cruz, bem no lugar onde ele estava pintando. A srta. Trixie rondava em torno dele, saindo de perto apenas para colocar o selo em uns envelopes do sr. Gonzalez, ir ao banheiro diversas vezes, e para cochilar. O gerente era o único a fazer algum ruído na sala, com a máquina de escrever e de somar, ruídos esses que Ignatius considerava nocivos à concentração. Por volta da uma e meia, a cruz estava quase pronta. Faltavam apenas pequenas letras de papel dourado para compor os dizeres DEUS E

NEGÓCIOS, que Ignatius prontamente aplicou aos pés da cruz. Feito isso, afastou-se e disse à srta Trixie: — Está completo.

— Gloria, mas que beleza! — disse a srta. Trixie com sinceridade. — Veja isto, Gomez.

— Ficou ótimo — disse o sr. Gonzalez, examinando a cruz com olhar cansado.

— Agora, para o arquivo — disse Ignatius, apressado. — Depois, para a fábrica. Não tolero injustiça social.

— É, você tem que ir à fábrica enquanto a sua válvula está funcionando — disse o gerente.

Ignatius foi para trás dos arquivos, apanhou o material acumulado para arquivar e atirou-o na lata de lixo. Reparando que o gerente estava sentado à sua mesa com as mãos sobre os olhos, Ignatius puxou a primeira gaveta, virou-a de cabeça para baixo e jogou também na lata o material que devia ser posto em ordem alfabética.

Correu então para a porta da fábrica, tropeçando, no caminho, na srta. Trixie, que tornara a cair de joelhos diante da cruz.

III

O guarda Mancuso fazia um pouco de serão na expectativa de prender alguém, qualquer um, para levar para o sargento. Levou a tia para casa depois do boliche e passou no bar, por conta própria, para ver se conseguia alguma coisa. Conseguira apenas aquelas três mulheres terríveis, que lhe aplicaram uma surra. Ajeitou a atadura na cabeça ao entrar na delegacia, convocado pelo sargento.

— Que foi que aconteceu com você, Mancuso? — berrou o sargento ao ver a atadura.

— Estou me sentindo muito mal.

— Parece mesmo. Se soubesse fazer o seu serviço, teria recebido informação sobre essas três que apareceram aqui ontem à noite.

— Sim, senhor.

— Não sei qual foi a mulher que alcaguetou o Noite do Prazer, mas o nosso pessoal tem ido lá quase toda noite e não encontrou coisíssima alguma.

— Bem, acho...

— Cale a boca. Você nos deu uma dica furada. Sabe o que acontece com quem faz isso com a gente?

— Sim, senhor.

— Mandamos para o banheiro da Rodoviária.

— Sim, senhor.

— Você vai ficar lá dentro oito horas por dia até trazer alguém.

— Tá bem.

— Não é para dizer "tá bem", é para dizer "sim, senhor". Agora suma daqui e vá para o vestiário. Hoje você vai sair de camponês.

IV

Ignatius abriu o *Diário de um trabalhador* na primeira folha do bloco novinho, pressionando diligentemente a ponta de sua caneta esferográfica para fora. A ponta da caneta das Calças Levy não obedeceu à primeira pressão e voltou ao seu lugar, dentro do cilindro de plástico. Ignatius pressionou com mais força, mas a ponta desobediente tornou a sumir de vista. Furioso, quebrou a caneta na borda da mesa e apanhou um lápis entre os que estavam no chão.

Cutucou a cera dos ouvidos com ele e iniciou a concentração ouvindo os preparativos da mãe para uma noitada na pista de boliche. Muitos eram os passos abruptos de um lado para outro no banheiro, o que queria dizer, ele sabia, que ela tentava executar várias etapas de sua toailete ao mesmo tempo. Seguiram-se então os ruídos a que se habituara desde menino, sempre que a mãe se preparava para sair; o baque da escova de cabelo caindo dentro da pia, o som da caixa de pó-de-arroz despencando no chão, as exclamações repentinas de confusão e caos.

— Puxa! — gritou a mãe de algum ponto da casa.

Ignatius achava irritante a balbúrdia solitária no banheiro, e esperava que terminasse. Afinal, ouviu-a apagar a luz. Ela veio bater à sua porta.

— Ignatius, amor, já vou indo.

— Está bem — replicou Ignatius com frieza.

— Abra a porta, benzinho, e venha me dar um beijo.

— Mãe, eu estou muito ocupado no momento.

— Não seja assim, Ignatius. Abra logo.

— Vá embora com os seus amigos, por favor.

— Ah, Ignatius!

— Você faz de tudo para desviar a minha atenção. Estou trabalhando

numa

coisa

com

excelentes

possibilidades

cinematográficas. Altamente comercial.

A sra. Reilly chutou a porta com os sapatos de boliche.

— Você está estragando esses sapatos absurdos, que foram comprados com o meu salário suado?

— Hein? Que é isso, meu anjo?

Ignatius retirou o lápis do ouvido e abriu a porta. O cabelo acaju de sua mãe estava eriçado e caindo na testa; as bochechas, vermelhas do ruge que fora nervosamente espalhado até o globo ocular. Uma grossa camada de pó embranquecera o rosto da sra.

Reilly, a frente do vestido e alguns tufo de cabelo.

— Ai, meu Deus! — fez Ignatius —, você está cheia de pó no vestido, mas isso também pode ter sido sugestão da sra. Battaglia.

— Por que você está sempre falando mal de Santa, Ignatius?

— Parece que ela já foi bem mais malfalada do que agora. Se algum dia ela me aparecer pela frente, vai ouvir o que quer e o que não quer.

— Ignatius!

— Ela me lembra a expressão vulgar "figurinha difícil".

— Santa já é avó. Você devia respeitá-la.

— Graças a Deus a grosseria da srta. Annie nos devolveu a tranquilidade aquela noite. Nunca na vida assisti a uma orgia tão vergonhosa. Na minha própria cozinha. Se aquele homem fosse um verdadeiro agente da lei, teria prendido a tal "tia" em flagrante.

— Também pare de falar mal de Angelo. Está passando por um mau pedaço, coitado. Santa disse que ele fica no banheiro da Rodoviária o dia inteiro.

— Ai, meu Deus! Dá para acreditar no que estou ouvindo? Faça o favor de ir andando com a sua tropa de mafiosos e me deixe em paz.

— Não trate a coitada da sua mãezinha desse jeito.

— Coitada? Eu ouvi coitada? Se todo o dinheiro que circula nesta casa provém do meu labor! E circula daqui para fora com a maior rapidez.

— Não comece com isso de novo, Ignatius. Eu só apanhei vinte dólares com você esta semana, e quase tive que ficar de joelhos e pedir pelo amor de Deus. Olhe a quantidade de bugigangas que você comprou! Olhe só a máquina de filmar que você trouxe outro dia!

— A filmadora vai ser usada muito em breve. E a gaita-de-boca foi muito barata.

— Desse jeito nós nunca vamos conseguir pagar o homem.

— Isso não é problema meu. Não sei dirigir.

— Não, você nem liga. Você nunca ligou mesmo para nada, menino.

— Eu já devia saber que cada vez que abro a porta do meu quarto estou literalmente abrindo uma caixa de Pandora. Será que a sra. Battaglia não prefere que você espere por ela e por aquele sobrinho devasso na esquina, para não perderem nem um precioso minuto do jogo de boliche? — Ignatius eructou o gás de uma dúzia de bolinhos retidos por sua válvula. — Dê-me um pouco de paz. Não bastam os tormentos a que sou submetido no trabalho? Pensei que tivesse descrito para você, de maneira convincente, os horrores com que me defronto todos os dias

— Sabe que eu admiro você, meu bem — fungou a sra. Reilly.

— Venha cá, dê um beijinho de despedida na mamãe.

Ignatius inclinou-se e beijou-a de leve no rosto.

— Ai, meu Deus! — disse ele, cuspidando pó. — Minha boca vai ficar farinhenta a noite inteira.

— Coloquei muito pó?

— Não, está bem. Você não é artrítica ou coisa parecida? Como é que vai jogar boliche?

— Acho que o exercício está me ajudando. Sinto-me melhor.

Uma buzina soou na rua.

— Parece que o seu amigo fugiu do banheiro — dardejou Ignatius. — É bem do feito dele, ir para aqueles lados da Rodoviária.

Deve gostar de ver esses ônibus de turismo horrorosos entrando e saindo. Para quem tem essa visão do mundo, o ônibus deve ser uma boa coisa. Demonstra o quanto ele é retardado.

— Vou voltar cedo, amor — disse a sra. Reilly, fechando a pequena porta da entrada.

— Provavelmente, vou ser barbarizado por algum assaltante! — gritou Ignatius.

Trancou a porta do quarto, agarrou um tinteiro vazio e abriu a janela. Meteu a cabeça para fora e espiou pelo canteiro até conseguir ver o pequeno Rambler branco, no escuro, junto ao meio-fio. Com toda a força, lançou o tinteiro e ouviu o atingir o teto do carro com mais efeitos sonoros que os esperados.

— Ei! — ouviu Santa Battaglia gritar enquanto fechava em silêncio a janela. Regozijando-se com a desgraça alheia, abriu outra vez o fichário e apanhou seu lápis.

"Caro leitor,

'Um grande escritor é amigo e benfeitor de seus leitores.'

Macauley

Mais um dia de trabalho chega ao fim, prezado leitor. Como já lhe disse, consegui colocar uma pátina, por assim dizer, sobre a turbulência e a alucinação reinantes em nosso escritório. Toda actividade não essencial ao funcionamento do escritório tem sido restringida. No momento, ocupo-me da decoração de nossa palpitante colmeia de burocráticas abelhas (três). A analogia das três abelhas me recorda os três *aa* que mais precisamente descrevem minhas actividades enquanto trabalhador: abranger, abastar, adornar.

Também são três os *aa* que mais precisamente descrevem as actividades de nosso bufão travestido de gerente: aborrecer, advertir, amolar, atamancar, atazanar, atormentar, atrapalhar, arruinar, azafamar, azucrinar. (Neste caso, receio que a lista seja interminável.) Cheguei à conclusão de que nosso gerente não tem outra finalidade senão confundir e estorvar. Se não fosse ele, a outra funcionária (La Dama del Comercio) e eu estaríamos postos em sossego e a

conteúdo, cumprindo nossas obrigações em uma atmosfera de consideração mútua. Tenho certeza de que esses métodos ditatoriais são em parte responsáveis pelo desejo demonstrado pela srta. T. de se aposentar.

Posso finalmente descrever-lhe nossa fábrica. Esta tarde, sentindo-me realizado por haver terminado a cruz (Sim! Está terminada e dá ao escritório a necessária dimensão espiritual), decidi visitar os zumbidos e chiados da fábrica.

A cena que se desenrolou diante dos meus olhos era ao mesmo tempo atraente e repulsiva. A senzala fora preservada para a posteridade pelas Calças Levy. Se um museu etnológico, essas lixeiras da nação, pudesse de alguma forma aspirar a fábrica das Calças Levy e transportá-la para a capital dos Estados Unidos, com cada operário imobilizado em atitude de trabalho, os visitantes deste questionável museu haveriam de defecar em seus ridículos trajes de turista. É uma cena que combina o pior de *A cabana do Pai Tomás* e de *Metropolis* de Fritz Lang; é a escravidão mecanizada; representa o progresso obtido pelo negro quando trocou a colheita do algodão pela indústria têxtil. (Se ainda estivessem no estágio extractivo da evolução, poderiam ao menos ficar na porta de casa cantando e comendo melancias, como fazem, creio eu, quando se reúnem em grupos *al fresco*.) Minhas intensas e profundas convicções referentes à injustiça social foram despertadas. Minha válvula se obstruiu em solidariedade.

Quanto às melancias, devo dizer, sob pena de ser acusado por alguma organização profissional de defesa dos direitos humanos, que jamais fui observador dos costumes populares norte-americanos.

Posso estar errado. Imagino que hoje em dia as pessoas colham algodão com uma das mãos enquanto com a outra seguram um rádio de pilha bem junto ao ouvido, vomitando as cotações de carros usados, as maravilhas de determinado xampu e as delícias do vinho Gallo bem dentro de seus tímpanos, com um cigarro de filtro mentolado pendurado nos lábios, ameaçando incendiar a plantação.

Embora residindo às margens do rio Mississípi (este rio ficou famoso por versos e canções bárbaras; o motivo predominante procura fazer do rio um sucedâneo para a figura paterna. Na verdade, o Mississípi é um sinistro e traiçoeiro curso d'água, cujos redemoinhos e correntezas levam muitas vidas todos os anos. Nunca tive notícia de alguém que se aventurasse a meter o dedão do pé em suas poluídas águas cinzentas, onde se misturam permanentemente esgotos, lixo industrial e insecticidas letais. Até os peixes estão morrendo.

Portanto, sou levado a crer que o Mississípi, enquanto Pai-Deus-Falo, é um tema

falso em sua totalidade, e como tal apareceu a primeira vez pelas mãos enfadonhas e fraudulentas de Mark Twain. Essa discrepância da realidade é, porém, característica de quase toda a „arte“ da América. Qualquer relação entre a arte americana e a natureza americana não passa de mera coincidência, mas isso se dá apenas porque a nação como um todo não tem nenhum contacto com a realidade. Essa é uma das razões por que sempre fui forçado a existir à margem da sociedade, confinado no limbo que se reserva àqueles que identificam a realidade quando a vêem.), nunca vi uma plantação de algodão nem tenho o desejo de fazê-lo. Minha única excursão além de Nova Orleans levou-me ao olho do furacão do desespero: Baton Rouge. Talvez no futuro, em minhas memórias, eu venha a contar aquela peregrinação pelos pântanos, a jornada através do deserto, da qual retornei alquebrado física, mental e espiritualmente. Nova Orleans, por outro lado, é uma metrópole confortável, dotada de certa apatia e estagnação que considero inofensivas. Ao menos o clima é agradável; além do mais, é aqui, em Crescent City, que tenho a garantia de um teto para me abrigar e artigos indigestos para me alimentar, embora certos sectores da África do Norte (Tânger, etc.) de tempos em tempos despertem meu interesse. A viagem de navio, porém, haveria de me irritar, e é óbvio que não sou masoquista a ponto de experimentar uma viagem de avião, mesmo que pudesse arcar com a despesa. Os ônibus de turismo já constituem ameaça suficiente para que eu me acomode em meu *status quo*. Gostaria que tais veículos fossem desactivados; a mim me parece que seu tamanho vai contra alguma portaria do Ministério dos Transportes quanto à visibilidade em túneis ou coisa parecida. Talvez um de vocês, caros leitores, com uma visão mais jurídica do assunto, possa citar o parágrafo de cabeça. Esse tipo de coisa precisa realmente ser suprimido. O simples facto de saber que estão ocorrendo colisões em algum lugar nesta noite escura já me deixa apreensivo.

A fábrica é uma construção ampla, em forma de galpão, que abriga fardos de tecidos, mesas de corte, pesadas máquinas de costura e fornalhas que abastecem de vapor as prensas. O efeito global é bastante surrealista, principalmente ao vermos *les africains* dispersos por ali, cumprindo suas tarefas na instalação mecanizada. A ironia implícita excitou minha imaginação, devo admitir. Alguma coisa de Joseph Conrad me veio à mente, embora naquele momento eu não pudesse precisar o quê, com exactidão. Talvez me comparasse ao Kurtz do *Heart of darkness*, quando, longe dos escritórios de empresas comerciais europeias, viu-se diante do supremo horror.

Lembro-me de ter imaginado a mim mesmo de capacete e culotes de linho branco, com o rosto enigmático encoberto pela tela de um mosquiteiro.

As fornalhas tornam o local tórrido nestes dias gelados, mas desconfio que no

verão os operários voltem a desfrutar do clima de seus antepassados, o calor tropical, em parte ampliado pelas engenhocas de queimar carvão e produzir vapor. Deduzi que a fábrica tem capacidade ociosa, pois observei que apenas um desses dispositivos estava em funcionamento, queimando carvão e o que me pareceu ser uma das mesas de corte. Além disso, vi um único par de calças terminado durante o período que lá passei, embora os operários circulassem por ali carregando todo tipo de farrapos. Uma mulher, reparei, passava na prensa roupas de criança e outra fazia notáveis progressos ao juntar pedaços de cetim rosa em uma grande máquina de costura. Ao que tudo indica, confeccionava um vestido de noite bem colorido, mas, apesar de tudo, muito elegante. Devo dizer o quanto admirei a eficiência com que puxava o tecido de um lado para o outro sob a maciça agulha eléctrica. Essa mulher me deu a impressão de ser funcionária altamente capacitada, e achei lamentável que não estivesse dirigindo seu talento para a criação de calças das Calças Levy. É lógico que havia um problema moral naquela fábrica.

Procurei o sr. Palermo, o chefe de turma, que costuma estar, por coincidência, a poucos passos da garrafa, como atestam as muitas contusões causadas por suas frequentes quedas por entre as mesas de corte e máquinas de costura, mas sem sucesso. Ele deveria estar ingerindo um almoço líquido em um dos muitos botequins das redondezas de nossa organização; há um bar em cada esquina, nas vizinhanças das Calças Levy, o que demonstra que os salários da região são incrivelmente baixos. Nas localidades mais miseráveis, há três ou quatro bares por cruzamento.

Em minha inocência, desconfie que o *jazz* obsceno emitido pelos alto-falantes, nas paredes da fábrica, era o responsável pela apatia que testemunhei nos operários. A psique pode se atrofiar e se desintegrar quando bombardeada por esses ritmos. Portanto, descobri e desliguei o botão que controlava a música. Tal atitude de minha parte provocou um audível e provocativo rumor de protesto da colectividade operária, que passou a me lançar olhares hostis. Tornei então a ligar a música, com um sorriso aberto e acenos de mão, como que reconhecendo a impropriedade da acção e tentando conquistar a confiança dos operários. (Seus enormes olhos brancos já me rotulavam de 'feitor'. Precisaria lutar para demonstrar-lhes minha disposição quase psicótica de ajudá-los.) É óbvio que o estímulo constante da música desenvolveu neles uma resposta quase pavloviana ao ruído, resposta essa que eles acreditam ser de prazer. Tendo despendido incontáveis horas de minha vida assistindo àquelas malfadadas crianças a dançar na televisão esse tipo de música, conheço o espasmo físico que provoca, e experimentei no local minha versão conservadora desse espasmo para apaziguar os operários. Devo admitir que meu corpo se movia com surpreendente agilidade; não sou desprovido do senso inato de ritmo; meus ancestrais devem

ter-se destacado na dança em sua terra de origem. Ignorando os olhares dos operários, sacudi-me por ali, debaixo de um dos alto-falantes, rebolando e gritando como um demente. Percebi que tinha recobrado sua confiança quando vários deles começaram a me apontar e a rir. Ri também, para mostrar que partilhava de seu bom humor. *De casibus virorum illustrium!* Sobre a decadência dos grandes homens! Foi minha queda. Literalmente. Meu considerável

sistema

vital,

enfraquecido

pelas

rotações

(principalmente na região dos joelhos), afinal rebelou-se, e despenquei no chão, na insana tentativa de repetir um dos mais depravados passos de dança a que presenciei na televisão tantas vezes. Os operários, ao que parece, ficaram preocupados e me ajudaram a me levantar com a máxima cortesia, sorrindo de maneira cordial. Conscientizei-me então de que não deveria mais temer o meu *faux pas* ao desligar a música.

A despeito de tudo a que são submetidos, os negros são um povo muito simpático, pelo menos a maioria deles. De facto, tenho pouco a ver com eles, pois prefiro andar só do que mal acompanhado, e, como não tenho mesmo companhia, ando sempre só. Após conversar com vários operários, todos parecendo ansiosos para falar comigo, descobri que ganham menos até que a srta. Trixie.

Em certo sentido, sempre tive alguma afinidade com a raça de cor, pois sua posição é semelhante à minha: ambos existimos à margem do núcleo da sociedade americana. É claro que meu exílio é voluntário. No entanto, tudo indica que muitos negros desejam tornar-se participantes activos da classe média americana. Não consigo entender por quê. Devo admitir que tal desejo da parte deles me leva a indagar quais seriam seus valores. Porém, se pretendem aliar-se à burguesia, isso não é da minha conta. Podem cavar a própria sepultura. Pessoalmente, eu haveria de me transformar em subversivo, se desconfiasse que alguém pretendia ajudar-me a ascender à classe média. Haveria de fazer subversão contra essa nefanda pessoa que quisesse me ajudar, isso sim. A subversão seria sob forma de passeatas de protesto, completas, com as tradicionais faixas, com os dizeres: 'Abaixo a classe média', 'Fora a classe média'.

Também não tenho nada contra um ou outro cocktail molotov. Além disso, evitaria ostensivamente sentar-me ao lado da classe média em lanchonetes ou no transporte público, mantendo a distância intrínseca à magnitude do meu ser. Se um branco classe-média fosse suicida a ponto de se sentar junto de mim, eu lhe daria uma sonora bofetada, lançando, com a outra mão, um certo cocktail molotov em um ônibus que passasse repleto de brancos classe-média. Durasse meu cerco um mês ou um ano, estou certo de que, ao final, todos me deixariam em paz depois de devidamente avaliados a carnificina total e os danos à propriedade.

Admiro de facto o terror que os negros inspiram a certos membros do proletariado branco, e desejaria (trata-se de uma confissão pessoal) possuir o mesmo poder de aterrorizar. O negro aterroriza sendo apenas o que é; eu, porém, preciso ameaçar um pouco para atingir o mesmo objectivo. Talvez eu quisesse ser negro.

Desconfio que seria um daqueles bem grandes e assustadores, esfregando sem cessar minha coxa larga nas coxas branqueadas das velhas brancas nos colectivos, extraindo gritos esganiçados de pânico. Aí, também, se eu fosse negro, não sofreria pressões de minha mãe para arranjar um bom emprego, já que os bons empregos não seriam mesmo para mim. Minha mãe, uma negra velha e cansada, estaria alquebrada pelos muitos anos de sub-emprego doméstico para sair por aí, de noite, jogando boliche. Ela e eu viveríamos tranquilos em um barraco da favela, sem ambições, com a consciência de sermos indesejáveis, de passarmos fome sem que isso representasse muito para nós.

No entanto, não me agradaria assistir ao degradante espectáculo dos negros ascendendo à classe média. Considero esse movimento um grave insulto à sua integridade como povo. Mas começo a desenvolver um tratado de sociologia, e logo esquecerei por completo as Calças Levy, musa empresarial desta obra. Em meus planos para o futuro, poderia incluir uma história social dos Estados Unidos segundo minha visão privilegiada; se o *Diário de um trabalhador* for um sucesso de vendagem, talvez eu venha a registar com minha pena um retrato desta nação. A nação exige um exame minucioso e descomprometido, como este, feito pelo nosso trabalhador, e já tenho em meus arquivos uma formidável colectânea de anotações e textos avaliativos que permitem uma visão em perspectiva da cena contemporânea.

Afastemo-nos agora das asas da prosa e voltemos à fábrica e sua gente, que inspiraram esta digressão um tanto quanto longa.

Como eu estava dizendo, eles tinham acabado de me levantar, sendo que minha

actuação e conseqüente queda provocaram uma agradável sensação de *camaraderie*. Agradei-lhes cordialmente, enquanto indagavam, em seu sotaque setecentista, quanto à minha situação com a máxima solicitude. Eu estava inteiro, e, como o orgulho é um pecado mortal de que me abstenho, respondi que estava tudo bem.

Passei então a questioná-los sobre a fábrica, pois era esse o objectivo oculto de minha visita. Estavam ansiosos para falar comigo e ainda mais interessados em minha pessoa. Ao que parece, as horas embrutecedoras diante das mesas de corte tornam o visitante duas vezes bem-vindo. Tagarelamos em liberdade, embora os operários não fizessem comentários comprometedores sobre o trabalho. Na verdade, pareciam mais interessados em mim do que em qualquer outra coisa; sua atenção não me incomodou, e satisfiz-lhes toda a curiosidade até que se embrenharam no terreno dos assuntos pessoais. Um dos que apareciam esporadicamente no escritório fez perguntas precisas sobre a cruz e o restante da decoração; uma dama de fino espírito solicitou permissão (concedida) para reunir de vez em quando alguns companheiros ao pé da cruz para cantar *spirituals*. (Eu abomino os *spirituals* e esses hinos calvinistas do século XIX, mas condescendi em submeter meus tímpanos à agressão do coral para fazer os operários felizes.) Quando indaguei dos salários, descobri que o envelope de pagamento semanal continha menos de trinta dólares. Depois de alguma reflexão, concluí que uma pessoa merece mais do que isso de salário apenas para permanecer em um local como aquele cinco dias por semana, ainda mais quando se trata da fábrica das Calças Levy, cujo tecto esburacado ameaça desabar a qualquer momento. E sabe-se lá?

Aquele pessoal deve ter coisas melhores para fazer do que ficar à toa nas Calças Levy, tais como compor *jazz*, criar novos passos de dança, ou qualquer coisa desse tipo que eles fazem com tanta facilidade.

Não admira que reine tamanha apatia na fábrica. Assim mesmo, é incrível que a disparidade entre a calma da linha de produção e o atropelo do escritório se abriguem sob o mesmo (Calças Levy) seio.

Se eu fosse operário da fábrica (e provavelmente seria um daqueles bem grandes e assustadores, como já disse), há muito teria invadido o escritório exigindo salários decentes.

Faço aqui um parêntese. Enquanto frequentava meu incoerente curso universitário, encontrei um dia, na cantina, a srta. Myrna Minkoff, jovem universitária, desleixada donzela do Bronx. Tal figura foi atraída à mesa onde eu dava audiência pela singularidade e magnetismo de meu ser. À medida que a

magnificência e originalidade de minha visão de mundo ficavam explícitas na conversa, a petulante Minkoff passou a me atacar em todos os sentidos, inclusive chutando-me por baixo da mesa. Fascinei-a e confundia um só tempo; para encurtar, eu era demais para ela. O

provincianismo dos guetos de Gotham não a preparara para a raridade que é o Seu Trabalhador. Myrna, como vê, achava que todos os seres humanos que viviam ao sul e a oeste do rio Hudson eram caipiras analfabetos ou — pior ainda — brancos protestantes, um tipo de ser humano que se especializou, enquanto grupo, na ignorância, crueldade e tortura. (Não tenho intenção de defender os brancos protestantes; eu mesmo não gosto muito deles.) Em pouco tempo, o estilo grosseiro de Myrna afastou da mesa meus ouvintes, e ficamos a sós, com o café frio e a discussão acalorada. Como eu insistisse em discordar de sua tagarelice, ela terminou por me acusar de anti-semita. Sua lógica era uma combinação de meias verdades e clichês; sua visão de mundo, uma combinação de preconceitos oriundos de uma história da nação escrita da perspectiva de um túnel subterrâneo. Mergulhou em sua enorme sacola preta e lançou-me (quase literalmente) cópias enebadas de *Homens e massas, Agora!, Trincheiras partidas, Transformação e Mudança*, além de panfletos e manifestos de organizações de que era membro activo: Estudantes pela Democracia, Sexo para a Juventude, Muçulmanos Negros, Amigos da Letônia, Filhos da Miscigenação, Conselho de Cidadãos Brancos.

Como se vê, Myrna era tremendamente *engajada* nos problemas sociais; eu, por outro lado, mais velho e experiente, era tremendamente *des-engajado*.

Ela conseguira extorquir de seu pai uma quantia razoável, que lhe permitiu ir para a universidade 'ver o que havia por lá'. Por infelicidade, encontrou-me. O trauma de nosso primeiro contacto alimentou nosso mútuo masoquismo e nos lançou em um caso (platónico) apenas sofrível. (Myrna era de um masoquismo incrível.

Só ficava satisfeita quando a polícia lhe rasgava o *collant* preto ou quando era arrastada para fora das escadarias do Senado.) Devo admitir que sempre desconfieei do interesse sexual de Myrna por mim; minha atitude rigorosa em relação ao sexo a intrigava; em certo sentido, transformei-me em mais um de seus planos masoquistas. No entanto, consegui rechaçar suas diversas tentativas de assalto ao castelo do meu corpo e de minha mente. Como Myrna e eu separadamente já confundíamos os outros alunos, quando nos tornamos um casal confundíamos duplamente os cérebros de galinha sulistas que formavam a maior parte do corpo discente. Os rumores no campus, posso compreender, vinculavam-nos às intrigas mais depravadas.

A panaceia de Myrna para todos os males, de dor na coluna a depressão, era sexo. Ela incutiu sua filosofia de efeitos desastrosos em duas beldades sulistas que tomou sob sua protecção com o intuito de libertá-las do reaccionarismo em que viviam. Após seguir os conselhos de Myrna, com a dedicada colaboração da rapaziada, uma delas teve um colapso nervoso; a outra tentou sem sucesso cortar os pulsos com os cacos de uma garrafa de Coca-Cola. A justificativa de Myrna foi que as moças estavam ainda imaturas para a iniciação, e, com renovada energia, ela continuou pregando a terapia do sexo em todas as salas de aula e pizzarias por onde passava, tendo sido quase estuprada por um porteiro do prédio de Ciências Sociais. Enquanto isso, eu procurava conduzi-la à trilha da verdade.

Depois de vários semestres, Myrna desapareceu da faculdade, dizendo com sua habitual grosseria: „Isto aqui não tem mais nada para me ensinar'. O *collant* preto, a cabeleira desgrenhada, a monstruosa sacola, tudo se fora; as palmeiras do campus voltaram à sua tradicional letargia. Outras vezes tornei a ver essa liberada profetisa da perdição, já que às vezes ela volta ao sul em 'visita de inspecção', detendo-se em Nova Orleans para me atormentar e insistindo em me seduzir nas malhas de seu sorriso e das músicas que toca ao violão. Myrna é muito autêntica; infelizmente, também é muito grossa.

Quando a encontrei em sua última 'visita de inspecção', estava toda mal-ajambrada. Acabara de passar pela zona rural para ensinar aos negros umas canções folclóricas pesquisadas na Biblioteca do Congresso. Os negros, ao que parece, preferiam a música contemporânea e ligavam os rádios de pilha a todo o volume, em atitude de desafio, quando Myrna começava suas lúgubres nébias. Se os negros procuraram ignorá-la, os brancos demonstraram grande interesse. Bandos de campônios e lavradores expulsaram-na dos vilarejos, retalharam os pneus de seu carro, esbofetearam-na em praça pública. Foi rastreada por cães de caça, agulhoada com varas de tanger gado, mordida pelos cães da polícia, ferida de leve com espingardas de chumbinho. Myrna amou a experiência, mostrando-me, orgulhosa (e, devo acrescentar, lasciva), uma dentada na parte posterior da coxa. Meus olhos, atónitos e incrédulos, repararam na ocasião que ela usava meias pretas e não o *collant*. Meu pulso, porém, não se alterou.

Correspondemo-nos com certa regularidade, sendo que o tema preponderante da correspondência de Myrna é o incitamento à minha participação em comícios, passeatas e coisas que o valham. Já que não admito comer em lanchonetes e não sei nadar, ignoro seus convites. O tema secundário da correspondência é o incitamento a que eu me transfira para Manhattan, de modo a podermos elevar nosso estandarte da dupla confusão naquele centro de horror mecanizado. Se algum dia eu me sentir realmente bem, farei a viagem. Neste exacto momento, o mito Myrna no mínimo deve estar em um metrô, sob as ruas do Bronx, saindo

de um comício para uma orgia musical com as classes populares, para não dizer coisa pior. Dia virá em que nossas autoridades hão de detê-la pelo simples facto de existir. O cárcere traria novo significado à sua vida e poria fim a muita frustração.

O comunicado mais recente foi de uma rispidez além do normal. Preciso tratá-la como ela merece, e, assim sendo, lembrei-me dela ao supervisionar as condições subumanas existentes na fábrica. Já passei muito tempo em confinamento miltoniano. Chegou a hora de me lançar, intemorato, à vida em sociedade, não pelos métodos passivos de acção social conforme Myrna Minkoff, mas em grande estilo e pompa.

Você é testemunha de uma decisão de certa forma corajosa, audaciosa e agressiva por parte do autor, uma decisão que revela profundidade, força e militância pouco comuns a uma natureza tão delicada. Descreverei amanhã, com detalhes, minha resposta às Myrnas Minkoffs do mundo. Ela pode resultar, por acidente, na derrubada (tudo em sentido literal) do poder do sr. Gonzalez dentro das Calças Levy. Aquele mistificador precisa ser desmascarado. Uma das maiores organizações de defesa dos direitos humanos, com certeza, cobrir-me-á de láureas.

Eis que me domina uma dor quase insuportável nos dedos, provocada por esta abundante escrituração. Devo baixar o lápis, instrumento da verdade, e banhar minhas crispadas mãos em água morna. Uma intensa devoção à causa da justiça levou-me a esta prolongada diatribe, e sinto que o ciclo-dentro-do-ciclo nas Calças Levy dispara até atitudes inimagináveis.

Nota

de

saúde:

mãos

crispadas,

válvula

aberta

temporariamente (pela metade).

Nota social: nada hoje; minha mãe saiu de novo, com aspecto de cortesã; um de

seus asseclas, talvez interesse relatar, demonstrou-se irrecuperável ao revelar uma atracção fetichista por ônibus de turismo.

Vou pedir a São Martinho, patrono dos mulatos, que vele pela fábrica. Como também é invocado nas epidemias provocadas por ratos, talvez nos ajude no escritório.

Até mais,

Gary, o Trabalhador Militante."

O dr. Talc acendeu um Benson & Hedges e olhou pela janela de sua sala, no Departamento de Ciências Sociais. Do outro lado do campus, viu luzes em algumas salas onde funcionavam os cursos nocturnos. Desde o final do expediente, estivera vasculhando sua mesa atrás de anotações sobre a tradição da monarquia britânica, notas essas copiadas apressadamente de uma brochura de cem páginas do resumo da história da Inglaterra. A palestra seria no dia seguinte, e já eram quase oito e meia. As palestras do dr. Talc, famosas pela ironia e pela aptidão do autor em sintetizar banalidades, fizeram dele o preferido das alunas da universidade, e ajudavam a encobrir sua falta de conhecimento sobre a maioria dos assuntos, em particular sobre história da Inglaterra.

Mas o próprio Talc tinha consciência de que sua sofisticação e seu desembaraço não bastariam para disfarçar sua pouca memória a respeito dos reis Lear e Artur, exceptuando o facto de que o primeiro deixara descendentes. Colocou o cigarro no cinzeiro e recomeçou pela gaveta de baixo. Havia no fundo uma pilha de papéis velhos que ele não examinara com maior cuidado na primeira busca pela escrivanhinha. Pôs os papéis no colo, repassou-os um a um e descobriu que, como imaginara, eram apenas trabalhos não corrigidos, acumulados durante mais de cinco anos. Ao virar uma página, deu com os olhos em uma folha amarelada de bloco, onde estava escrito a lápis vermelho:

"Sua absoluta ignorância sobre o que pretende ensinar merece a pena de morte. Duvido que saiba que São Cassiano foi apunhalado até a morte pelos estiletas de alunos. Tal morte, sublime martírio, fez dele o patrono dos professores.

Invoque o santo, seu louco embusteiro, jogador de golfe e ténis, piadista de coquetéis, pseudopedante, pois precisa com urgência de um patrono celeste. Embora tenha os dias contados, não morrerá como mártir — pois lhe falta uma causa santa —, mas como asno que é.

Zorro"

Na última linha estava desenhada uma espada.

— Que fim terá levado esse sujeito? — disse Talc em voz alta.

O Mattie's Ramble Inn ficava em uma esquina do bairro de Carrollton, onde, após correrem paralelos por uns dez quilômetros, a St. Charles Avenue e o rio Mississippi se encontram e a avenida termina. Ali forma-se um ângulo, a avenida e seus trilhos de bonde de um lado, o rio, a barragem e a estrada de ferro do outro. Nesse ângulo há um bairro pequeno e isolado. Paira sempre no ar o odor pesado da destilaria de álcool no rio, odor que fica sufocante nas tardes quentes de verão, quando o vento sopra do rio. O bairro cresceu sem planejamento há mais ou menos um século, e hoje em dia não restam vestígios de urbanização. À medida que as ruas do centro da cidade cruzam a St. Charles Avenue e penetram no bairro, sofrem uma alteração gradativa do asfalto para o paralelepípedo. É

um vilarejo rural, que tem até alguns estâbulos, microcosmo alienado dentro da cidade grande.

O Mattie's Ramble Inn tinha a mesma aparência dos outros prédios do quarteirão; era baixo, malpintado e mal-aprumado. Com uma ligeira inclinação para a direita, projectava-se perigosamente sobre a estrada de ferro e o rio. A fachada era quase invulnerável, posto que coberta de cartazes de zinco dos mais variados tipos de cervejas, cigarros e refrigerantes. Até a tela de arame da porta anunciava um pão de fôrma. O Mattie's era uma combinação de bar e mercearia, sendo que a parte de mercearia limitava-se ao reduzido estoque de refrigerantes, pães e enlatados. Ao lado do bar havia um balcão frigorífico com uns poucos quilos de frios e salsichas. E

ninguém ali se chamava Mattie; o sr. Watson, o proprietário, *café au lait* e calmo, exercia autoridade absoluta sobre a restrita mercadoria.

— O problema é a falta de estudo — dizia Jones para o sr.

Watson. Jones estava empoleirado em uma banquetta de madeira, com as pernas dobradas sob o assento, como um pegador de gelo pronto a pinçar o banco dali para fora sob os olhos cansados do sr.

Watson. — Se eu tivesse estudo, não estava agora varrendo chão de puteiro.

— Calma — respondeu, distante, o sr. Watson. — Comporte-se com a tal senhora.

— Quê? Uau! O senhor não está entendendo nada, homem.

Arrumei um serviço para trabalhar com um papagaio. Tem graça, trabalhar com um papagaio? — Jones jogou um pouco de fumaça no bar. — Quer dizer, achei bom darem uma chance para a moça. Ela já trabalha com a tia Lana faz tempo. Precisava variar. Mas aposto que o papagaio ganha mais do que eu. É demais!

— Calma, Jones.

— Caramba! Olhe, o senhor virou preto de alma branca — disse Jones. — Aqui não tem ninguém limpando o chão. Como é isso? Diga-me.

— Não se meta em confusão.

— Puxa! Está falando igualzinho à tia Lana. Pena vocês não se conhecerem. Ela ia adorar o senhor. Ia dizer: "Imagine, você é daqueles pretos de antigamente, de que eu gosto tanto!" Ia dizer: "Olhe, você é tão bonzinho, faça uma faxina e pinte a parede. Tão simpático, vamos lavar o banheiro e engraxar os sapatos?" E o senhor ia dizer: "Sim, senhora; sim, senhora. Vou fazer tudo direitinho". Aí deixava cair um lustre e se cortava, e vinha outra puta amiga dela para comparar o que elas cobram, e Lana jogaria um trocado no chão e diria: "Ei, você, não tem graça isso aí. Devolva logo esse trocado senão eu chamo a polícia!" Caramba!

— A tal senhora não falou que ia chamar a polícia se você fizesse confusão?

— Ela vai é se ver comigo. Se vai! Acho que Lana se dá com a polícia. Fica o tempo todo contando casos de um amigo do exército.

Diz que tem uma casa de luxo e que a polícia ali não passa nem na porta. — Jones formou uma nuvem cinzenta em torno do bar acanhado. — Mas ela está tramando qualquer coisa com aquele cara dos órfãos. Esse tipo de gente, quando fala em caridade, pode crer que é safadeza. E sei que em alguma eles estão metidos, e de repente o Chefe dos Órfãos sumiu, só porque eu andava perguntando demais. Merda! Estou a fim de descobrir o que é. Cansei de ficar naquele buraco, trabalhando a vinte dólares por semana, com um papagaio do tamanho de um urubu. Eu queria mais era ter o meu canto. Caramba! Ar condicionado, tevê em cores, tomando umas e outras.

— Quer mais uma cerveja?

Jones olhou para o homem de trás dos óculos escuros e disse: — O senhor está querendo me explorar, me vender mais uma, a mim, um pobre coitado que dá o maior duro a vinte dólares por semana? Está na hora de me dar uma cerveja de graça, porque o senhor ficou rico vendendo bebida para os negrinhos daqui. Mandou até o filho para a faculdade.

— Ele hoje ensina numa escola — disse o sr. Watson, orgulhoso, abrindo uma cerveja.

— Mas que beleza! Puxa! Nunca fiquei mais de dois anos na escola. Mamãe lavava roupa para fora e nem se falava em estudar.

Eu passava o tempo correndo na rua. Eu na rua, mamãe no tanque, ninguém aprendia coisa nenhuma. Merda! Quem vai me dar emprego de corredor de rua? Acabei trabalhando com um papagaio, para uma patroa que deve estar vendendo pó para os órfãos. Que vida!

— Bom, se a situação é tão ruim assim...

— Tão ruim? Arre! É o cativoiro nos dias de hoje. Se eu largar, eles me prendem por vadiagem. Se ficar, não chego nem ao salário mínimo.

— Vou lhe dizer uma coisa — falou o sr. Watson em tom confidencial, inclinando-se no balcão e entregando a cerveja a Jones.

Um outro cliente voltou-se para ouvi-los; vinha prestando atenção à conversa desde o início. — Você podia causar uns estragos. É o único jeito de sair desse buraco.

— Estragos, como?

— Sabe como é — sussurrou o sr. Watson. — Como a cozinheira mal paga que salga a comida, o manobrista que joga óleo onde o carro vai passar.

— Caramba! — disse Jones. — Como o cara do supermercado que sente uma fraqueza nas mãos e deixa cair um engradado de garrafas porque não ganhou hora extra. Legal!

— Agora entendeu.

— Estamos a fim de *grandes* estragos — disse o outro cliente, saindo do silêncio.

— Vamos aprontar, lá onde eu trabalho.

— Ééé? — perguntou Jones. — Onde?

— Nas Calças Levy. Tem um branco grandão que vai lá, na fábrica, dizer para a gente jogar uma bomba atômica na firma.

— Isso já não é mais estrago — disse Jones. — Parece mais uma guerra.

— Comporte-se, tenha respeito — disse o sr. Watson ao estranho.

O homem riu baixinho, até as lágrimas, e disse: — Esse homem disse que reza pelos mulatos e pelos ratos do mundo inteiro.

— Ratos? Caramba! Vocês arrumaram um doido de pedra.

— Ele é muito inteligente — disse o homem, na defensiva. — É

muito religioso. Pôs uma cruz enorme bem dentro do escritório.

— Caramba!

— Ele disse: "Todo mundo vai ser feliz na idade média. Todo mundo tem que pegar um canhão e umas flechas, e jogar uma bomba atômica nisto aqui". — O homem riu outra vez. — Naquela fábrica a gente não tem mesmo nada que fazer. Dá gosto ouvir ele falar, sacudindo o bigode. Vai organizar um protesto perto do qual os outros protestos vão parecer chá de caridade.

— É, parece que ele está organizando um é para botar todo mundo em cana — disse Jones, cobrindo o bar com mais fumaça. — Parece ser um cara pirado.

— Ele é meio esquisito — admitiu o homem. — Mas trabalha bem no escritório, e o gerente de lá, o sr. Gonzalez, acha que o sujeito tem valor. Deixa ele fazer tudo o que quer. Deixa até ele ir lá, na fábrica, na hora que bem entende. Tem muita gente querendo fazer o protesto com ele. Disse que foi o sr. Levy mesmo que deu licença para fazer o protesto, que o sr. Levy quer o protesto para se livrar do Gonzalez. Sei lá! Vai ver eles aumentam o salário. O tal sr.

Gonzalez já tem até medo dele.

— Esse brancão, como ele é? — perguntou Jones com interesse.

— Bem grande e gordo, tem um boné que não tira da cabeça.

Jones arregalou os olhos de trás dos óculos.

— É verde, o boné? Ele usa um boné *verde*?

— É. Como foi que você soube?

— Caramba! — disse Jones. — Vocês se meteram numa fria. Já tem um tira procurando esse maluco. Outro dia ele foi no Noite do Prazer e ficou falando a respeito de um ônibus com aquela menina, a Darlene.

— Como é que você sabe? — perguntou o homem. — Ele também nos falou de um ônibus que uma vez entrou num túnel.

— Ele mesmo. Não se meta com esse cara. É procurado pela polícia. Vocês todos são pretos e vão todos em cana. Caramba!

— Vou perguntar a ele sobre esse negócio — disse o homem. — Não estou nada a fim de fazer protesto com um procurado.

II

O sr. Gonzalez chegou cedo às Calças Levy, como sempre.

Acendeu simbolicamente o pequeno aquecedor e um cigarro de filtro com o mesmo fósforo, duas tochas que anunciavam o começo de mais um dia de trabalho. Dedicou-se então à meditação matinal. O

sr. Reilly acrescentara alguns detalhes à decoração do escritório no dia anterior, tiras de papel crepom lilás, cinza e marrons, de uma lâmpada a outra, por todo o tecto. A cruz, os cartazes e as tiras lembravam ao gerente a decoração de Natal, provocando nele algum sentimentalismo. Olhando com alegria para a área de actuação do sr.

Reilly, reparou que os pés de feijão cresciam tão fortes que começavam a se enroscar nas alças das gavetas dos arquivos. O sr.

Gonzalez tentou imaginar como o encarregado do arquivo conseguia executar suas tarefas sem prejudicar os tenros caules. Enquanto decifrava esse enigma, surpreendeu-se ao ver o sr. Reilly em pessoa explodir como um torpedo porta adentro.

— Bom dia, senhor — disse Ignatius com rispidez, com a echarpe-xale voando horizontalmente atrás de si, qual bandeira de algum clã escocês mobilizado. Uma câmara barata pendia-lhe do ombro, e sob o braço havia uma trouxa parecendo um lençol enrolado.

— Chegou cedo hoje, sr. Reilly.

— O que o senhor está querendo dizer? Sempre chego a esta hora.

— Ah, claro! — disse o sr. Gonzalez humildemente.

— Acha que cheguei cedo por algum motivo?

— Não. Eu só...

— Vamos, fale, meu senhor. Por que esse ar suspeito? Seus olhos cintilam, paranóicos.

— O quê, sr. Reilly?

— Ouviu o que eu disse — respondeu Ignatius, e projectou-se pela porta em direcção à fábrica.

O sr. Gonzalez tentava recompor-se quando foi interrompido pelo som de hurras na fábrica. Talvez, pensou ele, um operário tivesse se tornado pai ou acertado na lotaria. Desde que os operários o deixassem em paz, corresponderia àquela gentileza. Para ele, eram apenas parte das instalações das Calças Levy, sem relacionamento com o "número pensante". Não se enquadravam em suas preocupações; estavam sob o controle bêbado do sr. Palermo.

Quando encontrasse coragem necessária, abordaria o sr. Reilly com a máxima diplomacia sobre o muito tempo que passava na fábrica.

Porém, o sr. Reilly ultimamente andava distante e inabordável, e o sr.

Gonzalez abominava a simples ideia de um confronto com ele. Tinha cãibras nos pés ao pensar naquelas patas de urso baixando sobre sua cabeça, quem sabe transformando-o em estaca que perfurasse o piso imprevisível do escritório.

Quatro operários seguravam Ignatius pelos presuntos que eram suas coxas e, com esforço considerável, tentavam colocá-lo sobre uma das mesas de corte. Acima dos carregadores, Ignatius berrava instruções como se estivesse supervisionando o transporte da mais rara e preciosa carga.

— Mais para cima, à direita, você aí! — gritava. — Mais para cima. Cuidado. Devagar. Está segurando firme?

— Tô — respondeu um deles.

— Está meio bambo. Façam-me o favor! Estou passando para um estado de completa ansiedade.

Os operários viam com interesse os carregadores vacilarem sob tamanho fardo.

— Agora para trás — pediu Ignatius, nervoso. — Para trás até a mesa ficar bem embaixo de mim.

— Não se preocupe, sr. R. — ponderou um carregador. — Vamos levar o senhor direitinho para a mesa.

— Não parece — replicou Ignatius, e seu corpo foi de encontro a uma pilastra. — Ai, meu Deus! Desloquei a clavícula.

Um grito elevou-se dentre os outros operários.

— Ei, cuidado com o sr. R! — gritou alguém. — Ele vai bater de novo.

— Por favor! — gemeu Ignatius. — Alguém me ajude! Mais uma dessas e fico com fractura exposta.

— Olhe, sr. R. — disse um carregador, ofegante —, a mesa está bem do nosso lado.

— Vou acabar sendo atirado numa fornalha antes que esta aventura termine. Desconfio que seria muito melhor fazer o discurso no chão mesmo.

— Apoie os pés, sr. R., a mesa está debaixo do senhor.

— Devagar — disse Ignatius, baixando o pé com todo o cuidado. — Bem, terminou. Tudo certo. Quando eu me firmar, vocês podem parar de me segurar.

Ignatius ficou finalmente em posição vertical sobre a mesa, segurando o lençol embolado diante da pélvis, para esconder da plateia o facto de que, no processo de carregamento, se excitara.

— Amigos! — disse ele com eloquência, e levantou o braço que não segurava o lençol. — Chegou afinal o nosso dia. Espero que tenham trazido seus instrumentos de guerra. — Do grupo reunido em torno da mesa não partiu confirmação nem negativa. — Falo das varas, das correntes, dos porretes, e assim por diante. — Com um coro de risos abafados, os operários mostraram algumas estacas de cerca, cabos de vassoura, corrente de bicicleta e tijolos. — Deus meu! Vocês de facto reuniram um formidável e diversificado arsenal.

A violência deste ataque pode superar as minhas expectativas.

Porém, quanto mais decisivo o golpe, mais definitivos os resultados.

Uma inspecção superficial do armamento só confirma a fé que deposito no sucesso da cruzada de hoje. Em nossa esteira, deixaremos as Calças Levy pilhadas e saqueadas. Quem com ferro fere, com ferro será ferido.

— Que foi que ele disse? — perguntou um operário a outro.

— Devemos tomar de assalto o escritório imediatamente, surpreendendo assim o adversário quando seus sentidos ainda estiverem submersos na bruma psíquica do amanhecer.

— Ei, sr. R., com licença — chamou um homem do meio da multidão. — Disseram-me que o senhor já teve problemas com a polícia. É verdade?

Uma onda de desconforto percorreu os operários.

— Quê? — berrou Ignatius. — Onde ouviu tamanha calúnia?

Mentira deslavada. Algum branco racista, algum caipira em ascensão, quem sabe até o próprio Gonzalez, espalhou esse boato sórdido.

Como ousa? Vocês todos precisam se dar conta de que a nossa causa tem muitos inimigos.

Enquanto os operários aplaudiam com entusiasmo, Ignatius ficou pensando em como fora que aquele operário soubera da tentativa de prisão do demente Mancuso. Talvez estivesse entre os transeuntes diante do magazine. Aquele guarda era uma mosca na sopa de todo mundo. Porém, tudo indicava que a situação fora contornada.

— Agora levaremos isto na vanguarda! — gritou Ignatius após o último e esparso aplauso. Desdobrou, com um golpe teatral, o lençol que tinha à sua frente. Entre manchas amarelas, estava escrito AVANTE em maiúsculas vermelhas. Embaixo, "Cruzada pela dignidade moura", em letras azuis, rebuscadas.

— Imagino quem dormiu nesse trapo velho — disse a dama de fino espírito, encarregada do coral. — Credo!

Outros candidatos a agitadores demonstraram a mesma curiosidade em terminologia mais explícita.

— Agora chega! — gritou Ignatius, batendo o pé com estrondo sobre a mesa. — Por favor. Duas mulheres esculturais queiram levar este estandarte enquanto marchamos para o escritório.

— Eu não encosto a mão nisso — respondeu uma mulher.

— Chega, vocês todos! — disse Ignatius, furioso. — Começo a desconfiar que esse pessoal não quer servir à causa. Parece que vocês não estão dispostos a nenhum sacrifício.

— Para que a gente vai levar esse lençol velho? — perguntou alguém. — Pensei que fosse um protesto por salário.

— Lençol? Que lençol! — replicou Ignatius. — Vocês têm diante de si o mais garboso estandarte, a identificação de nosso propósito, a representação daquilo que almejamos. — Os operários observavam as manchas em detalhe. — Se pretendem invadir o escritório como gado, estarão participando de uma baderna.

Só este estandarte diferencia a agitação. Existe uma geometria para esse tipo de coisa, deve-se observar um certo ritual. Essas duas senhoras aí, segurem isto com orgulho e devoção, bem alto, etcétera.

As mulheres indicadas por Ignatius aproximaram-se, relutantes, da mesa de corte, seguraram desajeitadas o estandarte com os dedos em pinça e o levaram como se fosse o manto de um leproso.

— Ficou mais impressionante do que eu pensava — disse Ignatius.

— Não sacuda isso perto de mim, dona — disse alguém às mulheres, provocando novo acesso de riso.

Ignatius arrumou a câmara e focalizou o estandarte e os operários:

— Querem fazer a gentileza de mostrar os porretes de novo? — Os operários concordaram, prazerosos. Myrna ficaria chocada diante de sua xícara de café quando visse aquilo. — Agora com um pouco mais de violência. Brandindo as armas, orgulhosos. Fazendo cara de maus. Gritando. Seria possível alguém dar uns pulos?

Seguiram as instruções às gargalhadas, todos eles, ou quase, pois as duas mulheres permaneciam, solenes, segurando o estandarte.

No escritório, o sr. Gonzalez observava a srta. Trixie esbarrar no batente da porta ao fazer sua entrada. Ao mesmo tempo, imaginava o que seria o novo e violento clamor vindo da fábrica.

Ignatius filmou a cena por mais um ou dois minutos e depois seguiu com a câmara por uma pilastra, até o tecto, no que acreditava ser um recurso cinematográfico rebuscado, sugerindo desejo. A inveja roeria as entranhas almiscaradas de Myrna. No alto da pilastra, focalizou muitos metros quadrados do forro do telhado. Depois, Ignatius entregou a câmara a um operário e pediu para ser filmado.

Quando a lente se fixou nele, fez caretas e abanou a mão, distraindo os trabalhadores.

— Agora tudo bem — disse, com benevolência, ao retomar a máquina e colocá-la no ombro. — Vamos controlar os impulsos agitadores e planejar nossa estratégia. Primeiro, as duas senhoras aqui vão nos preceder com o estandarte. Logo atrás, vem o coro cantando música folclórica ou religiosa. A senhora responsável pelo coro queira dar o tom. Já que não entendo nada da música de

você, vou deixar o repertório por sua conta, embora lamente a falta de tempo para lhes ensinar um madrigal. Vou sugerir apenas que escolham uma melodia vigorosa. Os remanescentes vão compor o batalhão de ataque. Eu sigo o grupo com a câmara para registrar esta ocasião memorável. Ao final, talvez possamos usufruir de alguns rendimentos com a exibição desse filme em organizações estudantis e associações similares. Agora, lembrem-se. Nossa primeira abordagem será pacífica e racional. Ao entrarmos, as senhoras levam o estandarte até o gerente. O coro se perfila junto à cruz. O batalhão permanece no fundo até ser chamado. Como estamos lidando com o próprio Gonzalez, desconfio que o batalhão será chamado muito em breve. Se Gonzalez não se comover com esse espectáculo, direi: "Atacar!" Esse será o sinal para a investida. Alguma pergunta?

Alguém falou: "Grande merda", mas Ignatius ignorou o aparte.

Havia uma movimentação alegre na fábrica, pois à maioria dos operários agradara a mudança de ritmo. O chefe de turma, sr.

Palermo, aparecera bêbado entre duas fornalhas, para desaparecer em seguida.

— Ao que tudo indica, o plano de batalha ficou claro — disse Ignatius, diante da ausência de perguntas. — Queiram, por favor, tomar posição junto da porta as duas senhoras do estandarte. Agora o coro se perfila, por favor, atrás delas e depois o batalhão. — Os operários formaram rapidamente, rindo e cutucando-se uns aos outros com os instrumentos de guerra. — Ótimo! Agora podem começar a cantar.

A dama de fino espírito soprou um diapasão, e os participantes do coral começaram a cantar com energia:

"Eia, avante, crentes, caminhai na luz; A vitória é certa, ganha por Jesus".

— Parece mesmo estimulante — observou Ignatius. Então gritou: — Em frente!

A formação obedeceu com tamanha rapidez que, antes que Ignatius dissesse mais alguma coisa, o estandarte já atravessara a fábrica e subira a escada do escritório.

— Alto! — berrava. — Venha alguém me ajudar a descer da mesa.

"Eia, avante, crentes, já na guerra entrai; Lombos bem cingidos, fortes, pelejai!

A Jesus seguindo, pela cruz lutai,

E seu estandarte hoje desfraldaí!

Reis e potestades desfalecerão;

Reinos deste mundo cedo passarão;

Sempre triunfante, Cristo marchará;

Seu bendito reino nunca findará!"

— Parem! — gritava Ignatius, frenético, enquanto os últimos da fila penetravam no escritório. — Voltem aqui imediatamente!

A porta tornou a fechar-se. Ele se pôs de joelhos e engatinhou até a beirada da mesa. Olhou em volta e, após um longo período inspeccionando as extremidades, conseguiu sentar-se em uma ponta.

Reparando que seus pés balançavam a poucos centímetros do chão, decidiu arriscar o salto. Ao se lançar da mesa, a câmara escorregou do ombro e caiu no cimento com um baque surdo. Aberto o ventre da câmara, espalharam-se as entranhas de filme pelo chão. Ignatius recolheu tudo e apertou o botão que deveria colocá-la em funcionamento, mas nada aconteceu.

"Eis Jesus ressuscitado!

Ele para o céu subiu.

As prisões quebrou da morte,

Grandes feitos conseguiu".

— O que é que esses dementes estão cantando? — perguntou Ignatius à fábrica deserta, enquanto tentava encaixar dentro do bolso cada milímetro de filme.

"Eis Jesus ressuscitado,

Para a vitória nos ganhar!

Eis Jesus ressuscitado,

Para nos justificar!"

Ignatius, arrastando atrás de si um pedaço de filme desenrolado, apressou-se em chegar ao escritório. As duas mulheres estavam petrificadas, mostrando as costas do lençol manchado para um atônito sr. Gonzalez. De olhos fechados, o coro cantava sem parar, envolto na própria melodia. Ignatius abriu caminho em meio ao batalhão, que ficara obediente, fazendo fundo para a cena, e encaminhou-se para a mesa do gerente.

A srta. Trixie viu-o e perguntou:

— Que está havendo, Gloria? O que o pessoal da fábrica está fazendo aqui?

— Corra enquanto é tempo, srta. Trixie — respondeu ele com grande seriedade.

"Ali na cruz, ali na cruz,

Oh, sim, por mim morreu Jesus!"

— Não ouvi o que você disse! — gritou a srta. Trixie, agarrando-o pelo braço. — É o pessoal da igreja dos crentes?

— Vá sacudir as partes lá no banheiro! — berrou Ignatius, violento.

A srta. Trixie arrastou-se para longe.

— Então? — perguntou Ignatius ao sr. Gonzalez, corrigindo a posição das duas senhoras de modo que o gerente pudesse ver os dizeres do outro lado do lençol.

— Que quer dizer isso? — perguntou o sr. Gonzalez, lendo o estandarte.

— Recusa-se a ajudar essas pessoas?

— Ajudar? — indagou o gerente, com medo na voz. — O senhor está falando de quê, sr. Reilly?

— Estou acusando-o de pecar contra a sociedade.

— O quê? — O lábio inferior do sr. Gonzalez tremia.

— Atacar! — gritou Ignatius para o batalhão. — Este homem é totalmente desprovido de caridade.

— O senhor não o deixou dizer nada — observou uma inconformada carregadora de lençol. — Deixe o sr. Gonzalez falar.

— Atacar! Atacar! — tornou a gritar Ignatius, cada vez mais furioso. Seus olhos azul-amarelados faiscavam.

Sem muito entusiasmo, alguém jogou uma corrente de bicicleta sobre os arquivos, atirando ao chão os pés de feijão.

— Veja só o que você fez — disse Ignatius. — Quem mandou derrubar essas plantas?

— O senhor não falou que era para atacar? — disse o dono da corrente.

— Pare com isso agora mesmo — rugiu Ignatius para um homem que, apático, dava um corte vertical na placa DEPARTAMENTO DE PESQUISA E REFERÊNCIA — I. REILLY, ENCARREGADO com um estilete. — Que é que vocês pensam que estão fazendo?

— O senhor falou para atacar — responderam diversas vozes.

"Avançai! Avançai!, com a Bíblia na mão; Proclamai às nações que já há remissão!

Encarai os perigos com fé em Jesus!

Se sofrermos aqui, reinaremos em luz; Vinde, crentes, lutai; nos trabalhos entrai!

Avançai sem temor, avançai!"

— Parem com essa música horrível! — gritou Ignatius para o coro. — Que tal blasfêmia não torne a ferir os meus ouvidos.

O coro cessou a cantoria com ar magoado.

— Não entendo o que você está fazendo — disse o gerente a Ignatius.

— Ora, cale esse bico de passarinho, seu débil mental.

— Vamos voltar para a fábrica — disse a porta-voz do coro, a dama de fino espírito, com raiva, para Ignatius. — O senhor é muito malvado. Agora eu *acredito* que é procurado pela polícia.

— É isso mesmo — concordaram diversas vozes.

— Esperem um momento — implorou Ignatius. — Alguém tem que atacar Gonzalez. — Inspeccionou o batalhão de ataque. — O

homem do tijolo, venha cá e jogue-o na cabeça dele.

— Não vou jogar nada na cabeça de ninguém — respondeu o homem do tijolo.
— Sua ficha na polícia deve ser muito suja.

As duas mulheres deixaram cair, enojadas, o lençol no chão e seguiram atrás do coro, que já se perfilava em direcção à porta.

— Aonde é que vocês pensam que vão? — gritou Ignatius, com a voz embargada de saliva e furor.

Os do ataque nada disseram, e seguiram os outros para fora do escritório. Ignatius acenava, agitado, para os que ficaram por último e agarrou um deles pelo braço, mas o homem desenvencilhou-se como se fosse um mosquito e disse:

— Tenho mais o que fazer do que ir em cana.

— Voltem aqui! Ainda não terminamos. Podem ficar com a srta.

Trixie, se quiserem! — gritou Ignatius, frenético, para o batalhão, que desaparecia, mas a procissão prosseguia, silenciosa e determinada, pelas escadas até a fábrica. Afinal, a porta se fechou atrás do último cruzado pela dignidade moura.

III

O guarda Mancuso olhou para o relógio. Estava no banheiro havia já oito horas. Já podia devolver o disfarce à delegacia e voltar para casa. Não prendera ninguém o dia inteiro e, o que era pior, sentia que apanhara um resfriado. Ali era frio e húmido. Espirrou e tentou abrir a porta, sem sucesso. Sacudiu a maçaneta, forçou a fechadura, mas parecia trancada. Depois de algum tempo girando e forçando, gritou:

— Socorro!

IV

— Ignatius! Você foi despedido!

— Faça-me o favor, mãe, estou próximo do ponto de saturação.

— Ignatius enfiou a garrafa de elixir embaixo do bigode e bebeu ruidosamente, gargarejando. — Se está planejando virar vampira, estou pronto para ser atacado.

— Um empreguinho num escritório, e nem aí você conseguiu ficar. Com todo o seu preparo.

— Eu era odiado e discriminado — disse Ignatius, lançando uma expressão de tristeza às paredes encardidas da cozinha. Puxou a língua com estalo para fora do gargalo da garrafa e arrotou o elixir.

— A culpada de tudo foi Myrna Minkoff. Você sabe como ela gosta de confusão.

— Myrna Minkoff? Não me venha com besteira, Ignatius. A menina está em Nova York. Você sabe muito bem. Tinha mesmo que fazer das suas lá nas Calças Levy.

— Minha supremacia confundiu-os.

— Dê-me esse jornal, Ignatius. Vamos procurar outro emprego.

— Estou ouvindo bem? — trovejou Ignatius. — Vou ser novamente atirado da beira do abismo? Parece que você expulsou a caridade de seu coração. Preciso passar pelo menos uma semana de cama, com assistência total, para ficar inteiro outra vez.

— Por falar em cama, que fim levou o seu lençol?

— Como é que eu vou saber? Deve ter sido roubado. Eu avisei sobre os assaltantes.

— Você está dizendo que alguém entrou aqui em casa só para roubar um lençol sujo?

— Se você fosse mais conscienciosa na lavagem da roupa, a descrição do lençol seria um pouco diferente.

— Está bem, passe-me esse jornal, Ignatius.

— Você vai mesmo tentar ler em voz alta? Duvido que meu sistema nervoso possa suportar esse tipo de trauma no momento.

Além do mais, estou lendo um artigo muito interessante, na página de ciências, sobre os moluscos.

A sra. Reilly puxou o jornal, deixando nas mãos do filho dois pedaços rasgados.

— Mãe! Essa demonstração de incivilidade é mais um resultado de sua associação à máfia do boliche?

— Cale a boca, Ignatius! — disse a mãe, virando as folhas velozmente até chegar à secção de classificados. — Amanhã de manhã você vai pegar aquele bonde da St. Charles.

— Hein? — perguntou Ignatius, ausente. Pensava no que iria escrever a Myrna. O filme estava inutilizado. Explicar em uma carta o malogro da cruzada seria impossível. — Que foi que você disse, minha mãe?

— Disse que você vai pegar o bonde da St. Charles! — gritou a sra. Reilly.

— Muito bem dito.

— Só vai voltar para casa depois de arranjar trabalho.

— Ao que tudo indica, a Fortuna optou por outra guinada para baixo.

— O quê?

— Nada.

A sra. Levy estava deitada de bruços na mesa vibratória que massajava seu corpo com automática suavidade, batendo na carne tenra e branca qual padeiro amoroso. De braços abertos, segurava firme as traves, embaixo da mesa.

— Ah! — gemeu, contente, mordiscando uma trave na altura do rosto.

— Desligue esse negócio — disse a voz do marido de algum ponto da sala.

— Quê? — A sra. Levy levantou a cabeça e olhou, sonolenta, ao seu redor. — O que você está fazendo aqui? Pensei que fosse ficar na cidade para ir ao Jóquei.

— Mudei de ideia, se você não se importa.

— Claro, por mim tudo bem. Você faz o que achar melhor. Não sou eu quem vai dizer o que você tem de fazer. Pode até dar uma festa, que eu nem ligo.

— Perdão. Sinto ter desviado sua atenção da mesa.

— A mesa não tem nada a ver com isso.

— Ah, desculpe se eu ofendi a mesa.

— Só que não tem mesmo nada a ver. Só quis dizer isso. Estou sendo educada. Não sou eu que começo as discussões.

— Ligue essa droga de novo e cale a boca. Vou tomar um banho.

— Viu? Você fica alterado sem motivo. Não despeje seus sentimentos de culpa em cima de mim.

— Que sentimentos de culpa? Que foi que eu fiz?

— Você sabe, Gus. Você não aproveitou as oportunidades.

Deixou a empresa ir por água abaixo. Podia ser hoje de âmbito nacional. O sangue e o suor de seu pai, que ele lhe deu de bandeja.

— Arre!

— A falência de um próspero negócio.

— Escute, já tive dor de cabeça com essa empresa hoje. Por isso não fui ao

Jóquei.

Depois de lutar contra seu pai durante quase trinta e cinco anos, o sr. Levy resolvera dedicar o resto da vida a não ser molestado. Mas era molestado a cada dia na Cabana dos Levys, por sua mulher, que não se conformava por ele não querer ser molestado pelas Calças Levy. E, mantendo distância das Calças Levy, era ainda mais molestado pela empresa porque tudo lá dava errado. Teria sido mais simples e menos problemático se tivesse assumido as Calças Levy em regime de expediente integral. Mas só o nome "Calças Levy"

já lhe dava azia. Ele o associava ao pai.

— Que foi que você fez, Gus? Assinou uns papéis?

— Despedi um funcionário.

— É mesmo? Grande coisa. Quem foi? Alguém da fornalha?

— Você se lembra de quando lhe contei que o burro do Gonzalez tinha empregado um gordão?

— Ah! Foi esse? — A sra. Levy rolou para fora da mesa vibratória.

— Você precisava ver o que ele fez lá. Tiras de papel penduradas no teto. Uma cruz pregada na pilastra. Assim que entrei hoje no escritório, ele veio reclamar comigo que o pessoal da fábrica derrubou seus pés de feijão.

— Pés de feijão? Ele queria fazer uma horta nas Calças Levy?

— Ninguém sabe o que se passa naquela cabeça. Queria que eu despedisse o que jogou as plantas no chão e mais o que rasgou o cartaz com o nome dele. Disse que os operários da fábrica são um bando de desordeiros que não o respeitam. Disse que estavam esperando por ele lá fora. Então fui à fábrica, falar com o Palermo, que, como sempre, não estava lá, e quem é que encontro? Aqueles operários todos, de tijolos e correntes na mão, espalhados por ali.

Estavam muito agitados, e me contaram que esse tal de Reilly, aquele porcalhão, tinha-os mandado trazer aquilo tudo para quebrar o escritório e dar uma surra em Gonzalez.

— O quê?

— Andou dizendo a eles que eram mal pagos e explorados.

— Acho que ele tem razão — disse a sra. Levy — Ontem mesmo Susan e Sandra mandaram dizer qualquer coisa sobre isso na carta. Os amiguinhos delas na faculdade disseram que, pelo que elas contam do pai, ele devia ser um latifundiário que vive à custa do trabalho dos escravos. As meninas ficaram muito impressionadas. Eu até ia falar com você, mas me aborreci tanto com aquele cabeleireiro que acabei esquecendo. Elas escreveram que, se você não aumentar o salário daquele pessoal, não voltam mais para casa.

— Quem essas duas pensam que são?

— Pensam que são suas filhas, se é que você não se lembra.

Elas só querem que você mereça ser respeitado. Disseram que só quando melhorarem as condições de trabalho nas Calças Levy elas vêm nos visitar.

— Que negócio é esse de se interessarem assim de repente pelos negros? Os rapazes de lá já não têm mais nada para oferecer?

— Agora você ficou de novo contra as meninas. Entende o que quero dizer? É por isso que também não respeito você. Se uma de suas filhas fosse cavalo de corrida e a outra jogadora de baseball, não ia fazer a menor diferença.

— Se uma fosse cavalo de corrida e a outra jogadora de baseball, nós íamos nos dar muito melhor, pode crer. Eu podia ser empresário delas.

— Com licença — disse a sra. Levy, voltando para a mesa. — Não aguento mais ouvir esse tipo de coisa. Estou muito desiludida.

Nem sei como vou tocar nesse assunto quando escrever para as meninas.

O sr. Levy já vira as cartas que a mulher escrevia para as filhas, verdadeiras lavagens cerebrais, que faziam com que as moças voltassem nas férias exalando hostilidade contra o pai pelos milhares de injustiças cometidas contra a mãe. Com ele agora transformado em membro da Ku-Klux-Klan combatendo um jovem cruzado, a sra.

Levy teria assunto para um belíssimo editorial. O material em seu poder era por demais apetitoso.

— Ele era mesmo um psicopata — disse o sr. Levy.

— Para você, personalidade é psicose. Honestidade é complexo.

Já ouvi isso antes.

— Olhe, eu talvez nem o despedisse se um dos operários não tivesse me contado que ouviu dizer que o sujeito é procurado pela polícia. Foi o que precipitou a minha decisão. Essa empresa já me dá muitos problemas para, ainda por cima, eu ter um marginal trabalhando lá.

— Não me venha com essa. É bem típico de você. Para gente como você, os idealistas são sempre uns subversivos. É assim que você se defende deles. Mas obrigada por ter me contado. Vai dar um certo realismo à minha carta.

— Nunca despedi ninguém na minha vida — disse o sr. Levy. — Mas não posso ficar com uma pessoa procurada pela polícia. *Nós* iríamos nos meter em encrenca.

— Faça-me o favor. — A sra. Levy gesticulou da mesa. — Esse jovem idealista deve estar passando por dificuldades. As meninas vão ficar muito sentidas, como eu fiquei. Sou uma mulher de muita personalidade, muito refinada. Você nunca me deu o devido valor.

Fico estagnada ao seu lado. Tudo para você é muito vulgar, inclusive eu. Sinto-me tolhida.

— Então você é frustrada por minha causa, hein?

— Eu era uma moça alegre e comunicativa, cheia de planos. As meninas sabem disso. Eu achava que você ia transformar as Calças Levy numa empresa de âmbito nacional. — A sra. Levy balançava a cabeça de um lado para o outro, continuamente. — Veja só. Hoje em dia aquilo é um negócio falido, num prédio caindo aos pedaços. As suas filhas estão desiludidas. Eu estou desiludida. E esse rapaz que você despediu está desiludido.

— Quer que eu me mate?

— Você é quem sabe. Nunca me pediu opinião para nada. Sou uma peça decorativa. Mais um carro esporte. Pode me usar como quiser. Nem ligo.

— Ora, cale a boca. Ninguém quer usar você para coisa alguma.

— Está vendo só? Sempre agressivo. É a sua insegurança, seus complexos de culpa, sua hostilidade. Se pudesse se olhar de frente e soubesse tratar as pessoas, seria mais agradável. Pode tomar a srta.

Trixie como exemplo. Viu só o que fez com ela?

— Nunca fiz nada com aquela mulher.

— Isso mesmo! Ela é sozinha, desprotegida.

— Ela está quase morrendo.

— Desde que Susan e Sandra se foram, eu é que estou com complexo de culpa. Que é que eu faço da vida? Quais são os meus planos para o futuro? Sou uma mulher cheia de interesses, de ideais.

— A sra. Levy suspirou. — Sinto-me tão inútil! Você me soterrou debaixo de uma pilha de bens materiais que não satisfazem meus objectivos. — Seus olhos grandes encaravam o marido com frieza. — Traga aqui a srta. Trixie, que eu não escrevo essa carta.

— Quê? Não vou trazer aqui aquela esclerosada. Que fim levou o clube de bridge? Da última vez que você não escreveu uma carta, ganhou um vestido novo. Vamos lá. Agora compro um vestido de baile.

— Não basta o que fiz para que ela continuasse uma mulher activa. Precisa de uma ajuda mais personalizada.

— Você a fez de cobaia naquele seu curso por correspondência.

Agora deixe-a em paz. Deixe que ela se aposente.

— Isso seria a morte. Aí é que ela ia se sentir abandonada.

Cabe a você condená-la à morte.

— Mas não é possível.

— Quando me lembro da minha mãe... Todo inverno na praia de San Juan. Queimada, de biquíni. Dançava, nadava, divertia-se, tinha namorados.

— Tinha um ataque cardíaco cada vez que uma onda a derrubava. O que não gastava nos casinos, deixava no consultório médico do Caribe Hilton.

— Você fala da minha mãe porque ela nunca deu confiança para você. Tinha razão. Eu devia ter me casado com um médico, uma pessoa de ideais elevados.

— A sra. Levy balançou a cabeça com tristeza. — Isso para mim, agora, não tem mais importância. O

sofrimento só me fortaleceu.

— Será que você iria sofrer muito se alguém arrancasse os fios dessa droga de mesa vibratória?

— Já lhe falei — disse a sra. Levy, irritada. — A mesa não tem nada com isso. Sua agressividade está passando dos limites. Ouça o meu conselho, Gus. Procure aquele analista da Academia de Medicina, aquele que ajudou Lenny a acabar com o prejuízo da loja.

Ele curou Lenny do complexo que ele tinha por vender terços. Lenny adorou o médico. Agora, fez até um contrato exclusivo de fornecimento de terços para umas freiras que ensinam religião em mais de quarenta colégios católicos espalhados pela cidade. O

dinheiro está entrando que é uma beleza. Lenny está feliz da vida. As freiras também. Até os alunos.

— Que ótimo!

— Lenny aumentou o stock, comprou imagens, acessórios religiosos.

— Deve estar muito bem de vida.

— Está sim. Você devia fazer o mesmo. Procure esse médico antes que seja tarde demais, Gus. Estou querendo ajudá-lo, pelas suas filhas. Por mim, não faço questão.

— Eu sei que não.

— Você é uma pessoa muito confusa. A própria Sandra ficou muito mais feliz depois que fez análise. Um médico da faculdade foi que a ajudou.

— Imagino.

— Sandra pode ter uma recaída quando souber o que foi que você fez com aquele rapaz contestador. Sei que as meninas vão acabar se distanciando totalmente de você. Elas são sensíveis e bondosas, como eu era antes de me embrutecer.

— Embrutecer?

— Por favor. Nem mais uma palavra de deboche. — No gesto de aviso lançado da mesa ondulante, sobressaiu a água-marinha que ela trazia no dedo. — Recebo a srta. Trixie, ou as meninas recebem a carta?

— Você recebe a srta. Trixie — disse o sr. Levy, afinal. — Pode colocá-la em cima dessa mesa até quebrar a bacia.

— A mesa não tem nada com isso!

Sete

I

A Distribuidora Paradise estava instalada onde funcionara uma oficina mecânica, o escuro andar térreo de um prédio comercial desocupado, na Poydras Street. As portas da garagem permaneciam abertas, proporcionando aos que ali passavam o odor acre de cachorro-quente com mostarda misturado à visão do cimento manchado por muitos anos de óleo e graxa derramados. O fedor intenso da Distribuidora Paradise levava às vezes os perplexos transeuntes a espiar pela porta aberta a escuridão da garagem. Lá dentro, seus olhos deparavam com um esquadrão de enormes cachorros-quentes de lata, montados em pneus de bicicleta. Era uma frota digna de respeito. Vários cachorros-quentes estavam amassados. Uma salsicha sofrera esmagamento até ser perfurada pelo guidom: fatalidade do trânsito.

Entre os pedestres de final de expediente que passavam às pressas diante da Distribuidora Paradise, uma figura formidável se destacava pela lentidão. Era Ignatius. Parando diante da ampla garagem, aspirou os gases da Paradise com prazer sensorial, e os cabelos salientes de suas narinas analisaram, catalogaram e classificaram os odores distintos de salsicha, mostarda e lubrificante.

Respirou profundamente e acreditou ter detectado ainda uma essência mais delicada, a de pãezinhos. Olhou para as mãos enluvadas de Mickey Mouse, em seu relógio de pulso, e percebeu que almoçara havia apenas uma hora. Mesmo assim, os aromas convidativos faziam-no salivar em abundância.

Entrou na garagem e olhou em volta. A um canto, um homem idoso cozinhava as salsichas em um panelão cujo tamanho tornava liliputiano o fogão a gás onde se apoiava.

— Com licença, meu senhor — disse Ignatius. — Aqui se vende a varejo?

Os olhos lacrimejantes do homem se voltaram para o estranho visitante.

— Que é que você quer?

— Gostaria de comprar um cachorro-quente desses. Cheira muito bem. Queria saber se podia comprar só um.

— Claro.

— Posso escolher? — perguntou Ignatius, espiando do alto da panela. Na água

fervente, as salsichas chiavam e se sacudiam como parasitos ampliados e coloridos artificialmente. Ignatius encheu os pulmões com o aroma penetrante e acre. "Vou fingir que estou num belo restaurante e que isso é um tanque de camarões."

— Olhe, pegue este garfo — disse o homem, estendendo a Ignatius um espeto torto e enferrujado. — Não deixe a água espirrar na sua mão. Veja só o que aconteceu com o garfo.

— Nossa! — exclamou Ignatius ao homem, depois da primeira mordida. — É meio forte. Isso leva o quê?

— Plástico, farinha, miúdos. Sei lá. Não como o isso de jeito nenhum.

— Tem um sabor curioso — disse Ignatius, pigarreando. — Logo vi que o radar do meu nariz tinha descoberto uma coisa muito rara lá de fora.

Ignatius mastigava com avidez, observando a cicatriz no nariz do homem e escutando seu assobio.

— Estou ouvindo um trecho de Scarlatti? — perguntou, afinal.

— Achei que estava assobiando *Turkey in the straw*.

— Tive a impressão de que o senhor conhecia a obra de Scarlatti. Foi o último dos compositores — observou Ignatius, e diminuiu o ritmo do ataque à comprida salsicha. — Parece que o senhor tem jeito para música; devia dedicar-se a alguma coisa mais interessante.

Ignatius mastigava enquanto o homem recomeçava a assobiar.

Disse então:

— Desconfio que o senhor acha que *Turkey in the straw* seja muito representativo da cultura americana. Pois não é. É uma discordância abominável.

— Para mim não faz diferença.

— Faz uma grande diferença, sim senhor! — gritou Ignatius. — A perpetuação de coisas como *Turkey in the straw* é a própria origem do dilema actual.

— Você é de onde? Que é que você está querendo?

— Qual a sua opinião sobre uma sociedade que considera *Turkey in the straw* um

dos pilares da nossa cultura?

— Quem foi que disse isso? — perguntou o velho, irritado.

— Todo mundo! Principalmente os cantores de música caipira e os professores primários. Crianças encardidas aprendem isso na escola como se fosse um hino.
— Ignatius arrotou. — Creio que vou aceitar mais uma dessas especiarias.

Após a quarta salsicha, Ignatius passou a língua rósea e generosa pelo bigode e disse ao homem: — Há muito tempo não me lembro de ter ficado tão satisfeito.

Foi uma sorte encontrar este lugar. Deixo para trás um dia repleto sabe Deus de que horrores. Estou desempregado no momento e fui lançado à procura de trabalho. Tudo se passa, porém, como se meu objectivo fosse o Graal. Estou vagando pelos escritórios da cidade já faz uma semana. Ao que parece, falta-me algum tipo de deturpação que os patrões estão exigindo hoje em dia.

— Que azar, né?

— Bem, durante a semana, respondi apenas a dois anúncios.

Certos dias, fico irritado e mal consigo passar da Canal Street. Nesses dias, dou graças a Deus se consigo entrar num cinema. Aliás, já vi todos os filmes que estão passando no centro da cidade, e, como esses filmes péssimos não saem nunca de cartaz, acho que a semana que vem promete ser terrível.

O velho olhou para Ignatius, depois para o panelão, o fogão a gás, as carrocinhas amassadas. E disse: — Posso lhe arranjar um emprego aqui.

— Muito agradecido — disse Ignatius, condescendente —, porém não vou poder trabalhar aqui. Esta garagem é muito húmida, e sou sensível aos estímulos respiratórios, entre outros.

— Não é para trabalhar aqui, meu filho. É serviço de vendedor.

— O quê? — berrou Ignatius. — Debaixo de chuva e neve o dia inteiro?

— Aqui não cai neve.

— Já caiu uma vez, há muitos anos. E com certeza cairá de novo, se eu sair por aí empurrando uma carrocinha. Iam acabar me encontrando na sarjeta, com gelo pendendo de todos os orifícios do meu corpo, os gatos vadios por cima de mim, tentando obter o calor do meu último suspiro. Não, meu senhor, muito obrigado. Eu já vou.

Acho que tenho um compromisso.

Ignatius lançou um olhar ausente para o minúsculo relógio e viu que tinha parado outra vez.

— É por pouco tempo — implorou o velho. — Experimente um dia. Que é que você acha? Estou precisando muito de vendedores.

— Um dia? — repetiu Ignatius, incrédulo. — Um dia? Não posso desperdiçar um precioso dia. Tenho coisas para fazer, pessoas me esperando.

— Ah, é? — disse o homem com firmeza. — Então me pague o dólar que me deve pelas salsichas.

— Acho que deixei o dinheiro em casa. Ou no carro, ou em outro lugar. A minha mãe tem vocação para detective e descobriu umas entradas de cinema no meu bolso ontem à noite, de modo que hoje só me deu o dinheiro da condução.

— Vou chamar a polícia.

— Valha-me Deus!

— Pague! Pague, senão vamos parar na delegacia.

O velho pegou o espeto ameaçador e encostou a ponta no pescoço de Ignatius.

— O senhor está perfurando o meu cachecol importado! — gritou Ignatius.

— Dê-me o dinheiro da condução.

— Não consigo andar até a Constantinople Street.

— Apanhe um táxi. Alguém da sua casa paga quando você chegar lá.

— Acha mesmo que a minha mãe vai acreditar quando eu lhe contar que um velho me dominou com um espeto para me roubar dez *cents*?

— Eu é que não vou ser roubado de novo — disse o homem, salpicando saliva em Ignatius. — É isso o que acontece com a gente neste comércio de cachorro-quente. Quem vende cachorro-quente e atende em posto de gasolina sabe como é. Assaltos, roubalheira.

Ninguém respeita vendedor de cachorro-quente.

— Isso é uma inverdade patente, meu senhor. Ninguém respeita vendedor de

cachorro-quente mais do que eu. Eles executam uma das tarefas mais importantes na nossa sociedade. O assalto a um vendedor de cachorro-quente é um acto simbólico. O móvel do crime não é a cobiça, mas o desejo de humilhar o vendedor.

— Cale essa boca gorda e me passe o dinheiro.

— O senhor está irritadiço por causa da idade. Porém, não vou andar cinquenta quarteirões até a minha casa. Prefiro a morte, degolado pelo espeto.

— Está bem, rapaz, agora escute. Vamos fazer um acordo.

Você sai com a carrocinha, fica uma hora na rua, e estamos quites.

— Não preciso de uma licença do Ministério da Saúde, ou coisa parecida? Quer dizer, posso ter um micróbio perigoso debaixo da unha. Aliás, é assim que o senhor recruta os seus vendedores? Seus padrões não estão muito de acordo com as novas técnicas de treinamento e selecção. Sinto-me coagido. Sinto-me até mal em perguntar como é que o senhor despede os seus empregados.

— Nunca mais tente roubar um vendedor de cachorro-quente.

— Já entendi o que o senhor disse. Aliás, o senhor conseguiu danificar o meu peçoço e o meu cachecol. Espero que esteja disposto a indemnizar-me pelo cachecol. Este modelo, não se fabrica mais. Foi feito numa confecção da Inglaterra, destruída pela Luftwaffe. Na época, falou-se que a Luftwaffe bombardeou a fábrica para abalar o moral britânico, pois os alemães viram Churchill usando um cachecol desses numa revista confiscada. Pelo que sei, deve ser o mesmo que Churchill usou num documentário que eu vi. Hoje em dia, seu valor atingiu a casa dos milhares. Também serve de xale. Veja só.

— Bem — disse o homem finalmente, depois de ver Ignatius usar a echarpe como faixa na cintura, lenço de cabeça, capa, *kilt* e tipóia —, você não vai dar muito prejuízo para a Distribuidora Paradise em apenas uma hora.

— Se as alternativas são a cadeia ou um pomo-de-adão perfurado, concordo em empurrar a carrocinha. Mas não sei dizer até onde irei.

— Não me leve a mal, meu filho. Não sou mau sujeito, só que já não aguento mais. Levei dez anos para que a Distribuidora Paradise tivesse um bom nome na praça, e não foi fácil. O povo despreza os vendedores de cachorro-quente. Acha que a gente trabalha para sustentar a vagabundagem. É o maior problema encontrar um pessoal decente para colocar como vendedor. Quando encontro um

rapaz que serve, mal ele sai por aí, é atacado pelos marginais. Como Deus pode ser tão rigoroso comigo?

— Não nos cabe questionar os Seus desígnios — disse Ignatius.

— Pode ser, mas eu não me conformo.

— Os escritos de Boécio poderiam trazer-lhe algum consolo.

— Eu leio o padre Keller e Billy Granham todo santo dia, no jornal.

— Ai, meu Deus! — sibilou Ignatius. — Não admira a sua situação.

— Venha cá — chamou o velho, abrindo um armário de metal perto do fogão. — Vista isto.

Tirou do armário um guarda-pó branco e o entregou a Ignatius.

— Que é isso? — perguntou Ignatius alegremente. — Parece uma beca.

Ignatius enfiou-o pela cabeça. Por cima do sobretudo, o guarda-pó mais parecia um ovo de dinossauro prestes a estourar.

— Prenda-o na cintura com a faixa.

— Nada disso. Essas coisas foram feitas para flutuar em liberdade sobre as formas humanas, apesar de este aqui deixar pouca margem para os movimentos. Tem certeza de que é o maior número?

Também observei que o guarda-pó está meio amarelado nos punhos.

Tomara que essas manchas no peito sejam de *ketchup*, e não de sangue. A última pessoa que usou isto pode ter sido apunhalada por um assaltante.

— Olhe aqui o boné. — O homem deu a Ignatius um rectângulo de papel branco.

— É claro que não vou usar um boné de papel. O meu combina melhor e ainda faz bem à saúde.

— Mas você não pode usar boné de caça. Tem que ser o do uniforme de vendedor da Paradise.

— Não vou sair de boné de papel! Não vou morrer de pneumonia só para lhe fazer a vontade. Pode enfiar o espeto nos meus órgãos vitais! Não vou colocar esse boné. Prefiro a morte à desonra.

— Está bem, então deixe — suspirou o velho. — Venha cá, pegue esta carrocinha.

— Acha que eu vou aparecer por aí com esse horror? — perguntou Ignatius, furioso, alisando a bata no corpo. — Dê-me aquela novinha, com os pneus de banda branca.

— Tá bem, tá bem — disse o homem, impaciente. Abriu a tampa do recipiente da carrocinha e, com um garfo, para lá transferiu as salsichas da panela. — Aí tem uma dúzia de salsichas. — Abriu então a tampa de uma cesta metálica. — Coloquei aqui um pacote de pãezinhos. Entendeu? — Fechou a tampa e abriu uma portinhola na lateral, pintada com um cintilante cachorro-quente. — Aqui tem um fogareiro para a salsicha não esfriar.

— Ai, meu Deus! — disse Ignatius com certo respeito. — Essas carrocinhas mais parecem cartola de mágico. Desconfio que toda vez eu vou abrir a porta errada.

O velho levantou outra portinhola na ponta do cachorro-quente.

— O que é que tem aí? Uma metralhadora?

— Aqui tem mostarda e *ketchup*.

— Bom, vou dar uma volta com a maior boa vontade. Mas pode ser que eu venda o fogareiro para o primeiro que me aparecer.

O homem empurrou a carrocinha até a porta da garagem e disse:

— Tudo bem, meu filho, vá em frente.

— Muito obrigado — replicou Ignatius, e levou o enorme cachorro-quente de lata para a calçada. — Estarei de volta pontualmente daqui a uma hora.

— Não fique em cima da calçada.

— O senhor não está querendo que eu enfrente esse trânsito!

— Poderá ser preso, se andar com a carrocinha na calçada.

— Ótimo — disse Ignatius. — Se a polícia vier atrás de mim, vai espantar os assaltantes.

Vagarosamente, Ignatius foi empurrando a carrocinha para longe da matriz da

Distribuidora Paradise, em meio ao intenso movimento de pedestres, que abriam caminho para o imenso cachorro-quente como ondas na proa de um navio. Aquilo era mais divertido do que ficar visitando chefes de pessoal, muitos dos quais, achava Ignatius, o haviam tratado sem nenhuma consideração nos últimos dias. Já que os cinemas se haviam tornado inacessíveis por impossibilidade financeira, teria que perambular, desalentado, pelo centro da cidade até uma hora razoável para voltar para casa. As pessoas na rua olhavam para ele mas não compravam. Depois de andar meio quarteirão, começou a gritar: — Olha o cachorro-quente! Cachorro-quente da Paradise!

— Saia da calçada, companheiro! — gritou um homem atrás dele.

Ignatius virou a esquina e encostou a carrocinha em um prédio.

Abriu várias portas, preparou um cachorro-quente para si mesmo e comeu-o com voracidade. Sua mãe estivera de péssimo humor a semana inteira, recusando-se a comprar Dr. Nut, batendo na porta quando ele queria escrever, ameaçando vender a casa e ir para um asilo. Exaltou para Ignatius os lances de bravura do guarda Mancuso, que, apesar das circunstâncias, lutava para manter o emprego, queria trabalhar, sempre olhava o lado bom de sua tortura e seu exílio no banheiro da Rodoviária. A situação do guarda Mancuso lembrou a Ignatius a situação de Boécio, quando foi preso pelo imperador antes de ser condenado à morte. Para apaziguar a mãe e melhorar as condições de vida dentro de casa, deu a ela *A consolação da filosofia*, uma tradução da obra escrita por Boécio na prisão, e disse-lhe que era para o guarda Mancuso ler atentamente enquanto estivesse encarcerado no banheiro.

— O livro nos ensina a aceitar o que não podemos mudar.

Descreve a luta do homem honesto numa sociedade desonesta. É a base do pensamento medieval. Sem dúvida vai ajudar o seu guarda nos momentos de crise — disse Ignatius com benevolência.

— É? — perguntou a sra. Reilly. — Ah, Ignatius, que delicadeza!

O coitado do Angelo vai gostar tanto!

Pelo menos por um dia, o presente ao guarda Mancuso trouxe paz temporária à Constantinople Street.

Após terminar o primeiro cachorro-quente, Ignatius preparou e consumiu um segundo, meditando na melhor maneira de adiar sua obrigação de voltar ao trabalho. Quinze minutos mais tarde, reparou que o stock de salsichas diminuía

visivelmente e optou por uma abstinência momentânea. Foi empurrando a carrocinha devagar rua abaixo, gritando outra vez:

— Olha o cachorro-quente!

George, que subia a Carondolet carregado de embrulhos de papel pardo, ouviu a voz e foi até o pantagruélico vendedor.

— Ei, pare! Dê-me um.

Ignatius lançou um olhar severo para o rapaz que se colocara no caminho da carrocinha. A válvula protestou contra o acne, o rosto agressivo sob a cabeleira comprida e oleosa, o cigarro atrás da orelha, o blusão azul-piscina, as botas finas, as calças justas, marcando escandalosamente as partes, em ostensiva violação aos cânones da teologia e da geometria.

— Sinto muito — dardejou Ignatius. — Sobraram poucas salsichas e não posso gastá-las. Com licença.

— Não pode gastar? Por quê?

— Não interessa, vagabundo. Por acaso você não está gazeteando? Quer ter a bondade de não me incomodar? Aliás, eu não tenho mesmo troco.

— Eu tenho dinheiro trocado. — Os lábios finos e brancos sorriam zombeteiros.

— Não vou lhe vender o cachorro-quente, moço. Ficou claro?

— Que foi que houve com você, hein, meu chapa?

— Que houve *comigo*? Que foi que houve com *você* , pergunto eu. Tem cabimento alguém comer cachorro-quente a esta hora da tarde? A minha consciência é que não me deixa vender-lhe o cachorro-quente. Olhe só como a sua pele está estragada. Você está em idade de crescimento, precisa de frutas, legumes e verduras. Eu não vou corromper um menor.

— Que papo é esse? Dê-me logo um cachorro-quente. Estou morrendo de fome; nem almocei.

— Não! — Ignatius gritou tão alto que as pessoas começaram a parar para olhar. — Agora saia da minha frente, senão eu o atropelo com a carrocinha.

George levantou a tampa do recipiente dos pães e disse: — Olhe, aqui tem bastante. Prepare um para mim.

— Socorro! — berrou Ignatius, lembrando-se de repente do que o velho avisara sobre assaltos. — Tem gente roubando os pães!

Polícia!

Ignatius girou a carrocinha e atirou-a de lado, entre as pernas de George.

— Ai! Cuidado aí, seu idiota!

— Socorro! Ladrão!

— Cale essa boca, pelo amor de Deus! — disse George, largando a tampa. — Você devia ir para o hospício, sua bicha.

— O quê? — gritou Ignatius. — Que impertinência é essa?

— Bicha louca e gorda — disse George em voz alta, e virou as costas, batendo com os saltos das botas na calçada. — Quem é que vai comprar salsicha de uma bicha louca?

— Como ousa gritar-me tamanhas obscenidades? Pega ladrão!

— berrou, furioso, enquanto George desaparecia na multidão. — Alguém decente pegue esse delinquente! Peguem o pivete! Não existe mais respeito! Esse tinha que ser açoitado até perder os sentidos.

Uma mulher, no meio do grupo formado em torno da carrocinha, reclamou:

— Que coisa horrorosa! Onde é que eles arranjam esses vendedores?

— Ordinários. São todos uns ordinários — respondeu alguém.

— É a bebida. Todos eles bebem. Não deviam deixar esse pessoal solto pela rua.

— Minha paranóia foge ao meu controle — perguntou Ignatius aos que o cercavam — ou vocês, mongolóides, estão mesmo falando de mim?

— Deixe pra lá — disse alguém. — Que olhos esquisitos!

— Que é que há de esquisito nos meus olhos? — perguntou Ignatius com grosseria.

— Vamos embora daqui.

— É bom mesmo — replicou Ignatius, batendo o queixo de ódio e preparando

outro cachorro-quente para acalmar seu abalado sistema nervoso. Com as mãos trêmulas, segurou a embalagem de plástico vermelho e abocanhou cinco centímetros de sanduíche a cada dentada. A mastigação fez o efeito de uma massagem em sua mente conturbada. Depois de deglutir a última migalha, sentiu-se muito mais calmo.

Pegou outra vez a alça da carroça e continuou a subir a Carondelet Street, gíngando atrás do cachorro-quente. Fiel ao seu propósito de dar a volta no quarteirão, tornou a virar a esquina e estacionou junto às paredes de granito de Gallier Hall, onde deu cabo de mais dois cachorros Paradise, antes de continuar a última etapa da jornada. Ao virar finalmente a quarta esquina e ver o letreiro da DISTRIBUIDORA PARADISE projectando-se em ângulo sobre a Poydras Street, precipitou-se em um trote acelerado, que o deixou resfolegante às portas da garagem.

— Socorro! — implorou Ignatius com um fio de voz, deixando cair o cachorro-quente de lata no piso de cimento.

— Que foi, companheiro? Não era para você ficar uma hora?

— Foi sorte eu ter conseguido voltar. Acho que eles atacaram outra vez.

— Quem?

— O crime organizado. Seja lá quem for. Olhe só as minhas mãos. — Ignatius exibiu as patas diante do rosto do homem. — Meu sistema nervoso se rebelou contra mim mesmo por me submeter a tal agressão. Não repare se eu entrar em estado de choque.

— Mas, afinal, que foi que houve?

— Um delinquente juvenil me atacou na Carondelet Street.

— Você foi roubado? — perguntou o homem com agitação.

— Brutalmente. Com o cano de uma pistola encostado na têmpora. Aliás, pressionado de encontro a uma artéria, suspendendo por algum tempo a circulação de sangue do lado esquerdo da cabeça.

— Na Carondelet Street, a esta hora da tarde? E ninguém fez nada?

— Claro que ninguém fez nada. O povo estimula esse tipo de coisa. Eles devem sentir um prazer nefando ao ver um pobre vendedor sendo humilhado. Vai ver até que apoiavam a iniciativa do garoto.

— Como ele era?

— Como milhares de outros. Espinhas, cabeleira, adenóides, o equipamento padrão dos adolescentes. Devia haver mais alguma coisa, como um sinal de nascença ou uma cicatriz. Não consigo me lembrar. Depois que a pistola foi espetada na minha cabeça, estou me ressentindo da falta de circulação no cérebro. Enquanto eu estava jogado na calçada, ele saqueou a carrocinha.

— Roubou muito dinheiro?

— Dinheiro? Não levou dinheiro nenhum. Afinal, não havia dinheiro para roubar, já que eu não consegui vender nenhuma dessas iguarias. Ele roubou os cachorros-quentes. Isso mesmo. Mas parece que não levou todos. Ao me recobrar, verifiquei a carroça. Ainda ficaram uns dois.

— Nunca ouvi falar nisso.

— Ele devia estar com fome. As deficiências nutritivas da idade de crescimento exigem uma compensação. O desejo humano de alimento e sexo é semelhante. Se existem estupros à mão armada, por que não roubo de cachorro-quente à mão armada? Não vejo diferença nenhuma.

— Você tem merda na cabeça.

— Eu? O incidente tem validade sociológica. A culpa é da sociedade em que vivemos. A juventude, transtornada pelos programas permissivos de televisão e pela imprensa lasciva, vem se defrontando com mulheres mais convencionais, que se recusam a participar de suas fantasias sexuais. Seus desejos físicos não realizados encontram sublimação na comida. Infelizmente fui vítima dessa conjunção. Temos que dar graças a Deus por esse rapaz encontrar derivativo na comida. Caso contrário, eu teria sido estuprado ali mesmo, onde estava.

— Só ficaram quatro — disse o velho, espiando o compartimento das salsichas.
— Que filho da puta! Como foi que ele conseguiu carregar tanto cachorro?

— Não sei mesmo — disse Ignatius. E acrescentou, indignado: — Quando voltei a mim, a tampa da carrocinha estava aberta. Claro que ninguém me ajudou a me levantar. O guarda-pó denunciava a minha condição de vendedor, um intocável.

— Vamos tentar de novo?

— Quê? Na situação em que estou, acha mesmo que vou voltar para o meio das

feras? O dinheiro que me resta vai para as mãos do condutor de bonde da St. Charles. E o resto do dia, pretendo passar numa banheira, tentando recuperar-me.

— E que tal voltar amanhã, companheiro, para fazer outra tentativa? — perguntou o homem, esperançoso. — Estou muito precisado de vendedores.

Ignatius considerou a proposta por algum tempo, examinando a cicatriz no nariz do velho e eructando temperos. Afinal, teria um emprego. Daria para satisfazer a mãe. O trabalho não tinha supervisão nem imprevistos. Pôs fim à meditação com um pigarro.

— Se amanhã eu acordar funcionando, talvez volte. Não posso prever a que horas vou chegar, mas o senhor pode mais ou menos me esperar.

— Está bem, meu filho — disse o homem. — Meu nome é Clyde.

— Muito prazer — disse Ignatius, e lambeu um farelo que descobrira no canto da boca. — Aliás, sr. Clyde, vou para casa de guarda-pó, para provar à minha mãe que estou trabalhando. O

senhor sabe, ela bebe muito, e precisa ter garantia de que o dinheiro do meu labor vai continuar financiando o stock. Levo uma vida muito difícil. Quem sabe um dia eu lhe conte todos os detalhes. No momento, porém, gostaria de esclarecer umas coisas sobre a minha válvula.

— *Válvula?*

— É.

II

Jones passava uma esponja a esmo no balcão do bar. Lana Lee saíra para fazer compras, pela primeira vez depois de muito tempo, trancando a caixa registradora com estardalhaço e implícita ameaça antes de ir. Depois de secar por alto o bar, Jones atirou a esponja de volta ao balde, sentou-se em uma banqueta e tentou se concentrar na última *Life* emprestada por Darlene. Acendeu um cigarro, mas a nuvem de fumaça tornou a revista ilegível. O local mais iluminado do Noite do Prazer era a caixa; Jones pulou o balcão e lá se instalou.

Começava a apreciar a movimentada cena de festa de um anúncio da Seagram's quando Lana Lee entrou.

— Eu não devia mesmo deixar você sozinho aqui — disse ela, abrindo a bolsa, de onde tirou uma caixa de giz que guardou no armário sob o bar. — Que é que você está fazendo aí na caixa? Volte para a faxina.

— Já terminei a faxina. Já estou prático no serviço. Acho que preto já nasce sabendo mexer com vassoura e pano de chão. Pra gente é natural, é como comer, respirar. Aposto que, se der um pano para um negrinho de um ano, ele vai esfregar o bumbum. Se vai!

Jones voltou à revista enquanto Lana trancava o armário. Olhou então para as trilhas de poeira no chão, dizendo que Jones passara ali um arado e não um pano molhado. Havia riscas de chão limpo com sulcos, e riscas de poeira como montículos. Embora Lana não soubesse, tratava-se da primeira e sutil tentativa de sabotagem de Jones. Ele planejava maiores estragos para o futuro.

— Ei, você aí! Dê uma olhada neste chão.

Jones olhou, relutante, de trás dos óculos escuros e não enxergou coisa nenhuma.

— Puxa! Beleza de chão! Caramba! Tudo aqui no Noite do Prazer é de primeira.

— Está vendo essa sujeira?

— A vinte dólares por semana, tem que ficar um pouco de sujeira. Vai sumir rapidinho quando o salário passar para cinquenta ou sessenta.

— Quando eu pago, quero ver o serviço bem feito — disse Lana com raiva.

— Escute, a senhora já tentou viver com o que eu ganho? Acha que negro compra roupa e comida com desconto? A senhora pensa em quê, quando fica um tempão contando dinheiro? Sem essa! Lá onde eu moro, eles vendem cigarro a varejo, sabia? Não dá para comprar o maço, então a gente compra o cigarro avulso. Acha que é fácil criar um filho assim? Merda. Não estou brincando, não. Estou é cansado de ir em cana por vadiagem ou então salvar a pele por um salário desses.

— Quem foi que tirou você do meio da rua e lhe deu emprego quando a policia estava no seu pé? É bom se lembrar disso em vez de ficar escondendo as besteiras que faz atrás desses óculos.

— Besteiras? Merda. Besteira é a faxina deste puteiro. Ficar aqui varrendo a merda que os seus fregueses jogam no chão. Uns pobres coitados que entram aqui achando que vão se divertir e acabam pegando gonorreia dessa água contaminada. Caramba! E por falar em dinheiro, a senhora deve estar economizando bastante, agora que o tal amigo dos órfãos parou de aparecer. Já que parou de fazer caridade, bem que podia dividir comigo essa "caixinha".

Lana não disse nada. Grampeou a nota do giz no livro caixa, para incluí-la nas despesas. Já comprara um globo com mapa-múndi de segunda mão, que também estava guardado no armário. Agora só precisava de um livro. Pediria a George, quando se encontrassem novamente. Ele deveria ter algum do seu tempo de colégio.

Lana demorara um pouco para reunir o equipamento. Quando os policiais à paisana vinham todas as noites, estivera por demais preocupada para se dedicar ao projecto de George. Tivera ainda muitos problemas com Darlene, único ponto vulnerável em sua malha de protecção contra policiais disfarçados. Mas agora eles tinham sumido de maneira tão repentina quanto haviam aparecido. Lana os detectava logo na entrada, e com Darlene fora de circulação, apresentando o *show* do papagaio, eles não tinham mais o que fazer.

Lana observara que ninguém reparava neles. Era preciso experiência para distinguir um tira. Mas quem fosse capaz da distinção escaparia de boas enrascadas.

Faltava conseguir apenas duas coisas. Uma era o livro. Se George quisesse o livro, ele que o arranjasse. Ela não compraria um livro, nem usado. Outra era trazer Darlene de volta às mesas, agora que os policiais haviam sumido. Pagar a Darlene uma comissão era preferível a lhe pagar salário. E, pelo que vira de Darlene no palco com o papagaio, seria melhor, no momento, para o Noite do

Prazer, não se lançar no ramo zoológico.

— Onde está Darlene? — perguntou Lana a Jones. — Tenho um recado para ela e o papagaio.

— Ela ligou dizendo que virá à tarde para ensaiar mais um pouco — disse Jones, sem tirar os olhos da revista. — Disse que primeiro ia levar o papagaio ao veterinário porque as penas dele estão caindo.

— Ah, é?

Lana começou a pensar no globo, no giz e no livro em conjunto.

Já que aquilo tinha possibilidades comerciais, deveria ser feito com alguma sofisticação. Visualizou diversas possibilidades que combinassem classe e obscenidade. Nada de grossura. Afinal, o mercado era ainda muito incipiente.

— Chegámos — anunciou Darlene alegremente, da porta.

Desfilou pelo bar de calça comprida e japona, carregando uma gaiola coberta.

— Bom, não é para ficar muito tempo — respondeu Lana. — Tenho novidades para você e o seu amigo.

Darlene colocou a gaiola no balcão e descobriu um papagaio enorme, tísico, todo alaranjado, que parecia, como um carro usado, ter passado pelas mãos de vários proprietários. O bicho abaixou a crista e gritou horivelmente:

— Ruóóó.

— Bom, Darlene, tire-o daqui. Você volta para as mesas hoje à noite.

— Ai, Lana! — gemeu Darlene. — Por causa de quê? Nós ensaiamos tanto. Só falta acertar umas coisinhas. Vai ser o maior sucesso.

— Para dizer a verdade, Darlene, estou com medo de você e do papagaio.

— Olhe, Lana. — Darlene tirou a japona e mostrou à empresária uma fileira de anéis presos à calça e à blusa por alfinetes de fralda. — Está vendo só? É o que vai fazer mais sucesso. Ele puxa os anéis com o bico e tira a minha roupa. Quer dizer, esses anéis aqui são só para treinar. Quando eu mandar fazer o meu vestido, mando costurar os anéis nuns ganchos, e, quando ele der uma bicada, a roupa abre toda. Escute o que eu estou lhe dizendo, Lana, vai ficar sensacional.

— Olhe aqui, Darlene, acho melhor esse bicho continuar voando em volta da sua cabeça, essas coisas que ele faz, normalmente.

— Mas agora é que vai ser um número de verdade. Ele vai *bicar*...

— É, vai bicar o seu peito. Só me falta aqui é um acidente, com ambulância para espantar a clientela e me dar prejuízo. Quem sabe o bicho resolve voar para a plateia e bicar o olho de alguém. Para ser franca, não confio em você com um papagaio na mão, Darlene. A segurança da casa em primeiro lugar.

— Ai, Lana! — Darlene estava inconsolável. — Dê-nos uma chance. A gente estava se saindo tão bem!

— Não. Chega. Tire isso daqui antes que ele faça cocô no balcão. — Lana jogou a capa sobre a gaiola. — Aqueles que você-

sabe-quem-são já sumiram, e você já pode voltar para as mesas.

— Acho que vou contar você-sabe-para-quem, que os você-

sabe-quem-são andam por aqui, e você-sabe-quem vai ficar com medo e se mandar.

Jones levantou os olhos da revista e disse: — Se vocês aí ficarem com essa conversa enviesada, vou ter que parar de ler. Droga! Que negócio é esse de você-sabe-quem?

— Desça dessa banqueta, seu marginal, e volte para o seu serviço.

— O papagaio tem vindo aqui para o Noite do Prazer, ensaiar, representar — disse Jones, sorrindo de dentro da nuvem. — Que merda! Não pode tratar ele como um negro.

— Isso mesmo — concordou Darlene com honestidade.

— Já que a senhora parou de fazer caridade para os órfãos e não me beneficiou, podia ajudar a coitada da moça a sair do trabalho de comissão. Oi! — Jones já vira o papagaio voando pelo palco enquanto Darlene fazia que dançava. Nunca vira um espectáculo pior; Darlene e o bicho eram um horror. — Falta consertar umas coisinhas, rebolar um pouco mais, mas estou achando o número muito bom.

— Viu só? — Darlene disse a Lana. — Jones deve entender disso. Os pretos têm o ritmo no sangue.

— Ah, isso é verdade!

— Não quero assustar alguém contando o caso de umas certas pessoas.

— Cale essa boca, Darlene — gritou Lana.

Jones cobriu as duas de fumaça e disse: — Acho Darlene e o papagaio um quadro diferente. Vão atrair fregueses novos para a casa. Qual é o outro bar que tem um número com aves?

— Seus caipiras, vocês acham mesmo que isso é um *show*? — perguntou Lana.

— Mas claro que é. Branco sempre tem em casa canário ou periquito. É só eles descobrirem que o Noite do Prazer agora tem um papagaio, que vão fazer fila na porta. A senhora vai ver o que é *show*. Se vai! — Jones criou uma nuvem carregada que parecia prestes a explodir em tempestade. — Darlene e o papagaio só têm que acertar umas coisinhas. Que merda! A moça começou agora, precisa ter uma chance.

— Isso mesmo — apoiou Darlene. — Comecei agora com o número. Preciso de uma chance.

— Cale a boca, burra. Onde é que você inventou essa história de bicho fazendo *striptease*?

— Foi em casa, Lana — disse Darlene, entusiasmada. — A ideia me veio de repente. Eu estava lá sentada, vendo ele brincar com umas argolas, e pensei: Darlene, bem que ele podia puxar uns anéis na sua roupa.

— Pare de dizer besteira — disse Lana. — Está bem, vamos deixar para resolver isso mais tarde.

— Pô! Assim é que se fala. Vai aparecer um monte de gente para ver esse *show*.

III

— Santa, eu tinha que ligar para você.

— Que houve, Irene, meu bem? — perguntou a voz de barítono da sra. Battaglia, em tom comovido.

— É o Ignatius.

— Que foi que ele fez, amor? Conte para a sua amiga.

— Um momento. Vou ver se ele ainda está na banheira. — A sra. Reily ouviu, apreensiva, o ruído de líquido entornado que vinha do banheiro. Era como se uma baleia resfolegasse atrás da porta frágil. — Tudo bem. Ele ainda está lá. Não consigo mentir para você, Santa. Estou desconsolada.

— Por quê?

— Ignatius chegou há mais ou menos uma hora vestido de açougueiro.

— Que bom! Arranjou outro emprego, esse gordo preguiçoso.

— Mas não foi num açougue, amor — disse a sra. Reilly, com desgosto na voz. — É vendedor de cachorro-quente.

— Que é isso, está brincando? — resmungou Santa. — Vendedor de cachorro-quente? Desses que ficam na rua?

— Na rua, minha filha, como um vagabundo.

— Vagabundo mesmo, menina. Até coisa pior. É só ler os casos no jornal. São todos uns vadios.

— Não é uma coisa horrorosa?

— Esse menino precisava de uns tabefes no meio da cara.

— Logo que ele chegou, Santa, mandou eu adivinhar qual era o emprego que ele havia arranjado. Aí eu disse: "Açougueiro, né?"

— Claro.

— Então ele falou, muito atrevido: "Adivinhe de novo. Está frio". Fiquei tentando uns cinco minutos, até não conseguir mais me lembrar de nenhum emprego em

que se use avental branco. Só aí foi que ele disse: "Errou todas. Meu trabalho é vender cachorro-quente".

Quase tive um troço, Santa, ali mesmo na cozinha: imagine se eu caísse e batesse com a cabeça em alguma coisa!

— Ele nem ia ligar, conheço esse tipo de gente.

— Não ia mesmo.

— Não ia dar a mínima.

— Ele não liga a mínima para a própria mãe — disse a sra.

Reilly. — Como tanto preparo, você entende, empurrando uma carrocinha no meio da rua em plena luz do dia!

— E o que foi que você disse para ele, bem?

— Não disse coisa nenhuma. Quando eu ia abrir a boca, ele saiu correndo e se trancou no banheiro. Está lá dentro, até agora, inundando o chão todo.

— Um instante, Irene. Estou com a minha netinha passando o dia aqui em casa — disse Santa, e gritou para alguém, fora do fone: "Saia de perto do fogão, Charmaine, e vá brincar lá na rua, senão eu lhe dou uma surra".

Uma voz de criança respondeu qualquer coisa.

— Deus do céu! — Santa continuou calmamente a conversa com a sra. Reilly. — Gosto de crianças, mas tem vezes que não sei, não. Charmaine! Vá lá para fora andar de bicicleta, senão eu lhe quebro a cara. Volta já, Irene.

A sra. Reilly ouviu Santa colocar o fone na mesa. Depois, um grito de criança, uma porta batendo, e Santa voltou no aparelho.

— Virgem, essa menina anda desobediente demais! Estou fazendo macarronada para ela, e fica o tempo todo mexendo na panela. Acho que esses colégios de freiras deviam dar mais educação para essas crianças. Você conhece Angelo. No colégio onde ele estudava, as freiras castigavam para valer. Teve uma que o jogou em cima do quadro-negro. Hoje ele obedece, tem educação.

— As freiras gostavam demais de Ignatius. Era um menino tão bonzinho! Ele sempre ganhava santinhos porque era o primeiro da turma de catecismo.

— Esse era um que devia ter apanhado das freiras.

— Naquele tempo, quando ele chegava em casa com um monte de santinhos — fungou a sra. Reilly —, eu nem podia imaginar que ele ia acabar vendendo cachorro-quente no meio da rua. — A sra.

Reilly começou a tossir forte ao telefone. — Mas conte, querida, como é que vai Angelo?

— Rita, a mulher dele, me ligou ainda há pouco, dizendo que achava que ele ia pegar uma pneumonia de tanto ficar metido naquele mictório o dia inteiro. Vou lhe dizer, Irene, Angelo está mais branco que defunto. A polícia não está tratando o menino direito. Ele adora a corporação. Quando terminou o curso, ganhou até medalha.

Ficou feliz da vida.

— É, Angelo está mesmo com um aspecto péssimo — concordou a sra. Reilly.
— Pegou um resfriado fortíssimo, coitado.

Bem, talvez ele se sinta um pouco melhor lendo um negócio que Ignatius mandou para ele. Ignatius disse que é um livro de meditação.

— Ah, é? Eu é que não acredito nessa história de "livro de meditação". Vindo de Ignatius, deve ser é revistinha de sacanagem.

— Imagine se um conhecido meu encontra com ele empurrando a carrocinha!

— Não precisa ficar com vergonha, querida. Você não tem culpa desse abacaxi — rosou Santa. — Você precisa é de um homem dentro de casa, filha, para impor respeito. Vou ver se eu descubro aquele velho simpático que perguntou por você.

— Não estou querendo um velho simpático. Queria era um filho simpático.

— Não se preocupe. Deixe com Santa. Vou dar um jeito. O

homem que dirige o mercado de peixe disse que não sabe o nome dele. Mas vou descobrir. Aliás, eu o vi descendo a St. Ferdinand Street outro dia.

— Ele perguntou por mim?

— Ora, Irene, eu nem cheguei a falar com ele. Nem sei se era ele mesmo.

— Viu só? O velho também não está ligando.

— Não fale assim, amor. Vou perguntar lá na cervejaria. Na missa de domingo. Vou descobrir o nome dele.

— Esse velho nem liga para mim.

— Irene, você não perde nada em conhecê-lo.

— Já tenho muitos problemas com Ignatius. É uma desgraça, Santa. Imagine se a srta. Annie, a vizinha do lado, encontra com ele empurrando a carrocinha. Ela não nos dá um minuto de sossego.

Passa o dia inteiro na janela, espiando o que a gente faz.

— Não ligue para os fofoqueiros, Irene — aconselhou Santa. — O pessoal aqui do meu bairro também adora falar mal da vida alheia.

Quem já morou onde eu moro pode morar em qualquer lugar. São uns depravados. Outro dia, eu disse para uma mulher, aqui no meu quarteirão, que jogava uma pedra nela se não parasse de falar de mim. Vieram me contar que ela me chamava de "viúva alegre". Mas eu nem ligo. Vou dar o troco. Acho que ela está de caso com um sujeito lá do cais do porto. Qualquer dia escrevo uma carta anônima para o marido dela para ela ver o que é bom.

— Sei o que é isso, meu bem. Você lembra que eu já morei na Dauphine Street quando era menina? As cartas anônimas que meu pai recebia... sobre *mim*! Depravados! Sempre achei que era aquela minha prima solteirona que escrevia.

— Que prima? — perguntou Santa com interesse. Os parentes de Irene Reilly sempre tinham biografias complicadas, que valia a pena ouvir.

— Foi a que derramou água fervendo no braço quando era criança. Ficou escaldada para sempre. Você entende, né? Ela passava um tempão escrevendo na mesa da cozinha, lá na casa da mãe dela.

Devia estar escrevendo sobre mim. Ficou morrendo de ciúmes quando comecei a namorar Reilly.

— É assim que acontecem as coisas — disse Santa. Uma prima escaldada tinha poucos atractivos na galeria de tipos dramáticos de Irene. Disse então com voz rouca e alegre: — Vou fazer uma reunião com você, Angelo e a mulher dele, se ela quiser vir.

— Ah, que ótimo, Santa, mas acho que não estou me sentindo muito bem para ir à sua reunião.

— Arejar um pouco vai lhe fazer muito bem, menina. Se eu descobrir quem é o velho, convido-o também. Aí vocês podem dançar.

— Bem, se você se encontrar com ele, querida, diga que eu lhe mandei lembranças.

No banheiro, Ignatius relaxava na água tépida, empurrando a saboneteira de plástico com o dedo, de um lado para outro, escutando trechos da conversa da mãe. Vez por outra, segurava a saboneteira até ela se encher de água e afundar. Procurava-a então no fundo da banheira, esvaziava-a e a colocava para flutuar novamente. Seus olhos azul-amarelados detiveram-se sobre um envelope de papel pardo, em cima da privada. Por algum tempo, Ignatius hesitou entre abrir ou não o envelope. O trauma de ter conseguido um emprego o afetara de maneira negativa, e ele preferiu esperar que a água morna, onde chafurdava como um róseo hipopótamo, produzisse um efeito calmante sobre o seu sistema nervoso. Só depois atacaria o envelope. A Distribuidora Paradise por certo seria um excelente local de trabalho. Poderia estacionar a carrocinha junto ao rio e escrever o seu diário. O sr. Clyde tinha um ar paternal, que agradava a Ignatius; esse homem murcho com sua cicatriz, o magnata da salsicha, seria uma personagem bem-vinda ao seu diário.

Afinal, sentindo-se bastante descansado e tirando de dentro da água a manopla encharcada, Ignatius apanhou o envelope.

— Por que será que ela usa esses envelopes? — perguntou, irritado, examinando o carimbo do correio do Planetário de Nova York no papel escuro. — A carta deve ter sido escrita a lápis de cor.

Rasgou o envelope, molhando o papel, e tirou um cartaz dobrado que anunciava, em tipos enormes:

PALESTRA

M. Minkoff discorre abertamente sobre "Política do sexo: O erotismo livre é a maior arma contra o reaccionarismo".

3.º feira, dia 28, às 8 da noite.

Associação Israelita de Moços — Saguão principal Ingresso: \$1.00 — Ou — Assinar o manifesto de M. Minkoff que exige agora sexo mais democrático e um

programa especial para as minorias!

(O manifesto será enviado a Washington.) Assine para livrar o país da ignorância sexual, da frigidez e dos tabus.

Participe deste movimento de base.

— Ai, meu Deus! — esguichou Ignatius sob o bigode. — Não deixá-la falar em público? O que quererá dizer o título ridículo dessa conferência? — Ignatius tornou a ler o cartaz, compulsivamente. — De qualquer maneira, já sei que ela vai falar o que não deve. Bem que eu gostaria de ver essa ninfeta discursando para uma plateia.

Desta vez ela se excedeu em matéria de ofensa ao bom gosto e à decência.

Seguindo uma seta manuscrita ao pé do cartaz, com a palavra "vire", Ignatius obedeceu e olhou do outro lado, onde Myrna escrevera o seguinte:

"Prezados senhores, Que aconteceu, Ignatius? Nunca mais tive notícias. Mas compreendo que você não tenha escrito. Minha última carta foi um pouco forte, pois sua paranóia me transtornou, principalmente por sua atitude pouco saudável em relação ao sexo. Bem sabe que, desde que nos conhecemos, procuro colocá-lhe questões directas com o intuito de esclarecer suas preferências sexuais. Desejo apenas ajudá-

lo a encontrar uma maneira própria de se expressar e se satisfazer por meio do orgasmo. Respeito seu ponto de vista e sempre aceitei suas tendências excêntricas, e é por isso que pretendo um dia vê-lo atingir o clímax do equilíbrio mental-sexual. (Um orgasmo pleno e explosivo provocaria a catarse que viria tirá-lo das sombras.) Não fique zangado comigo por causa daquela carta.

Daqui a pouco explicarei este cartaz, pois você deve estar curioso para saber como consegui essa palestra. Antes, porém, quero lhe contar que desistimos do filme, e, assim, se você pretendia fazer o papel do senhorio, pode desistir. Nosso problema foi principalmente financeiro. Não recebi do meu pai nem mais um tostão, e assim Leola, a do Harlem, voltou-se contra nós por causa do salário (ou a falta dele) e acabou por fazer uns comentários que me pareceram anti-semitas. Não precisamos de gente que não se disponha sequer a trabalhar de graça num projecto que beneficiaria seu próprio grupo racial. Samuel resolveu ser guarda-florestal em Montana, pois está planejando montar uma peça no meio da mata

(ignorância enraizada) e quer estar em contacto com a natureza. Eu, que conheço bem Samuel, sei que ele não vai dar certo como guarda-florestal, mas a peça, tenho certeza, despertará muitas controvérsias, já que expõe feridas escondidas. Desejemos-lhe sucesso. Ele é fantástico.

Voltando à palestra, parece que afinal encontrei eco para as minhas reivindicações. Tudo aconteceu de maneira imprevista. Há poucas semanas, eu estava numa festa que uns amigos deram para *aquele* rapaz que voltou de Israel. Ele era incrível. Isso mesmo: incrível!"

Ignatius soltou gases *made in Paradise*.

"Ele passou horas cantando músicas folclóricas que aprendeu lá, de significado profundo, o que prova minha teoria de que a música deveria ser, antes de tudo, um instrumento de protesto. Ficámos horas naquele apartamento, e, quanto mais ouvíamos, mais queríamos ouvir. Mais tarde, pudemos conversar — em vários níveis —, e expus-lhe meus pontos de vista."

— Ah! — vituperou Ignatius.

"Ele disse: 'Por que você guarda tudo isso só para você, Myrna?

Por que não diz ao mundo o que pensa?' Respondi que costumava falar em grupos de estudo e na minha terapia de grupo. Também contei sobre as cartas que escrevo para os jornais e que foram publicadas em *A Nova Democracia, Homens e Massa e Agora!*"

— Saia dessa banheira, menino! — Ignatius ouviu sua mãe gritar do outro lado da porta.

— Por quê? — perguntou ele. — Você vai tomar banho agora?

— Não.

— Então faça o favor de me deixar em paz.

— Você já está aí há muito tempo.

— Faça-me o favor! Estou lendo uma carta.

— Carta? Quem mandou carta para você?

— Minha amiga, a srta. Minkoff.

— Da última vez, você disse que ela é que tinha mandado você embora das Calças Levy.

— E foi mesmo. Mas há males que vêm para bem. Meu emprego novo é bem razoável.

— Que tristeza! — falou a sra. Reilly, desgostosa. — Você perde um emprego no escritório de uma fábrica e agora sai vendendo cachorro-quente na rua! Escute, Ignatius, vou lhe dizer uma coisa, acho bom você não perder esse emprego do cachorro-quente. Sabe o que foi que Santa disse?

— Espero que tenha sido algo bem explícito. Não é muito fácil entender as agressões que ela comete contra a língua pátria.

— Disse que você merecia uns tabefes no meio da cara.

— Vindo dela, até soa erudito.

— Que é que Myrna anda fazendo? — perguntou a sra. Reilly, desconfiada. — Por que é que ela anda escrevendo tanto? Essa menina precisava era de um bom banho.

— A psique de Myrna só é capaz de lidar com água num contexto oral.

— Quê?

— Tenha a bondade de parar com esse falatório e comece a circular. Será que não há nenhuma garrafa de vinho cozinhando no forno? Chega por hoje. Estou muito nervoso.

— Nervoso? Você está na banheira há mais de uma hora.

— Quase não tem mais água.

— Então saia daí.

— Por que é tão importante eu sair da banheira? Mãe; eu não compreendo. Você não tem no momento nenhuma obrigação de dona-de-casa? Hoje de manhã reparei que a sujeira, na porta, já está formando montinhos. Varra o quintal. Acerte os relógios. Procure o que fazer. Deite-se para descansar. Você anda meio abatida ultimamente.

— Claro que ando! Você me corta o coração. Que seria de você se a mamãe morresse?

— Bom, não vou participar dessa conversa imbecil. Se quiser continuar, vai ser um monólogo. Mental. Porque preciso me concentrar nos desaforos que M. Minkoff me diz nesta carta.

— Não aguento mais, Ignatius. Qualquer dia você vai me encontrar estirada na cozinha, tendo um ataque. Espere para ver. Vai ficar sozinho no mundo. E vai cair de joelhos e pedir perdão a Deus pela maneira como tratava a sua pobre mãe.

Do banheiro veio apenas o silêncio. A sra. Reilly ainda esperou pelo chapinhar na água, ou pelo farfalhar do papel, mas a porta parecia a lápide de um túmulo. Após alguns minutos de espera infrutífera, dirigiu-se à cozinha. Quando Ignatius a ouviu abrir o forno, voltou à leitura.

"Ele disse: 'Com essa voz e essa personalidade, você poderia falar até numa penitenciária'. O rapaz era surpreendente; além do raciocínio rápido, era *Mensch* de verdade. Foi tão educado e atencioso, que quase não acreditei. (Principalmente depois de lidar com Samuel, que é dedicado e corajoso, mas meio infantil.) Nunca vi ninguém tão empenhado em combater o reaccionarismo como esse cantor das músicas de seu povo. Seu melhor amigo era um pintor abstraccionista negro, disse ele, que fez magníficas manchas de protesto em suas telas, chegando mesmo a retalhar algumas delas à faca, em sinal de desafio. Foi por meio dele que tive acesso àquele manifesto notável com as provas de que o papa está montando um arsenal nuclear; isso serviu de facto para me abrir os olhos, e mandei-o para o editor da *Nova Democracia*, como colaboração para campanha contra a Igreja. Mas esse rapaz também tinha grandes acusações contra os WASPS¹. Como ele os odiava! Melhor dizendo, ele tinha uma cabeça!

Outro dia ele me telefonou. Será que eu poderia dar uma palestra para o grupo de acção social que ele estava formando no Brooklyn? Sentime estimulada. Num mundo como _____

'Em inglês, sigla de "branco, anglo-saxão e protestante".

o nosso, onde todos querem pisar na cabeça um do outro, é difícil encontrar um amigo... um amigo leal e sincero... pelo menos foi o que pensei. Mas, para resumir, aprendi *na carne* que o esquema de palestras é o mesmo do mundo artístico: também passa pelo sofá do produtor. Entende o que quero dizer?"

— Não acredito que esteja lendo tamanho ultraje ao bom gosto!

— disse Ignatius para a saboneteira. — Esta garota não tem um pingote de vergonha.

"Despertei para o facto de que meu corpo interessa mais a certas pessoas que minha mente."

— Ah! — murmurou Ignatius.

"De minha parte, gostaria de desmascarar esse 'cantor', que agora mesmo deve estar envolvendo com sua lábia outra jovem liberada. Uma pessoa que conheço ouviu dizer que o tal 'cantor', na verdade, é da Igreja Batista do Alabama. Que impostor! Fui então rever os panfletos que ele me deu e descobri que foram impressos pela Ku-Klux-Klan. Você pode imaginar as subtilezas ideológicas com que lidamos hoje em dia! A mim pareceu-me um panfleto liberal.

Agora, vou ter de me humilhar diante do editor da *Nova Democracia*, para lhe dizer que o panfleto, embora contestatário, foi escrito pela pessoa errada. Parece que desta vez os WASPS me pegaram desprevenida. O incidente me lembrou aquele tempo no Poe Park, quando descobri que um esquilo que eu alimentava todos os dias era na verdade um rato, fazendo-se passar por esquilo. Vivendo e aprendendo. Mas esse impostor me deu uma ideia. Resolvi perguntar aqui na associação se eles poderiam me emprestar o auditório por uma noite. Depois de algum tempo, concordaram. É claro que o público aqui na Associação do Bronx é um pouco restrito, mas, se eu me sair bem nesta palestra, pode ser que um dia consiga falar na associação da Lexington Avenue, onde grandes pensadores

como Norman Mailer e Seymour Krim sempre aparecem. Não custa nada tentar.

Espero que você esteja tratando de seus problemas psicológicos, Ignatius. Melhorou da paranóia? Acho que a origem dela está no facto de viver trancado nesse seu quarto, desconfiando do resto do mundo. Não sei por que você insiste nesse estilo de vida.

Apesar de sua mente exigir uma revisão completa, você tem uma cabeça que poderia produzir muito aqui em N. Y. Desse jeito, você está frustrando a si mesmo e ao seu intelecto. Da última vez que passei por aí, vindo do Mississipi, você estava péssimo. Com certeza, regrediu mentalmente porque vive nessa casa proletária, tendo apenas sua mãe por companhia. Não sente necessidade de satisfazer seus impulsos naturais? Um encontro amoroso pleno de significado poderia transformá-lo, Ignatius. Claro que poderia! Essa ligação edipiana limita sua mente e o leva à destruição.

Acredito que você também não tenha feito progresso no campo político ou sociológico. Continua com aquela ideia de formar um partido político e indicar um candidato à presidência por direito divino? Lembro que quando o conheci e contestei sua apatia política, você me veio com essa ideia. Eu sabia que era uma visão reaccionária, mas pelo menos parecia o despertar de uma consciência política. Por favor, escreva-me sobre o assunto. Estou muito interessada. O ideal para este país seria o tripartidarismo, e acho que a cada dia os fascistas estão ganhando terreno. Esse Partido do Direito Divino é o tipo de radicalismo que poderia atrair o apoio de vários grupos de ultradireita.

Bem, por hoje é só. Espero que a palestra seja um sucesso.

Você, particularmente, seria muito beneficiado pelo conteúdo da minha mensagem. Aliás, se você resolver mesmo encarar o seu PDD, posso ajudá-lo a organizar um directório aqui. Por favor, Ignatius, saia dessa casa, e lance-se no mundo que o cerca. Estou preocupada com o seu futuro. Você foi sempre um dos meus planos mais importantes, e eu gostaria de acompanhar sua evolução mental, por isso, por favor, levante-se da cama e escreva.

M. Minkoff"

Mais tarde, tendo as dobras de sua pele rosada envoltas em um velho roupão de flanela preso à cintura por um alfinete de fralda, Ignatius sentou-se à mesa do quarto e encheu a caneta-tinteiro. No corredor, sua mãe falava com alguém ao

telefone: — Gastei até o último centavo da herança da vovó Reilly para ele continuar na faculdade. Não é uma coisa horrível? Tanto dinheiro jogado fora!

Ignatius arrotou e abriu uma gaveta para procurar o papel que ainda acreditava ter. Lá encontrou o ioiô de madeira comprado de um filipino que aparecera no bairro havia poucos meses. De um dos lados havia uma palmeira entalhada pelo filipino a pedido seu. Jogou o ioiô para baixo, mas o barbante arrebentou, fazendo-o rolar pelo quarto até parar debaixo da cama, junto a uma pilha de blocos de papel e revistas velhas. Tirando do dedo o que restara do barbante, voltou a revexer na gaveta e encontrou uma folha de papel timbrado das Calças Levy.

"Querida Myrna,

Recebi seu grosseiro comunicado. Acredita de facto que eu esteja interessado na descrição de encontros com cantores folclóricos? Em cada carta, percebo mais um indício do desregramento de sua vida pessoal. Queira limitar-se a discutir acontecimentos ou coisas similares; dessa forma, evita pelo menos a obscenidade e a grosseria. Entretanto, a evocação simbólica do rato e do esquilo, ou rato-esquilo, ou esquilo-rato, foi bastante sugestiva.

Na noite obscura de sua indefinível palestra, é provável que a única presença seja a de um velho bibliotecário, sozinho no mundo, que viu a luz acesa da janela do saguão e lá entrou na esperança de escapar ao frio da rua e ao vazio de sua vida pessoal. Lá, aquela figura solitária, sentada diante do palco, ouvindo sua voz anasalada ecoar entre as cadeiras vazias e o torpor reinante, e o apelo sexual penetrar cada vez mais fundo em sua mente doentia e miserável, perturbada até o descontrole, vai se exibir, sacudindo o órgão sifilítico em protesto contra o discurso que lhe é impingido. Se eu fosse você, cancelaria essa palestra agora mesmo; tenho certeza de que a directoria da associação vai compreender os motivos da desistência, ainda mais depois de verem esse cartaz de péssimo gosto, que, a esta altura, já deve estar pregado em todos os postes do Bronx.

Os comentários sobre minha vida pessoal não foram solicitados e revelam apenas falta de gosto e de decência.

Na verdade, minha vida pessoal passou por uma metamorfose: estou ligado, no momento, à indústria alimentícia, motivo pelo qual duvido que venha a ter, no futuro, tempo disponível para me corresponder com você.

Atarefadamente,

Ignatius."

Oito

I

— Deixe-a em paz — disse o sr. Levy. — Veja, ela está com sono.

— Deixá-la em paz? — A sra. Levy endireitou a srta. Trixie no sofá de náilon amarelo. — Você não compreende, Gus, que nisso reside o drama dessa pobre mulher? Todos a deixam em paz. Ela precisa de alguém. Precisa sentir-se querida.

— Sei.

A sra. Levy era uma mulher idealista. Durante muitos anos se dedicara ao bridge, às violetas-africanas, a Susan e a Sandra, ao jogo de golfe, às férias em Miami, a Fanny Hurst e Hemingway, aos cursos por correspondência, aos cabeleireiros, ao sol, à cozinha francesa, às pistas de dança e, mais recentemente, à srta. Trixie. Tivera sempre que lidar com a srta. Trixie à distância, o que sempre fora um empecilho para o bom aproveitamento do curso de psicologia por correspondência, em cujo exame final fora reprovada sem apelação.

A escola não lhe atribuíra sequer a média. Mas, dessa vez, a sra.

Levy jogara a cartada certa representando o papel de jovem idealista, e conseguira ter a seu lado a srta. Trixie, com a pele enrugada, a viseira, os tênis e tudo o mais. O sr. Gonzalez lhe concedera, aliviado, uma licença por tempo indeterminado.

— Srta. Trixie — disse a sra. Levy com delicadeza. — Acorde.

A srta. Trixie abriu os olhos e chiou: — Saiu a minha aposentadoria?

— Não, querida.

— Ora! — rosnou a srta. Trixie. — Pensei que tivesse saído.

— Srta. Trixie, a senhora se sente velha e cansada. Isso não lhe faz bem.

— Quem?

— A senhora.

— Ah, é. Estou mesmo muito cansada.

— Não percebe? — perguntou a sra. Levy. — Isso só existe na sua cabeça. A senhora tem psicose de senilidade. A senhora ainda é muito bonita. Só precisa dizer para si mesma: "Eu ainda sou bonita.

Sou uma mulher muito bonita".

A srta. Trixie rosnou para o cabelo eriçado da sra. Levy.

— Quer fazer o favor de deixá-la em paz, dra. Freud? — disse o sr. Levy, irritado, levantando os olhos de *Sports Illustrated*. — Acho que eu até preferia que Susan e Sandra estivessem aqui para você ficar jogando com elas. Que fim levou a sua turma de biriba?

— Não fale comigo, seu frustrado. Como é que posso jogar biriba com uma neurótica precisando de ajuda?

— Neurótica? Essa mulher está esclerosada. Paramos nuns trinta postos de gasolina até chegarmos aqui. No fim, eu já estava cansado de sair do carro para mostrar a ela qual era o toalete masculino e qual era o feminino, e deixei-a escolher por conta própria. Resolvi testar a lei das probabilidades, e ela acertou cinquenta por cento das vezes.

— Pare com isso — repreendeu-o a sra. Levy. — Nem mais uma palavra. É bem do seu feitio. Deixar-se dominar desse jeito por uma fixação anal.

— Lawrence Welk está aí? — perguntou a srta. Trixie, de repente.

— Não, querida. Relaxe-se.

— Mas hoje é sábado.

— Ele já vai chegar. Não se preocupe. Agora me conte, a senhora sonha com quê?

— Agora não me lembro.

— Faça uma forcinha — disse a sra. Levy, tomando notas na agenda com uma lapiseira trabalhada. — Tem que fazer um esforço, srta. Trixie. Querida, o seu subconsciente está atrofiado. É como um inválido.

— Sou velha, mas não sou inválida — reagiu a srta. Trixie.

— Olhe, você a está deixando nervosa, Florence Nightingale — disse o sr. Levy.
— Com o que você entende de psicologia, vai acabar com o pouco de lucidez que

ainda lhe resta. Tudo o que ela espera da vida é aposentar-se para dormir o dia inteiro.

— Você arruinou a própria vida. Agora quer fazer o mesmo com ela. Esse não é um caso de aposentadoria. Ela precisa sentir-se útil, querida...

— Volte para a sua mesa de massagem e deixe-a tirar um cochilo!

— Nós concordamos que a mesa não tem nada a ver com isso.

— Deixe-a em paz. E me deixe em paz. Vá pedalar na bicicleta.

— Silêncio, por favor! — A srta. Trixie grasnou e esfregou os olhos.

— Temos que dizer coisas agradáveis na frente dela — cochichou a sra. Levy. — Falatório, discussões, isso a deixa ainda mais insegura.

— Boa ideia. Vamos ficar calados. E agora tire essa esclerosada da minha sala.

— Muito bem. Continue pensando só em você. Queria que seu pai o visse. — As pálpebras cobertas de sombra azul da sra. Levy se abriram com espanto. — Um *playboy* cansado, correndo atrás de novidades.

— Novidades?

— Agora vocês aí calem a boca — avisou a srta. Trixie. — Maldito o dia em que vim para cá. Lá com o Gomez era muito melhor.

Gostoso e sossegado. Se vocês estão me passando um primeiro-de-abril, eu não estou achando graça nenhuma. — Olhou para o sr. Levy com os olhos remelentos. — Foi você que despediu Gloria, minha amiga. Coitada da Gloria! A melhor pessoa que já trabalhou naquele escritório.

— Não! — exclamou a sra. Levy. Voltou-se então para o marido. — Você só tinha despedido uma pessoa, não é? E essa Gloria? Uma pessoa que tratava a srta. Trixie como um ser humano.

Uma pessoa que era sua amiga. Você sabia disso? Você se importou com isso? Claro que não! As Calças Levy podiam ser em Marte, que para você não ia fazer a menor diferença. Um belo dia você chega do Jóquei e despede Gloria.

— Que Gloria? — perguntou o sr. Levy. — Eu não despedi Gloria nenhuma!

— Despediu, sim! — intrometeu-se a srta. Trixie. — Eu vi com meus próprios

olhos. A coitada da Gloria era a bondade em pessoa.

Deu-me as meias, dava-me sanduíche.

— Meias e sanduíche? — disse o sr. Levy por entre os dentes.

— Francamente.

— Isso mesmo — gritou a sra. Levy. — Deboche desta criatura abandonada. Não precisa mais me contar o que você andou fazendo nas Calças Levy. Posso imaginar. Não vou contar para as meninas o caso de Gloria. Elas não iam entender que existe gente como você.

Ainda são muito ingênuas.

— Não, é melhor mesmo você não contar mais nada para elas — disse o sr. Levy, exasperado. — Mais uma dessas e eu mando você para a praia de San Juan, para aproveitar a vida junto com a sua mãe.

— Você está me ameaçando?

— Agora chega! — falou a srta. Trixie em tom mais alto. — Quero voltar para as Calças Levy neste instante.

— Está vendo só? — perguntou a sra. Levy ao marido. — Está vendo quanta vontade de trabalhar? Essa sua ideia de aposentá-la é uma catástrofe. Por favor, Gus. Procure um especialista. Assim você vai acabar muito mal.

A srta. Trixie já apanhara a sacola de retalho que trouxera como bagagem.

— Está bem, srta. Trixie — disse o sr. Levy, como se falasse a um cachorrinho. — Vamos para o carro.

— Graças a Deus! — suspirou a srta. Trixie.

— Não chegue perto dela! — gritou a sra. Levy.

— Eu nem me levantei da poltrona — respondeu o marido.

A sra. Levy forçou a srta. Trixie a voltar para o sofá e disse: — Fique aí. A senhora precisa de ajuda.

— Deixe-a levantar-se.

— Por favor. — A sra. Levy ergueu a mão cheia de anéis para interrompê-lo. —

Não se incomode com essa criatura abandonada que resolvi proteger. Também não se incomode comigo. Esqueça as suas filhas. Vá dar uma volta num dos seus carros. Hoje é dia de regata. Olhe. Você pode ver os barcos da janela de vidro blindado que mandei instalar com o dinheiro suado de seu pai.

— Vou me vingar de vocês. — A srta. Trixie se debatia no sofá.

— Esperem só. Vocês vão ver.

Tentou levantar-se, mas a sra. Levy a prendera com um alfinete ao náilon amarelo.

O resfriado piorava a cada dia, e cada acesso de tosse lhe provocara uma dor difusa nos pulmões, que permanecia ainda alguns instantes depois que a tosse lhe queimava a garganta e o peito. O

guarda Mancuso enxugou a saliva da boca e tentou tirar o muco que se concentrara na garganta. Uma tarde, sentira tamanha claustrofobia que quase desmaiara no toailete. Agora parecia-lhe que ia desmaiar com as tonteiras produzidas pelo resfriado. Apoiou a cabeça na parede por um momento e fechou os olhos. Viu manchas vermelhas e azuis. Tinha que deter algum marginal e sair dali antes que os calafrios o dominassem a ponto de precisar ser carregado pelo sargento. Sempre desejara ser respeitado dentro da corporação. Mas quem obtém respeito morrendo de pneumonia no banheiro de uma estação? Até seus parentes o ridicularizariam. O que diriam os filhos aos colegas de colégio?

O guarda Mancuso olhou os ladrilhos do piso. Estavam fora de foco. Entrou em pânico. Fixou então mais detidamente a vista e percebeu que as linhas difusas não passavam de humidade, que formara uma película cinzenta sobre quase todas as superfícies.

Tornou a olhar para a *Consolação da filosofia*, que estava aberta no colo, e virou a página mole e humedecida. O livro o deixara ainda mais deprimido. Fora escrito por um sujeito que ia ser torturado pelo rei. Era o que dizia o prefácio. E o sujeito passara o tempo todo escrevendo sobre aquilo, dizendo que ia morrer com uma estaca cravada na cabeça. O guarda Mancuso ficou com pena do sujeito e sentiu-se na obrigação de ler o que ele escrevera. Mal terminara umas vinte páginas, começou a achar que aquele tal de Boécio talvez fosse viciado em jogo. Falava o tempo todo de sorte, vantagens, roda da fortuna. De qualquer modo, não era o tipo de livro para levantar o moral.

Depois de mais algumas frases, a mente do guarda Mancuso começou a divagar. Olhou pela fresta da porta que separava a sala de espera do toailete, e que ele sempre deixava entreaberta para poder ver quem estava usando os mictórios, lavatórios e toalheiros. Lá nos lavatórios estava o mesmo rapaz que o guarda Mancuso via todos os dias. Observou as botas finas caminharem do lavatório ao toalheiro e vice-versa. O rapaz se apoiou a uma das pias e ficou desenhando nascostas da mão com uma esferográfica. Ali tinha dente de coelho, pensou o guarda.

Abriu a porta e dirigiu-se ao rapaz. Procurou falar com delicadeza, enquanto tossia:

— Que é que você está escrevendo, companheiro?

George espiou o monóculo e a barba por sobre o ombro e respondeu:

— Vá pro inferno antes que eu lhe quebre a cara.

— Chame a polícia — zombou o guarda Mancuso.

— Não — disse George. — É só para dar o fora. Não estou fazendo nada.

— Está com medo da polícia?

George ficou imaginando quem seria aquele maluco. Era pior que o tal vendedor de cachorro-quente.

— Olhe, cara, suma daqui. Não quero me meter com a polícia.

— Não mesmo? — perguntou o guarda Mancuso alegremente.

— Não, e nem com um doidão como você — disse George, olhando para o olho lacrimejante atrás do monóculo e a humidade no canto da barba.

— Está preso — tossiu o guarda Mancuso.

— O quê? Está maluco?

— Guarda Mancuso. Disfarçado. — Um distintivo cintilou diante das espinhas de George. — Acompanhe-me.

— Está me prendendo por quê? Eu só estava aqui parado — protestou George, agitado. — Não estou fazendo nada. Que negócio é esse?

— É suspeito.

— Suspeito de quê? — perguntou George, apavorado.

— Ah-ah! — O guarda Mancuso salivava. — Está morrendo de medo.

Estendeu o braço para algemar George, mas este arrancou *A consolação da filosofia* do braço do guarda Mancuso e deu-lhe uma pancada ao lado da cabeça. Ignatius comprara uma edição encadernada, luxuosa, de tiragem limitada da tradução da obra, e os quinze dólares que lhe custaram atingiram o guarda na

cabeça com a força de um dicionário. O guarda Mancuso abaixou-se para apanhar o monóculo que caíra. Quando se endireitou outra vez, viu o rapaz escapulir pela porta do toalete com o livro na mão. Quis correr atrás dele, mas sua cabeça latejava horrivelmente. Voltou ao seu canto para descansar e ficou ainda mais deprimido. O que iria dizer à sra.

Reilly sobre o livro?

George abriu o guarda-volumes da Rodoviária o mais depressa que pôde e tirou os pacotes de papel pardo. Sem fechar a porta, saiu correndo pela Canal Street, atravessou como uma bala o centro da cidade, olhando para trás, à procura da barba e do monóculo. Mas ninguém usava barba atrás dele.

Era muito azar. Aquele detective disfarçado devia ter passado o dia inteiro de tocaia na Rodoviária, esperando por ele. Voltaria no dia seguinte? A Rodoviária já não era um lugar seguro. Transformara-se em território proibido.

— A desgraçada da Lana — disse George em voz alta, sem parar de correr.

Se ela não fosse tão unha-de-fome, isso não teria acontecido.

Poderia ter despedido aquele imbecil, e ele continuaria a apanhar os embrulhos na hora de sempre, às duas horas. Desse jeito, quase fora preso. E tudo porque tivera de conferir a mercadoria na estação, tudo porque ficava trançando com a mercadoria debaixo do braço, duas horas, todas as tardes. Sua mãe ficava em casa o tempo todo, e nem para lá podia ir.

— Puta unha-de-fome! — murmurou George.

Ajeitou os pacotes debaixo do braço e deu-se conta de que carregava também o livro do detective disfarçado. Roubado de um tira. Ótimo. Lana lhe dissera que precisava de um livro. George olhou o título, *A Consolação da filosofia*. Bem, agora já tinha o livro.

III

Santa Battaglia provou uma colherada de salada de batata, limpou a colher com a língua e colocou-a caprichosamente sobre um guardanapo de papel, junto à travessa de salada. Aspirando pedacinhos de salsa e cebola das frestas dos dentes, disse para o retrato de sua mãe, sobre a cristaleira: — Eles vão adorar. Ninguém faz salada de batata como Santa.

A sala de visitas estava quase pronta para a festa. Em cima do velho rádio havia duas garrafas de uísque barato e uma embalagem de papelão com meia dúzia de *Seven-Up*. O toca-discos que tomara emprestado da sobrinha fora instalado sobre o piso impermeável, no meio da sala, e o fio subia em direcção ao lustre em cuja corrente fora conectado. Dois pacotes tamanho gigante de batatas fritas foram colocados dos dois lados do sofá de pelúcia vermelha. O cabo de um garfo ficara de fora do vidro aberto de azeitonas que ela pusera em uma bandeja de metal, em cima da cama desmontável, dobrada e coberta.

Santa agarrou o porta-retrato da cristaleira, com a fotografia de uma mulher idosa, de olhar hostil, de vestido preto e meias pretas, de pé em um caminho escuro, pavimentado de conchas.

— Mãezinha — disse Santa, comovida, depositando no retrato um beijo sonoro e molhado. O vidro engordurado mostrava a frequência dos arroubos de saudade. — A senhora passou um mau pedaço. — Os olhinhos pretos da siciliana olhavam Santa como se fossem dotados de vida. — O único retrato que eu tenho da senhora, mamãe, e tinha que ser na calçada! Que vergonha!

Santa suspirou diante de tamanha injustiça e bateu com o porta-retrato na cristaleira, junto à tigela de frutas de cera, o jarro com flores de papel, a imagem da Virgem Maria e outra, menor, do Menino Jesus de Praga. Voltou então à cozinha para apanhar o gelo e mais uma cadeira. Depois de voltar com a cadeira e uma caixa de isopor com gelo, arrumou os copos de geleia mais novos diante do retrato da mãe. A proximidade do retrato compeliu-a a agarrá-lo e beijá-lo outra vez, estalando o vidro com o gelo que tinha na boca.

— Rezo pela senhora todos os dias, querida — disse Santa para a fotografia, equilibrando o gelo na língua. — Fique sabendo que sempre tem uma vela acesa para a senhora lá na igreja.

Bateram na porta da frente. Ao devolver o retrato apressadamente, Santa deixou-

o caído no móvel.

— Irene! — gritou Santa, quando abriu a porta e viu a hesitante sra. Reilly na escada, e seu sobrinho, o guarda Mancuso, de pé na calçada. — Entre, amor do meu coração. Você está linda.

— Obrigada, meu bem — disse a sra. Reilly. — Aaaa! Nem sei quanto tempo a gente levou para chegar aqui. Eu e Angelo estamos no carro há quase uma hora.

— Foi o trânsito — explicou o guarda Mancuso.

— Mas olha que resfriado! — disse Santa. — Ai, Angelo! Tem que dizer para o pessoal da delegacia tirar você daquele banheiro.

Rita não veio?

— Não pôde. Está com enxaqueca.

— Não é de admirar, trancada dentro de casa com aquelas crianças o dia inteiro — disse Santa. — Ai, ela precisa sair um pouco, Angelo. Por que é que ela não sai de casa?

— Nervos — respondeu Angelo, com tristeza. — Ela sofre dos nervos.

— Sofrer dos nervos é um problema — disse a sra. Reilly. _

Sabe o que aconteceu, Santa? Angelo perdeu o livro que o Ignatius deu para ele. Que situação! Eu nem ligo para o livro, mas a gente não pode contar para Ignatius. Ele vai ficar uma fera.

A sra. Reilly levou o dedo aos lábios, indicando que o caso do livro deveria permanecer em segredo para sempre.

— Bem, dê-me o seu casaco, menina — disse Santa, e quase arrancou da sra. Reilly o velho manto roxo. Estava decidida a não permitir que o fantasma de Ignatius J. Reilly atrapalhasse sua festa, como o fizera em tantas noites de boliche.

— Muito gostosa a sua casa, Santa — disse a sra. Reilly com respeito. — Muito limpa.

— É, mas estou querendo trocar o piso da sala. Você já viu essas cortinas de papel, querida? Eu vi umas bem bonitinhas lá na Maison Blanche.

— Uma vez comprei uma cortina de papel para o quarto de Ignatius, mas ele a arrancou da janela, embolou-a e jogou-a na lata de lixo. Disse que era uma coisa horrível. Não é um desaforo?

— Gosto não se discute — observou Santa rapidamente.

— Ignatius não sabe que vim aqui hoje. Eu disse a ele que ia fazer uma novena.

— Angelo, sirva uma bebida para Irene. Apanhe um uisquinho para você; ajuda a espantar o resfriado. Tem *Coca-Cola* na geladeira.

— Ignatius também não gosta de novenas. Não sei de que é que esse menino gosta. Aliás, já estou ficando cheia dele, apesar de ele ser meu próprio filho.

— Fiz uma salada de batata, menina... Aquele velho me disse que gostava.

— Você precisava ver o tamanho do uniforme que ele me deu para lavar. E mil instruções. Parecia que estava fazendo propaganda de sabão em pó. Acho que Ignatius está gostando de ficar empurrando a carrocinha pela cidade inteira.

— Olhe só Angelo, meu bem. Está providenciando a bebida para nós.

— Você tem um comprimido para dor de cabeça?

— Ai, Irene! Mas que convidada eu arranjei para a minha festa!

Tome alguma coisa. Espere só até o velho chegar. Vamos nos divertir muito. Olhe, você e o velho vão dançar ali, bem na frente do toca-discos.

— Dançar? Eu não vou dançar com velho nenhum. Além disso, meus pés incharam do tempo que eu fiquei passando os uniformes.

— Irene, vai ser uma decepção para ele. Você precisava ver a cara dele quando eu o convidei para a festa, na porta da igreja.

Coitado do velho. Aposto que ninguém o convida para nada.

— Ele gostou, é?

— Se gostou! Perguntou se era para vir de terno.

— E que foi que você disse?

— Bem, eu disse: "O senhor pode vir como achar melhor".

— Ah, muito simpático! — A sra. Reilly olhou para seu vestido de tafetá verde. — Ignatius perguntou por que eu tinha posto o vestido de tafetá para ir à novena. Aposto que ele agora está sentado lá no quarto escrevendo besteira. Eu disse: "Que é que você está escrevendo, meu filho?" E ele disse: "É sobre um vendedor de cachorro-quente". Não é o fim? Quem vai querer ler uma história dessas? Sabe quanto foi que ele trouxe hoje para casa? Quatro dólares. Como é que eu vou pagar àquele homem?

— Capriche aí, hein, Angelo!

A sra. Reilly apanhou com Angelo um copo de geleia e tomou metade de seu conteúdo em dois goles.

— Onde foi que você arranjou esse *hi-fi*, querida?

— Você está falando de quê? — perguntou Santa.

— O toca-discos ali no meio do chão.

— É da minha sobrinha. Ela é tão boazinha! Terminou o colegial e já arranjou um ótimo emprego de balconista.

— Está vendo só? — disse a sra. Reilly, agitada. — Aposto que está ganhando mais que Ignatius.

— Nossa, Angelo! — disse Santa. — Pare com essa tosse. Vá lá para os fundos deitar-se um pouco até o velho chegar.

— Coitado do Angelo — disse a sra. Reilly, depois que o guarda saiu da sala. — Um rapaz tão educado! Vocês têm sido tão bons para mim! E pensar que nós nos encontramos quando ele quis prender Ignatius...

— Não sei por que o velho ainda não apareceu.

— Pode ser que ele não venha, Santa. — A sra. Reilly terminou de beber. — Vou tomar mais um pouco, se você não se importar, amor. Estou com muitos problemas.

— Vá em frente, meu bem. Vou levar o seu casaco para a cozinha e ver se Angelo melhorou. Até agora já tem duas pessoas animadas na minha festa. Tomara que o tal velho não quebre a perna no meio do caminho.

Depois que Santa saiu, a sra. Reilly encheu o copo com uísque e acrescentou uma dose de *Seven-Up*. Apanhou a colher, provou a salada de batata, limpou a

colher com os lábios e devolveu-a ao guardanapo de papel. Os moradores da outra metade da casa geminada de Santa começaram uma discussão acalorada. Sorvendo a bebida lentamente, a sra. Reilly encostou o ouvido na parede e tentou decifrar alguma coisa em meio à gritaria.

— Angelo está tomando um remédio — disse Santa ao voltar para a sala.

— Suas paredes são muito resistentes, meu bem — disse a sra.

Reilly, sem conseguir compreender o motivo do bate-boca. — Ia ser bem bom se eu e Ignatius morássemos aqui. A srta. Annie não ia ter o que reclamar.

— Cadê o velho? — perguntou Santa à janela da frente.

— Acho que ele não vem.

— Deve ter esquecido.

— Gente velha é assim mesmo, meu anjo.

— Ele não é assim *tão* velho, Irene.

— Que idade ele tem?

— Sessenta e tantos, eu acho.

— É, não é tão velho. A coitada da minha tia Marguerite, eu lhe contei, aquela em quem os pivetes deram uma surra para tirar uns trocados do porta-níqueis, chegou aos oitenta. — A sra. Reilly terminou de beber. — Vai ver que ele foi ao cinema. Santa, você se importa se eu me servir de outro?

— Irene! Você vai dormir, menina. Não estou aqui para apresentar uma bêbada ao velho.

— Vou encher só metade do copo. Hoje estou muito nervosa.

A sra. Reilly despejou uma boa quantidade de uísque no copo e sentou-se outra vez, esmagando um dos sacos de batata.

— Nossa, que foi que eu fiz?

— Sentou na batata — disse Santa, um pouco aborrecida.

— Ai, virou tudo farelo! — disse a sra. Reilly, puxando o saco de batata de baixo de si. Observou o celofane amarrotado. — Escute, Santa, que horas são? Ignatius

disse que era para eu voltar cedo, porque ele tinha certeza que iam nos assaltar hoje à noite.

— Ora, pare com isso, Irene. Você acabou de chegar.

— Para dizer a verdade, Santa, acho melhor não conhecer esse homem.

— Bem, agora é tarde.

— É, mas o que é que eu vou fazer com o tal velho? — perguntou a sra. Reilly, apreensiva.

— Ai, Irene, relaxe! Você está *me* pondo nervosa. Já me arrependi de ter convidado você. — Santa tirou o copo da boca da sra. Reilly por um momento. — Escute aqui. Você tinha uma artrite horrível. Melhorou muito com o boliche, não foi? Você ficava metida em casa com aquele doido todas as noites até Santa aparecer, não era? Agora escute o que Santa está lhe dizendo, meu anjo. Você não está querendo acabar seus dias sozinha com esse Ignatius! Parece que o velho tem "algum". Está sempre bem-vestido. Já conhece você.

Gostou de você. — Santa olhou a sra. Reilly dentro dos olhos — Esse velho pode pagar a sua dívida.

— É mesmo? — A sra. Reilly não tinha pensado nisso. De repente o velho ficou um pouco mais atraente. — Ele é limpo?

— Claro que é limpo! — disse Santa, irritada. — Acha que eu vou apresentar uma amiga minha a um vadio?

Alguém bateu de leve na porta.

— Ah, tomara que seja ele! — disse Santa, impaciente.

— Diga a ele que eu já fui, amor.

— Foi aonde, Irene? O homem está aí na porta.

— É ele, é?

— Vou ver.

Santa abriu a porta com espalhafato.

— Olá, sr. Robichaux — disse, na escuridão, a alguém que a sra. Reilly não podia

ver. — Estávamos esperando o senhor. A minha amiga, srta. Reilly, já estava achando que o senhor não vinha. Entre, saia desse frio.

— É, srta. Battaglia, desculpe-me pelo atraso, mas levei minhas netinhas para darem uma volta. Elas estão vendendo bilhetes de uma rifa de uns terços para as freiras.

— Sei — disse Santa. — Comprei uma, outro dia, de um menino. São uns terços lindos. Uma senhora que conheço ganhou o motor de popa que elas rifaram o ano passado.

A sra. Reilly estava sentada, imóvel, no sofá, olhando fixamente para o copo, como se tivesse acabado de descobrir uma barata boiando lá dentro.

— Irene! — gritou Santa. — Que é que você está fazendo aí?

Venha cumprimentar o sr. Robichaux.

A sra. Reilly levantou os olhos e reconheceu o velho que o guarda Mancuso prendera de frente à D. H. Holmes.

— Muito prazer — disse a sra. Reilly para o copo.

— A srta. Reilly não deve estar lembrada — disse o sr.

Robichaux a Santa, que sorria, radiante. — Mas nós já nos conhecemos.

— Imagine! Então os dois já eram amigos! — disse Santa alegremente. — Como este mundo é pequeno!

— Ai, ai, ai — disse a sra. Reilly com a voz embargada de aflição. — Olá!

— Lembra-se? — perguntou o sr. Robichaux. — Foi no centro da cidade, perto da Holmes. Um policial queria prender a senhora e seu filho e em vez disso me levou.

Santa arregalou os olhos.

— Ah, é!? — disse a sra. Reilly. — Acho que agora eu me lembro. Mais ou menos.

— Mas não foi culpa sua, srta. Reilly. São esses policiais. Todos comunistas.

— Vamos falar mais baixo — advertiu a sra. Reilly. — Esta casa tem as paredes

muito finas. — Mexeu o braço e bateu com o cotovelo no copo vazio que estava no braço do sofá. — Nossa! Olhe, Santa, é melhor você dizer a Angelo que ele pode ir. Eu volto de táxi. Diga que ele pode sair pelos fundos. Fica mais fácil. Sabe como é?

— Sei, sim, meu bem. — Santa voltou-se para o sr. Robichaux.

— Escute, quando o senhor viu a minha amiga e eu lá no boliche não viu outra pessoa conosco, não?

— As senhoras estavam sozinhas.

— Não foi aquela noite que prenderam o A.? — sussurrou a sra.

Reilly para Santa.

— Isso mesmo, Irene. Você veio me buscar no seu carro.

Lembra que o pára-lama caiu bem na porta do boliche?

— Lembro, sim. E eu o coloquei no banco de trás. Foi Ignatius que me fez bater com o carro. Eu estava nervosa com ele no banco de trás.

— Essa, não! — disse o sr. Robichaux. — Uma coisa que não suporto é gente que não sabe perder no jogo.

— Quando alguém faz uma sujeira comigo — continuou Santa —, ofereço a outra face. Entende o que eu digo? Foi o exemplo de Jesus. Não acha, Irene?

— Tem razão, querida — concordou a sra. Reilly, aliviada. — Santa, meu bem, você tem remédio para dor de cabeça?

— Irene! — disse Santa, aborrecida. — Sabe, sr. Robichaux, e se por acaso o senhor encontrasse de novo aquele policial?

— Tomara que eu nunca mais o encontre — disse o sr.

Robichaux, alterado. — Ele é um porco comunista. Esse pessoal quer transformar isto aqui num estado policial.

— É, mas só se fosse por acaso. O senhor acha que tinha condições de perdoar e esquecer o que aconteceu?

— Santa — interrompeu a sra. Reilly. — Vou lá na cozinha ver se acho um

comprimido.

— Seria uma desgraça — disse o sr. Robichaux a Santa. — A minha família inteira ficou sabendo do caso. Eles ligaram para a minha filha.

— Ora, isso não foi nada — disse Santa. — Todo mundo passa uns maus pedaços na vida. O senhor está vendo? — Santa apanhou o porta-retrato derrubado na cristaleira e mostrou-o aos convidados. — Minha mãezinha. Foi presa quatro vezes no Mercado Lautenschlaeger por perturbar a ordem. — Santa fez uma pausa para dar um beijo ruidoso na fotografia. — Acha que ela se incomodou? De jeito nenhum.

— É a sua mãe? — perguntou a sra. Reilly com interesse. — Coitada! Nossas mães viveram numa época muito difícil.

— Então, como estava dizendo — continuou Santa —, eu nem ia me importar se fosse presa. Os policiais têm um tipo de trabalho muito difícil. Eles também cometem erros. Errar é humano.

— Eu sempre fui muito decente — disse a sra. Reilly. — Vou me servir de outro copo.

— Ora, sente-se aí, Irene! Deixe-me conversar com o sr.

Robichaux.

A sra. Reilly foi até o velho rádio e encheu seu copo de uísque.

— Nunca mais vou me esquecer do guarda Mancuso — ia dizendo o sr. Robichaux.

— Mancuso? — perguntou Santa, muito surpresa. — Tenho uma porção de parentes com esse nome. Aliás, um deles é da corporação.

Por sinal ele está aqui.

— Acho que ouvi Ignatius me chamando. Acho que eu já vou.

— Chamando? — indagou Santa. — Como é que pode, Irene?

Ignatius está do outro lado da cidade. Olhe, nós ainda não oferecemos nada ao sr. Robichaux. Sirva a bebida dele, amor, enquanto vou chamar Angelo. — A sra. Reilly observou seu copo minuciosamente, na esperança de encontrar ali pelo menos uma mosca. — Dê-me o seu casaco, sr. Robichaux. Como é que os seus

amigos o chamam?

— Claude.

— Claude, eu sou Santa. E ela é Irene. Irene, diga "olá".

— Olá — disse a sra. Reilly, como um autômato.

— Vocês, fiquem se conhecendo até eu voltar — disse Santa, e desapareceu no outro cômodo.

— Como vai aquele rapagão simpático? — perguntou o sr.

Robichaux para quebrar o silêncio.

— Quem?

— Seu filho.

— Ah, sim. Está bem. — O pensamento da sra. Reilly voltou à Constantinopla Street, onde deixara Ignatius escrevendo no quarto e resmungando qualquer coisa sobre Myrna Minkoff. Pela porta, a sra.

Reilly ouvira Ignatius dizer para si mesmo: "Tinha que ser açoitada até cair".

Fez-se um grande silêncio, quebrado apenas pelo ruído exagerado que a sra. Reilly fazia na borda do copo.

— Aceita uma batata frita? — perguntou afinal a sra. Reilly, pois descobrira que o silêncio a deixava ainda menos à vontade.

— Boa ideia.

— O saco está aí do seu lado. — A sra. Reilly ficou vendo o sr.

Robichaux abriu a embalagem de celofane. Tanto seu rosto quanto o terno de gabardine cinza pareciam limpos e bem-passados. — Santa deve estar precisando de ajuda. Pode ter caído lá dentro.

— Mas saiu agora mesmo. Ela já volta.

— Este piso escorrega muito — observou a sra. Reilly, olhando para o chão ostensivamente. — A gente pode cair e quebrar a cabeça.

— A gente precisa ter cuidado com tudo na vida.

— Tem razão. Quanto a mim, sou sempre cuidadosa.

— Eu também. Vale a pena ser cuidadoso.

— Claro que vale. Foi o que Ignatius me disse outro dia — mentiu a sra. Reilly. — Ele me disse: "Mamãe, vale a pena ser cuidadoso, não acha?" E eu disse a ele: "Isso mesmo, meu filho.

Tome cuidado".

— Um bom conselho.

— Eu sempre dou conselhos a Ignatius, sabe? Interesso-me muito por ele.

— A senhora deve ser muito boa mãe. Já a vi com o seu filho no centro da cidade uma porção de vezes, e sempre o achei um rapaz bem-apegoado. Ele lhe dá um pouco de trabalho, não é?

— É uma luta. Eu vivo dizendo: "Tome cuidado, meu filho.

Cuidado para não escorregar e quebrar a cabeça, ou quebrar uma perna". — A sra. Reilly lambeu um cubo de gelo. — Ensinei Ignatius a ser cuidadoso desde pequeno. Ele sempre foi muito agradecido por isso.

— Boa educação, sem dúvida.

— Eu digo a Ignatius: "Cuidado quando atravessar a rua, meu filho".

— A gente precisa prestar atenção nesse trânsito, não é, Irene?

Não se importa se eu tirar o "senhora", não é?

— Fique à vontade.

— Irene é um nome bonito.

— Acha mesmo? Ignatius não gosta. — A sra. Reilly se benzeu e terminou de beber. — Vivo com muita dificuldade, sr. Robichaux.

Não me importo de contar isso para o senhor.

— Pode me chamar de Claude.

— Deus é testemunha da cruz que eu carrego nas costas.

Aceita um drinque?

— Aceito, sim, obrigado. Uma coisa leve. Não sou de beber.

— Ai, meu Deus! — suspirou a sra. Reilly, enchendo dois copos de uísque até a borda. — Não gosto nem de lembrar o que eu passo.

Às vezes dá vontade de gritar.

Dito isso, a sra. Reilly desandou a chorar alto.

— Vamos, não chore — implorou o sr. Robichaux, perturbado pela tragédia em que se transformara aquela noitada.

— Tenho que fazer alguma coisa. Tenho que chamar as autoridades para levarem aquele menino — soluçou a sra. Reilly. Fez uma pausa para encher a boca de uísque. — Eles podem levá-lo para uma casa de detenção, ou qualquer coisa desse tipo.

— Ele já não tem trinta anos?

— Eu não aguento mais.

— Ele é escritor?

— Só escreve besteiras que ninguém nunca vai ler. Agora, ele e aquela Myrna ficam se xingando por carta. Ignatius fica me dizendo que aquela menina vai ver o que é bom. Não é uma tristeza? Coitada da Myrna.

O sr. Robichaux, sem saber o que dizer, sugeriu: — Por que não pede ao padre para ir falar com o garoto?

— Padre? — choramingou a sra. Reilly. — Ignatius não escuta padre nenhum. Diz que o nosso pároco é herege. Tiveram uma briga quando o cachorro de Ignatius morreu. — O sr. Robichaux não conseguiu fazer nenhum comentário diante de uma frase tão enigmática. — Foi horrível. Achei que eu ia ser excomungada. Não sei de onde esse menino tira essas ideias. Ainda bem que o pai dele já morreu. Não ia aguentar ver o filho com a carrocinha de cachorro-quente.

— Que carrocinha de cachorro-quente?

— Ele fica na rua empurrando uma carrocinha.

— Ah, ele arranhou emprego?

— Emprego? — soluçou a sra. Reilly. — Já estão até comentando no bairro. A vizinha do lado me fez mil perguntas. A Constantinopla Street inteira fala dele. Quando penso no dinheiro que gastei para educar esse menino! Sabe como é, eu achava que os filhos ajudavam a gente na velhice. Que ajuda Ignatius me dá?

— Talvez o seu filho tenha estudado demais — opinou o sr.

Robichaux. — Tem muito comunista nas universidades.

— É? — perguntou a sra. Reilly, curiosa, enxugando os olhos na saia do vestido de tafetá verde, sem perceber que mostrava ao sr.

Robichaux a meia desfiada no joelho. — Deve ser isso o que aconteceu com o meu filho. Ele ficou igual aos comunistas, tratando desse jeito a própria mãe.

— Um dia desses, pergunte para esse menino o que ele acha da democracia.

— Pergunto, sim — disse a sra. Reilly, mais alegre. Ignatius tinha todo o jeito de comunista. Com certeza era isso. — Vou dar um susto nele.

— Aquele garoto não tem o direito de lhe ficar criando problemas. Você tem muita personalidade. Uma coisa que eu admiro nas mulheres. Quando a reconheci lá na pista de boliche, com a srta.

Battaglia, disse a mim mesmo: "Gostaria de encontrá-la de novo".

— Disse mesmo?

— Admirei a sua integridade, defendendo o garoto na frente daquele policial nojento, ainda mais se ele lhe dá problemas em casa.

Precisa muita coragem.

— Queria que Angelo o tivesse levado. Essa coisa toda não teria acontecido depois. Ignatius estaria a salvo na cadeia.

— Quem é Angelo?

— Ah! Cala-te, boca! Que foi que eu disse, Claude?

— Algo sobre um tal de Angelo.

— Olhe, vou ver se está tudo bem com Santa. Coitadinha! Deve ter-se queimado

no fogão. Santa está sempre se queimando. Não toma cuidado com o fogo, sabe?

— Se tivesse se queimado, teria gritado.

— Santa, não. É muito corajosa, essa menina. Sofre calada. É o sangue italiano.

— Deus Todo-Poderoso! — gritou o sr. Robichaux, pulando de pé. — É ele!

— O quê? — perguntou a sra. Reilly, apavorada, e, olhando em volta, viu Santa e Angelo entrando na sala. — Viu, Santa? Eu já sabia. Meu Deus, assim não aguento. Eu devia ter ficado em casa.

— Se você não fosse um policial nojento, eu lhe dava um soco na cara — o sr. Robichaux gritava com Angelo.

— Ora, vamos, Claude — disse Santa calmamente. — Angelo não vai lhe fazer nada.

— Ele me humilhou, esse comunista.

O guarda Mancuso tossia com violência e tinha um ar deprimido. Só pensava em que coisa horrível ainda podia faltar para lhe acontecer.

— Nossa Senhora, eu vou embora! — disse a sra. Reilly, em desespero. — A última coisa que quero é me meter numa briga. Pode até sair no jornal. Ignatius ia adorar!

— Como foi que a senhora me trouxe aqui? — perguntou o sr.

Robichaux a Santa com brutalidade. — O que está acontecendo?

— Santa, meu bem, quer chamar um táxi para mim?

— Ora, cale a boca, Irene — respondeu Santa. — Escute aqui, Claude, Angelo veio para pedir desculpas por ter prendido você.

— Não me interessa. Agora é tarde. Fui desonrado na frente dos meus netos.

— Não fique com raiva de Angelo — suplicou a sra. Reilly. — Foi tudo culpa de Ignatius. Ele é carne da minha carne, mas reconheço que quando ele sai na rua fica meio esquisito. Angelo tinha razão em achá-lo um tipo suspeito.

— Isso mesmo — acrescentou Santa. — Escute o que Irene está lhe dizendo, Claude. E cuidado para não pisar no toca-discos da minha sobrinha.

— Se Ignatius tivesse tratado Angelo com educação, nada disso teria acontecido — explicou a sra. Reilly aos ouvintes. — Olhe só o resfriado que o coitado do Angelo pegou. Ele está passando por um mau pedaço, Claude.

— Conte a ele, menina — disse Santa. — Angelo pegou esse resfriado por ter prendido você, Claude. — Santa sacudiu um dedo curto diante do sr. Robichaux. — Agora ele vive metido num toailete.

Da próxima vez, vão expulsá-lo da corporação.

O guarda Mancuso tossiu tristemente.

— Acho que me excedi um pouco — admitiu o sr. Robichaux.

— Eu não devia ter prendido o senhor. — Angelo tomou fôlego.

— Fiquei nervoso.

— Foi culpa minha — disse a sra. Reilly. — Eu quis defender Ignatius. Devia tê-lo deixado por sua conta, Angelo. — A sra. Reilly voltou o rosto branco e empoado para o sr. Robichaux. — Sr.

Robichaux, o senhor não conhece Ignatius. Ele arruma confusão em todo lugar.

— Alguém tinha que dar um soco no meio da cara desse Ignatius — disse Santa com ferocidade.

— Alguém tinha que dar um soco no nariz dele — acrescentou a sra. Reilly.

— Alguém tinha que acabar com a raça dele — disse Santa. — Agora, vamos. Todo mundo fazendo as pazes.

— Está bem — disse o sr. Robichaux. Apertou a mão azulada de Angelo sem muita convicção.

— Mas que beleza! — disse a sra. Reilly. — Vamos para o sofá, Claude, que Santa vai ligar o *hi-fi*.

Enquanto Santa colocava um disco de *Fats Domino*, Angelo, fungando e confuso, sentou-se na cadeira da cozinha, de frente para a sra. Reilly e o sr. Robichaux.

— Que coisa! — berrou a sra. Reilly acima do ritmo ensurdecedor. — Santa, meu amor, pode abaixar isso um pouco?

O ritmo palpitante diminuiu ligeiramente de volume.

— Ótimo! — gritou Santa para os convidados. — Agora, fiquem conversando enquanto eu vou trazer os pratos para a minha salada de batata. Ei, Irene e Claude, vamos dar umas voltinhas no salão?

Os olhinhos pretos olharam-na, carrancudos, quando saiu saltitante da sala. Os três convidados, imersos no compasso do toca-discos, observavam em silêncio as paredes cor-de-rosa e o estampado de flores do piso sintético. Foi então que, de repente, a sra. Reilly gritou para os dois cavalheiros: — Sabem de uma coisa? Quando eu saí, Ignatius estava enchendo a banheira, e aposto que ele esqueceu de fechar a torneira.

— Como ninguém se manifestasse, acrescentou: — Ser mãe é uma luta!

Nove

I

— Recebemos uma reclamação da Secretaria de Saúde, Reilly.

— Ah, é? Pela sua expressão, achei que fosse ter um ataque epiléptico — disse Ignatius ao sr. Clyde, com a boca cheia de salsicha e pão, empurrando a carrocinha aos trancos para dentro da garagem.

— Nem quero imaginar que tipo de reclamação foi essa, nem que tipo de coisa fiz eu para provocá-la. Posso lhe garantir que tenho sido a limpeza corporificada. Minha higiene corporal está acima de suspeitas. Não sou portador de doenças contagiosas, e não vejo nada que eu possa transmitir aos seus cachorros-quentes que eles ainda não tenham. Veja as minhas unhas.

— Não me venha com esse falatório, gordo nojento. — O sr.

Clyde ignorou as manoplas que Ignatius expôs para exame. — Você está há poucos dias no emprego. Já tive gente que trabalhou para mim anos a fio sem nunca arranjar complicação com a secretaria.

— Com certeza eram mais espertos do que eu.

— Tinha um fiscal atrás de você.

— Ah! — exclamou Ignatius com calma, e parou de mastigar o resto da salsicha que lhe pendia da boca como um charuto. — Está explicado quem era aquele apêndice do funcionalismo. Parecia um tentáculo da burocracia. Sempre se podem identificar os funcionários públicos por não terem absolutamente nada onde as outras pessoas têm a cabeça.

— Cale a boca, seu porcalhão! Você pagou esse cachorro-quente que está comendo?

— Indirectamente. Pode descontar do meu ínfimo salário. — Ignatius observou o sr. Clyde anotar alguns números em um papel.

— Quer ter a bondade de me dizer qual foi o arcaico tabu higiênico que eu infringi? Desconfio que esse fiscal esteja fazendo uma acusação falsa.

— A secretaria mandou dizer que um fiscal viu o vendedor de número sete... é você...

— Foi isso. O sete me deu azar! Não suporto esse número. Já tive problemas com ele. Sempre achei que uma carrocinha com o número sete não podia dar certo. Vou mudar de carrocinha. Ao que tudo indica, ando empurrando o azar pela rua. Tenho certeza que isso não vai acontecer com outra carrocinha. Carro novo, vida nova.

— Quer me escutar?

— Se for indispensável. Mas primeiro eu gostaria de lhe avisar que estou à beira de uma estafa. Ontem à noite, vi um filme particularmente desagradável. Era um musical de jovens na praia.

Quase tive um ataque no número musical em cima da prancha de surfe. Além disso, tive dois pesadelos esta noite, um deles com um ônibus de turismo. O outro foi com uma moça que conheço. Foram muito violentos e imorais. Se eu lhe contar, o senhor vai ficar chocado.

— Eles viram você correndo atrás de um gato na St. Joseph Street.

— É só isso o que eles vêem? É uma calúnia — disse Ignatius, e com a língua puxou para dentro da boca o último pedaço de salsicha.

— Que é que você estava fazendo na St. Joseph Street? Por ali só tem o cais e os armazéns da alfândega. Não passa ninguém na rua. Não está nem no nosso itinerário.

— Bem, disse eu não sabia. Só passei por lá para descansar um pouco. De vez em quando passa um pedestre. Infelizmente para nós, eles não gostam muito de cachorro-quente.

— Então você *estava* lá? Não é de admirar que não consiga vender nada mesmo. Vai ver, você estava brincando com o diabo do gato.

— Já que o senhor mencionou o ocorrido, eu de facto me lembro de ter visto um ou dois animais domésticos nas proximidades.

— Então você estava brincando com o gato.

— Não, eu não estava "brincando". Só o segurei para fazer festinha. Era malhado. Ofereci-lhe um cachorro-quente, mas o gato não quis. Era um animal decente, de bom gosto.

— Você tem ideia da infração que cometeu, seu imbecil?

— Não, acho que não — disse Ignatius, zangado. — Parece que eles consideram o gato uma coisa suja por princípio. Como se pode saber? Os gatos têm fama de limpeza, estão sempre se lambendo, quando sentem o menor desconforto. Esse fiscal deve ter preconceito contra gatos. Não deu a menor chance para o gato.

— Nós não estamos falando do gato! — O sr. Clyde falou com tamanha veemência que Ignatius pôde ver as veias arroxeadas pulsando em torno da cicatriz do nariz. — Estamos falando de você!

— Bem, *eu* sou muito limpo. Isso nós já discutimos. Só queria que o gato também fosse defendido. Meu senhor, será que nunca vão parar de me aborrecer? Já estou à beira de um colapso nervoso.

Quando o senhor examinou as minhas unhas, agora há pouco, deve ter reparado que estou com as mãos trémulas. Não quero processar a Distribuidora Paradise para me pagar as despesas de psiquiatra.

Talvez o senhor não saiba que eu não tenho um seguro-saúde. A Distribuidora Paradise, é claro, é muito paleolítica para oferecer esse tipo de vantagem para os empregados. Na verdade, não estou nada satisfeito com as condições de trabalho nesta empresa.

— Por quê? O que é que está errado? — perguntou o sr. Clyde.

— Tudo, estou com medo. E, mais do que tudo, acho que o meu serviço não está agradando.

— Bem, pelo menos você vem trabalhar todos os dias. Aceito as condições.

— Faço isso só para não levar uma surra de garrafa de vinho assada, se ficar em casa. Abrir a porta do meu lar é o mesmo que penetrar no covil de uma leoa. Minha mãe está cada dia mais malvada e violenta.

— Sabe, Reilly, eu não quero despedir você — disse o sr. Clyde em tom paternal. Ele dera ouvidos à história triste do vendedor Reilly: a mãe alcoólatra, o prejuízo que o filho deveria pagar, a ameaça da miséria pairando sobre ambos, os amigos devassos da mãe. — Vou fazer um outro itinerário para você, vou lhe dar mais uma oportunidade. Sei uns truques que ajudam a vender mais, vou lhe ensinar.

— O senhor pode mandar o mapa do novo itinerário para a Santa Casa de Misericórdia, ambulatório de psiquiatria. As freiras de lá me explicam, entre um e outro electro-choque.

— Agora chega, cale a boca.

— Está vendo só? O senhor desestimula a minha iniciativa. — Ignatius arrotou. — Espero que o senhor tenha escolhido um roteiro saudável, de preferência num parque, onde haja bancos para acomodar os que sentem dor nos pés. Quando me levantei hoje de manhã, os tornozelos se negaram a me sustentar. Minha sorte foi ter segurado a tempo na cabeceira da cama. Caso contrário, eu teria caído no chão e fracturado a bacia. Meu tendão-de-aquiles se recusa a funcionar.

Ignatius mancou até o sr. Clyde para ilustrar o que dizia, arrastando as botas de camurça no cimento manchado.

— Pare com isso. Você não é nenhum aleijado.

— Por enquanto. Mas diversos ossos e ligamentos já estão acenando com a bandeira branca da rendição. Meu fisico está pedindo uma trégua. Meu aparelho digestivo quase parou de funcionar. Algum tecido deve ter-se desenvolvido em torno da minha válvula pilórica, lacrando-a para sempre.

— Vou mandar você para o Bairro Francês.

— O quê? — tropejou Ignatius. — Está pensando que eu vou perambular por aquele antro do vício? Sinto muito, mas esse bairro está fora de cogitação. Minha saúde mental costuma se degenerar nesses ambientes. Além disso, as ruas de lá são muito estreitas, muito perigosas. Posso ser atropelado, ou esmagado contra um muro.

— É pegar ou largar, seu gordo ordinário. Não vou lhe dar outra chance. — A cicatriz do sr. Clyde começava a empalidecer novamente.

— Isso é tudo? Agora, faça o favor de não ter outro faniquito, porque pode esbarrar nesse tacho e se queimar. Mas, já que insiste, vou levar minhas salsichas para Sodoma e Gomorra.

— Certo. Está resolvido. Você vem amanhã de manhã, que vou lhe dar umas dicas.

— Não vou lhe prometer um aumento das vendas nesse bairro.

Com certeza vou passar o tempo todo defendendo a minha honra dos marginais que andam por ali.

— Tem muito movimento de turistas no bairro.

— Pior ainda. Só os degenerados fazem turismo. De minha parte, só fui lá uma vez. Aliás, já lhe contei a minha peregrinação a Baton Rouge? Além dos limites do município nos deparamos com muitos horrores.

— Não, e não vou ouvir.

— Bem, azar o seu. O senhor poderia tirar grande proveito do relato traumático dessa viagem. Porém, acho mesmo preferível que não ouça. As subtilezas psicológicas e simbólicas da viagem talvez não sejam acessíveis a um cérebro confinado na Distribuidora Paradise. Felizmente, já escrevi sobre esse episódio, e, no futuro, o público leitor poderá beneficiar-se de minha horrenda jornada aos pântanos do terror.

— Escute aqui, Reilly.

— No relato, consegui uma analogia particularmente expressiva ao comparar o ônibus de turismo com a montanha-russa de um parque de diversões surrealista.

— Cale essa boca! — gritou o sr. Clyde, agitando o espeto, ameaçador. — Vamos ver a fêria do dia. Quanto foi que você vendeu?

— Ah, meu Deus! — suspirou Ignatius. — Sabia que mais cedo ou mais tarde íamos acabar nisto.

Os dois regatearam por alguns instantes. De facto, Ignatius passara a manhã sentado na Eads Plaza, vendo o movimento do cais e tomando notas sobre Marco Polo e a história da navegação em um caderno. Entre uma e outra anotação, meditara em várias maneiras de arrasar Myrna Minkoff, sem conseguir chegar a uma conclusão satisfatória. Considerou mais promissora a ideia de apanhar na biblioteca um livro sobre munição, fabricar uma bomba e mandá-la a Myrna pelo correio. Lembrou-se então de que sua ficha na biblioteca fora cancelada. A tarde fora desperdiçada com o gato; Ignatius tentou atraí-lo para dentro do compartimento de pães, pois pretendia levá-lo para casa. Mas ele escapara.

— Acho que o senhor poderia ter a generosidade de fazer um desconto para os funcionários da casa — disse Ignatius, solene, depois que a verificação da receita do dia demonstrou que, descontados os cachorros-quentes que ele mesmo comera, seu pagamento por aquele dia seria um dólar e vinte e cinco *cents*. — Afinal, sou seu melhor cliente.

O sr. Clyde enfiou o espeto no cachecol do vendedor Reilly e mandou-o embora da garagem, ameaçando demiti-lo caso não chegasse cedo para trabalhar no Bairro Francês.

Ignatius avançou até o bonde, de mau humor, e instalou-se, expelindo gases Paradise com tanta violência que, embora o veículo estivesse lotado, ninguém quis sentar-se a seu lado.

Ao entrar na cozinha, sua mãe o recebeu caindo de joelhos e dizendo:

— Oh, Deus, por que me mandastes esta cruz? Que mal eu fiz a Deus? Respondei, Senhor. Enviai-me um sinal.

— Pare de blasfemar agora mesmo! — gritou Ignatius.

A sra. Reilly perscrutava o tecto em busca de resposta, em meio à sujeira e às rachaduras.

— Bela recepção para quem volta das ruas desta cidade selvagem, depois de batalhar pela subsistência.

— Que foi isso nas suas mãos?

Ignatius olhou para os arranhões resultantes da tentativa de persuadir o gato a se acomodar no compartimento de pães.

— Tive uma luta apocalíptica com uma prostituta faminta — arrotou Ignatius. — Se não fosse minha superioridade muscular, ela teria saqueado a carrocinha. Mas afinal perdeu a briga e retirou-se em frangalhos.

— Ignatius! — gritou a sra. Reilly, trágica. — Parece que você cada dia desce mais baixo. Que foi que lhe aconteceu?

— Tire a sua garrafa do forno. Já deve estar no ponto.

A sra. Reilly olhou para o filho, desconfiada, e perguntou: — Ignatius, tem certeza de que você não é comunista?

— Valha-me Deus! — berrou Ignatius. — A caça às bruxas, o macartismo, se instalaram nesta casa. Não e não! Já lhe disse antes.

Não sou um agente provocador. Quem foi que meteu isso na sua cabeça?

— Li no jornal que dá muito comunista nas universidades.

— Bem, felizmente nunca me encontrei com eles. Tivessem atravessado o meu caminho e estariam arriscando a própria vida.

Acha que eu nasci para viver numa sociedade comunal, com gente como essa tal Battaglia, sua conhecida, varrendo as ruas, carregando pedras e fazendo essas coisas todas que se fazem nesses países miseráveis? O que eu quero é uma monarquia sólida, com um rei decente e de bom gosto, com conhecimentos de teologia e geometria, para cultivar uma rica vida interior.

— Rei? Você queria um rei?

— Ora, pare de ficar repetindo as coisas.

— Nunca ouvi ninguém dizer que queria um rei.

— Faça-me o favor! — Ignatius baixou a manopla sobre o tampo da mesa da cozinha. Vá varrer a calçada, visitar a srta. Annie, ligue para essa Battaglia alcoviteira, jogue boliche aqui no corredor.

Mas deixe-me em paz. Estou num péssimo ciclo.

— O que você quer dizer com "ciclo"?

— Se não parar de me incomodar, vou baptizar a proa do seu Plymouth com a garrafa que está no forno — concluiu Ignatius.

— Brigando com mulher de rua! — resmungou a sra. Reilly com tristeza. — Mas que horror! E do lado de uma carrocinha de cachorro-quente. Ignatius, acho que você precisa de tratamento.

— Olhe, vou ver televisão — disse Ignatius, irritado. — Deve estar começando o desenho do Zé Colmeia.

— Espere aí, menino. — A sra. Reilly pôs-se de pé e tirou um pequeno envelope pardo do bolso do casaco. — Olhe aqui. Veio para você.

— O que será? — perguntou Ignatius, interessado, apoderando-se do envelope encardido. — A esta altura você já deve ter decorado o que está aí dentro.

— É melhor você pôr as mãos numa bacia de água e sal para desinfectar esses arranhões.

— Depois — disse Ignatius. Estraçalhou o envelope. — Parece que M. Minkoff respondeu à minha missiva com uma urgência frenética. Eu lhe disse poucas e boas.

A sra. Reilly sentou-se e cruzou as pernas, balançando com tristeza a meia

soquete branca e o chinelo de couro preto, enquanto os olhos azul-amarelados do filho percorriam o pedaço de sacola da Macy's onde fora escrita a carta.

"Prezados senhores,

Afinal tive notícias suas, Ignatius. E que carta mais estranha!

Não acreditei naquele papel timbrado das 'Calças Levy". Deve ser mais uma das suas piadinhas anti-semitas. Felizmente esse tipo de coisa não me atinge. Mas nunca pensei que você fosse capaz de tanta baixez! Vivendo e aprendendo.

Seus comentários sobre a palestra revelam um ciúme mesquinho que não era de se esperar em alguém que se diz tão aberto e descomprometido. A palestra já despertou o interesse de vários conhecidos meus. Uma pessoa que prometeu ir (e levar diversos amigos engajados nos temas actuais) foi um enriquecedor contacto que fiz no metrô. Chama-se Ongah, é estudante do Quênia, veio num programa de intercâmbio, e está escrevendo uma tese para a Universidade de N. Y. sobre os simbolistas franceses do século XIX.

Acredito que uma pessoa brilhante e dedicada como Ongah não faça o seu género. Mas fico conversando com ele horas e horas. Ele fala sério e não vem com aquela conversa fiada, pseudo-intelectual, como você. Tudo o que Ongah diz tem um significado. Ongah pertence à *realidade*. É viril e agressivo. Ele rompe barreiras e penetra sob os véus da dissimulação."

— Ai, meu Deus! — disse Ignatius com pieguice. — A ninfeta foi estuprada por um mau-mau.

— Que é isso? — perguntou a sra. Reilly, desconfiada.

— Vá ligar a televisão para ela ir esquentando — respondeu Ignatius, ausente, e voltou a devorar a carta.

"Não se parece nem um pouco com você, como já deve ter percebido. Ele também trabalha com música e escultura, preenchendo cada minuto de seu tempo com actividades criativas.

Suas esculturas parecem adquirir vida própria e envolver o espectador.

Pelo menos, pela carta, pude saber que você continua vivo, se é que se pode chamar isso de vida. Como você inventa essas mentiras de estar no ramo da 'indústria alimentícia'? É alguma indirecta, pelo facto de meu pai ser dono de uma cadeia de restaurantes? Se for o caso, também não me atinge, pois meu pai e eu temos diferenças ideológicas há muitos anos. Vamos encarar a realidade, Ignatius. Desde que o vi pela última vez, você não pára de contar mentiras sem arredar o pé desse seu quarto. Sua hostilidade para com a minha palestra é mais um indício de sua frustração, incompetência e impotência mental (mental?)."

— Esta rameira tinha que ser enrabada pelo maior ganhão do curral — resmungou Ignatius, furioso.

— Quê? Que é isso, menino?

"Ignatius, o desastre se aproxima. Você precisa fazer *algo*.

Trabalhar numa instituição de caridade, por exemplo, faria com que saísse dessa apatia, com certeza poderia abater no Imposto de Renda, e não afectaria a válvula e outras coisas. Saia dessa casa-

útero pelo menos uma hora por dia. Dê um passeio, Ignatius. Olhe as árvores, os pássaros. Entre em contacto com a natureza que o rodeia. Sua válvula fica fechada porque acha que vive num corpo morto. Abra seu coração, Ignatius, e sua válvula também se abrirá.

Se tiver alguma fantasia sexual, descreva-a na próxima carta.

Talvez eu possa interpretá-la para você e ajudá-lo a sair dessa crise psicosssexual. No tempo de faculdade, eu lhe disse muitas vezes que você acabaria tendo uma fase psicótica.

Acabei de ler no *Mudança Social* que a Louisiana tem a mais alta taxa de analfabetismo dos Estados Unidos. Saia desse marasmo enquanto é tempo. Não fiquei zangada com o que escreveu sobre a palestra. Compreendo a sua situação. Na minha terapia de grupo, estamos acompanhando seu caso com muito interesse (já descrevi para eles o caminho que você percorreu até à paranóia, acrescentando alguns detalhes de seu passado) e tentando analisá-lo.

Se eu não estivesse tão ocupada com os preparativos para a palestra, faria uma

viagem de inspecção para vê-lo pessoalmente. Tenha calma, que em breve nos encontraremos outra vez.

M. Minkoff"

Ignatius amassou a carta com brutalidade; embolou então a sacola da Macy's e fez pontaria na lata de lixo. A sra. Reilly olhou para o rosto enrubescido do filho e perguntou: — O que é que essa menina queria? O que ela anda fazendo?

— Myrna está querendo zurrar para os negros. Em público.

— Que coisa horrrosa! Você escolhe cada amigo, Ignatius! Os negros já têm uma vida muito difícil. Eles passam um mau pedaço. A vida é dura, meu filho. Você ainda vai ver.

— Muito agradecido. — disse Ignatius com formalidade.

— Sabe aquela senhora idosa, preta, que vende balas na porta do cemitério? Ah, Ignatius! Morro de pena dela. Outro dia, reparei que o casaco dela estava cheio de buracos, e fazia um frio! Então eu lhe disse: "Você vai morrer de frio com esse casaco assim". E ela disse...

— Faça-me o favor! — gritou Ignatius, furioso. — Hoje não estou com paciência para ouvir esses casos.

— Ignatius, escute. Aquela senhora dá pena, sabe? Ela disse: "Ah, eu não ligo para o frio, meu bem. Já me acostumei". É muito corajosa. — A sra. Reilly olhou, emocionada, para Ignatius, buscando aprovação, mas percebeu apenas um bigode zombeteiro. — É

incrível. Então, sabe o que foi que eu fiz? Dei vinte e cinco *cents* para ela e disse: "Olhe, querida, compre uma balinha para os seus netos".

— O quê? — explodiu Ignatius. — Então é para aí que vai o meu salário? Eu, aqui, quase reduzido a mendigar pelas ruas, e você esbanjando o nosso dinheiro com impostores. A roupa dessa mulher é só para impressionar. Ela tem um próspero negócio naquele cemitério. Deve ganhar dez vezes mais do que eu.

— Ignatius! Ela não tem onde cair morta — disse a sra. Reilly em tom de lamento. — Eu queria que você tivesse a coragem que ela tem.

— Estou vendo. Agora você vem me comparar com uma velha impostora e

degenerada. E, o que é pior, a comparação me é desfavorável. Minha própria mãe tem a audácia de me desconsiderar a esse ponto. — Ignatius bateu na mesa. — Bem, para mim chega.

Vou para a sala ver o desenho do Zé Colmeia. Entre uma dose e outra, traga-me qualquer coisa para comer. Minha válvula clama por compensação.

— Calem a boca, vocês aí! — gritou a srta. Annie de trás da janela.

Enquanto isso, Ignatius projectava-se em direcção ao corredor, com o jaleco branco esvoaçando, meditando em um problema de suma importância: organizar nova investida contra a desfaçatez da ninfeta. A operação dos direitos humanos falhara por deserção dos quadros. Deveria haver algum outro tipo de investida a ser desfechada no terreno da política ou do sexo. De preferência, da política. A estratégia exigia atenção integral.

II

Lana Lee estava em uma banquetta do bar, de pernas cruzadas.

Nas calças de camurça marrom, as nádegas musculosas forçavam a banquetta a manter-se em uma posição perfeitamente vertical. Ao menor movimento, os grandes músculos de seus hemisférios inferiores se contraíam, para evitar qualquer oscilação. A carne se amoldava e adería ao estofamento, mantendo a banquetta apumada.

Muitos anos de uso e experiência haviam tornado seu traseiro uma peça particularmente versátil e ágil.

Seu corpo sempre a surpreendera. Recebera-o gratuitamente, e nenhum investimento na vida lhe proporcionara um retorno sequer comparável ao de seu corpo. Nos raros momentos em que Lana Lee se emocionava, agradecia a Deus por lhe ter dado aquele corpo, que era antes de tudo um amigo. Retribuía aquele dom tratando-o com esmero, fornecendo-lhe serviços altamente especializados e a manutenção desapaixonada, digna de um aparelho de precisão.

Hoje seria o primeiro ensaio de Darlene com o vestido. Alguns minutos antes, Darlene chegara com a roupa em uma caixa e desaparecera nos bastidores. Lana olhou para o cenário, no palco.

Um marceneiro executara um suporte que mais parecia um cabide de pé, onde, em vez de ganchos, havia aros de metal presos no alto e três aros pendurados em correntes de alturas diversas. O que Lana já vira do número não era nada promissor, mas Darlene garantira que o figurino transformaria aquilo em obra de arte. Afinal de contas, Lana não tinha o que reclamar. Estava satisfeita por ter permitido que Darlene e Jones insistissem no número. Ia sair barato, e tinha de admitir que o papagaio era uma boa atracção, com um profissionalismo que quase compensava as deficiências da companheira de espectáculo. Os outros bares da rua poderiam agora ter onças, micos e cobras à vontade. O Noite do Prazer tinha um papagaio no elenco, e o conhecimento de Lana sobre determinado aspecto da humanidade lhe dizia que os lucros com um papagaio amestrado poderiam ir muito além do esperado.

— Pronto, Lana, pode começar — disse Darlene, dos bastidores.

Lana procurou Jones, semi-encoberto pela fumaça do cigarro e pela poeira, e disse:

— Ponha o disco.

— Não dá. Disco só a trinta por semana.

— Largue essa vassoura e vá para junto do toca-discos antes que eu ligue para a delegacia — ameaçou Lana.

— E a senhora vá para junto do toca-discos antes que eu ligue para a delegacia mandando eles irem atrás do tal amigo dos órfãos que sumiu. Cuidado comigo!

Lana encarou Jones, mas seu rosto estava invisível por trás da fumaça e dos óculos escuros.

— Que negócio é esse? — perguntou a final.

— Aqui, órfão só consegue é pegar doença! E não venha com essa merda de serviço de pôr disco para tocar. Porque quando eu souber direitinho como é que funciona esse negócio dos órfãos, eu é que vou chamar a polícia. Estou de saco cheio de trabalhar nesta arapuca sem ganhar nem o salário, e ainda fico recebendo ameaças.

— Ei, pessoal, cadê a música? — ouviu-se a voz impaciente de Darlene.

— Você vai dizer o quê à polícia? — perguntou Lana a Jones.

— Ora essa! — Eu sei que tem qualquer coisa errada com esses órfãos. Estou sabendo há muito tempo! E se a senhora está querendo ligar para os tiras para falar de mim, eu também estou querendo ligar para eles para falar da senhora. O telefone deles não vai parar de tocar. Agora me deixe fazer a faxina em paz. Esse negócio de aparelho de som é muito avançado para preto. Eu ia acabar quebrando o equipamento.

— Ia ser muito engraçado um vadio reincidente como você querendo convencer a polícia de alguma coisa, ainda mais se eu disser que peguei você mexendo na caixa registradora.

— Que foi que houve? — indagou Darlene de trás das cortinas.

— Eu aqui só mexo em balde com água suja.

— É a minha palavra contra a sua. A polícia já está de olho em você. Só precisa mesmo é da denúncia de uma pessoa como eu, amiga deles há muito tempo. Você acha que eles vão acreditar em quem? — Lana olhou para Jones e viu que o silêncio respondia à sua pergunta. — Agora ponha o disco.

Jones atirou a vassoura contra uma banquetta e colocou o disco *Stranger in paradise*.

— Tudo bem, pessoal, lá vamos nós! — gritou Darlene, pulando no palco com o papagaio no braço. Usava um vestido decotado, de cetim laranja, e, no alto do cabelo preso, havia uma grande orquídea de pano. Fez diversos movimentos pretensamente sensuais na direcção do suporte, com o papagaio oscilando no braço. Segurou no alto do cabide com uma das mãos, deu um passo grotesco, jogou a pélvis para a frente e suspirou:

— Oh!

O papagaio foi colocado no aro mais baixo e, com o bico e as patas, começou a subir para os aros mais altos. Darlene saltava e se contorcia em volta do suporte, como em um frenesi sexual, até que o pássaro chegasse à altura de sua cintura. Entregou-lhe então o anel preso na lateral do vestido. O bicho agarrou-o pelo bico e o vestido se abriu.

— Oh! — suspirou Darlene, pulando fora do pedestal para mostrar à plateia a roupa de baixo, que aparecia pela abertura. — Oh! Oh!

— Uau!

— Pare, pare com isso! — berrou Lana, e pulou da banquetta para desligar o toca-discos.

— Ei, que houve? — perguntou Darlene com voz ofendida.

— O que houve é que está um horror. Para começar, esse vestido parece de *trottoir*. Eu queria um espectáculo sofisticado nesse número. Isto não é um bordel, sua burra!

— Uau!

— Que cor horrorosa, a desse vestido! E você fica aí gemendo.

Parece uma ninfomaniaca bêbada batendo perna pela rua.

— Mas Lana...

— O papagaio ainda vá lá! Mas você está um horror! — Lana meteu um cigarro entre os lábios de coral e acendeu-o. — Temos que refazer este número. Parece que o seu motor está batendo pino. Eu entendo desse negócio. O *striptease* é um insulto para uma mulher.

Os vermes que vêm aqui não querem ver uma puta ser insultada.

— Oi! — Jones dirigiu sua nuvem para Lana Lee. — Achei que a senhora tinha dito que o pessoal que vem aqui é muito sofisticado.

— Cale a boca — disse Lana. — Agora escute, Darlene. Não tem graça insultar uma puta. Esses caipiras querem uma donzela pura e bela para eles xingarem e despirem. Use a cabeça, pelo amor de Deus, Darlene! Finja que você é *decente*. Você é uma moça fina, bem-educada, que leva o maior susto quando o papagaio começa a bicar a sua roupa.

— Quem disse que eu não sou bem-educada? — perguntou Darlene, zangada.

— Está bem. Você é bem-educada. Então mostre a boa educação no palco. Isso é que é *representar*, droga!

— Caramba! O Noite do Prazer vai ganhar o Oscar com esse número. O papagaio também leva um prêmio.

— Volte para a faxina.

— É pra já, Scarlet O'Horror.

— Um momento! — berrou Lana, na melhor tradição dos directores dos filmes musicais. Sempre lhe agradara o lado teatral da profissão: fazer um papel, posar, idealizar uma cena, dirigir um número. — Achei.

— Achou o quê? — perguntou Darlene.

— Tive uma ideia, sua boçal — respondeu Lana, segurando o cigarro diante da boca e falando por ele como se fosse o megafone de um director. — *Agora* preste atenção. Você é uma beldade sulista, uma moça bem decente, que tinha esse bichinho de estimação lá na fazenda do seu pai.

— Isso, gostei — disse Darlene, entusiasmada.

— Claro que gostou. Agora preste atenção. — A cabeça de Lana fervilhava. Aquele número seria uma obra-prima. O papagaio tinha talento. — Você vem com um traje típico de fazendeira sulista. Fitas, babados, chapêlo. Uma sombrinha. Moça fina. O cabelo cheio de cachos. Você está chegando de um baile onde vários cavalheiros se interessaram mais por você que pela música ou pela comida. Mas você não deu confiança para nenhum. Sabe por quê? Porque você é uma *lady*, porra! Você sobe no palco. O baile acabou, e você conseguiu preservar a sua honra. Trouxe o bichinho para dar boa-noite e dizer a ele:

"Mesmo com tantos rapazes naquele baile, meu bem, consegui preservar a minha honra". Então o danado do bicho começa a bicar o vestido. Você se assusta, se apavora, porque é inocente. Mas é muito bem-educada para acabar com aquilo.

Entendeu?

— Sensacional! — exclamou Darlene.

— Teatral! — corrigiu Lana. — Tudo bem, vamos experimentar.

Música, maestro.

— Caramba! Agora é que voltamos mesmo para o cativeiro. — Jones fez a agulha deslizar pelos primeiros sulcos do disco. — Estou tão impressionado que nem dá para comentar!

Darlene caminhou, afectada, até ao palco, com trejeitos de donzela, e, fazendo biquinho, disse:

— Tinha mesmo tantos bailes naquele rapaz, meu bem...

— Pare! — trovejou Lana.

— Dê-me uma chance! — implorou Darlene. — É a primeira vez. Eu estava treinando para dançar, Lana, não para representar.

— Não consegue se lembrar nem de uma linha?

— Darlene pegou a doença do Noite do Prazer. — Jones enfumçou a frente do palco. — Isso acontece por causa do salário baixo e de tanta ameaça. O bicho vai pegar também, logo, logo.

Daqui a pouco está rosnando, despencando do poleiro. Caramba!

— Vocês se dão muito bem, não é? Já vi que ela fica lhe emprestando umas revistas — disse Lana, irritada. Esse Jones estava lhe dando nos nervos. — Esse número também foi ideia sua, Jones.

Você quer mesmo que eu dê a ela a chance de ir para o palco?

— Quero mesmo. Alguém tem que progredir aqui dentro. Esse número tem muito futuro, vai chamar muita clientela. Eu vou acabar sendo aumentado! — Jones sorriu em quarto crescente, abrindo uma enorme meia-lua do lábio inferior

para baixo. — Minha esperança é esse papagaio.

Ocorreu a Lana uma ideia para melhorar o movimento e, ao mesmo tempo, colocar Jones no seu devido lugar. Ele já fora longe demais.

— Muito bem — Lana disse a ele. — Escute aqui, Jones. Você quer ajudar Darlene. Acha o número bom, não é? Eu me lembro de você dizer que esse papagaio ia atrair tanta clientela que eu ia precisar de um leão-de-chácara. Já tenho um. É você.

— Ei! Eu não vou ficar aqui a noite inteira sem ganhar nem o salário.

— Você fica, na noite da estreia — disse Lana, tranquila. — Fica na calçada, na frente da porta. Vamos alugar um traje completo de porteiro das fazendas do sul. Vai chamar a atenção do pessoal que passar. Entendido? Quero a casa cheia para ver a sua amiga e o papagaio.

— Merda! Vou largar este emprego de merda. A senhora pode botar no palco a Scarlet O'Horror, mas não vai botar o mordomo na porta.

— A delegacia vai receber um relatório.

— E outro relatório falando dos órfãos.

— Acho que não.

Jones sabia que era verdade. Afinal, disse: — Está bem. Fico na noite da estreia. Vou chamar a atenção do pessoal. Um pessoal que vai acabar com isto aqui. Um pessoal como aquele gordo de boné verde com a mãe.

— Onde será que ele se meteu? — perguntou Darlene.

— Pare de conversar e repita o seu texto, que eu quero ouvir — gritou-lhe Lana. — Seu amigo aqui acha que você pode progredir. Ele vai ajudar lá fora, Darlene. Agora mostre a ele o que você sabe fazer.

Darlene pigarreou e declamou cuidadosamente: — Mesmo tendo tanto rapaz naquele baile, meu bem, consegui conservar a minha honra.

Lana puxou Darlene e o papagaio para fora do palco e empurrou-os para o corredor. Jones ouviu o eco de discussão e súplicas vindo de lá e o estalar de um tapa no rosto de alguém.

Foi para trás do balcão do bar, beber um pouco de água e tramar algum tipo de

sabotagem que acabasse com Lana para sempre. Do outro lado, o papagaio grasnava e Darlene chorava e dizia:

— Não tenho prática, Lana. Já lhe disse.

Baixando os olhos, Jones reparou que Lana Lee, distraidamente, deixara aberta a porta do armário sob o balcão.

Passara a tarde toda preocupada com o número do vestido de Darlene. Jones ajoelhou-se e, pela primeira vez no Noite de Prazer, tirou os óculos escuros. A princípio, seus olhos se ressentiram da luminosidade, ainda ténue, mas suficiente para expor as crostas de sujeira do piso. Olhou para o interior acanhado do armário, e viu ali, empilhados com cuidado, uns dez pacotes embrulhados em papel comum. Arrumados a um canto, estavam um globo, uma caixa de giz e um livro grande e caro.

Não queria sabotar sua própria descoberta tirando alguma coisa de dentro do armário. Lana Lee, com seus olhos de águia e seu fardo de perdigueiro, notaria a falta no mesmo instante. Pensou um pouco, apanhou o lápis da caixa registradora e, virando a pilha de lado, escreveu o melhor que pôde o endereço do Noite de Prazer. Como uma mensagem de naufrago, talvez o endereço provocasse resposta, quem sabe de um legítimo sabotador profissional. O endereço nos pacotes seria tão comprometedor quanto a impressão digital em uma arma, pensou Jones. Era algo que não poderia estar ali. Tornou a arrumar os pacotes no lugar, devolvendo à pilha a simetria original.

Recolocou o lápis junto à caixa e terminou o copo de água. Observou a porta do armário e concluiu que estava aberta no mesmo ângulo em que a encontrara.

Saiu do balcão e prosseguiu a duvidosa limpeza no momento em que Lana, Darlene e o papagaio, como uma turba desgovernada, entraram no salão. A orquídea de Darlene pendia de lado, e algumas penas do papagaio tinham se desprendido. Lana Lee, porém, mantinha-se impecável, como se fosse a única sobrevivente de um furacão.

— Então vamos ver, Darlene — disse Lana, segurando-a pelos ombros. — Que é que você vai dizer?

— Caramba! A senhora entende mesmo de representar. Se fizesse um filme, metade dos artistas ia parar no hospital.

— Cale a boca e cuide da limpeza - disse Lana para Jones, e deu uma sacudidela em Darlene. — Agora fale direito, burra.

Darlene suspirou, desanimada, e disse: — Mesmo tendo tanto moço naquele baile, meu bem, consegui preservar a minha honra.

III

O guarda Mancuso apoiou-se na mesa do sargento e chiou, fanho:

— O senhor tem que me tirar daquele banheiro. Não consigo nem respirar.

— Quê? — O sargento olhou para a triste figura à sua frente, para os olhos injectados atrás dos óculos bifocais, para os lábios gretados em meio à barba branca. — Que foi que houve com você, Mancuso? Não consegue nem ficar em pé. Apanhou um resfriado, não é? O pessoal da corporação não apanha resfriado. Aqui, só dá *macho*.

O guarda Mancuso tossiu, molhando o cavanhaque.

— Você não prendeu ninguém na estação. Está lembrado do que eu lhe disse? É para ficar lá até me trazer alguém.

— Eu peguei uma pneumonia.

— Tome um comprimido. Não fique aqui, vá atrás dos suspeitos.

— Minha tia disse que, se eu ficar naquele banheiro, vou acabar morrendo.

— Tia? E um homem desse tamanho lá fica agarrado na saia da tia? Era só o que me faltava. Você anda com uns tipos esquisitos, Mancuso. Uma velha que vai à boate sozinha, tias. Você faz parte de algum clube de damas da sociedade? *Desencosta da mesa!* — O

sargento observou o infeliz estremecer sob os efeitos do resfriado.

Não queria ser responsabilizado pela morte do outro. O melhor seria submetê-lo a alguma prova que justificasse seu afastamento da corporação.

— Está certo. Não precisa voltar para a Rodoviária. Fique na rua apanhando um pouco de sol. Mas escute bem. Eu lhe dou quinze dias.

Se não me trazer ninguém, vai ter que mudar de profissão. Você me entendeu, Mancuso?

O guarda Mancuso concordou com um aceno de cabeça e fungou:

— Obrigado. Vou trazer alguém para o senhor.

— Não fique caindo por cima de mim! — gritou o sargento. — Não quero pegar

esse resfriado. Aprume-se! Saia daqui. Tome uma vitamina C, pelo amor de Deus!

— Vou trazer alguém — tornou a chiar o guarda Mancuso, dessa vez de maneira menos convincente que da primeira.

Arrastou-se então em sua nova fantasia, o deboche definitivo do sargento. Usava um chapéu de basebol com roupa de Pai Natal.

IV

Ignatius ignorou a mãe, que batia na porta e reclamava dos cinquenta *cents* que ele trouxera de pagamento pelo dia de trabalho.

Varrendo os cadernos, o ioiô e a luva de borracha de cima da mesa, abriu o diário e começou a escrever:

"Caro leitor,

'O bom livro é fonte de vida para o espírito superior, e, como tal, deve ser entesourado com vistas a uma vida futura.'

Milton

A mente pervertida (e desconfio que perigosa) de Clyde armou novas artimanhas para depreciar meu inatingível ser. A princípio pensei ter encontrado um pai substituto no czar da salsicha, no magnata do cachorro-quente. Porém sua mágoa e inveja de minha pessoa aumentam a cada dia que passa; sem dúvida vão acabar por suplantá-lo e destruí-lo. A imponência de meu físico, a complexidade de minha visão do mundo, a decência e bom gosto implícitos nas minhas atitudes, o decoro com que me apresento diante dos padrões decadentes de hoje — tudo isso reunido confundiu e atordoou Clyde.

Relegou-me agora a trabalhar no Bairro Francês, região em cujas casas todo vício já concebido pelo homem, em suas mais selvagens aberrações, inclusive, creio eu, suas variantes mais actualizadas, se fez possível através da tecnologia. O bairro não deve diferir, creio eu, do Soho e de certos lugares do norte de África. No entanto, seus habitantes, dotados do *know-how* americano, procuram equiparar e, se possível, exceder, em variedade e imaginação, os desvios cometidos pelos habitantes de outros núcleos de degradação humana.

Fica claro que uma região como o Bairro Francês não é o ambiente adequado para um jovem trabalhador puro, casto, prudente e sugestionável. Por acaso Edison, Ford e Rockefeller precisaram lutar contra tantas adversidades?

A mente mesquinha de Clyde, porém, não se contentou com este nível de rebaixamento. Alegando estar eu encarregado do que Clyde chama de 'sector turístico', mandou que eu me vestisse a carácter.

(A julgar pelo modo de vestir, os clientes que tive no primeiro dia do novo itinerário, ao invés de turistas, mais parecem os mesmos desocupados com quem eu lidava no centro da cidade. No seu estupor induzido, foram parar no Bairro Francês e aí logo classificados, pela mente senil de Clyde, como turistas. Detenho-me para pensar se alguma vez na vida Clyde já teve a oportunidade de ver os nómadas degenerados que compram e aparentemente apreciam os produtos Paradise. Em meio aos outros vendedores ambulantes atormentados, que parecem ter todos os mesmos nomes de 'Cara', 'Bicho', 'Seu', e meus clientes, sinto-me perdido em um limbo de almas penadas. No entanto, o simples facto de serem eles retumbantes fracassos de nosso século lhes confere uma certa dimensão espiritual. Pelo que sei, esses miseráveis seriam os santos dos nossos dias: belos e velhos negros alquebrados, migrantes depauperados das terras áridas do Texas e Oklahoma; meeiros oprimidos que vêm para a cidade grande e vão acabar em casas de cómodos infestadas de roedores.

Apesar de tudo, espero que em idade proecta não mais precise depender de cachorros-quentes para a subsistência. A venda de minhas obras há de me fornecer subsídios. Se necessário, poderia até entrar no circuito das conferências, seguindo os passos da chocante M. Minkoff, cujas ofensas ao bom gosto e à decência já foram descritas com detalhes nestas páginas, com o intuito de eliminar os resquícios de ignorância e obscenidade que ela porventura tenha deixado nos diversos auditórios do país. É possível, no entanto, que haja uma pessoa idónea em sua primeira conferência que a expulse do palco e a fustige em suas zonas erógenas. A despeito das qualidades espirituais que possam ser encontradas, o bairro boémio ostenta um padrão abaixo do aceitável em termos de conforto material, e duvido mesmo que minha bem-moldada psique consiga se adaptar a dormir em avenidas. Prefiro decididamente os bancos dos parques. Além disso, minha dimensão física constitui em si uma garantia intrínseca de que não enfraquecerei dentro da estrutura de nossa civilização.

Afinal, não creio que se deva necessariamente penetrar na realidade de uma visão subjectiva da sociedade. Em vez de traçar uma vertical descendente, deve-se antes traçar uma horizontal ascendente em direcção a um ponto de distanciamento, não necessariamente isento de conforto moderado. Lá estava eu — à margem de nossa época —, quando minha mãe, cuja intemperança cataclísmica vocês bem conhecem, lançou-me ao ritmo febril da existência contemporânea. Para ser sincero, devo dizer que desde então as coisas vêm se tornando cada vez piores. A situação se deteriorou. Minkoff, chama incombustível, voltou-se contra mim. Até minha mãe, agente da destruição, morde a mão que a alimenta. O

ciclo despenca para profundezas abissais. Ah, Fortuna, entidade caprichosa!

Descobri por experiência própria que a carência de alimento e conforto, ao invés de enobrecer o espírito, apenas produz ansiedade no psiquismo humano e canaliza todos os impulsos criadores para o objectivo de encontrar o que comer. Mesmo possuindo, como possuo, uma rica vida interior, também preciso de comida e de conforto.)

Mas voltando ao assunto em pauta: a vingança de Clyde. O

vendedor anteriormente encarregado do Bairro Francês usava um traje de pirata pouco convincente, uma contribuição da Distribuidora Paradise ao folclore de Nova Orleans, a tentativa clydiana de unir o cachorro-quente à tradição crioula. Clyde obrigou-me a experimentar a fantasia, que, é claro, fora feita para um tísico e subnutrido, e nem puxando de todos os lados, nem prendendo a respiração, coube em meu corpo musculoso. Diante disso, entramos em um acordo. Em volta do bonê, amarrei o lenço de pirata de cetim vermelho. Atraxei o brinco, uma grande argola dourada, no lóbulo esquerdo. Prendi o cutelo de plástico preto no peito do guarda-pó com um alfinete de fralda. Um impressionante pirata, diria você. No entanto, ao ver-me no espelho, fui forçado a admitir que estava uma figura cativante, no sentido teatral. Brandindo o cutelo de plástico na direcção de Clyde, bradei: 'Salte da prancha, almirante!' Eu devia ter adivinhado que isso seria demais para quem tem salsichas na cabeça, em sentido literal. Ele se pôs na defensiva e reagiu atacando-me com o espeto perfurante. Esgrimimos pela garagem como corsários de um filme histórico absurdo, espeto e cutelo debatendo-se no ar. Ao me dar conta de que o cutelo de plástico tinha poucas chances diante do espeto real empunhado por um enlouquecido Matusalém, e de que tinha despertado o lado *pior* de Clyde, procurei terminar nosso duelo.

Falei em acordos de paz, pedi clemência, finalmente capitulei.

Acalmado Clyde, meu traje de pirata comprovou ser um tremendo sucesso, posto que nos levava a ambos de volta aos tempos áureos da velha Nova Orleans, a romântica Nova Orleans, onde os cavaleiros decidiam em duelo as questões de cachorro-quente. Foi então que se fez a luz em minha intrincada mente. Percebi que Clyde estava de facto tentando me matar. Tinha o móvel perfeito: legítima defesa. Eu fizera o jogo dele. Felizmente para mim, caí no chão. Bati com as costas em uma carrocinha, perdi meu já precário equilíbrio, e caí.

Embora tendo levado uma dolorosa pancada na cabeça, tive ânimo para gritar: 'Venceu, senhor'. E, em silêncio, prestei homenagem à querida Fortuna, por ter-me arrebatado das garras da morte pelo espeto infame.

Depressa retirei minha carroça da garagem e dirigi-me ao Bairro Francês. Pelo caminho, os pedestres faziam comentários favoráveis à minha meia-fantasia. Com o cutelo preso no peito, o brinco pendurado na orelha, o lenço vermelho reluzindo ao sol como capa de toureiro, atravessei a cidade, resoluto, dando graças por ainda estar com vida, precavendo-me contra os horrores que me aguardavam no Bairro Francês. Muitas preces em voz alta escaparam de meus castos e róseos lábios, fossem acções de graças ou súplicas.

Roguei a São Maturino, invocado nos casos de epilepsia e loucura, que ajudasse o sr. Clyde (Maturino, aliás, é também o patrono dos palhaços). Quanto a mim, fiz uma prece humilde a São Medérico, o Ermitão, invocado nos problemas intestinais. Meditando no chamado da tumba que estive a ponto de receber, pensei em minha mãe, pois sempre imaginei qual seria sua reacção se eu morresse por causa do pagamento das suas dívidas. Posso até vê-la no enterro, com tudo providenciado por uma casa funerária de segunda. Enlouquecida de pesar, debulhando-se em lágrimas, haveria de se agarrar ao meu cadáver no caixão, gritando, bêbada: 'Não o levem! Por que as flores mais tenras são arrancadas no frescor do viço?' O enterro, então, haveria de se degenerar em circo, minha mãe metendo o dedo nos buracos feitos em meu pescoço pelo espeto enferrujado do sr. Clyde, entre gritos de desespero, rogando pragas e clamando por vingança.

Imagino que seria seguido um certo ritual. Porém, com minha mãe dirigindo o espectáculo, a tragédia inerente à situação acabaria por se transformar em melodrama. Arrebatando um lírio branco de minhas mãos inertes, haveria de acenar com ele para a multidão de carpideiras, parentes, amigos, celebrantes e curiosos. „Tal como este lírio, assim era Ignatius. Falta agora, a ambos, o sopro vital." Ao devolver o lírios ao caixão, seu braço frágil haveria de atirá-lo sobre meu rosto exangue.

Em nome de minha mãe, fiz uma prece a Santa Zita de Lucca, que levou uma vida austera como empregada doméstica, na esperança de que a ajude a combater o alcoolismo e a boémia.

Fortalecido pelo interlúdio místico, ouvi o cutelo batendo contra meu peito enquanto caminhava. Parecia que, como arma em defesa da moralidade que me aguilhoasse em direcção ao Bairro Francês, cada batida do plástico dizia: 'Ánimo, Ignatius. Tendes uma missão a desempenhar'. Comecei a sentir-me como um cruzado.

Atravessei finalmente a Canal Street, fingindo ignorar a atenção que despertava. As ruas estreitas do Bairro Francês estavam à minha espera. Um mendigo pediu

um cachorro-quente de esmola. Acenei para que ele se fosse e segui em frente. Por infelicidade, meus pés não conseguiam acompanhar o ritmo de minha alma. Dos quadris para baixo, os tecidos imploravam repouso. Encostei, então, a carrocinha em uma esquina e sentei-me. As sacadas dos velhos prédios projectavam-se sobre mim como galhos escuros de uma alegórica floresta do mal. Simbolicamente, um ônibus chamado Desejo quase me atropela ao passar. Fechei os olhos um instante, para meditar e assim recuperar as forças, mas devo ter adormecido, pois lembro-me de ter sido brutalmente despertado por um policial ao meu lado, cutucando-me com a ponta do pé. Meu organismo deve exalar algum almíscar com poder particular de atracção sobre as autoridades governamentais. Quem mais seria abordado por um policial enquanto esperava a mãe diante de uma loja? Quem mais seria espionado e denunciado enquanto retirava um pobre animal da sarjeta? Qual cadela no cio, pareço seduzir bandos de policiais e fiscais. O mundo ainda há de me pegar por algum pretexto ridículo; aguardo, resignado, o dia em que hão de me atirar em um calabouço com ar condicionado, e me deixar sob luzes fluorescentes, entre paredes com isolamento acústico, para que eu pague o preço por desdenhar tudo o que lhes é caro.

Levantando-me em toda a minha altura — por si só um espectáculo —, olhei de cima o policial agressor e arrasei-o com um comentário que, felizmente, ele não conseguiu entender. Continuei então a empurrar a carrocinha pelo Bairro Francês. Por ser o início da tarde, havia pouca gente nas ruas. Imaginei que os habitantes do local ainda estivessem na cama, recuperando-se das imoralidades da noite anterior. Sem dúvida, muitos deles talvez precisassem até de cuidados médicos: um remendo aqui e ali em um orifício rompido ou um órgão genital dilacerado. Fiquei pensando em quantos olhos depravados estariam me olhando, famintos, de trás das venezianas.

Procurei não pensar nisso. Já começava a me sentir como um peso de carne particularmente apetitosa na vitrina do açougue. No entanto, não veio das janelas nenhuma proposta indecorosa; aquelas mentes corruptas palpitando nos apartamentos escuros, ao que tudo indica, eram subtis sedutores. Mas achei que ao menos uma nota haveria de vibrar no ar. Uma lata de suco de laranja voou de uma janela e por pouco não me pegou. Detive-me para recolhê-la e examinar o cilindro vazio, que talvez contivesse alguma mensagem, mas nada além do viscoso resíduo de suco concentrado escorreu por entre meus dedos.

Seria uma forma obscena de comunicação? Enquanto meditava no assunto e observava a janela de onde fora atirada a lata, um vagabundo chegou-se à carrocinha e pediu um cachorro-quente.

Atendi-o com relutância, constatando, pesaroso, que mais uma vez, o trabalho interferia em um momento crucial.

A essa altura, é claro, a janela de onde partira o projectil já se fechara. Continuei meu caminho, examinando as venezianas cerradas em busca de algum indício. Gargalhadas bestiais faziam-se ouvir de vários prédios à medida que eu passava. Ao que tudo indicava, eram os ocupantes saciando sua sede de depravação. Procurei poupar aos meus ouvidos virgens tão horrendo cacarejo.

Um grupo de turistas vagava pelas ruas, com as câmeras engatilhadas e as lentes reluzindo ao sol. Ao depararem comigo, fizeram uma pausa no trajecto e, com um sotaque do meio-oeste que feriu meus delicados tímpanos como uma debulhadora do milho que eles produzem, imploraram-me para que me deixasse fotografar.

Lisonjeado pela atenção da parte deles, concordei. Muitas fotos foram feitas enquanto eu os obsequiava com poses diversas. Fiquei diante da carrocinha como se fosse uma nau pirata, brandi o cutelo ameaçador em pose memorável, segurando com a outra mão a proa do cachorro de lata. Para culminar, tentei subir na carroça, mas a solidez do meu físico revelou-se demasiada para tão frágil veículo.

Quando começou a rolar rua abaixo, os cavalheiros presentes tiveram que segurá-la e me ajudar a descer. E finalmente o amável grupo me acenou adeuses. Enquanto se afastavam, fotografando como loucos tudo o que caía sob os olhos, ouvi uma gentil senhora comentar: 'Que pena! Devíamos ter dado um trocado para ele'. Foi lamentável o facto de nenhum dos outros (sem dúvida alguma, extremistas de direita) ter respondido de maneira favorável àquele apelo caritativo, acreditando, talvez, que me atirar alguns centavos seria o mesmo que justificar um aumento de verbas para as populações carentes.

„Ele vai gastar com mais bebida”, ponderou uma velha encarquilhada, que trazia o conservadorismo estampado no rosto, em voz fanhosa e com o “r” estropiado. Ao que parece, os outros ficaram do lado da megera, pois o grupo seguiu seu caminho.

Devo admitir que não declinaria este tipo de oferta. Um Jovem Trabalhador pode fazer bom uso de cada centavo que lhe cai nas mãos ambiciosas. Além do mais, aqueles fotógrafos caipiras poderiam fazer fortuna em um concurso fotográfico. Cheguei a considerar a hipótese de correr atrás dos turistas, mas nesse exacto momento um arremedo pouco persuasivo de turista, alquebrada figura de bermudas, vergado ao peso de monstruoso aparato, que parecia ser uma câmara

de cinemascópio, cumprimentou-me. Após observação mais detida, percebi que era, imaginem, o guarda Mancuso. Por certo ignorei o sorriso idiota daquele Maquiavel, fingindo ajustar meu brinco. Ao que tudo indicava, fora-lhe permitido sair do banheiro.

— Tudo bom? — insistiu o ignorante.

— Onde está o meu livro? — indaguei, terrível.

— Ainda estou lendo. Achei muito bom — respondeu, aterrorizado.

— Aproveite os ensinamentos — adverti. — Quando terminar, apresente-me uma crítica por escrito, analisando a mensagem humanística!

Com a exigência ainda pairando solene no ar, segui, orgulhoso, o meu caminho. Então, ao me dar conta de que esquecera a carrocinha, voltei, majestático, para recuperá-la. (Trata-se de tremenda responsabilidade. Sinto-me como se tivesse nas mãos uma criança retardada a exigir atenção constante. Sinto-me como se fosse uma galinha chocando um ovo particularmente grande.) Bem, já eram quase duas horas, e eu vendera um único cachorro-quente. O

Jovem Trabalhador teria que se apressar se quisesse cumprir suas metas. Os habitantes do Bairro Francês, é óbvio, não colocam o cachorro-quente em sua lista de preferências gustativas, e os turistas não pareciam ter vindo à velha e pitoresca Nova Orleans para se intoxicar com os produtos Paradise. Pude antever claramente o que nosso jargão comercial chama de problema de *merchandising*. O

diabólico Clyde, para se vingar, deu-me um itinerário que é um 'Elefante Branco', termo certa vez aplicado a mim em nossas reuniões de negócios. O ciúme e a inveja tornaram a me atingir.

Além disso, eu tinha que arquitectar um plano para fazer face às últimas afrontas de M. Minkoff. Quem sabe o Bairro Francês me forneceria algum implemento: uma cruzada em prol do bom gosto e da decência, da teologia e da geometria, quem sabe.

Nota social: um novo filme com minha estrela preferida, cujo recente musical superou expectativas em termos de imoralidade, será apresentado em breve em um cinema do centro da cidade. Tenho que ver. O único empecilho é a carrocinha. O filme foi anunciado como sendo uma comédia sofisticada, onde sem dúvida serão atingidos altos índices de perversão e blasfêmia.

Nota de saúde: considerável aumento de peso, provavelmente devido à ansiedade causada pela presença cada vez mais insuportável de minha mãe. Trata-se de um truismo da natureza humana vir a odiar aqueles que nos ajudam. Assim sendo, minha mãe agora voltou-se contra mim.

Temporariamente,

Lancelot, o Trabalhador Acossado."

A moça maravilhosa sorriu para o dr. Talc e murmurou: — Adorei o seu curso. Foi sensacional.

— Ah, sim? — replicou Talc, embevecido. — É muita gentileza sua. Achei até que o curso foi um pouco superficial...

— Seu modo de encarar a história é tão contemporâneo, tem uma abordagem tão pouco ortodoxa!

— De facto, acho fundamental abandonarmos as velhas fórmulas. — A voz de Talc era imponente, pedante. Deveria convidar esta adorável criatura para tomar um drinque? — A história, afinal, é evolucionária.

— Eu *sei* — disse a moça, arregalando tanto os olhos que Talc se sentia perdido naquele azul.

— Meu único desejo é motivar os alunos. Temos de assumir o facto de que o aluno médio não está interessado na história da Inglaterra sob o domínio celta, por exemplo. Aliás, eu também não. É

por isso, e tenho que admitir, que sempre encontro uma certa afinidade com as minhas turmas.

— Eu *sei*. — A moça roçou de leve a manga do paletó de Talc ao mudar a bolsa de lugar. Talc vibrou ao toque.

Era o tipo de garota que deveria frequentar as universidades, o oposto daquela Minkoff horrorosa, uma garota grosseira e desleixada que quase fora estuprada no seu departamento. O dr. Talc estremeceu só de pensar na srta. Minkoff. Na sala de aula, ela o desrespeitava diante da turma, açulando o monstro Reilly para que se juntasse aos seus impróprios. Nem ele nem ninguém na universidade jamais se esqueceria daqueles dois. Eram como dois hunos tomando Roma de assalto. O dr. Talc gostaria de saber se teriam acabado por se casar. Bem que mereciam um ao outro. Talvez tivessem se exilado em Cuba.

— Eu *sei*. Certas personagens históricas são muito idiotas.

— É verdade — concordou Talc, ansioso por apoiar qualquer campanha contra a história da Inglaterra, que fora o flagelo da sua existência por muitos anos. Só de recordar a biografia de alguns deles, já ficava com dor de cabeça. Fez uma pausa para acender um Benson and Hedges e pigarrear um pouco de história da

Inglaterra acumulada na garganta. — Todos cometeram muitos erros primários.

— Eu *sei*. — A moça tirou um espelho da bolsa. Seu olhar então ficou gelado e a voz, ríspida. — Bem, eu não queria tomar o seu tempo com essa conversa toda sobre história. Só queria lhe perguntar o que aconteceu com o trabalho que entreguei há dois meses. Quer dizer, eu queria ter uma ideia de qual vai ser a minha média neste semestre.

— Ah, sim — disse o dr. Talc com ar ausente. O castelo de areia desmoronara. Bem no fundo, os alunos eram todos iguais. A moça maravilhosa se transformara em eficiente executiva calculando os lucros do semestre. — Você entregou o trabalho, não foi?

— Tenho certeza absoluta. Estava com uma capa amarela.

— Deixe-me ver se o encontro.

O dr. Talc levantou-se e começou a procurar as pilhas de trabalhos, relatórios e provas no alto da estante. Ao mexer em uma pilha, a velha folha de bloco com pautas largas, dobrada como gaivota, caiu de uma das capas e deslizou até o chão. Talc não reparou na gaivota, uma das inúmeras que haviam voado pela sua janela certo dia, poucos anos antes. Quando aterrizou, a garota apanhou-a e, vendo que havia algo escrito no papel amarelado, desdobrou a folha:

"Talc: Considero-o culpado da acusação de perverter os jovens.

Condeno-o a ser pendurado pelos testículos até à morte. Zorro". A garota releu o bilhete escrito a lápis e, enquanto Talc prosseguia sua busca no alto da estante, abriu a bolsa, jogou lá dentro a gaivota e fechou o zíper.

Dez

I

Gus Levy era um sujeito simpático. Também era um bom companheiro. Entre seus amigos, contavam-se executivos, intelectuais e autoridades de todo o país. Em qualquer estádio ou pista de corrida, Gus Levy sabia que conhecia pelo menos uma pessoa ligada àquele lugar. Conhecia os donos, o vendedor dos ingressos e os jogadores. Todo Natal, recebia um cartão do vendedor de amendoim que trabalhava no estacionamento do Memorial Stadium de Baltimore. Era muito benquisto.

A Cabana dos Levys era onde costumava ficar entre uma e outra temporada. Lá, não tinha amigos. No Natal, o único sinal na Cabana dos Levys, o único barômetro do tempo de festas era a aparição das duas filhas, que, da faculdade, caíam em cima dele com exigências de mais dinheiro e ameaças de rejeitar sua paternidade para sempre se continuasse maltratando a mãe. No Natal, a sra. Levy costumava fazer uma lista, não de presentes, mas de injustiças e violências sofridas desde Agosto. As meninas guardavam a lista dentro da meia. O único presente que a sra. Levy pedia às filhas era que se pusessem contra o pai. A sra. Levy gostava do Natal.

Agora o sr. Levy esperava em casa o início de um novo torneio.

Gonzalez já fizera as reservas para a Flórida e o Arizona. Mas, na Cabana dos Levys, o Natal durava o ano inteiro, e o que estava acontecendo agora poderia muito bem ter sido adiado para depois que ele partisse para a concentração, pensava o sr. Levy.

A sra. Levy deitara a srta. Trixie no sofá onde ele mais gostava de ficar, o de náilon amarelo, e passava creme de beleza no rosto da velha senhora. De vez em quando, a língua da srta. Trixie escapulia e provava um pouco de creme no lábio superior.

— Estou ficando enjoado de ver isto — disse o sr. Levy. — Não vai levá-la para dar um passeio? Está um dia lindo.

— Ela gosta deste sofá — respondeu a sra. Levy. — Deixe-a divertir-se um pouco. Por que não vai *você* lá para fora, mexer nos seus carros esporte?

— Silêncio! — assobiou a srta. Trixie por entre a fantástica dentadura que a sra. Levy acabara de lhe comprar.

— Ouviu só? — disse o sr. Levy. — Já começou a dar ordens aqui dentro.

— Ela precisa se afirmar. Isso o incomoda? Os dentes já lhe deram um pouco mais de amor-próprio. E você continua com essa má vontade. Agora eu entendo por que ela era tão insegura. Fiquei sabendo que Gonzalez ignora a presença dela e faz de tudo para que se sinta indesejada. No inconsciente, ela tem ódio das Calças Levy.

— Todo mundo tem — disse a srta. Trixie.

— Triste, muito triste — foi tudo o que a sra. Levy respondeu.

A srta. Trixie roncou pelos lábios entreabertos.

— Mas vamos acabar com isso — disse o sr. Levy. — Já permiti que fosse longe demais com as suas brincadeiras aqui dentro. Isso não tem o menor sentido. Se você quiser manter uma funerária, tudo bem. Mas não vai ser dentro da minha própria casa. Agora tire essa meleca do rosto dela, que eu vou levá-la de volta para a cidade.

Quero um pouco de sossego quando chego em casa.

— Ué! Você ficou irritado de repente. Pelo menos está tendo uma reacção natural. Isso em você é novidade!

— Você está fazendo isso só para me deixar irritado? Pois não precisa de tanto para me irritar. Agora deixe essa mulher em paz. Ela só quer se aposentar. É como torturar um animal que não pode se expressar para reclamar.

— Sou uma mulher muito bonita — murmurou a srta. Trixie em sonhos.

— Ouviu só? — gritou a sra. Levy alegremente. — E você querendo atirá-la pela porta a fora. Estou conseguindo penetrar no inconsciente dela! Ela é o símbolo de tudo o que você não fez.

De repente, a srta. Trixie pôs-se de pé, rosnando: — Que houve com a minha viseira?

— Só quero ver — disse o sr. Levy. — Daqui a pouco ela atira essa dentadura de quinhentos dólares em cima de você.

— Quem pegou a minha viseira? — indagou a srta. Trixie com irritação. — Onde é que eu estou? Não me segure!

— Querida — começou a sra. Levy, mas a srta. Trixie se deitou de lado e caiu no sono, manchando o sofá com o creme de beleza.

— Escute, Fada Madrinha, quanto foi que você já gastou nesta brincadeira? Não vou pagar o estofador para arrumar este sofá.

— Tudo bem. Pode gastar o seu dinheiro com os cavalos. Pode deixar este ser humano se abater.

— É melhor lhe tirar os dentes antes que ela morda a língua. Aí é que ela vai ficar irritada mesmo.

— Por falar em língua, você ouviu o que ela me contou sobre a tal Gloria hoje de manhã. — A sra. Levy gesticulou, indicando que aceitava a injustiça e a tragédia. — Gloria era uma flor de pessoa, a primeira em muitos anos a se interessar pela srta. Trixie. Então, você aparece de repente e some com Gloria de perto dela. Acho que ela ficou muito traumatizada. As meninas iam gostar de saber desse caso de Gloria. Elas vão lhe fazer muitas perguntas, pode crer.

— Tomara que façam. Sabe, eu acho mesmo que você perdeu o juízo. *Não* existe Gloria. Se continuar conversando o tempo todo com a sua protegida aí, vai acabar sofrendo uma lavagem cerebral.

Quando Susan e Sandra vierem, nas férias de Páscoa, vão encontrar você passeando por aquele escritório com uma sacola de retalhos na mão.

— Ah, estou entendendo. Você se sente culpado pelo incidente com Gloria. Agressividade, ressentimento. Isso pode degenerar em coisa mais séria, Gus. Por favor, deixe esse orgulho de lado e marque uma hora com o médico de Lenny. Aquele médico resolve qualquer problema.

— Então pergunte a ele como é que nós vamos nos livrar das Calças Levy. Esta semana falei com três corretores. Os três disseram que esse negócio é o menos vendável que eles já viram na vida.

— Será que estou ouvindo bem? Você está mesmo querendo torrar o que herdou? — gritou a sra. Levy.

— Silêncio! — resmungou a srta. Trixie. — Vou dar um jeito em vocês. Esperem só. Vocês vão ver. Vou dar um jeito mesmo.

— Ora, cale a boca — disse a sra. Levy, rispida, e empurrou-a de volta ao sofá, onde ela adormeceu imediatamente.

— Bem, um sujeito — continuou o sr. Levy com calma —, um desses corretores de aspecto muito competente, deu-me alguma esperança. Como os outros, ele disse: "Ninguém hoje em dia quer uma confecção. O mercado estagnou. Seu negócio é obsoleto. Precisa de muito investimento em reformas e actualização do equipamento. A estrada de ferro está bem próxima, mas a mercadoria leve hoje em dia é transportada por caminhão, e a localização é péssima para manobras e estacionamento. Fica distante do centro, os caminhões têm que atravessar a cidade inteira. A indústria de roupas se desenvolveu para o sul. Ali, nem o terreno vale muito. A região está virando uma favela". E assim por diante. Mas esse foi o único corretor a dizer que talvez um supermercado se interessasse em comprar a fábrica. Pareceu-me uma boa ideia. Porém, aí surgiram os inconvenientes. Não se pode estacionar perto das Calças Levy, o padrão da região é muito baixo para comportar uma grande loja, e assim por diante outra vez. Ele disse que a única esperança era alugá-la para depósito, mas é um negócio de pouco retorno, e as instalações não são muito adequadas para depósito. Tem qualquer coisa a ver com a estrada de ferro, de novo. Por isso, não se preocupe. As Calças Levy ainda são nossas, como se a gente tivesse herdado um urinol.

— Urinol? O sangue e o suor de seu pai, para você, não passam de um urinol? Mas eu entendo as suas razões. Você quer eliminar o que restou das realizações do seu pai.

— As Calças Levy são uma realização?

— Nunca vou entender por que fiquei tanto tempo trabalhando lá — disse, raivosa, a srta. Trixie, em meio às almofadas em que a sra. Levy a prendera. — Graças a Deus a coitada da Gloria foi embora.

— Com licença, minhas senhoras — disse o sr. Levy por entre os dentes. — Vou deixá-las sozinhas para discutirem o caso de Gloria mais à vontade.

Levantou-se e foi tomar um duche. Enquanto a água envolvia o seu corpo, ficou pensando em um meio de empurrar as Calças Levy para cima de algum empresário desavisado. Aquilo tinha que ter alguma utilidade. Uma pista de patinação? Um ginásio de esportes?

Uma igreja para negros? Pensou depois no que aconteceria se levasse a mesa de massagem da sra. Levy para o quebra-mar e a jogasse nas águas do golfo. Enxugou-se cuidadosamente, colocou seu roupão atalhado e voltou para a saleta.

A srta. Trixie continuava sentada no sofá. Tinha o rosto limpo.

Seus lábios estavam pintados de alaranjado. As pregas das pálpebras haviam sido acentuadas com sombra. A sra. Levy lhe colocava sobre os poucos cabelos uma peruca preta.

— O que é que você está fazendo comigo? — reclamava a srta.

Trixie com sua benfeitora. — Você ainda vai me pagar por isso.

— Está reconhecendo? — perguntou a sra. Levy, orgulhosa, ao marido, sem vestígio de hostilidade na voz. — Olhe bem.

O sr. Levy custou a acreditar. A srta. Trixie estava parecidíssima com a mãe de sua mulher.

II

No Mattie's, Jones encheu um copo de cerveja e mergulhou na espuma os dentes compridos.

— Essa tal de Lana não o está tratando bem, Jones — dizia o sr. Watson. — Uma coisa que não gosto de ver é preto fazendo piada por ser preto. O que essa dona está fazendo com você mais parece coisa do tempo da escravidão.

— Eta! Crioulo já dá um duro danado, e ainda tem que aguentar as piadas de branco. Que merda! Foi a maior mancada eu ter dito a ela que o guarda me mandou para aquele emprego. Devia ter dito que quem me mandou foi um pessoal de agência, gente fina.

Devia ter botado banca com aquela mulher.

— É melhor você ir lá na polícia dizer a eles que vai sair desse emprego e arranjar outro.

— Ei! Eu não vou agora me meter na delegacia e ficar de conversa com a polícia. Se a polícia botar o olho em cima de mim, me segura e não solta mais. Crioulo não acha emprego, mas cana acha na certa. Pelo menos lá dentro a gente não morre de fome. Porém, prefiro morrer de fome *do lado de fora*. É melhor a faxina do puteiro do que o tal do artesanato para passar o tempo lá na cadeia. Fui muito burro de me deixar apanhar naquela ratoeira que é o Noite do Prazer. Tenho que resolver esse negócio sozinho.

— Continuo achando que você devia ir à polícia dizer que está procurando outro emprego.

— Tá bem. E aí fico o ano inteiro procurando. Não estou sabendo de gente que aceita um preto sem curso de nada. Aquela puta da Lana deve conhecer todo mundo na polícia. Senão, aquela espelunca já tinha sido fechada pela Secretaria da Saúde. Não vou dar esse gostinho de chegar para um amigo dela na polícia e dizer: "Olhe, cara, vou ficar na vadiagem, mas é só um pouquinho". Aí ele diz "Você fica por aqui, só um pouquinho, também". Nessa não entro!

— E os estragos, como é que vão?

— Bem mal. Outro dia, Lana me mandou limpar o chão todo de novo só porque viu uma sujeirinha, e achou que os coitados dos fregueses iam ficar com poeira

até o joelho. Que merda! Já lhe contei que escrevi o endereço de lá no embrulho dos órfãos? Assim, quando ela for distribuir no orfanato, pode ser que eles mandem a resposta.

Eu bem que ia gostar de ver quem vai escrever para aquele endereço. Vai ver que é a polícia. Uau!

— Isso não vai resolver coisa nenhuma, rapaz. Vá falar com a polícia. Eles vão entender.

— Eu *morro de medo* da polícia, Watson. Poxa! Você também ia ter medo, se estivesse parado no Woolsworth e eles levassem você no camburão. E mais medo ainda sabendo que Lana se dá com meio mundo lá dentro. Caramba! — Jones expeliu uma nuvem radioactiva que aos poucos se dissolveu pelo balcão e pela geladeira do bar. — Mas, afinal, o que foi que aconteceu com aquele idiota que estava aqui outro dia, o tal que trabalha nas Calças Levy? Ele vem sempre aqui?

— O tal que falou sobre um protesto?

— É, o que foi na conversa do brancão, aquele que falou para os crioulos jogarem uma bomba atômica na fábrica, que ia matar todo mundo, e quem sobrasse acabava em cana.

— Nunca mais apareceu.

— Merda. Eu estava a fim de saber o que foi que aquele branco aprontou. Vou ligar para as Calças Levy procurando por ele. Se eu o jogasse no Noite do Prazer, ia ser pior que uma bomba atômica. Ia ser gozado ver Lana se borrando de medo dele. Uau! Quando eu ficar de porteiro, vou causar o maior estrago. Vou fingir que sou escravo de fazenda e vou tocar fogo na plantação.

— Calma aí, Jones. Não vá se meter em encrenca.

— Espere pra ver!

III

Ignatius estava se sentindo cada vez pior. Sua válvula parecia colada, e nem todo o movimento do mundo era capaz de abri-la.

Grandes porções de gás se deslocavam do estômago para os outros órgãos do aparelho digestivo. Às vezes escapavam ruidosamente.

Outras vezes, perdidas, alojavam-se no peito, provocando uma azia insuportável.

A causa física da decadência de sua saúde, sabia ele, era o consumo exagerado dos produtos Paradise. Mas havia outras razões, mais subtis. Sua mãe assumia aos poucos uma atitude abertamente antagônica; já era impossível controlá-la. Talvez tivesse ingressado em algum grupo radical de extrema direita, que a tornava cada vez mais hostil e beligerante. De qualquer forma, ela já havia promovido uma caça às bruxas na cozinha, recentemente, fazendo-lhe toda sorte de perguntas referentes à sua ideologia política. Aquilo era muito estranho. Sua mãe sempre fora uma apolítica notória, votando apenas em candidatos que parecessem preocupar-se com as próprias mães. A sra. Reilly apoiara Franklin Roosevelt durante quatro mandatos, não por causa do New Deal, mas porque a mãe dele, a sra. Sarah Roosevelt, parecia ser respeitada e bem-tratada pelo filho.

A sra. Reilly também votara nas mulheres da campanha de Truman, que haviam se postado diante de sua casa vitoriana em Independence, no Missouri, e não especificamente em Harry Truman.

Para a sra. Reilly, Nixon e Kennedy foram Hannah e Rose. Os candidatos sem mãe a confundiam, e, nas eleições órfãs, preferia ficar em casa. Ignatius não conseguia entender seu repentino e atabalhoado esforço para defender o regime do próprio filho.

E havia ainda Myrna, que lhe aparecera em diversos sonhos em forma dos velhos seriados de Batman que ele assistira no Prytania, em criança. A cada capítulo, seguia-se outro. Em um capítulo horrípilante, ele estava na plataforma do metrô, encarnando São Tiago Menor, que foi martirizado pelos judeus. Myrna passou pela roleta segurando um cartaz com os dizeres: CONGRESSO PACIFISTA PELOS CARENTES SEXUAIS, e começou a importuná-lo.

— Cristo virá para os convertidos e gentios — profetizou, grandiloquente, Ignatius-São Tiago.

Mas Myrna, com um sorriso zombeteiro, empurrou-o com o cartaz até que ele caísse nos trilhos, diante do carro em alta velocidade. Ele despertou no momento exacto em que ia ser esmagado. Os sonhos com M. Minkoff ficavam cada dia piores, sonhos terríveis, com ônibus de turismo nos quais Ignatius, magnífico no bagageiro, cavalgava ônibus apocalípticos por sobre os varões da ponte até colidir com os jactos que taxiavam nas pistas do aeroporto. À noite, era perseguido pelos sonhos e, de dia, pelo itinerário insuportável que o sr. Clyde lhe impingia. Ninguém no Bairro Francês, ao que parece, estava interessado em cachorros-quentes. Assim sendo, o dinheiro que levava para casa diminuía a cada dia, e sua mãe, em troca, ficava cada dia mais azeda. Quando e como terminaria esse círculo vicioso?

Lera no jornal da manhã que um grupo de senhoras estava promovendo uma exposição de pintura na Pirate's Alley. Imaginando que a pintura fosse degenerada o bastante para interessá-lo por algum tempo, empurrou a carrocinha pelas lajes da alameda até chegar às diversas obras de arte penduradas na cerca de ferro dos fundos da catedral. Na proa da carroça, na esperança de atrair clientela entre os frequentadores do bairro, Ignatius pregou uma folha de bloco onde escrevera a lápis: 30 CENTÍMETROS DE

PARAÍSO. Até aquele momento, ninguém dera maior atenção à mensagem.

A alameda estava repleta de senhoras bem-vestidas, com chapéus de abas largas. Ignatius dirigiu a proa da carrocinha para o meio da multidão e foi em frente. Uma mulher leu a declaração escrita na folha e deu um grito, conclamando as companheiras a abrir caminho para o fantasma que aparecera em sua exposição.

— Cachorro-quente, senhoras? — indagava Ignatius, prazeroso.

Os olhos das senhoras observavam a folha de papel, o brinco, o lenço, o gancho, e lhe imploravam que se fosse. A chuva poderia atrapalhar a exposição. Mas *aquilo* não estava nas previsões.

— Olhe o cachorro! — anunciou Ignatius, um pouco aborrecido.

— Petiscos das higiênicas cozinhas Paradise.

Arrotou com violência, durante o silêncio que se seguiu. As senhoras disfarçaram, olhando para o céu e o jardim da catedral.

Ignatius arrastou-se até à cerca, abandonando a carrocinha à própria sorte, e inspeccionou os óleos e aguarelas ali pendurados.

Embora os estilos variassem bastante, o motivo dos quadros era semelhante: camélias flutuando em vasilhas de água, azáleas torturadas em arranjos ambiciosos, magnólias que pareciam brancos moinhos de vento. Ignatius perscrutou as ofertas por alguns instantes, sem interferência, pois as senhoras se afastaram da cerca para se reunir à distância, na defensiva, em um aglomerado compacto. A carroça também jazia sobre as lajes de cimento, a alguns metros do mais novo agregado ao grupo de pintoras.

— Santo Deus! — berrou Ignatius após vistoriar a cerca de cima a baixo. — Como ousam apresentar tais aberrações em público?

— Queira retirar-se — disse uma senhora mais corajosa.

— As magnólias não têm esse aspecto — disse Ignatius, empunhando o gancho para a ofensiva aquarela. — As senhoras estão precisando de um curso de botânica. E acho que de geometria também.

— O senhor *não é obrigado* a ver o nosso trabalho — disse uma voz indignada no meio do grupo, a voz da senhora que executara a magnólia em questão.

— Sou, sim! — gritou Ignatius. — As senhoras precisam de um crítico com bom gosto e decência. Valha-me Deus! Quem fez esta camélia? Apresente-se. A água da tigela mais parece óleo de carro.

— Deixe-nos em paz — disse uma voz amedrontada.

— Vocês deviam parar de promover chazinhos e entrar para um curso de pintura — dardejou Ignatius. — Para começar, têm que aprender a segurar o pincel. Gostaria de sugerir que pintassem as suas paredes para praticar.

— Vá embora.

— Se "artistas" como vocês tivessem participado da pintura da Capela Sistina, aquilo ia acabar parecendo uma vulgar estação de trens — bufou Ignatius.

— Não estamos aqui para ser ofendidas por um vendedor ambulante — disse uma porta-voz das enchapeladas.

— Agora eu entendi! — retrucou Ignatius, aos berros. — São vocês que denigrem a reputação dos vendedores de cachorro-quente.

— Ele é maluco.

— É um sujeitinho vulgar.

— Tão estúpido!

— Não dê atenção a ele.

— Não queremos que fique aqui — disse a porta-voz, sem rodeios.

— Eu sei que não! — Ignatius respirava com dificuldade. — Parece que vocês têm medo de entrar em contacto com a realidade de alguém que lhes mostre os abusos cometidos contra as telas.

— Faça o favor de retirar-se — ordenou a representante.

— Já vou. — Ignatius agarrou a alça da carrocinha e saiu, empurrando-a. — Vocês deviam cair de joelhos, pedindo perdão pelo que acabo de ver pendurado nessa cerca.

— Esta cidade está mesmo muito decadente, com *esse* tipo de coisa acontecendo na rua — disse uma das mulheres, enquanto Ignatius gingava alameda abaixo.

Ignatius ficou surpreso ao sentir uma pedra pequena passar de raspão pela sua cabeça. Zangado, sacudiu a carroça pelas lajes até chegar ao fim da alameda. Parou então a carrocinha junto a um caminho para pedestres, de modo que não fosse vista. Doíam-lhe os pés, e, quando descansava, não queria que ninguém o incomodasse pedindo cachorro-quente. Apesar de as vendas irem de mal a pior, em certos momentos a pessoa precisa ser honesta consigo mesma e colocar seu bem-estar em primeiro lugar. Naquele esquema de vendas, seus pés acabariam em carne viva.

Ignatius agachou-se, desconfortável, na escadaria lateral da catedral. Seu recente aumento de peso e a inchação causada pela válvula inoperante tornavam ingrata qualquer posição que não a de pé ou deitada. Retirando as botas, passou a inspecionar os tijolões que eram seus pés.

— Meu bem! — disse uma voz acima dele. — Quem é que estou vendo? Vim para ver essa exposição cafona e quem é que eu encontro? Será o fantasma de Lafitte, o pirata? Será o Chico Bóia?

Não. Será um tripulante do Holandês Voador? Fale, senão eu morro.

Ignatius olhou para cima e viu o jovem que comprara o chapéu de sua mãe na Noite do Prazer.

— Saia de perto de mim, sujeitinho esquisito. Onde está o chapéu de minha mãe?

— Ah! — suspirou o jovem. — Acho que acabaram com ele numa festinha meio agitada. Todo mundo amou aquele chapéu.

— Imagino. E nem vou perguntar como ele foi profanado.

— Eu não ia mesmo me lembrar. Os martinis daquela noite foram demais *pour moi*.

— Ai, meu Deus!

— Mas, pelo amor de Deus, que é que você está fazendo com essa roupa tão exótica? Parece Charles Laughton travestido de Rainha dos Ciganos. Você está fantasiado de quê? Eu queria muito saber.

— Suma daqui, seu fresco! — Ignatius arrotou, e as eructações gasosas ecoaram entre os muros da alameda. O grupo de pintoras voltou os chapéus para a origem do som vulcânico. Ignatius lançou um olhar para o paletó de veludo caramelo do jovem, o suéter de caxemira lilás e o cacho de cabelo louro que lhe caía no rosto reluzente. — Saia de perto de mim, senão eu o expulso a pontapés.

— Ora essa! — O jovem dava risadas curtas, infantis, que faziam ondular o paletó macio. — Você é mesmo louco, não é?

— Como se atreve? — gritou Ignatius. Tirou o alfinete do cutelo e começou a bater na camurça do jovem com a arma de plástico.

Este dançava na frente de Ignatius para se desenvencilhar dos golpes, e seus movimentos ágeis o tornavam um alvo difícil. Afinal, atravessou dançando a alameda e acenou para Ignatius. Este apanhou a bota elephantina e jogou-a de encontro à silhueta saltitante.

— Ui! — gritou o jovem. Apanhou o calçado e atirou-o de volta, atingindo Ignatius em pleno rosto.

— Ah, meu Deus! Estou desfigurado.

— Cale a boca.

— Vou mandar prendê-lo por agressão.

— Se eu fosse você, ficava era longe da polícia. Que é que eles vão dizer quando virem você nessa fantasia, Capitão Gancho? Acha que eles vão acreditar que *eu* é que o estou agredindo? Seja realista.

Eu já acho demais eles permitirem que você circule por aí vestido de cigano. — O jovem levantou a tampa do isqueiro, acendeu um cigarro Salem e fechou-o, de novo. — Ainda mais descalço e com uma espada de mentirinha. Isso é brincadeira?

— A polícia acredita em tudo o que eu digo.

— Então pode chamar.

— Você vai pegar muitos anos de cadeia.

— É, você está mesmo maluco.

— Bom, eu não vou ficar aqui sentado, ouvindo desaforos — disse Ignatius calçando as botas.

— Ai! — disse o jovem com voz esganiçada. — Que olhar!

Parece a Bette Davis com indigestão.

— Não fale mais comigo, seu pervertido. Vá procurar seus amiguinhos. Neste bairro tem muita gente do seu tipo.

— Como é que vai aquela sua mãe?

— Não admito que tome o santo nome dela em vão.

— Bem, já que eu tomei, está tudo bem com ela? Tão simpática, aquela mulher, tão despachada! Você tem sorte!

— Não vou falar dela com você.

— Se prefere assim, por mim está bem. Só espero que ela não saiba que você anda por aí feito uma Joana d'Arc zingara. Esse brinco... Tão húngaro!

— Se quiser uma roupa dessas, compre — disse Ignatius. — Agora me deixe em paz.

— Eu sei que essas coisas não se encontram assim para comprar. Olhe, isso numa festa ia fazer o maior sucesso.

— Desconfio que essas festas que você frequenta devem ser a própria visão do apocalipse. Eu sabia que a nossa sociedade ia acabar assim. Daqui a alguns anos, você e os seus amiguinhos vão dominar o país.

— Pretendemos mesmo — disse o jovem com um grande sorriso. — Temos contactos em todos os escalões. Você nem ia acreditar.

— Não ia, não. Hroswitha deve ter previsto isso há muito tempo.

— Que diabo é isso?

— Uma profetisa medieval. É ela quem dirige minha vida.

— Mas você é mesmo incrível — disse o jovem, radiante. — E, apesar de eu achar impossível, parece que você engordou. Onde é que você vai parar? Tem qualquer coisa que não dá para entender nessa sua obesidade.

Ignatius pôs-se de pé e deu uma estocada no peito do outro com o cutelo de plástico.

— Tome, nojento! — gritou, enfiando o cutelo no suéter de caxemira. A ponta do cutelo se quebrou e caiu no chão.

— Ai, meu Deus! — O jovem deu um gritinho. — Você vai me rasgar o suéter, seu malucão.

No final da alameda, o grupo de pintoras retirava suas telas da cerca e recolhia as cadeiras dobráveis, como árabes preparando a partida de uma caravana. A exposição anual estava perdida.

— Sou a espada vingadora do bom gosto e da decência — gritava Ignatius. Enquanto brandia a arma quebrada contra o suéter, as senhoras se precipitavam pela Royal Street. As retardatárias recolhiam suas magnólias e camélias, em pânico.

— Por que parei para falar com você, seu louco? — perguntou o jovem em um sussurro, ofegante. — É o melhor suéter que eu tenho.

— Sua puta! — berrou Ignatius, raspando o peito do jovem com o cutelo.

— Mas que horror!

Ele tentou se desenvencilhar, mas Ignatius segurava-o firmemente com a outra mão. Enfiando o dedo na argola do brinco de Ignatius, o rapaz deu um pulo para trás.

— Baixe essa espada — ofegou para Ignatius.

— Valha-me Deus! — Ignatius deixou cair a espada na laje de cimento. — Rasgou o meu lóbulos!

O jovem soltou o brinco.

— Agora você conseguiu! — disse Ignatius, lastimoso. — Vou metê-lo numa prisão para o resto da vida.

— Olhe só o meu suéter, seu monstro!

— Só um fresco tem coragem de usar esse lixo. Devia ter vergonha, ou pelo menos um pouco de bom gosto no vestir.

— Criatura nojenta! Coisa *enorme*!

— Na certa vou levar muitos anos frequentando o Hospital de Otorrinolaringologia — disse Ignatius, segurando a orelha. — Você vai receber a conta dos médicos todo mês. Meus advogados vão procurá-

lo amanhã, onde quer que exerça suas actividades suspeitas. Vou preveni-los sobre o que vão ver e ouvir. São juristas brilhantes, pilares da sociedade, aristocratas com um conhecimento muito limitado das formas inferiores de vida. Podem até recusar-se a procurá-lo. Um representante de menos peso deve ser enviado, algum recém-formado que eles admitiram por piedade.

— Seu animal nojento.

— No entanto, para lhe poupar a ansiedade da espera desta falange de luminaires jurídicos, concordo em aceitar uma indemnização agora, se preferir. Cinco ou seis dólares acho que bastam.

— Só este suéter me custou quarenta dólares — disse o rapaz.

Tocou o pedaço esgarçado pelo cutelo. — Você tem como pagar isto?

— Claro que não. Nunca se meta em discussão com um indigente.

— Eu vou processar você.

— Talvez devêssemos ambos abandonar a ideia do recurso legal. Para um acontecimento tão auspicioso quanto o comparecimento ao tribunal, você provavelmente usaria vestido de baile e tiara na cabeça. Um juiz mais idoso ficaria transtornado. Nós dois acabaríamos condenados por alguma coisa.

— Animal revoltante!

— Por que não sai correndo até encontrar uma distração perversa que o interesse? — Ignatius eructou. — Olhe só, um marinheiro passando pela Chartres Street. Parece muito solitário.

O jovem olhou para a Chartres Street, no final da alameda.

— Ah, é ele! — disse. — É Tim.

— Tim? — perguntou Ignatius, irritado. — Seu conhecido?

— Claro — disse o jovem, com desprezo na voz. — Um dos meus amigos mais queridos, mais antigos. Não é marinheiro coisa nenhuma.

— O quê? — trovejou Ignatius. — Quer dizer que está se fazendo passar por um membro das forças armadas?

— Ele se faz passar por muita coisa.

— Mas isso é seríssimo! — Ignatius franziu o cenho, e o lenço de cetim vermelho entrou para dentro do boné de caça. — Cada soldado e marinheiro que se vê pode não passar de um pervertido dissimulado. Deus meu! Estamos envolvidos numa terrível conspiração. Eu sabia que isso ia acabar acontecendo. Os Estados Unidos estão totalmente indefesos!

O jovem acenou ao marinheiro, que retribuiu com ar familiar, e saiu do raio de visão pela frente da Catedral. A poucos passos atrás do marinheiro, apareceu o guarda Mancuso, no final da Pirate's Alley, usando boina e cavanhaque.

— Ah! — disse o jovem com alegria, vendo o guarda Mancuso seguir o marinheiro. — É aquele policial fantástico. Será que ele não sabe que todo mundo no bairro já sabe quem ele é?

— Você também o conhece? — perguntou Ignatius na defensiva. — É um homem muito perigoso.

— Todo mundo o conhece. Ainda bem que ele voltou.

Estávamos achando que tivesse acontecido alguma coisa com ele.

Gostamos demais dele. Ah, eu só fico esperando para ver o disfarce que põem nele! Você precisava ver uns dias antes de ele sumir: estava demais naquela roupa de *cowboy*. — O rapaz explodiu em uma gargalhada. — Ele mal podia

andar com aquelas botas. Uma vez ele me parou na Chartres Street, quando eu andava muito louco com aquele chapéu da sua mãe. Outra vez me parou de novo na Dumaine para puxar conversa. Naquele dia, estava de óculos e blusão de universidade. Disse que estudava em Princeton e estava aqui passando férias. Ele é incrível. Fico feliz pelo facto de a polícia tê-lo mandado de volta para um ambiente onde o pessoal gosta dele.

Garanto que estava desperdiçado lá por onde andou. E aquele sotaque! Tem gente que prefere o disfarce de turista inglês. Questão de gosto. Mas eu sempre achei melhor o de coronel da Guerra de Secessão. É mesmo questão de gosto, acho. Nós já o mandamos prender duas vezes por fazer propostas indecorosas. É a coisa mais engraçada do mundo confundir a polícia. Tomara que não tenha acontecido nada de grave com ele, porque ele é mesmo um amigo do peito.

— Ele está em péssima situação — observou Ignatius. — Fico imaginando quantos militares a gente vê por aí que não passam de frescos como esse seu amigo, só que disfarçados.

— Como é que se pode saber? Por mim, todos seriam.

— É claro — disse Ignatius com voz séria, pensativa —, seria uma farsa de alcance mundial. — O lenço de cetim vermelho subia e descia. — A Terceira Guerra Mundial pode se transformar numa orgia generalizada. Louvado seja. Quantos líderes militares não serão sodomitas representando um papel? Aliás, isso pode ser até benéfico para o mundo. Pode significar o fim definitivo da guerra. Pode ser a solução para a paz duradoura.

— Claro que pode — disse o jovem, divertido. — Paz a qualquer preço.

Dois terminais nervosos no cérebro de Ignatius uniram-se para formar uma associação imediata. Talvez ele tivesse acabado de encontrar um meio de enfrentar as afrontas de M. Minkoff.

— Os líderes, enlouquecidos pelo poder, ficariam surpresos quando descobrissem que os oficiais e as tropas eram apenassodomitas mascarados, ansiosos para se encontrar com os exércitos de sodomitas mascarados dos outros países, para promoverem festas e trocarem novos passos de dança.

— Não ia ser uma maravilha? O governo pagando para a gente viajar. Que divino! Íamos pôr fim às rivalidades mundiais e recuperar as esperanças do povo.

— Quem sabe vocês são a esperança do futuro? — disse Ignatius em tom

dramático, colocando as mãos enormes uma sobre a outra. — Não parece haver nada mais promissor.

— E ainda iríamos ajudar a acabar com a explosão demográfica.

— Ai, meu Deus! — Os olhos azul-amarelados faiscaram. — O

seu método deve ser muito mais satisfatório e aceitável que o austero controle de natalidade que eu sempre defendi. Preciso dedicar mais espaço a esse assunto nos meus escritos. A matéria exige a atenção de um pensador em profundidade, que tenha uma certa perspectiva do desenvolvimento cultural do mundo. Fico muito contente por você ter me dado a ideia.

— Mas que dia engraçado, este! Você de cigano. Tim de marinheiro. O policial maravilhoso de artista. — O jovem suspirou. — Parece o carnaval; só eu é que não estou participando. Acho que vou voltar para casa e vestir qualquer coisa — Espere um pouco — disse Ignatius. Não podia permitir que aquela oportunidade lhe escapasse.

— Vou só colocar umas coisinhas. Estou na fase romântica — disse o rapaz alegremente. E começou a cantar: "Ó Suzana, não chores por mim. Quando eu for pró Alabama vou tocando bandolim".

— Interrompa essa horrível interpretação — ordenou Ignatius, zangado. Essa gente tinha que ser tratada com rédea curta.

O jovem passeou em volta de Ignatius e disse: — Aqueles filmes românticos eram uma beleza! Eu os via sempre na televisão. E no cinema, com uma gorjeta para o lanterninha, ele parava de passar por perto, e a gente podia...

— Faça-me o favor de conversar direito. Pare de saltitar por aí.

— *Moi?* Saltitar? Que é que você quer, Cigana?

— O seu pessoal já pensou em formar um partido e apresentar um candidato?

— Política? Ora, Donzela de Orleans! Que chatice!

— Mas é muito importante! — Ignatius elevou a voz, preocupado. Haveria de mostrar a Myrna como insuflar sexo na política. — Apesar de eu nunca ter pensado nisso antes, vocês podem ter a solução para o futuro.

— E o que você pretende fazer, Eleanor Roosevelt?

— Vocês têm que fundar um partido. Têm que fazer planos.

— Ora faça-me o favor! — suspirou o jovem. — Essa sua conversa está me deixando de cabeça quente.

— Vocês podem salvar o mundo! — berrou Ignatius, com voz de orador. — Por Deus! Como é que não pensei nisso antes?

— Esse tipo de conversa me deixa meio deprimido, mesmo que você não perceba — disse o rapaz. — Estou me lembrando do meu pai, e alguma coisa pode ser mais deprimente que isso? — suspirou.

— Acho que já vou indo. É tempo de fantasia.

— Não! — Ignatius agarrou-o pela lapela do paletó.

— Minha nossa! — murmurou o jovem, pondo a mão no pescoço. — Hoje eu só durmo com um comprimido.

— Temos que nos organizar imediatamente.

— Não dá para entender que eu estou muito deprimido?

— Tem que ser um grande encontro para organizar as bases da campanha.

— Vai ser assim como uma festa?

— É, mais ou menos. Porém, vai ter que cumprir as suas metas.

— Então vai ser bom. Você não pode imaginar a falta de graça das festas hoje em dia.

— Não vai ser festa, imbecil!

— Sei, nós só vamos ter conversa séria.

— Isso mesmo. Agora escute. Vou dar uma conferência para o pessoal saber o que precisa fazer. Já tenho vastos conhecimentos de organização política.

— Maravilha! Mas você tem que ir com essa roupa incrível.

Garanto que vão prestar a maior atenção em você. — O jovem deu um gritinho e cobriu a boca com a mão. — Meu bem, que reunião mais louca vai ser!

— Não temos tempo a perder — disse Ignatius, grave. — O

apocalipse está próximo.

— E vai ser a semana que vem, na minha casa.

— Arranje umas faixas — preveniu Ignatius —, porque os encontros políticos precisam dessas coisas.

— Vou comprar peças de pano. Vou ter um trabalhão na decoração. Tenho que chamar uns amigos para me ajudar.

— Ótimo — disse Ignatius, agitado. — Comece a organizar em todos os níveis.

— Olhe, nunca imaginei que fosse tão interessante conhecer uma pessoa como você. Você estava tão agressivo aquele dia no bar...

— Meu ser tem muitas facetas.

— Você me espanta. — O jovem observava o traje de Ignatius.

— Como é que eles deixam você aí assim, desperdiçado? De certo modo, eu o respeito.

— Muito agradecido — a voz de Ignatius era macia, feliz. — Os tolos não compreendem a minha visão do mundo.

— Quem poderia imaginar!

— Desconfio que por trás de sua fachada vulgar e afeminada existe uma alma digna. Você já leu Boécio?

— Quem? Não li, não. Eu não leio nem jornal.

— Então precisa começar imediatamente um programa de leitura para poder compreender a crise da nossa era — disse Ignatius, solene. — Comece com os últimos romanos, inclusive Boécio, é claro. Depois dê um mergulho no início da Idade Média.

Pode pular o Renascimento e o Iluminismo. É propaganda das mais perigosas. Estou pensando agora que talvez fosse melhor pular também o Romantismo e os vitorianos. Do período contemporâneo, deve estudar uns quadrinhos escolhidos.

— Você é incrível!

— Recomendo principalmente Batman, pois ele costuma transcender a

sociedade assombrosa na qual está inserido. Sua moralidade também é bastante rígida. Respeito muito Batman.

— Olhe, é Timmy outra vez — disse o jovem. O marinheiro passava pela Chartres Street na direção oposta. — Será que ele não se cansa de andar sempre pelo mesmo lugar? Vai e volta, vai e volta.

Olhe só. Já é inverno, e ele continua usando a farda de verão. Vai acabar chamando a atenção da patrulha costeira. Esse cara não tem jeito.

— Ele está com um ar preocupado — disse Ignatius. O artista de boina e cavanhaque passou pela Chartres, seguindo, apressado, o marinheiro. — Ai, meu Deus! Aquele ridículo agente da lei vai estragar tudo. É um ventilador na farofa de todo mundo. Você devia ir lá avisar esse marinheiro de araque. Se as autoridades descobrem que ele é um impostor, vão prendê-lo, e a nossa estratégia política pode ir por água abaixo. Suma com esse palhaço antes que ele estrague o golpe político mais diabólico da história da civilização ocidental.

— Ah! — gritou o jovem alegremente. — Vou lá contar para ele.

Quando souber que já está tudo combinado, vai ter um troço.

— Não relaxe nos preparativos — avisou Ignatius.

— Vou trabalhar até cair de cansaço — disse o jovem, satisfeito. — Comícios, filiações, panfletos, comitês. Vamos dar início ao encontro às oito. Moro na St. Peter Street, num prédio amarelo perto da Royal. Não tem erro. Tome o meu cartão.

— Ah, meu Deus! — murmurou Ignatius, olhando o austero cartão de visita. — Dorian Greene não pode ser o seu nome!

— É, não é uma pena? — perguntou Dorian, lânguido. — Se eu lhe contasse o meu nome verdadeiro, você nunca mais falaria comigo. É tão batido que tenho horror só de lembrar. Nasci numa plantação de trigo, no Nebraska. Por aí você pode imaginar.

— Bem, de qualquer modo, eu sou Ignatius J. Reilly.

— Esse não é tão horroroso. Pensei que você se chamasse Horace, ou qualquer coisa parecida. Então, não deixe de ir. Ensaie o seu discurso. Eu garanto a plateia. Todo mundo está morto de tédio, vão brigar pelos convites. Ligue para mim marcando a data certa.

— Não esqueça de reafirmar a importância deste histórico conclave — disse Ignatius. — Não vamos aceitar irresponsáveis.

— Um ou outro deve ir fantasiado. Isso é que é maravilhoso em Nova Orleans. Para quem gosta, o carnaval dura o ano todo. Olhe, às vezes parece que o bairro inteiro é um baile à fantasia. Às vezes, não reconheço nem os meus próprios amigos. Mas sem fantasia, conheço todo mundo por aqui. E a gente não vai a uma festa animada há meses.

— Não me oponho à presença de alguns mascarados decentes e de bom gosto — disse Ignatius, afinal. — Vão contribuir para uma atmosfera internacional adequada ao encontro. Os políticos sempre tiram retrato com débeis mentais de traje típico. Pensando bem, você até deve estimular as fantasias. Só não queremos personificações femininas. Acho que os políticos não gostam de ser fotografados com travestis. Acredito que isso espanta os eleitores da zona rural.

— Agora eu vou indo para falar com Timmy. Vou meter um medo nele....

— Cuidado com aquele policial maquiavélico. Se ele desconfiar, estamos perdidos.

— Olhe, se eu não estivesse tão contente por ele ter voltado para cá, telefonaria agora mesmo para a polícia, mandando prendê-lo por proposta indecorosa. Você não pode imaginar a maravilhosa expressão no rosto daquele homem quando o camburão pára do lado dele. E os policiais que o vão prender! É o maior *show*. Mas estou feliz da vida porque ele voltou. Agora ninguém vai maltratá-lo. Tchau, Cigana.

Dorian saltitou alameda abaixo para se encontrar com o marinheiro decadente. Ignatius olhou para o lado da Royal Street e imaginou o que teria acontecido com a exposição de pintura.

Arrastou-se até o local onde escondera a carrocinha, preparou um cachorro-quente e rezou para que aparecesse um comprador antes do final do dia. Com tristeza, meditou no facto de a Fortuna ter baixado tanto sua roda. Nunca antes pensara que chegaria a ponto de rezar para que alguém lhe comprasse um cachorro-quente.

Porém, ao menos tinha pronto um esquema infalível para atacar M.

Minkoff. Só de pensar na formação do partido já se sentia melhor.

Dessa vez a ninfeta ia ficar desorientada.

Tudo era uma questão de depósito. Da uma às três da tarde, George circulava com os embrulhos. Uma tarde, foi ao cinema, mas, mesmo no escuro, assistindo a um programa duplo sobre colônias de nudismo, não ficava à vontade. Tinha medo de colocar os embrulhos na poltrona do lado, ainda mais em um cinema como aquele. Com eles no colo, o peso fazia com que não parasse de pensar naquilo durante as três horas de pele bronzeada que passava na tela. Em outro dia, ficara andando com eles pelas ruas do centro e do Bairro Francês. Às três horas, estava tão cansado da maratona que não tinha mais energias para negociar o material; além do mais, depois de duas horas circulando, os embrulhos ficaram amassados e começaram a rasgar. Se um embrulho daqueles se abrisse no meio da rua, podia contar como certo passar o resto da juventude em uma casa de detenção. Por que aquele agente disfarçado tentara prendê-

lo no banheiro? Ele não havia feito nada. Só se o outro tivesse percepção extra-sensorial.

Finalmente, George se lembrou de um lugar que pelo menos lhe garantiria algum descanso sentado, a Catedral de São Luís. Sentou-se em um banco próximo ao tabuleiro de velas acesas e ficou desenhando nas mãos, com os pacotes empilhados ao lado.

Terminado o desenho, apanhou um missal no encosto da frente e folheou-o, reciclando seus poucos conhecimentos do ritual da missa pelas ilustrações que mostravam o celebrante fazendo orações. A missa era mesmo muito simples, pensou George. Até a hora de sair, folheou o missal de trás para diante e de frente para trás. Juntou então os embrulhos e foi para a Chartres Street.

Um marinheiro encostado em um poste piscou para ele. George respondeu à saudação com um gesto obsceno da mão tatuada e seguiu seu caminho. Ao passar pela Pirate's Alley, ouviu gritos. Lá na alameda, o vendedor louco tentava apunhalar uma bicha com uma espada de plástico. Aquele vendedor de cachorro-quente era mesmo alucinado. George parou um instante para apreciar o brinco e o lenço que se agitavam enquanto a bicha dava gritos esganiçados. Aquele vendedor não devia saber em que dia e mês estavam, talvez nem o ano. Devia achar que era carnaval.

Bem a tempo, George viu o policial disfarçado do banheiro descer a rua atrás do marinheiro. Parecia um *beatnik*. George correu para trás dos arcos do velho prédio do governo espanhol, o Cabildo, e de lá alcançou em disparada a St. Peter Street, onde continuou a correr até chegar à Royal, ao terminal de ônibus.

Agora o agente disfarçado rondava perto da catedral. George tinha que admitir a eficiência da polícia. Eles sabiam de tudo. Puxa, não lhe davam a menor chance!

Assim sendo, voltou o pensamento para a questão do depósito.

Sentia-se como um foragido da penitenciária escondendo-se de um batalhão. Para onde, agora? Tomou o bonde e pensou no assunto, sacolejando até chegar à Bourbon Street, passando pelo Noite do Prazer. Lana Lee estava na porta, dando instruções ao negrinho sobre o melhor lugar para colocar um cartaz. O negrinho acendeu um cigarro que teria ateadado fogo aos cabelos da srta. Lee se não tivesse sido aceso por um perito. Do jeito que estavam, a brasa oscilava sobre a cabeça da srta. Lee, a menos de dois centímetros de distância. Esses negrinhos agora estavam ficando atrevidos. George precisava ir qualquer noite dessas aos lugares onde eles se reuniam para lhes atirar uns ovos podres. Há muito que ele não se metia em um carro "envenenado" com os amigos e saía sujando os negrinhos que cometessem a burrice de sair na rua.

Mas voltemos ao assunto do depósito. O bonde passou pelos Elysian Fields sem que George tivesse qualquer ideia. De repente lá estava. Bem à sua frente todo esse tempo, e ele nem se dera conta.

Teve vontade de chutar a própria canela com o bico fino de suas botas flamengas. Viu um compartimento de metal, aconchegante, isolante, térmico, uma caixa de depósito ambulante e segura, que nenhum policial disfarçado no mundo, por mais esperto que fosse, pensaria em abrir. Um cofre defendido pelo maior leão-de-chácara do mundo: o compartimento de pães da carrocinha do vendedor maluco.

Onze

I

— Ai, que bom! — disse Santa, segurando o jornal bem próximo aos olhos. — Tem um filminho fofo aqui perto, com a Debbie Reynolds.

— Ai, ela é uma graça! — disse a sra. Reilly. — Você gosta, Claude?

— Quem é? — perguntou o sr. Robichaux com delicadeza.

— A pequena Debra Reynolds — respondeu a sra. Reilly.

— Acho que não me lembro de a ter visto. Não vou muito ao cinema.

— Ela é uma graça — disse Santa. — Toda *mignon*. Você viu aquele filme lindo com ela no papel de Tammy, Irene?

— Não é o filme em que ela fica cega?

— Não, filha. Esse deve ser outro filme.

— Ah, já sei de quem eu estava falando, amor. Era de Jane Wyman. Ela também era tão fofa!

— Ai, ela era ótima! — disse Santa. — Lembro-me de um filme em que ela fazia o papel de uma muda que acabava estuprada.

— Nossa, ainda bem que eu não vi esse filme!

— Ah, mas foi uma maravilha, bem. Um filme triste. Sabe, o olhar da muda quando foi estuprada, eu nunca mais vou esquecer.

— Alguém quer mais café? — perguntou o sr. Robichaux.

— É, dê-me um pouquinho, Claude — disse Santa, dobrando o jornal e jogando-o em cima da geladeira. — Fiquei tão triste porque Angelo não pôde vir! Coitado dele! Disse que vai trabalhar dia e noite por conta própria para ver se prende alguém. Acho que hoje ele está trabalhando. Vocês deviam ver o que a Rita me contou. Parece que Angelo comprou uma porção de roupas caras para ver se com elas atrai algum tipo suspeito. É uma vergonha! Isso só demonstra como esse rapaz adora aquela corporação. Se mandarem ele embora, ele morre do coração. Tomara que ele pegue alguém.

— Angelo leva uma vida muito difícil — disse a sra. Reilly, ausente. Pensava na placa PAZ AOS HOMENS DE BOA VONTADE que Ignatius pregara na porta de casa ao voltar do trabalho. A srta. Annie iniciara de imediato um interrogatório sobre o assunto, gritando perguntas da janela. — O que você acha de uma pessoa querer a paz, Claude?

— Parece-me coisa de comunista.

Os temores da sra. Reilly se materializavam.

— Quem é que quer a paz? — perguntou Santa.

— Ignatius colocou uma placa na porta de casa, falando de paz.

— Eu já devia saber — disse Santa, irritada. — Primeiro esse menino quer um rei, agora quer paz. Estou lhe dizendo, Irene. É para o seu próprio bem. Esse menino devia ser internado.

— Ele não está usando brinco. Eu perguntei, e ele disse: "Não estou usando brinco, mamãe".

— Angelo não ia mentir.

— Vai ver que ele comprou um bem pequeno.

— Brinco é brinco. Não acha, Claude?

— Acho, sim — respondeu Claude a Santa.

— Santa querida, é linda essa Nossa Senhora que você colocou em cima da televisão! — disse a sra. Reilly, para desviar o assunto do brinco.

Todos se voltaram para a televisão, ao lado da geladeira, e Santa disse:

— Não é linda, mesmo? É a Nossa Senhora da Televisão. Tem uma borracha na base que a prende no aparelho e ela não cai quando eu fico andando de um lado para outro pela cozinha. Comprei-a na loja de Lenny.

— Lenny tem de tudo — disse a sra. Reilly. — Parece que é daquele plástico bom, que não quebra.

— Bem, pessoal, que foi que vocês acharam do jantar?

— Uma delícia! — disse o sr. Robichaux.

— Uma maravilha! — concordou a sra. Reilly. — Há muito tempo não janto assim.

— Arrr — arrotou Santa. — Acho que coloquei muito alho na beringela, mas costume mesmo exagerar no alho. Até os meus netos me dizem: "Ei, vó, você exagerou no alho".

— Que gracinha! — disse a sra. Reilly sobre os netos *gourmets*.

— Achei a beringela muito boa — disse o sr. Robichaux.

— Só fico feliz quando estou esfregando meu chão ou fazendo a minha comida — disse Santa aos convidados. — Adoro fazer um panelão de almôndegas, ou descascar um cesto de camarões.

— Eu gosto de cozinhar — disse o sr. Robichaux. — Às vezes dou uma mão à minha filha.

— E que mão! — disse Santa. — Homem que sabe cozinhar ajuda demais dentro de casa. — Chutou a sra. Reilly por baixo da mesa. — A mulher que se casa com um homem que gosta de cozinhar tem é muita sorte.

— Você gosta de cozinhar, Irene? — perguntou o sr. Robichaux.

— Falou comigo, Claude? — A sra. Reilly estava imaginando como Ignatius ficaria de brinco.

— Você está fora do ar, menina — repreendeu Santa. — Claude perguntou se você gosta de cozinhar.

— É... — mentiu a sra Reilly. — Até que eu gosto. Mas às vezes aquela cozinha fica muito quente, principalmente no Verão. Não sopra nem um ventinho. Também, Ignatius come qualquer coisa.

Tendo refrigerante e muito doce, ele fica satisfeito.

— Você devia comprar um fogão eléctrico — disse o sr.

Robichaux. — Dei um para a minha filha. Não esquenta como o fogão a gás.

— Onde é que você arranja tanto dinheiro, Claude? — indagou Santa, interessada.

— Tenho a aposentadoria da Rede Ferroviária. Trabalhei com eles quarenta e

cinco anos, você sabe. Deram-me um alfinete de gravata de ouro quando eu me aposentei.

— Mas que beleza! — disse a sra. Reilly. — Você era muito querido, hein, Claude?

— Então — disse o sr. Robichaux —, comprei uns imóveis de aluguel lá mesmo, perto da minha casa. Sempre separei um pouco do meu salário para investir em imóveis. Imóvel é um bom investimento.

— Sem dúvida — disse Santa, dardejando um olhar para a sra.

Reilly. — Você está bem instalado, hein?

— Tenho todo o conforto. Mas, sabe, às vezes fico cansado de morar com a minha filha e o marido dela. Quer dizer, eles são jovens.

Têm a família deles. São muito bons para mim, mas eu preferia ter o meu canto. Vocês entendem, não é?

— Se eu fosse você — disse a sra. Reilly —, ficava lá mesmo.

Se a sua filhinha não se importa de você ficar lá, para que ir para outro lugar? Bem que eu gostaria de ter um filho bom assim. Você devia dar graças a Deus, Claude.

Santa enterrou o salto do sapato no calcanhar da sra. Reilly.

— Ai! — gritou a sra. Reilly.

— Nossa, desculpe, querida! Eu e esse peção. Pé grande sempre foi o meu maior problema. Nunca encontro sapato do meu tamanho. O vendedor, quando me avista, vai logo dizendo: "Santo Deus, lá vem a srta. Battaglia de novo! Que é que eu vou fazer?"

— Seu pé não é tão grande assim — observou a sra. Reilly, espiando por baixo da mesa da cozinha.

— É porque está espremido neste sapato novo. Precisa ver que coisa ele é quando eu estou descalça, menina.

— Eu tenho pé torto — disse aos dois a sra. Reilly. Santa fez sinal para que a sra. Reilly não expusesse seus defeitos, mas ela não era pessoa de deixar um assunto pela metade. — Tem dias em que mal posso andar. Acho que foi de carregar

Ignatius quando ele era pequeno. Nossa, como ele custou a andar! Estava sempre caindo. E

como era pesado! Vai ver que foi assim que eu fiquei com artrite.

— Olhem, vocês dois — disse Santa, ligeira, antes que a sra.

Reilly descrevesse mais uma horrível deficiência. — Por que nós não vamos ver a fofa da Debbie Reynolds?

— Seria ótimo — disse o sr. Robichaux. — Nunca vou ao cinema.

— Vocês querem ir ao cinema? — perguntou a sra. Reilly. — Não sei, não. Meus pés...

— Ora, vamos, menina. Vamos sair da toca. Aqui está cheirando a alho.

— Acho que Ignatius me falou que esse filme não é bom. Ele vê todos os filmes que passam, aquele menino.

— Irene! — disse Santa, zangada. — Você fica o tempo todo pensando naquele menino, já não basta o trabalho que ele lhe dá?

Pare com isso, meu bem. Se você tivesse juízo, já o teria trancado num hospício há muito tempo. Eles o amarrariam, lhe dariam uns choques, ele iria ver o que é que é bom. Aprenderia a se comportar.

— É? — perguntou a sra. Reilly com interesse. — Isso custa muito caro?

— É de graça, Irene.

— Medicina socializada — observou o sr. Robichaux. — Deve haver comunistas trabalhando nesse lugar.

— São as freiras que dirigem aquilo, Claude. Nossa, de onde você tira tanto comunista?

— As freiras podem ser subversivas — disse o sr. Robichaux.

— Mas que horror! — disse a sra. Reilly. — Coitadas das freiras!

Trabalhando para um bando de comunistas.

— Estou pouco ligando para quem dirige aquilo — disse Santa.

— Se é de graça e eles ficam com a pessoa para sempre, é para lá que Ignatius devia ir.

— Só de conversar com Ignatius, eles vão ver que ele é doido e o internam para sempre — disse a sra. Reilly, achando que essa alternativa não era de todo desprezível. — Pode ser que ele não obedeça aos médicos.

— Eles o fazem obedecer. Dão uns socos na cabeça, botam numa camisa-de-força, jogam um balde de água fria — disse Santa, exagerando no entusiasmo.

— Você deve decidir por si mesma, Irene — disse o sr.

Robichaux. — Esse seu filho vai acabar levando-a para a sepultura.

— Exactamente. Diga isso a ela, Claude.

— Bom, vamos dar uma chance a Ignatius. Quem sabe ele ainda melhora? — aventurou a sra. Reilly.

— Vendendo cachorro-quente? — perguntou Santa. — Deus me livre! — Sacudiu a cabeça. — Bom, vou levar esses pratos para a pia.

Levantem-se, vamos ver a fofa da Debbie Reynolds.

Alguns minutos mais tarde, depois de Santa passar pela sala para o beijo de despedida no retrato da mãe, os três saíram para o cinema. O dia fora ameno; o vento sul soprara todo o tempo. Agora, a noite ainda estava cálida. Os odores da cozinha mediterrânea cruzavam-se pela vizinhança, vindos das janelas abertas de cada prédio de apartamentos ou casa geminada. Todas as unidades pareciam dar a sua contribuição, mesmo pequena, para a cacofonia generalizada do chocalhar de louça e talheres, tiros da televisão, discussões em voz alta, choro de crianças e portas que batiam.

— Hoje todo mundo ficou em casa — comentou Santa, pensativa, enquanto os três caminhavam devagar pela calçada estreita, espremida entre o meio-fio e os degraus das casas geminadas, construídas em blocos compactos, um quarteirão após o outro. A iluminação da rua mostrava listras de asfalto e cimento sem árvores, e velhos telhados contínuos. — No verão a coisa fica pior.

Todo mundo sai para a rua até as dez, onze da noite.

— Como se eu não soubesse, amor — disse a sra. Reilly, mancando entre os amigos. — Esqueceu que sou da Dauphine Street?

Lá a gente colocava as cadeiras da cozinha na calçada e ficava até meia-noite esperando a casa refrescar. E as coisas que a gente escutava! Cruzes!

— Uns nojentos — concordou Santa. — Bocas-sujas.

— Coitado do papai! — disse a sra. Reilly. — Era tão pobre! Aí, quando ele prendeu a mão na correia do ventilador, o pessoal teve a desfaçatez de dizer que ele devia estar bêbado. As cartas anónimas que a gente recebeu... E a coitada da minha tia Boo-boo! Oitenta anos. Foi acender uma vela para o falecido marido, a vela caiu da mesinha-de-cabeceira e incendiou o colchão. Disseram que ela estava fumando na cama.

— Acho que toda pessoa é inocente até se provar o contrário.

— Também acho, Claude — disse a sra. Reilly. — Outro dia mesmo eu disse para Ignatius: "Ignatius, toda pessoa é inocente até se provar o contrário".

— Irene!

Atravessaram a St. Claude Avenue com tráfego intenso e andaram pelo outro lado da calçada, sob os letreiros luminosos. Ao passarem por uma capela funerária, Santa se deteve para indagar das pessoas presentes ao velório:

— Moço, quem é que está sendo velado aí?

— Estão velando a velha sra. Lopez — respondeu um deles.

— Não diga! — É a esposa daquele Lopez que tem um mercadinho lá na Frenchman Street?

— Essa mesmo.

— Ah, meus pêssames — disse Santa. — De que foi que ela morreu?

— Problema no coração.

— Mas que coisa! — disse a sra. Reilly, emocionada. — Pobrezinha!

— Se eu estivesse arrumada — disse Santa ao homem —, eu entrava para dar os pêssames à família. Eu e os meus amigos passamos por aqui só para ir ao cinema. Muito obrigada.

Ao seguirem caminho, Santa descreveu para a sra. Reilly as muitas tribulações por que passara a sra. Lopez em sua desgraçada existência. Terminou dizendo:

— Acho que vou mandar rezar uma missa para ela.

— Puxa! — disse a sra. Reilly, impressionada com a biografia da velha sra. Lopez — Acho que vou mandar rezar uma missa também, para o repouso da alma daquela pobre mulher.

— Mas Irene! — exclamou Santa. — Você nem conhece esse pessoal.

— É, tem razão — concordou a sra. Reilly, sem convicção.

Chegando ao cinema, ocorreu uma ligeira discussão entre Santa e o sr. Robichaux sobre quem compraria as entradas. A sra. Reilly disse que compraria se não tivesse que pagar aquela semana a prestação do trompete de Ignatius. Mas o sr. Robichaux mostrou-se inflexível e Santa terminou por ceder.

— Afinal — disse-lhe Santa, quando ele entregou os ingressos —, você é o homem do dinheiro.

Piscou para a sra. Reilly, cuja mente divagava outra vez para a placa que o filho se recusara a lhe explicar. Durante quase todo o tempo do filme, a sra. Reilly pensou no salário de Ignatius, sempre decrescente, na prestação do trompete, no prejuízo da batida com o carro, no brinco e na placa. Só as alegres exclamações de Santa como "Olhe que linda!" e "Não é uma beleza esse vestido dela, Irene?", traziam a sra. Reilly de volta ao que acontecia na tela. Foi então que algo a distraiu da meditação sobre o filho e seus problemas, que não passavam de uma coisa só. O sr. Robichaux delicadamente segurara a sua mão. A sra. Reilly estava apavorada demais para se mexer. Por que os filmes tinham sempre o mesmo efeito sobre os homens que ela conhecera: o sr. Reilly e o sr.

Robichaux? Olhava, estática, para a tela, e via não Debbie Reynolds sorrindo em cores, mas Jean Harlow tomando banho em preto e branco.

A sra. Reilly estava pensando em como se desenvencilhar da mão do sr. Robichaux e escapulir do cinema, quando Santa falou em voz alta:

— Olhe só, Irene, aposto que Debbie está esperando bebê!

— Bebê? — berrou a sra. Reilly, explodindo em um choro alto e convulso, que não diminuiu até que o assustado sr. Robichaux tomasse sua cabeça acaju e a colocasse cuidadosamente no ombro dele.

II

"Caro leitor,

'A natureza pode produzir um louco; mas o vaidoso é sempre produzido pelos próprios homens.'

Adidson

Ao colocar no fundo de minhas botas uma simples palmilha de borracha, sentado nos velhos bancos de cimento do Bairro Francês, em minha batalha febril pela subsistência contra uma sociedade desprovida de raciocínio e precaução, fui abordado por um velho conhecido (afastado). Em pouco tempo de conversa, na qual estabeleci facilmente minha superioridade moral sobre aquele degenerado, encontrei-me mais uma vez considerando a crise de nossa era. Meu intelecto, incontrolável e caprichoso como sempre, sugeriu-me um ardil tão magnífico e ousado, que me sinto tenso só em pensar nele. 'Pare!', supliquei à minha mente genial. 'É loucura.'

Mas ouvi até ao fim o conselho do meu cérebro. Era-me oferecida a oportunidade de salvar o mundo por meio da degeneração. Ali, nas velhas pedras do bairro, requisitei a colaboração daquela flor decaída, em forma de ser humano, para reunir seus companheiros de afectação sob o estandarte da fraternidade.

Nosso primeiro passo será eleger um de seus pares a uma alta posição — a presidência, se a Fortuna nos for favorável. Infiltrar-se-

ão entre os militares. Os soldados ficarão assim tão ocupados em confraternizar, em confeccionar novos uniformes, em desenhar roupas para os diversos tipos de batalhas, em promover festividades, etc., que não terão tempo para lutar. Aquele que finalmente conseguirmos elevar a chefe do estado-maior só poderá preocupar-se com o guarda-roupa, que lhe permita alternadamente ser comandante ou debutante, dependendo do humor do dia. Ao ver o sucesso obtido aqui pela união de seus confrades, os perversos do mundo inteiro também hão de se organizar para conquistar os militares em seus países de origem. Nos países mais reaccionários, onde os invertidos possam encontrar maiores problemas para atingir o poder, enviaremos ajuda aos guerrilheiros. Quando afinal tivermos derrubado todos os governos existentes, o mundo desfrutará não da guerra, mas de orgias globais, regidas por solene protocolo e pelo espírito de solidariedade

internacional, pois esse tipo de gente transcende as simples diferenças regionais. Sua mente está toda voltada para um único objectivo; são unidos de verdade; pensam de modo uno.

Nenhum pederasta no poder, é claro, terá suficiente espírito prático para entender de bombas e artefactos afins; as armas nucleares não-de apodrecer em seus esconderijos. De tempos em tempos, o chefe do estado-maior, o presidente e assim por diante, vestidos com plumas e paetês, promoverão um espectáculo para os líderes, isto é, os perversos, de todos os outros países. Pendências de toda espécie poderão ser resolvidas no banheiro dos homens da ONU, totalmente redecorado. Os balés e musicais da Broadway vão experimentar seu apogeu, e é provável que tragam às massas mais alegria que os pronunciamentos sisudos, belicosos e fascistas dos antigos líderes.

Quase todos já tiveram a oportunidade de governar o mundo.

Não compreendo como essas pessoas desperdiçaram sua chance. Por certo já foram oprimidos por tempo suficiente. Sua ascensão ao poder, em certo sentido, será apenas parte do movimento global pela justiça e igualdade de oportunidades. (Por exemplo, podemos citar um travesti com papel preponderante no Senado? Não! Essas pessoas estão sem representatividade há muito tempo. A situação delas é uma desgraça nacional.)

A degeneração, ao invés de significar a decadência da sociedade, como antes o foi, é hoje um sinal de paz para nosso mundo conturbado. Precisamos de novas soluções para novos problemas.

Actuarei como uma espécie de guia e mentor do movimento, com minha bagagem de história, economia, religião e estratégia política transformada em reservatório, que de facto é, de onde essas pessoas possam drenar as normas operacionais. O próprio Boécio desempenhou papel semelhante na degeneração de Roma. Como disse Chesterton a respeito de Boécio: 'Assim, foi ele um verdadeiro guia, filósofo e amigo de muitos cristãos; precisamente porque, sendo corrupta sua época, era completa sua cultura'.

Desta vez hei mesmo de transtornar a ninfeta Myrna. Meu plano é surpreendente para a liberal e literal mente mimosa, metida no clamor claustrofóbico dos clichês. A Cruzada pela Dignidade Moura, meu primeiro e brilhante ataque aos problemas da nossa era, seria o golpe decisivo na visão de mundo burguesa das pessoas simples que compunham a vanguarda. Desta vez, porém, o trabalho será feito com quem abomina a insípida filosofia da classe média, com quem está ansioso por assumir posições controversas, por defender uma causa, não importa

quão impopular seja, ou o quanto ameace a presunção da burguesia.

M. Minkoff quer sexo na política? Eu lhe darei sexo na política — e muito! Sem dúvida vai se sentir esmagada demais para rebater a originalidade do meu projecto. Ao final, há-de fervilhar de inveja.

(Essa moça precisa tratar-se. Tãmanha desfaçatez não pode permanecer irreprimida.)

O debate entre o Pragmatismo e a Moralidade se desenrola em meu cérebro. Será que o glorioso fim, a Paz, vale o terrível meio, a Degenerescência? Como duas personagens de um auto medieval, o Pragmatismo e a Moralidade digladiam-se em meu cérebro. Mal posso esperar pelo resultado da contenda; estou por demais obcecado pela Paz. (Se algum produtor cinematográfico atento se interessar em comprar os direitos autorais deste diário, faria aqui uma anotação sobre a sequência da contenda. Uma serra musical produziria o acompanhamento ideal, e o globo ocular do protagonista devia ser superposto à cena da disputa para um maior simbolismo. Decerto um novo talento pode ser encontrado em um balcão de loja, ou em qualquer outro lugar onde se 'descobrem' pessoas, para ser o Trabalhador. O filme pode ser feito na Espanha, Itália ou em outra locação que o elenco esteja interessado em conhecer, como a América do Norte.)

Sinto muito. Os que estiverem interessados nas últimas notícias sobre salsichas contaminadas nada encontrarão. Ando demasiado ocupado com a magnitude desse projecto. Preciso agora me comunicar com M. Minkoff e fazer anotações para a palestra na reunião de formação do partido.

Nota social: minha desocupada mãe saiu mais uma vez, o que aliás é uma sorte. Suas impetuosas arremetidas contra meu ser têm produzido um reflexo negativo em minha válvula. Disse que ia a uma Coroação do Mês de Maria em uma igreja qualquer, mas, como não estamos em Maio, inclino-me a duvidar da veracidade dessa assertiva.

Uma comédia sofisticada, apresentando minha estrela favorita, entra neste momento em exibição em um cinema do centro da cidade. Eu *tenho* que ir de qualquer jeito à estreia. Mal posso imaginar os horrores do filme, a exibição de vulgaridade diante do bom gosto e da decência, da teologia e da geometria. (Não compreendo essa compulsão de ir ao cinema; até parece que, em mim, o cinema 'está no sangue'.)

Nota de saúde: o estômago passa dos limites; as costuras do uniforme de vendedor rompem-se, ameaçadoras.

Até breve,

Tab, o Trabalhador Pacifista."

III

A sra. Levy ajudou a recauchutada srta. Trixie a subir a escada e abriu a porta.

— Calças Levy! — exclamou a srta. Trixie.

— De volta ao local onde a senhora é útil e querida, meu bem.

— A sra. Levy falava como quem consola uma criança. — E onde sentiram muito a sua falta. O sr. Gonzalez telefonava diariamente para saber notícias suas. Não é maravilhoso ser tão indispensável numa firma?

— Achei que tinham me aposentado. — A dentadura chocalhava como uma castanhola. — Vocês me tapearam!

— Está satisfeita? — perguntou o sr. Levy à sua mulher. Ele vinha à frente das duas, carregando a sacola de retalhos da srta.

Trixie. — Se ela tivesse uma faca, eu ia ter que levar você para o hospital agora mesmo.

— Ouça a chama que há em sua voz — disse a sra. Levy. — Tanto vigor! É inacreditável!

A srta. Trixie tentou escapar da sra. Levy ao entrarem no escritório, mas seus escarpins não lhe deram a firmeza necessária, e ela cambaleou.

— *Voltou?* — O sr. Gonzalez deu um grito de desespero.

— Acredita no que está vendo? — perguntou-lhe a sra. Levy.

O sr. Gonzalez foi forçado a olhar para a srta. Trixie, cujos olhos eram dois lagos de sombra azul. Os lábios se estendiam em uma linha alaranjada até o meio da face. Junto aos brincos, alguns fios brancos de cabelo escapavam por baixo da peruca preta, ligeiramente tombada para um lado. A saia curta revelava as pernas brancas e arqueadas, e os pés pequenos faziam os sapatos de salto parecerem botas de neve. Dias inteiros cochilando sob uma lâmpada ultravioleta haviam dado à srta. Trixie um tom bronzeado.

— Ela está muito elegante! — disse o sr. Gonzalez. Sua voz soava falsa e seu sorriso fora pregado ao rosto. — A senhora fez um trabalho magnífico, sra. Levy.

— Sou uma mulher muito atraente — balbuciou a srta. Trixie.

O sr. Gonzalez soltou uma risada nervosa.

— Escute aqui — censurou-o a sra. Levy. — Esta sua atitude é em parte responsável pelos problemas desta mulher. Ela não deve ser exposta ao ridículo.

O sr. Gonzalez tentou, sem conseguir, beijar a mão da sra.

Levy.

— Quero que ela se sinta amada, Gonzalez. Esta mulher ainda é muito lúcida. Dê-lhe um trabalho onde ela possa exercitar as suas faculdades mentais. Dê-lhe mais autoridade. Ela precisa urgentemente de um papel mais activo nesta empresa.

— Sem dúvida — concordou o sr. Gonzalez. — Sempre achei isso. Não é, srta. Trixie?

— Quem? — rosnou a srta. Trixie.

— Sempre desejámos que a senhora tivesse mais autoridade e responsabilidade — gritou o gerente. — Não é isso mesmo?

— Ora, cale a boca, Gomez. — Os dentes da srta. Trixie estalavam como castanholas. — Você já comprou o meu peru de Natal, hein? Responda.

— Pronto. Você já se distraiu. Agora vamos — disse o sr. Levy para a mulher. — Vamos logo. Estou ficando deprimido.

— Só um momento — disse o sr. Gonzalez. — Tenho correspondência para o senhor.

Quando o gerente voltou à sua mesa para buscar a correspondência, ouviu-se um baque no fundo da sala. Todos, excepto a srta. Trixie, que já cochilava em sua escrivaninha, viraram-se para o departamento de arquivo. Lá, um homem altíssimo, de longos cabelos pretos, apanhava uma gaveta que caíra no chão.

Jogou toda a papelada dentro da gaveta e bateu-a com estrondo para dentro do móvel.

— Esse é o sr. Zalatimo — sussurrou o sr. Gonzalez. — Está connosco há poucos dias, mas acho que não vai dar certo. Acho que não devemos incluí-lo nos planos das Calças Levy.

O sr. Zalatimo olhou, confuso, para a fileira de arquivos e coçou a cabeça. Abriu

então uma gaveta e, com uma das mãos, vasculhou seu conteúdo, enquanto com a outra coçava a axila por um rombo na cava da camisa.

— O senhor quer ser apresentado a ele? — perguntou o gerente.

— Não, obrigado — disse o sr. Levy. — Onde é que você descobre esse pessoal que trabalha aqui, Gonzalez? Não vejo esse tipo de gente em lugar nenhum.

— Parece um mafioso — disse a sra. Levy. — Você não deixa dinheiro espalhado por aí, não é?

— Acho que o sr. Zalatimo é uma pessoa honesta — sussurrou o gerente. — Só tem uns probleminhas com a ordem alfabética. — Entregou ao sr. Levy um maço de cartas. — Aí estão todas as suas reservas de hotéis para o torneio. Tem também uma carta da Abelman. Foi dirigida ao senhor, e não à companhia, e traz escrito no envelope "particular", por isso achei melhor não abrir. Chegou há alguns dias.

— Que é que aquele chato quer? — disse o sr. Levy, aborrecido.

— Talvez queira saber o que foi que aconteceu com uma empresa próspera e eficiente — observou a sra. Levy. — Talvez queira saber o que aconteceu desde a morte de Leon Levy. Talvez esse Abelman possa dar alguns conselhos a um *playboy*. Leia, Gus.

Será o seu trabalho para as Calças Levy por uma semana.

O sr. Levy olhou para o envelope, onde a palavra "particular"

fora escrita três vezes com tinta vermelha. Abriu-o e tirou uma carta com um anexo grampeado.

"Caro sr. Gus Levy,

Foi com profunda consternação que recebemos a carta anexa.

Há trinta anos somos leais distribuidores de sua mercadoria e nutrimos por essa empresa os mais elevados sentimentos de estima e consideração. Ainda temos na memória a coroa de flores enviada quando do sepultamento de seu pai, por cuja despesa não exigimos reembolso.

Esta missiva será breve. Após muitas noites insones, decidimos entregar o

original da carta anexa a nosso advogado, que solicitará uma indenização de quinhentos mil dólares. Será uma compensação irrisória pelos vexames a que fomos submetidos.

Entre em contacto com seu advogado. Discutiremos no tribunal, como pessoas civilizadas. Sem mais ameaças, por favor.

Atenciosamente,

I. Abelman, director

Tecidos Abelman."

O sr. Levy começou a suar frio quando virou a página e leu a fotocópia da carta para a Tecidos Abelman. Era inacreditável. Quem teria se dado ao trabalho de escrever aquele tipo de coisa? "Sr. I.

Abelman, Mongolóide"; "total falta de contacto com a realidade por parte de V. Sas."; "sua limitada visão de mundo"; "talvez sintam o fio do açoite sobre seus próprios ombros". Mas o pior de tudo é que a assinatura "Gus Levy" parecia autêntica. Abelman devia estar agora beijando a carta e lambendo os beiços. Para gente como ele, aquilo era a salvação, um cheque em branco em qualquer banco.

— Quem escreveu isto? — indagou o sr. Levy, dando a carta ao sr. Gonzalez.

— Que foi, Gus? Algum problema? Você está com algum problema? Esse é um de seus problemas. Jamais partilha seus problemas comigo.

— Meu Deus do céu! — gemeu Gonzalez. — Isso é horrível!

— Silêncio! — grunhiu a srta. Trixie.

— Que foi, Gus? Você fez alguma coisa errada? Alguma coisa que você delegou para outra pessoa fazer?

— É, sim, estou com um problema. Um problema que pode nos custar até a roupa do corpo.

— O quê? — A sra. Levy arrancou as cartas da mão do sr.

Gonzalez. Leu-as, e virou bruxa. Os cachos do cabelo cheio de laca agora eram

cobras. — Você conseguiu. Tudo para se vingar do seu pai, para arruinar sua empresa. Eu sabia que ia acabar desse jeito.

— Cale essa boca. Eu nem leio as cartas que saem daqui.

— Susan e Sandra vão ter que largar a faculdade. Vão se vender aos marinheiros e aos mafiosos como aquele ali.

— Hein? — perguntou o sr. Zalatimo, percebendo que falavam dele.

— Você é um *nojo!* — gritou a sra. Levy para o marido.

— Pare!

— E o que vai ser de mim? — As pálpebras azul-turquesa da sra. Levy tremiam. — O que é que eu vou fazer? Minha vida já está perdida. Que é que vai me acontecer agora? Passarei o resto da vida catando lixo, comendo restos de comida. Minha mãe tinha razão.

— Pare! — ordenou a srta. Trixie, dessa vez com muito mais energia. — Nunca vi gente tão barulhenta!

A sra. Levy sentara-se em uma cadeira, soluçando qualquer coisa sobre vender produtos Avon.

— Você estava sabendo disso, Gonzalez? — perguntou o sr.

Levy ao gerente, que tinha o rosto lívido.

— Não sei de nada — chiou o sr. Gonzalez. — É a primeira vez que vejo esta carta.

— É você que faz a correspondência daqui.

— Eu não fiz *isso*. — Seu queixo tremia. — Eu não ia fazer uma coisa dessas com as Calças Levy!

— Não, eu sei que não. — O sr. Levy procurava descobrir. — Alguém fez isso com a gente.

O sr. Levy foi até os arquivos, empurrou o sr. Zalatimo e suas coceiras para o lado, e abriu a gaveta na letra A. Não havia nenhuma pasta Abelman. A gaveta estava totalmente vazia. Abriu outras, mas metade delas também estava vazia. Bela maneira de tentar enfrentar um processo!

— O que vocês fazem com o arquivo?

— Era o que eu andava pensando — disse em tom vago o sr.

Zalatimo.

— Gonzalez, como era o nome daquele sujeito que trabalhou aqui, o gordão de boné verde?

— Sr. Ignatius Reilly. Ele levou a carta para o correio. — Quem escreveria coisas tão medonhas?

— Ei — disse a voz de Jones pelo telefone —, vocês aí ainda têm um gordo de boné verde trabalhando nas Calças Levy? Um brancão de bigode?

— Não, senhor — respondeu o sr. Gonzalez com voz irritada, e bateu o telefone.

— Quem era? — perguntou o sr. Levy.

— Ora, não sei. Perguntaram pelo sr. Reilly. — O gerente enxugou a testa com o lenço. — O que mandou os operários da fábrica me matarem.

— Reilly? — disse a srta. Trixie. — Não foi esse Reilly que...

— O jovem idealista? — suspirou a sra. Levy. — Quem queria falar com ele?

— Não sei — respondeu o gerente. — A voz parecia de um negro.

— É, imagino que sim — disse a sra. Levy. — Deve estar tentando ajudar outros infelizes. É reconfortante saber que o idealismo dele continua intacto.

O sr. Levy estivera pensando em alguma coisa, e perguntou ao gerente:

— Como era o nome do sujeito?

— Reilly. Ignatius J. Reilly.

— Era mesmo? — perguntou a srta. Trixie, interessada. — Que engraçado! Eu sempre pensei...

— Srta. Trixie, por favor — disse o sr. Levy, encolerizado. — Aquele mastodonte trabalhava para a empresa na data em que a carta para a Abelman foi escrita. Acha que aquele Reilly poderia ter escrito uma carta dessas?

— Pode ser — disse o sr. Gonzalez. — Não tenho certeza. Eu estava muito

satisfeito com ele até ele fazer aquela passeata dos operários contra mim.

— Isso mesmo — lamentou-se a sra. Levy. — Jogue a culpa no jovem idealista. Mande-o para um lugar onde o idealismo dele não incomode você. As pessoas idealistas não fazem coisas de baixo nível como essa. Espere só até Susan e Sandra saberem disso. — A sra.

Levy gesticulou, indicando que elas ficariam chocadas. — Os negros ligam para cá pedindo conselhos para ele. E você querendo desmoralizá-lo. Eu não aguento mais isso, Gus. Não aguento, não aguento!

— Então você quer que eu diga que fui *eu* que escrevi essa carta?

— Claro que não! — A sra. Levy berrava com o marido. — Acha que eu quero ir parar num asilo de indigentes? Se o jovem idealista escreveu isso, vai para a cadeia por falsificação.

— Escute, o que está havendo? — perguntou o sr. Zalatimo. — Esse negócio vai falir, ou o quê? Se for, eu preciso saber.

— Cale a boca, mafioso — respondeu, grosseira, a sra. Levy —, antes que a gente jogue a culpa em você.

— Hein?

— Quer parar com isso? Você está fazendo muita confusão — disse o sr. Levy para a mulher. Virou-se então para o gerente: — Dê-

me o telefone desse Reilly.

O sr. Gonzalez fez sinal para a srta. Trixie e pediu-lhe o caderno de telefones.

— *Eu* sou responsável por todos os cadernos de telefones — disse bruscamente a srta. Trixie. — E não vou deixar ninguém mexer neles.

— Então procure para nós o nome Reilly, na Constantinople Street.

— Bom, agora sim, Gomez — rosnou a srta. Trixie. — Vá com calma. — Apanhou três velhos cadernos de endereços do recesso da escrivania e, esmiuçando página por página com uma lente de aumento, deu-lhes um número.

O sr. Levy discou e uma voz respondeu: "Tinturaria Regal, bom dia".

— Me dê um desses cadernos — rugiu o Sr. Levy.

— Não! — respondeu a srta. Trixie com voz áspera, batendo a mão na pilha de cadernos, protegendo-os com as unhas pintadas. — Você pode perder. Eu procuro de novo o número. Vocês são muito agitados e impacientes. Perdi dez anos da minha vida na sua casa.

Deixe o coitado do Reilly em paz. Vocês já o mandaram embora sem motivo.

O sr. Levy discou o segundo número que ela lhe deu. Uma mulher com voz pastosa atendeu e disse que o sr. Reilly só voltaria no final da tarde. Depois começou a chorar, e o sr. Levy ficou deprimido, agradeceu e desligou.

— Bem, ele não está em casa — disse o sr. Levy à plateia do escritório.

— O sr. Reilly sempre pareceu interessadíssimo pelas Calças Levy — disse o gerente com tristeza. — Jamais vou entender por que ele fez aquela revolução com os empregados.

— Por um único motivo, porque ele tinha ficha na polícia.

— Quando veio para a entrevista, eu nunca podia imaginar que ele fosse fichado.

— O gerente sacudiu a cabeça. — Parecia tão refinado!

O sr. Gonzalez observou o sr. Zalatimo enfiar o longo indicador na narina. Que faria aquele ali, então? Suas pernas estavam bambas de medo.

A porta da fábrica abriu-se com estrondo, e um operário gritou: — Ei, sr. Gonzalez, o sr. Palermo acabou de queimar a mão na porta da fornalha.

Chegaram ruídos de desordem na fábrica. Um homem dizia palavras.

— Meu Deus do céu! — exclamou o sr. Gonzalez. — Acalme os operários. Eu já vou.

— Vamos — disse o sr. Levy para a mulher. — Vamos sair daqui. Estou com azia.

— Um momento. — A sra. Levy fez sinal para o sr. Gonzalez. — É sobre a srta. Trixie. Quero que ela seja bem recebida todos os dias quando chegar. Dê a ela um trabalho importante. Antigamente, a insegurança não a deixava assumir responsabilidades. Acho que ela já superou isso. Ela sente um ódio generalizado pelas Calças Levy que eu analisei como sendo causado pelo medo. A insegurança e o medo a levaram ao ódio.

— Claro — disse o gerente, desatento. Na fábrica, os ruídos aumentavam.

— Vá ver o que houve na fábrica, Gonzalez — disse o sr. Levy.

— Eu entro em contacto com Reilly.

— Sim, senhor. — O sr. Gonzalez fez uma profunda reverência para eles e disparou porta a fora.

— Muito bem. — O sr. Levy segurava a porta aberta. Era só chegar perto das Calças Levy que a pessoa ficava sujeita a todo tipo de aborrecimento e influências depressivas. Aquilo não podia ficar sozinho um minuto. Quem não quisesse se incomodar a cada minuto não podia ter uma firma como as Calças Levy. Gonzalez nem sabia que tipo de correspondência saía do escritório. — Pronto, dra. Freud.

Vamos.

— Olhe como você está calmo. Nem se importa que Abelman sugue o nosso sangue. — As pálpebras azul-turquesa tremiam. — Você não vai atrás do idealista?

— Outra hora. Por hoje já cumpri minha cota.

— Enquanto isso, Abelman está com a Scotland Yard atrás de nós.

— Ele não está em casa. — O sr. Levy não estava disposto a falar com a mulher. — Ligo para ele hoje à noite, quando chegar. Não precisa se preocupar. Eles não podem me pedir meio milhão por uma carta que eu não escrevi.

— Ah, não? Garanto que Abelman pode. Sei até o tipo de advogado que ele arranjou. Mutilado por um incêndio que ele mesmo provocou só para receber o seguro.

— Bem, você volta de ônibus, já que não está com pressa.

Estou passando mal neste escritório.

— Está bem, está bem. Não pode perder um minuto da sua vida tão ocupada com essa mulher, não é? — A sra. Levy apontou para a srta. Trixie, que roncava alto. Sacudiu-a pelo ombro. — Já vou, querida. Tudo vai dar certo. Falei com o sr. Gonzalez e ele ficou muito feliz por tê-la de volta.

— Pare! — ordenou a srta. Trixie. Mostrava os dentes, ameaçadora.

— Vamos embora, senão você vai ter que tomar vacina contra hidrofobia —

disse o sr. Levy, zangado, e puxou a mulher pelo casaco de peles.

— Olhe só para isto aqui. — A mão enluvada mostrou o lúgubre escritório, a mobília encardida, o piso empenado, as tiras de papel crepom remanescentes dos tempos em que I. J. Reilly era o encarregado dos arquivos, até o sr. Zalatimo, que chutava a lata de lixo em frustração alfabética. — Que tristeza! Uma empresa arruinada, um idealista inconformado, que recorre à falsificação para se vingar!

— Saiam daqui, vocês dois! — rosnou a srta. Trixie, dando um soco na mesa.

— Ouviu com que convicção ela disse isso? — disse a sra. Levy, orgulhosa, enquanto sua silhueta redonda e peluda era empurrada pela porta. — Fiz um milagre.

Depois que saíram, o sr. Zalatimo foi até a srta. Trixie, coçando-se com ar ausente. Bateu de leve no ombro dela e perguntou:

— Por favor, minha senhora, pode me dar uma ajuda? O que é que vem primeiro, *Willis* ou *Williams*?

A srta. Trixie olhou-o um instante. E então cravou a dentadura na mão dele. Da fábrica, o sr. Gonzalez ouviu os gritos do sr.

Zalatimo. Não sabia se abandonava o sr. Palermo chamuscado para ver o que estava acontecendo ou se ficava na fábrica, onde os operários começavam a dançar uns com os outros, ao som dos alto-falantes. As Calças Levy exigiam demais da pessoa.

No carro esporte, passando pelas salinas a caminho do litoral, a sra. Levy, puxando a pele esvoaçante do casaco para junto do pescoço, disse:

— Vou montar uma fundação.

— Sei. E se o advogado de Abelman ficar com o nosso dinheiro?

— Não fica. O idealista não tem escapatória — disse ela calmamente. — Ficha na polícia, agitador. Não tem bons antecedentes.

— Ah! De repente você resolveu achar que o idealista é criminoso.

— É óbvio que ele é um solitário.

— Mas você queria ter a srta. Trixie nas suas mãos.

— Isso mesmo.

— Bem, então nada de fundação.

— Susan e Sandra vão ficar horrorizadas quando souberem que você quase as deixou na miséria com esse modo de administrar os negócios. Porque você não tem tempo nem para supervisionar sua firma, chegamos ao ponto de ter um processo de meio milhão. As meninas vão ficar muito sentidas. Você nunca deu a elas nada além do conforto material. Susan e Sandra nem vão acreditar quando eu lhes contar que elas quase terminam a vida como prostitutas.

— Pelo menos ganhariam algum dinheiro. Do jeito que estão agora, fazem a coisa de graça.

— Por favor, Gus. Nem mais uma palavra. Mesmo tendo sido tão brutalmente atingida, ainda conservei alguma sensibilidade. Não admito essa calúnia contra as minhas próprias filhas. — A sra. Levy suspirou, satisfeita. — Essa questão com a Abelman é o seu erro mais perigoso, entre muitas omissões durante tantos anos. As meninas vão ficar de cabelo arrepiado quando souberem. Claro que, se você não quiser, eu não vou assustá-las.

— Quanto você precisa para essa fundação?

— Ainda não calculei. Só fiz as normas e os regulamentos.

— Posso perguntar qual vai ser o nome da fundação, sra.

Guggenheim? Caixinha de Susan e Sandra?

— Vai se chamar Fundação Leon Levy, em homenagem ao seu pai. Tenho que fazer alguma coisa para homenagear o nome do seu pai, depois de tudo o que você fez para desonrá-lo. Os prêmios vão honrar a memória de um grande homem.

— Entendo. Em outras palavras, você vai distribuir comendas a velhos notáveis por suas incomparáveis insignificâncias.

— Por favor, Gus. — A sra. Levy levantou a mão enluvada. — As meninas estão informadas sobre o projecto da srta. Trixie. A fundação pode fazê-las orgulhar-se do nome que têm. Sou capaz de fazer qualquer coisa para compensar seu fracasso como pai.

— Receber o prémio da Fundação Leon Levy vai ser uma ofensa pública. Ai, sim, você vai receber um monte de pedidos de indemnização dos que

mereceram o prêmio. Esqueça isso. Que fim levou o bridge? O resto do pessoal continua jogando. Você nunca mais foi jogar golfe? E as aulas de dança? Leve a srta. Trixie com você.

— Para dizer a verdade, a srta. Trixie já estava me aborrecendo ultimamente.

— Então foi por isso que o curso de rejuvenescimento acabou assim de repente.

— Fiz tudo o que pude por aquela mulher. Susan e Sandra estão orgulhosas por eu ter conseguido mantê-la em actividade durante tanto tempo.

— Bem, então nada de Fundação Leon Levy.

— Você está com ciúmes? A sua voz é de quem está ressentido.

Gus, para o seu próprio bem. Aquele médico foi quem salvou Lenny.

Antes que seja tarde demais. Agora vou ter que ficar atrás de você o tempo todo para ver se você vai mesmo procurar aquele idealista criminoso. Conheço você. Não vai tomar providência alguma, e Abelman vai mandar um caminhão para levar tudo o que nós temos lá em casa.

— Inclusive a mesa de massagem.

— Já lhe disse! — gritou a sra. Levy. — A mesa não tem nada a ver com isso! — Ajeitou o casaco. — Agora apanhe esse psicopata do Reilly antes que Abelman chegue aqui e comece a tirar os seus carros da garagem. Com um tipo daqueles, Abelman não poderá nem conversar. O médico de Lenny pode dar um atestado, e as autoridades o mandam para algum lugar onde não fique prejudicando os outros. Graças a Deus que Susan e Sandra não vão saber que quase acabaram vendendo bala em porta de cinema. Iam mesmo ficar muito sentidas se soubessem que o pai liga tão pouco para o bem-estar delas.

IV

George se instalara na Poydras Street, em frente à garagem da Distribuidora Paradise. Lembrara-se do nome que estava escrito na carrocinha e procurara o endereço da empresa. Por toda a manhã esperara o enorme vendedor, que nunca aparecia. Talvez tivesse sido despedido por bater na bicha da Pirate's Alley. Ao meio-dia, George saíra de seu posto e fora até o bairro apanhar os embrulhos com a srta. Lee. Agora estava de volta à Poydras, sem saber se o vendedor voltaria ou não. George resolvera ser simpático com ele, dar-lhe algum dinheiro logo de saída. Quem vende cachorro-quente não deve ser rico. Gostaria de ganhar uns trocados. Esse vendedor seria a fachada perfeita. Nunca iria saber o que estava acontecendo. E ainda por cima, tinha instrução.

Finalmente, um pouco depois da uma hora, uma bata branca saltou do ônibus e entrou, ligeira, na garagem. Algum tempo depois, o excêntrico vendedor empurrava a carrocinha para a calçada. Já estava de brinco, lenço e espada, reparou George. Se os guardava lá dentro, na garagem, deveriam fazer parte da profissão. Pelo modo como falava, dava para perceber que frequentara a escola muito tempo. Com certeza, esse fora o seu erro. George tinha sido esperto o suficiente para abandonar os estudos o mais cedo possível. Não queria terminar daquele jeito.

George viu-o empurrar a carrocinha alguns metros, parar e pregar nela uma folha de papel. George pretendia usar de psicologia com ele; ia usar a instrução do vendedor. Com isso e o dinheiro, o aluguel da caixa de pães estaria garantido.

O velho meteu a cabeça para fora da garagem, correu atrás do vendedor e cutucou-lhe as costas com um espeto comprido.

— Vá andando, bestalhão! — gritou o velho. — Já se atrasou demais. Já é tarde. Hoje você tem que trazer o dinheiro de qualquer jeito.

O vendedor respondeu qualquer coisa em voz baixa e indiferente. George não ouviu o que ele disse, mas demorou bastante.

— Não me interessa se a sua mãe usa tóxicos — disse o velho.

— Não quero mais ouvir falar nessa merda de batida de carro nem dos pesadelos com essa droga de amiga sua. Agora suma daqui, rinoceronte. Hoje tem que trazer cinco dólares, pelo menos.

Com um empurrão do velho, o vendedor virou a esquina e desapareceu na St.

Charles. Depois que o velho voltou para a garagem, George pôs-se a seguir o carrinho.

Sem saber que estava sendo observado, Ignatius empurrava a carrocinha pela St. Charles, no sentido contrário ao do trânsito, na direcção do Bairro Francês. Ficara acordado até tão tarde a noite anterior, preparando a palestra para a reunião do partido, que não conseguira deixar seus lençóis amarelados antes do meio-dia, e, mesmo assim, devido apenas aos gritos da mãe e aos murros que ela dera na porta. De volta às ruas, deparava com um problema. A comédia sofisticada começava a ser exibida hoje no RKO Orpheum.

Conseguira arrancar algum dinheiro da mãe para a condução, embora até isso ela regateasse. Teria que vender uns cinco ou seis cachorros-quentes bem depressa, parar a carrocinha em algum lugar e ir ao cinema para que seus olhos incrédulos absorvessem cada minuto de blasfêmia colorida.

Perdido em considerações sobre como arranjar dinheiro, Ignatius não reparou que havia bastante tempo trafegava em linha recta. Ao tentar fazer uma curva, a carrocinha não se virou para a direita. Deteve-se e viu que um dos pneus de bicicleta se enganchara no trilho do bonde. Sacudiu a carrocinha, mas ela era pesada demais para se soltar. Abaixou-se e experimentou levantá-la de um lado.

Quando seguiu por baixo do enorme pão de lata, ouviu o rangido de um bonde que se aproximava. Sentiu arderem as mãos, e a válvula, após um momento de histérica hesitação, abriu-se com estrondo.

Ignatius ergueu bruscamente o cachorro-quente de lata. O pneu de bicicleta projectou-se dos trilhos, oscilou no ar e terminou na horizontal, enquanto a carrocinha tombava de lado. Uma das portinholas se abriu, jogando salsichas na rua.

— Valha-me Deus! — murmurou Ignatius para si mesmo, vendo o bonde a meio quarteirão. — Que terrível armadilha a Fortuna me preparou desta vez?

Abandonando os destroços, Ignatius caminhou pesadamente pelos trilhos na direcção do bonde, fazendo farfalhar o uniforme por entre as pernas. A silhueta verde e marrom crescia aos poucos para cima dele, balançando-se com lentidão. O motorneiro, ao ver aquela figura enorme, esférica e branca ofegando no meio dos trilhos, freou o carro e abriu a vidraça da frente.

— Com licença, meu senhor — gritou-lhe o brinco. — Espere um momento que eu vou endireitar minha embarcação avariada.

George aproveitou a oportunidade. Correu até Ignatius e falou, animado:

— Vamos, professor, eu o ajudo a tirar isso do caminho.

— Valha-me Deus! — trovejou Ignatius. — O anjo exterminador na puberdade. Que dia promissor o de hoje! Parece que vou ser abalroado por um bonde e assaltado simultaneamente. Vou estabelecer um recorde para a Paradise. Vá embora, rapazote depravado.

— Segure daí que eu seguro daqui.

O bonde tocou o sino para eles.

— Ah, vamos lá! — disse Ignatius, afinal. — Aliás, eu nem me importaria de deixar este ridículo instrumento aqui caído.

George pegou de um lado do pão de lata e disse: — É melhor fechar aquela portinha para não cair o resto das salsichas.

Ignatius fechou a portinhola com um pontapé de quem chuta a bola em gol para decidir o jogo, cortando em duas uma salsicha que ficara de fora.

— Vá com calma, professor. Assim quebra a carrocinha.

— Cale essa boca, vadio. Não quero conversa.

— Ok — George deu de ombros. — Olhe, eu só queria ajudar.

— Como você pode me ajudar? — berrou Ignatius, pondo à mostra dois caninos intimidadores. — Deve haver alguma autoridade farejando você pelo perfume sufocante do seu tônico capilar. De onde é que você surgiu? Por que está me seguindo?

— Escute, quer ou não quer que eu ajude a tirar esse entulho daqui?

— Entulho? Está se referindo ao veículo da Paradise?

O bonde tornou a badalar para eles.

— Vamos — disse George. — Um, dois, três, *já!*

— Espero que perceba — disse Ignatius em um fio de voz, enquanto levantava a carrocinha — que nossa aliança deve-se apenas a esta emergência.

A carrocinha voltou à posição vertical, e o conteúdo dos compartimentos

chocalhou no interior.

— Ótimo, professor, conseguiu. Foi um prazer ajudar.

— Se ainda não reparou, seu pivete, você vai ser agora mesmo atropelado pelo bonde.

O bonde passou por eles bem devagar, para que o cobrador e o motorneiro pudessem examinar melhor a fantasia de Ignatius.

George agarrou a manopla de Ignatius e meteu nela dois dólares.

— Dinheiro? — perguntou Ignatius com alegria. — Graças a Deus. — Embolsou rápido as duas notas. — É melhor nem perguntar o motivo obscuro dessa liberalidade. Prefiro pensar que você pretende me indenizar, à sua maneira simplória, por ter me difamado em meu primeiro dia de trabalho com esta carrocinha ridícula.

— É isso aí, professor. Falou e disse. Você tem mesmo muita cultura.

— Acha? — Ignatius estava satisfeito. — Ainda existe uma esperança quanto a você. Vai um cachorro-quente?

— Não, obrigado.

— Então me dê licença que eu vou querer. Meu organismo anseia por saciedade.
— Ignatius espiou o recipiente das salsichas. — Meu Deus, esses cachorros-quentes estão na maior desordem.

Enquanto Ignatius abria e fechava portas e mergulhava a mão no molho, George disse:

— Agora que eu já ajudei, professor, bem que podia retribuir o favor.

— Talvez — disse Ignatius, desinteressado, mordendo o cachorro-quente.

— Está vendo isto aqui? — George mostrou os embrulhos de papel pardo que tinha debaixo do braço. — É material escolar. Esse é o meu problema. Tenho que apanhá-lo com o distribuidor na hora do almoço, mas só posso entregá-lo nos colégios depois que terminam as aulas. Então, tenho que ficar carregando isso por aí durante quase duas horas. Entende? Eu queria um lugar qualquer para deixar isso na parte da tarde. Talvez eu pudesse marcar encontro com você à uma hora, deixar isso aí onde você guarda o pão, e voltar para buscar às três.

— Coisa esquisita — arrotou Ignatius. — Acha que eu vou acreditar nessa história? Entregando material escolar depois da aula?

— Pago dois dólares todo dia.

— É mesmo? — perguntou Ignatius, interessado. — Bem, só se me pagar uma semana adiantada. Não gosto de mexer com dinheiro miúdo.

George abriu a carteira e deu oito dólares a Ignatius.

— Tome. Com os dois que eu já lhe dei, são os dez desta semana.

Ignatius embolsou, feliz, as notas e arrancou um embrulho de debaixo do braço de George, dizendo:

— Tenho que ver o que é que eu estou guardando. Você pode querer tapear esses pobres alunos.

— Ei! — gritou George. — Não posso entregar esse negócio aberto.

— Azar o seu. — Ignatius desviou-se do rapaz e rasgou o papel de embrulho. Viu uma pilha de fotos que pareciam cartões-postais. — De que se trata? Aula de geografia ou alguma outra matéria embrutecedora?

— Me dê isso, seu doído.

— Valha-me Deus! — Ignatius ficou paralisado diante do que via. Certa vez, no colégio, alguém lhe mostrara uma foto pornográfica e ele desmaiara, batendo a cabeça em um bebedouro e ferindo-se na orelha. Esta foto era muito superior. Uma mulher nua, sentada na beira de uma escrivaninha, ao lado de um globo terrestre.

A sugestão de onanismo com um giz intrigou Ignatius. O rosto dela era encoberto por um grande livro. George se desviava dos tapas dados a esmo pela mão desocupada de Ignatius, que esquadrihava o título na capa do livro: Anício Mânlio Torquato Severino Boécio, *A consolação da filosofia*. — É isso mesmo que eu estou vendo? Que brilhantismo! Que bom gosto! Louvado seja!

— Devolva-me isso — implorava George.

— Esta é *minha* — Ignatius regozijava-se, embolsando a primeira foto. Devolveu a George o pacote rasgado e olhou para um pedaço de papel de embrulho que ficara em suas mãos. Havia um endereço ali. Embolsou-o também. — Onde foi que você conseguiu isso? Quem é esta mulher brilhante?

— Não é da sua conta.

— Compreendo. Transacções confidenciais. — Ignatius pensou no endereço escrito no pedaço de papel. Haveria de fazer investigações por conta própria. Alguma intelectual na miséria fazia aquilo para sobreviver. Sua visão de mundo deveria ser muito perspicaz, a julgar pelo que lia. Podia ser que estivesse na mesma situação do Trabalhador, um filósofo e profeta atirado em uma era adversa por forças acima de seu controle. Ignatius precisava encontrá-la. Devia ter ideias novas e interessantes. — Bem, a despeito dos seus receios, vou colocar a carrocinha à sua disposição.

Porém, vai ter que ficar com ela hoje à tarde. Tenho um compromisso urgente.

— Ei, que negócio é esse? Quanto tempo eu vou ficar aqui?

— Umas duas horas.

— Tenho que chegar à cidade às três.

— Bem, hoje vai chegar um pouco atrasado — disse Ignatius, aborrecido. — Já estou baixando os meus padrões aliando-me a você e sublocando a caixa de pães. Devia dar-se por satisfeito por eu não denunciá-lo. Tenho um grande amigo na força policial, um agente disfarçado, o guarda Mancuso. Ele só está esperando a oportunidade que um caso como o seu pode proporcionar. Caia de joelhos e dê graças à minha benevolência.

Mancuso? Não era esse o nome do agente que o detivera no banheiro? George ficou nervoso.

— Como é o tal cara disfarçado? — disse George com ar de deboche, em um arroubo de coragem.

— Cheio de subterfúgios. — A voz de Ignatius era empostada.

— Usa muitos disfarces. É o terror dos bandidos, sempre de um lado para outro, em sua busca insaciável. Durante algum tempo, escolheu um banheiro para suas buscas, mas agora está de volta às ruas, onde fica à minha disposição o dia inteiro.

A garganta de George encheu-se de algo que o enojou.

— É uma armadilha — engoliu ele.

— Agora chega, moleque. Explorando a degradação de uma pesquisadora

académica! — bufou Ignatius. — Devia beijar a orla do meu uniforme em sinal de gratidão por eu não alertar Sherlock Mancuso sobre suas actividades. Encontre-me na porta do RKO

Orpheum daqui a duas horas!

Ignatius saiu ondulando pela Common Street. George colocou os embrulhos na caixa de pães e sentou-se no meio-fio. Só lhe faltava encontrar o guarda Mancuso. O tal vendedor o pegara. Olhou, furioso, para a carrocinha. Agora não carregava apenas os embrulhos. Carregava uma carrocinha de cachorro-quente.

Ignatius jogou o dinheiro na bilheteira e literalmente investiu contra o Orpheum, gíngando pela passagem central até as primeiras poltronas. A cronometragem fora exacta. O segundo programa estava começando. O rapaz das fotos magníficas fora um achado. Ignatius chegou a pensar em chantageá-lo para que ele ficasse com a carrocinha todas as tardes. O malandro ficara mesmo impressionado quando ele mencionara sua amizade com o policial.

Ignatius resfolegou para os letreiros dos créditos. Toda a equipe do filme era inaceitável. Um cenógrafo, em particular, já o deixara estarrecido muitas vezes. A heroína estava ainda mais inconveniente do que no musical do circo. Neste filme, ela era uma jovem secretária que um velho cidadão do mundo queria seduzir. Mandou-a de jacto para as Bermudas e instalou-a em uma suíte de hotel. Na primeira noite, ela ficou com o corpo todo empolado bem na hora em que o libertino abriu a porta do quarto.

— Nojeira! — gritou Ignatius, espalhando pipoca e saliva pelas fileiras da frente.
— Como ousa ela passar por virgem? Olhem que rosto degenerado! Estupre!

— Nestas matinés vem um pessoal engraçado! — disse uma senhora com sacola de compras para a sua companheira. — Olhe só.

Ele usa brinco.

Passou então uma cena de amor desfocada, e Ignatius foi perdendo o controle. Sentia a histeria apossar-se dele. Queria ficar em silêncio, mas não conseguia.

— Passaram vaselina na lente — explodiu ele. — Isso tudo para disfarçar as rugas que eles têm na cara. Estou me sentindo nauseado. Alguém aí na cabine pode desligar o projector? Por favor!

Bateu com o cutelo no braço da poltrona para chamar a atenção. Uma lanterninha veio até o seu lugar e tentou tirar-lhe o cutelo, mas Ignatius lutou com

ela, até que ela escorregou e caiu no carpete. Levantou-se e bateu em retirada.

A protagonista, acreditando que sua honra estava em jogo, teve uma série de visões paranóicas, nas quais aparecia na cama com o libertino. A cama voava sobre as ruas e flutuava na piscina do hotel.

— Louvado seja! Desde quando se chama de comédia tamanha indecência? — indagou Ignatius na escuridão. — Não achei graça nem uma vez. Não consigo nem enxergar essas cores fora de foco. Essa mulher devia ser açoitada até cair. É uma ameaça para a nossa civilização. É comunista da linha chinesa, infiltrada entre nós para destruir-nos. Façam-me o favor! Alguém com um resto de decência desligue a chave geral. Tomara que o Orpheum tenha esquecido de pagar a conta da luz.

Quando o filme terminou, Ignatius ainda gritou: — Sob um rosto tão americano se esconde a Rosa de Tóquio!

Pensou em ficar para a sessão seguinte, mas lembrou-se de George. Ignatius não queria estragar tão bom negócio. Precisava do rapaz. Escalou, cambaleante, as quatro caixas de pipoca vazias que haviam se acumulado sob sua poltrona durante o filme. Estava irritadíssimo. Desperdiçara suas emoções. Ofegante, saiu do cinema para a rua ensolarada. Lá, junto ao ponto de táxi do Roosevelt Hotel, George tomava conta da carrocinha.

— Poxa! — reclamou ele. — Achei que não ia voltar nunca. Que compromisso era esse? Você queria ir ao cinema.

— Por gentileza — suspirou Ignatius. — Passei por um sério trauma. Suma daqui. Encontro você amanhã pontualmente à uma hora, na esquina da Canal com a Royal.

— Ok, professor. — George apanhou os embrulhos e saiu, apressado. — Bico calado, hein?

— Veremos — replicou Ignatius com desprezo.

Comeu um cachorro-quente com mãos trêmulas e vasculhou o bolso à procura da fotografia. Do alto, a figura da mulher parecia ainda mais conservadora e segura de si. Talvez uma professora de história romana passando necessidades? Ou uma especialista em medievalismo na indigência? Se ao menos mostrasse o rosto! Havia uma aura de abandono, de distanciamento, de prazer sensual solitário e acadêmico que muito lhe agradava. Olhou, no pedaço de papel amarrutado, o endereço breve, mal escrito. Bourbon Street. A pobre mulher caíra

nas malhas do lenocínio. Que personagem atraente para o diário! Àquela obra, pensou Ignatius, faltava um toque sensual. Faltava uma injeção de erotismo. Talvez a obra crescesse com as confissões daquela mulher.

Ignatius foi empurrando a carrocinha em direção ao Bairro Francês, e, em um lampejo, imaginou um caso. Myrna roeria a borda da xícara de café, louca de ciúmes. Ele haveria de lhe descrever cada detalhe lúbrico de seu relacionamento com a intelectual. Com tamanha erudição e a visão de mundo de Boécio, ela deveria encarar com estoicismo os lapsos sexuais da parte dele. Seria compreensiva.

"Seja meiga", pediria Ignatius. Myrna provavelmente atacava o sexo com a mesma veemência e seriedade com que praticava o protesto social. Como ficaria angustiada ao ouvir as descrições de Ignatius de suaves prazeres!

"Devo?", perguntou Ignatius a si mesmo, jogando a carrocinha, distraidamente, contra um automóvel estacionado. A alça foi de encontro ao seu estômago, e ele eructou. Não contaria à mulher como chegara até ela. Em primeiro lugar, falariam de Boécio. Ela ficaria impressionada.

Ignatius chegou ao endereço e pensou: "Ah, meu Deus! A pobre mulher está nas mãos de Satanás."

Observou a fachada do Noite do Prazer e arrastou-se até o cartaz pregado em uma janela de vidro:

ROBERTA E. LEE

apresenta

Harlett O'Hara,

a moça da Virgínia

(e seu bichinho de estimação!)

Quem era Harlett O'Hara? E, mais importante, que tipo de bicho? Ignatius ficou intrigado. Temeroso de atrair a ira da proprietária

nazista

do

estabelecimento,

sentou-se

desconfortavelmente no meio-fio e decidiu esperar.

Lana Lee contemplava Darlene e o papagaio. Já era tempo de estrearem. Só faltava Darlene dizer aquela frase direito. Afastou-se do palco, deu a Jones mais algumas instruções sobre a limpeza debaixo das banquetas e foi examinar o cartaz do lado de fora. Já vira aquele número o suficiente por aquele dia. O *show* parecia funcionar à sua maneira. George estava trazendo bastante dinheiro com a nova mercadoria. As coisas começavam a melhorar. Até Jones, finalmente, estava sob controle.

Lana abriu a porta e correu para a rua.

— Ei, você! Saia da minha calçada, sujeitinho.

— Por favor — respondeu uma voz empostada, seguida de uma pausa para pensar em alguma desculpa. — Pretendo apenas dar repouso a meus castigados pés.

— Então vá dar repouso em outro lugar. Tire essa carrocinha caquética da frente do meu estabelecimento.

— Posso lhe garantir que não foi de propósito que tive uma estafa na frente do seu campo de concentração. Não voltaria aqui por vontade própria. Meus pés simplesmente pararam de funcionar.

Fiquei paralisado.

— Pois vá ficar paralisado lá na esquina. Você aqui só serviria para levar o meu negócio à falência. Parece um veado com esse brinco. Vão achar que isto aqui é bar de homossexuais. Dê o fora.

— Ninguém fará esse tipo de julgamento. Sem dúvida a senhora dirige o bar menos personalizado da cidade. Não está interessada num cachorro-quente?

Darlene chegou à porta e disse:

— Veja quem está aí! Como vai sua mãezinha?

— Valha-me Deus! — berrou Ignatius. — Por que a Fortuna me trouxe a este lugar?

— Ei, Jones! — chamou Lana Lee. — Largue a vassoura e venha tirar este sujeito daqui.

— Sinto muito. Leão-de-chácara já passa para cinquenta dólares por semana.

— Você trata sua mãe muito mal — disse Darlene da porta.

— Não me parece que alguma das senhoras tenha lido Boécio — suspirou Ignatius.

— Não fale com ele — ordenou Lana a Darlene. — É um fodido.

Jones, vou contar até três para você chegar aqui, senão chamo a polícia para levá-lo e a esse sujeito. Já estou de saco cheio de intrometidos.

— Deus é testemunha do infortúnio que se abateu sobre meus sentidos — observou Ignatius com formalismo. — Não me intimide.

Já tive meu trauma por hoje.

— Caramba! — exclamou Jones ao chegar à porta. — O sujeito do boné verde. Em pessoa. Ao vivo.

— Percebo que a senhora teve a esperteza de contratar um capanga negro para defendê-la dos clientes indignados — disse o do boné verde para Lana Lee.

— Tire-o daqui — ordenou Lana a Jones.

— Uau! Como é que se arrasta um elefante?

— Veja esses óculos escuros. Sem dúvida esse organismo deve estar mergulhado em tóxicos.

— Volte já lá para dentro — disse Lana a Darlene, que não tirava os olhos de Ignatius. Empurrou Darlene e disse a Jones: — Vamos, suma com ele.

— Tire a navalha e me retalhe — provocou Ignatius, quando Lana e Darlene entraram. — Cuspa no meu rosto. Pode esfaquear-me. Você não tem consciência, é claro, que foi meu interesse em defender os direitos humanos que me levou à condição de reles vendedor de salsichas. Perdi um emprego de futuro por ter-me posicionado quanto à questão racial. Meus pés neste estado resultam de minha consciência social.

— Uau! As Calças Levy chutaram você porque queria meter os pretos em cana,

não foi?

— Como é que você sabe? — perguntou Ignatius, na defensiva.

— Você estava envolvido naquele golpe frustrado?

— Não. Fiquei sabendo por aí.

— Ah, é? — indagou Ignatius, interessado. — Sem dúvida mencionaram o apoio que prestei. Portanto, obtive reconhecimento.

Nem desconfiava que me havia tornado um mito. Talvez eu tenha abandonado aquele movimento precipitadamente. — Ignatius sentia-se gratificado. Aquele dia caminhava para o sucesso, depois de muitos fracassos. — Devo ter-me tornado um mártir ou coisa parecida — Arrotou. — Aceita um cachorro-quente? Estendo minhas atenções a todos os pretos e oprimidos. A Distribuidora Paradise foi a pioneira no campo da acção social.

— Como é que um cara como você, falando difícil, está vendendo cachorro-quente?

— Tenha a gentileza de soprar essa fumaça para outro lado.

Meu sistema respiratório, infelizmente, não funciona bem. Desconfio que resultei de uma concepção incompetente por parte de meu pai. O

esperma dele deve ter sido emitido da maneira errada.

Aquilo é que era sorte, pensou Jones. O gordo caíra do céu quando ele mais precisava.

— Você não está regulando bem. Devia arrumar um emprego decente, um Cadillac, com aquela merda toda. Ar refrigerado, tv em cores...

— Tenho uma ocupação muito agradável — respondeu Ignatius com frieza. — Ao ar livre, sem supervisão. A única pressão vem dos pés.

— Se eu tivesse estudo, não ia ficar por aí empurrando carrocinha e vendendo essa merda de comida.

— Faça o favor! Os produtos Paradise são da mais alta qualidade. — Ignatius bateu com o cutelo no meio-fio. — Uma pessoa que trabalha num bar suspeito não está em condições de questionar o trabalho dos outros.

— Puta merda, você acha que eu gosto do Noite do Prazer?

Caramba! Vou arranjar outro lugar. Eu bem que queria um lugar bom para trabalhar, carteira assinada, ganhando o salário.

— O que eu temia — disse Ignatius, zangado. — Em outras palavras, você pretende tornar-se um completo burguês. O seu pessoal sofreu uma verdadeira lavagem cerebral. Imagino que você pretenda tornar-se um sucesso e coisas desse quilate.

— Ei, agora você me entendeu. Caramba!

— Não tenho mesmo tempo para discutir seu juízo de valores.

No entanto, gostaria de obter uma informação. Por acaso conhece, nesse antro, alguma mulher que seja dada à leitura?

— Conheço, sim. Ela está sempre me empurrando umas coisas para ler, dizendo que eu preciso melhorar. É muito decente.

— Valha-me Deus! — Os olhos azul-amarelados faiscavam. — Será que eu posso me encontrar com esse modelo de perfeição?

Jones tentou adivinhar o que seria aquilo. E disse: — Uau! Se está querendo conhecê-la, passe aqui uma noite, para ver ela dançar com o bicho.

— Louvado seja! Não me diga que é essa Harlett O'Hara.

— Isso aí. A Harla O'Horror mesmo.

— Além de Boécio, um bicho — murmurou Ignatius. — Que descoberta!

— Vai estrear qualquer dia desses. Vale a pena sentar a bunda para ver. É o melhor *show* do mundo.

— Posso imaginar — disse Ignatius com respeito. "Uma sátira brilhante sobre a decadência sulina, exibida para a plateia desprevenida do Noite do Prazer. Pobre Harlett!" — Diga. Que tipo de bicho é o dela?

— Ei! Não posso contar. Tem que vir ver. O *show* é surpresa. A Harla também tem um papel falado. Não é um *striptease* comum. Ela fala.

Deus do céu! Algum comentário profundo que ninguém na plateia compreenderia. Ele tinha que ver Harlett. Precisavam comunicar-se.

— Ainda há mais uma coisa que eu gostaria de saber — disse Ignatius. — A proprietária nazista deste esgoto está aqui todas as noites?

— Quem? A srta. Lee? Não. — Jones sorriu para si mesmo. Os estragos iam começar. O gordão queria mesmo vir ao Noite do Prazer. — Ela disse que a Harla O'Horror está tão perfeita que nem precisa fiscalizar. Disse que, quando a Harla estrear, vai sair de férias para a Califórnia.

— Que sorte! — Ignatius engoliu em seco. — Bem, *eu* venho aqui ver o número da srta. O'Hara. Reserve-me em segredo uma mesa de pista. Preciso vê-la e ouvi-la.

— Caramba! Ela vai gostar muito. Passe daqui a uns dois dias.

Vai receber o melhor atendimento da casa.

— Jones, você está de papo com esse tipo? — indagou Lana da porta.

— Não se preocupe — disse Ignatius. — Estou de saída. Seu capanga deixou-me morto de medo. Nunca mais cometerei o erro de passar por este chiqueiro.

— Ótimo — disse Lana, e bateu a porta.

Ignatius lançou para Jones um olhar conspiratório.

— Escute aqui — disse Jones —, antes de sair, diga-me uma coisa. O que é que você acha que um preto pode fazer para não ficar na vadiagem nem trabalhar apenas para ganhar o salário?

— Por gentileza. — Ignatius tateou, desajeitado, o uniforme, enquanto procurava o meio-fio, para poder levantar-se. — Você bem pode imaginar como estou confuso. Seus valores são totalmente equivocados. Se obtiver sucesso, ou seja lá o que quer, terá um colapso nervoso. Você sabe de algum negro que tenha úlcera? Claro que não. Dê-se por satisfeito com o seu barraco. Agradeça à Fortuna por não descender de caucasianos. Leia Boécio.

— Quem? Ler o quê?

— Boécio há de lhe mostrar que não tem sentido lutar contra as circunstâncias, que precisamos aprender a aceitá-las. Pergunte à srta. O'Hara.

— Escute. Que tal ficar na vadiagem metade do tempo?

— Maravilhoso. Em dias melhores, eu mesmo fui um vadio muito feliz. Gostaria

de estar no seu lugar. Só sairia do meu quarto uma vez por mês para receber o pagamento do seguro-desemprego.

Aproveite a sua boa sorte.

Aquele gordão era mesmo maluco. O pessoal das Calças Levy mal sabia que quase tinham ido parar em Angola.

— Bem, não esqueça de voltar daqui a dois dias. — Jones soprou uma nuvem no brinco. — Harla vai estar fazendo o seu número.

— Venho aqui de qualquer jeito — disse Ignatius, alegre. Myrna haveria de ranger os dentes.

— Caramba! — Jones foi até a frente da carrocinha e examinou a folha de caderno. — Parece que estão debochando de você.

— É a minha estratégia de vendas.

— Uau! É melhor você olhar isso direito.

Ignatius arrastou-se até a proa e viu que o moleque desenhara na placa 30 CENTÍMETROS DE PARAÍSO diversos órgãos genitais.

— Deus do céu! — Ignatius arrancou a folha coberta de rabiscos de esferográfica. — Eu andava com isso por aí?

— Vou ficar na porta esperando você — disse Jones. — Até!

Ignatius acenou pesadamente e afastou-se. Afinal, tinha um motivo para ganhar dinheiro: Harlett O'Hara. Fez pontaria com a proa desnuda da carrocinha em direcção às barcas de Algiers, onde os estivadores se reuniam no final do expediente. Pregando, anunciando, guiou a carrocinha em meio à multidão de homens e conseguiu vender todos os cachorros-quentes. Com cortesia e entusiasmo, espirrando *ketchup* e mostarda com a energia de um bombeiro apagando um incêndio.

Que dia magnífico! Os sinais da Fortuna eram mais que promissores. O sr. Clyde recebeu um alegre cumprimento e dez dólares do vendedor Reilly, e Ignatius, com os bolsos cheios de dinheiro do jovem delinquente e do magnata da salsicha, tomou o ônibus com o coração leve.

Entrou em casa e encontrou a mãe falando baixinho ao telefone.

— Talvez não seja assim tão má ideia, meu bem. Você sabe do que eu estou falando?

— Claro que não é má ideia — respondeu Santa. — Esse pessoal do hospício vai dar um descanso a Ignatius. Claude não vai querer esse Ignatius por perto, amor.

— Ele gosta de mim, né?

— Gosta? Ele me ligou hoje de manhã para saber se você pretendia se casar outra vez. Nossa! Eu disse: "Bem, Claude, você tem que dizer isso a ela". Ai, meu Deus! Um pedido de casamento.

Nunca vi isso na vida. O homem está desesperado com a solidão.

— Ele é muito educado. — A sra. Reilly respirou no fone. — Mas me deixa meio nervosa com esse negócio de comunismo.

— Que besteira é essa que está falando? — Ignatius irrompeu na sala.

— Virgem! — disse Santa. — Parece que Ignatius chegou.

— Psiu! — disse a sra. Reilly ao telefone.

— Bem, escute, meu amor. Quando Claude se casar, vai parar de pensar nos comunistas. Ele não tem nada com que se preocupar agora, é por isso. Você vai lhe dar muito amor.

— Santa!

— Valha-me Deus! — sibilou Ignatius. — Você está falando com aquela Battaglia rameira?

— Cale a boca, menino!

— Você devia dar um bom soco na cara desse Ignatius — disse Santa.

— Não tenho força, querida — respondeu a sra. Reilly.

— Ah, Irene, eu já ia esquecendo de lhe dizer. Angelo veio aqui hoje, tomar um café comigo. Eu mal o reconheci. Você precisava ver aquela roupa de lã. Parecia um urso. Coitado do Angelo. Ele faz o melhor que pode. Agora, vai às boates da alta sociedade, foi o que ele disse. Precisa arranjar um marginal com urgência.

— Mas que horror! — disse a sra. Reilly com tristeza. — Que é que Angelo vai fazer se for expulso da corporação? Com três filhos para criar...

— Há postos promissores na Distribuidora Paradise para homens de iniciativa e bom gosto — disse Ignatius.

— Olhe esse maluco — disse Santa. — Ai, Irene, é melhor você ligar logo para o hospício.

— Vamos lhe dar mais uma chance. Quem sabe ele acerta na lotaria?

— Não sei por que eu perco meu tempo falando com você, menina. — Santa deu um suspiro rouco. — A gente se encontra logo mais às sete da noite. Claude disse que vai passar por aqui. Vem nos buscar para nos levar até o lago para comer camarões. Ai! Ainda bem que estou aqui para fazer companhia. Esse Claude não é fácil.

Santa soltou uma gargalhada mais rouca que de costume e desligou.

— Mas que droga você e essa caftina estão matraqueando? — perguntou Ignatius.

— Cale a boca!

— Muito obrigado. Vejo que o ambiente aqui continua o mesmo.

— Quanto foi que você trouxe hoje? Dez cents? — A sra. Reilly levantou-se, meteu a mão no bolso da bata e puxou a fotografia. — Ignatius!

— Dê-me isso aqui! — trovejou Ignatius. — Como ousa macular essa imagem magnífica com suas mãos imundas?

A sra. Reilly tornou a espiar a foto e depois fechou os olhos.

Uma lágrima desceu de suas pálpebras cerradas.

— Eu sabia, quando começou a vender cachorro-quente, que ia acabar se metendo com gente dessa espécie.

— Está falando de quê? "Gente dessa espécie"? — perguntou Ignatius, irritado, colocando a foto no bolso. — É uma mulher brilhante e incompreendida. Fale dela com respeito e reverência.

— Não vou falar é nada — fungou a sra. Reilly, ainda de olhos fechados. — Vá

para o quarto escrever as suas maluquices. — O

telefone tocou. — Deve ser o sr. Levy. Já telefonou duas vezes hoje.

— Sr. Levy? Que é que esse monstro quer?

— Não quis dizer para mim. Vá, louco, atenda ao telefone.

— Bem, eu é que não quero falar com ele — berrou Ignatius.

Tirou o fone do gancho e, com sotaque estrangeiro, disse: — Sim?

— Sr. Reilly? — perguntou um homem.

— O sr. Reilly não está.

— Aqui fala Gus Levy.

Ao fundo, uma voz de mulher dizia:

— Vamos ver o que você vai dizer. Mais uma oportunidade perdida. Um psicopata que você deixa escapar.

— Sinto muitíssimo — anunciou Ignatius. — O sr. Reilly foi ao centro da cidade a negócios hoje à tarde. Aliás, a bem da verdade, ele está no santuário de Mandeville, para doentes mentais. Desde que foi tão brutalmente despedido de sua empresa, ficou com a saúde mental abalada. Seu ego foi muito atingido. O senhor receberá em breve a conta dos psiquiatras. Eles têm tido muito trabalho com ele.

— Ele foi internado?

— Irremediavelmente. Passámos maus pedaços com ele aqui em casa. Da primeira vez que foi para o sanatório, precisamos de um carro blindado. Como o senhor sabe, ele tem o físico avantajado.

Hoje à tarde, porém, saiu numa ambulância da polícia.

— Ele recebe visitas em Mandeville?

— Claro. Pode ir vê-lo. E leve uns doces.

Ignatius bateu o telefone, colocou meio dólar na mão da mãe, ainda soluçando e lacrimosa, e bandeou-se para o quarto. Antes de abrir a porta, parou para ajeitar a placa PAZ AOS HOMENS DE BOA VONTADE presa à madeira descascada.

Os sinais indicavam uma volta para cima; sua roda agora chegaria até o céu.

Doze

I

Houve uma rajada de excitação. O apito agudo do carteiro, a camionete dos Correios na Constantinople Street, os gritos da mãe, a srta. Annie reclamando com o carteiro que o apito a assustara — tudo interrompeu Ignatius, que se vestia para a reunião do partido.

Assinou o protocolo da carta expressa e registada, voltou correndo para o quarto, trancou a porta.

— Que foi, menino? — perguntou a sra. Reilly da sala.

Ignatius olhou para o carimbo AÉREO EXPRESSO REGISTRADO, no envelope de papel pardo, e o aviso escrito à mão com letra miúda: "Urgente".

— Ai, meu Deus! — exclamou, alegre. — A ninfeta Minkoff deve estar fora de si.

Destruíu o envelope e retirou a carta.

"Prezados senhores,

Foi você mesmo que me mandou este telegrama, Ignatius?

MYRNA FORME COMITE CENTRAL PARTIDO DA PAZ REGIÃO
NORDESTE IMEDIATAMENTE PT ORGANIZAÇÃO TODOS NIVEIS PT
RECRUTAR APENAS SODOMITAS PT SEXO NA POLITICA PT SEGUEM
MAIORES DETALHES PT ASS IGNATIUS PRESIDENTE NACIONAL

Que significa isso, Ignatius? Quer mesmo que eu recrute bichas? Quem vai querer ser fichado como homossexual? Ignatius, estou muito preocupada. Você tem andado com esse tipo de gente?

Eu devia imaginar que isto acabaria acontecendo. Sua descrição paranóica da

prisão e do acidente já foi a primeira pista. Agora tudo veio à tona. Seus impulsos sexuais normais foram reprimidos por tanto tempo que agora foram canalizados para a tendência errada.

Desde aquela invenção, que foi o início de tudo, você passou por um período de crise que culminou na aberração sexual assumida. Eu podia ter-lhe dito antes que você daria uma virada mais cedo ou mais tarde. Agora já aconteceu. Em minha terapia de grupo, vão cair em depressão quando souberem que seu caso mudou para pior. Por favor, saia dessa cidade decadente e venha para o norte. Se quiser, pode telefonar-me a cobrar para conversarmos sobre o problema de orientação sexual que está atravessando. Você precisa de uma terapia urgente, antes que se transforme em travesti."

— Como ousa? — berrou Ignatius.

"Que fim levou o Partido do Direito Divino? Eu tinha muita gente interessada nele. Não creio que se passem para esse negócio dos sodomitas, mesmo achando que esse partido dos sodomitas pode ser usado para esvaziar os quadros da extrema direita. Talvez possamos provocar uma dissidência entre os fascistas. Ainda assim, não me parece uma boa ideia. Suponha que algum não-sodomita queira participar e nós o recusemos. Vamos ser acusados de discriminação, e tudo vai por água abaixo. A palestra não foi bem um sucesso, acho. Eu me saí bem — bem acima da cabeça das pessoas.

Duas ou três pessoas de meia-idade na plateia vieram com apartes agressivos, mas uns amigos meus da terapia de grupo rebateram agressividade com agressividade e, afinal, expulsaram os reacionários do auditório. Como eu suspeitava, era avançado demais para o pessoal do lugar. Ongah não apareceu, aquele tipo insignificante. Por mim, podem mandá-lo de volta para a África.

Cheguei a acreditar que aquele rapaz tivesse uma proposta nova.

Mas parece que é politicamente apático. Prometeu-me que iria, o *schmuck*. Ignatius, esse plano dos sodomitas não me parece viável.

Além disso, acho que se trata apenas de uma perigosa manifestação do declínio da sua saúde mental. Nem sei como contar, na terapia de grupo, esse estranho resultado — por mais previsível que fosse. O

grupo estava torcendo por você o tempo todo. Alguns até se identificaram. Se você virar, eles vão junto. Preciso me comunicar imediatamente com você.

Ligue a cobrar depois das seis da tarde.

Estou preocupadíssima.

M. Minkoff"

— Ela está transtornada — disse Ignatius, feliz da vida. — Espere só até saber do meu encontro apocalíptico com a srta. O'Hara.

— Ignatius, o que houve com você?

— Correspondência da ninfeta Myrna.

— Que é que essa menina quer?

— Vai tentar o suicídio se eu não jurar que o meu coração pertence só a ela.

— Que coisa horrível! Aposto que você andou dizendo para essa menina coisas que não devia. Conheço você, Ignatius.

De trás da porta vinham sons de alguém se vestindo; depois um som de metal caindo no chão.

— Onde é que você vai? — perguntou a sra. Reilly à porta descascada.

— Por favor, mãe — respondeu uma voz de baixo profundo. — Estou com pressa. Pare de me incomodar.

— Pelo que você ganha, era melhor passar o dia inteiro em casa — gritou a sra. Reilly para a porta. — Como é que vou arranjar o dinheiro para pagar àquele homem?

— Gostaria que me deixasse em paz. Estou me apressando para ir a um encontro político hoje à noite, preciso ordenar meus pensamentos.

— Encontro político? Ignatius! Que maravilha! Pode ser que você se dê bem na política, menino. Você fala muito bem. Qual é o partido, querido? Democrata ou Republicano?

— O partido é segredo por enquanto, sinto muito.

— Que partido secreto é esse? — perguntou a sra. Reilly, desconfiada. — Vai se encontrar com um bando de comunistas?

— Ah-ah!

— Já me deram uns panfletos dos comunistas, menino. Eu já li sobre os comunistas. Não brinque comigo, Ignatius.

— É, eu vi um panfleto desses na sala, outro dia. Você deixou ali de propósito para que eu também fosse influenciado pela mensagem, ou deixou cair por acaso, durante uma de suas bebedeiras normais, achando que era um confetti gigante? Imagino que você não enxergue direito a partir das duas da tarde. Bem, li o panfleto. Foi escrito por algum analfabeto. Sabe Deus onde foi que você apanhou esse lixo. Com certeza com a mulher que vende balas na porta do cemitério. Como não sou comunista, faça o favor de me deixar em paz.

— Ignatius, você não acha que está precisando fazer um repouso numa casa de saúde?

— Está se referindo ao hospital psiquiátrico, por acaso? — indagou Ignatius, irado. — Acha que eu sou louco? Supõe que algum psiquiatra tenha capacidade para desvendar os meandros da minha psique?

— Só para descansar, meu bem. Você pode ficar escrevendo nos seus cadernos.

— Eles vão querer me transformar num robô, que vê televisão, dirige automóvel e come comida congelada. Você não percebe? Os psiquiatras são piores que os comunistas. Recuso-me a ser submetido a uma lavagem cerebral. Não vou virar um autômato!

— Mas, Ignatius, eles ajudam tanta gente que tem problemas!

— Você acha que eu tenho algum problema? — berrou Ignatius.

— O único problema do pessoal que está lá é que eles não gostam de automóvel nem de aerossol. É por isso que vão para lá. Eles metem medo nos outros membros da sociedade. Cada asilo deste país está repleto de seres infelizes, que não suportam detergentes, matéria plástica, televisão e derivados.

— Que mentira, Ignatius! Você se lembra do sr. Becnel, que morava no final do quarteirão? Foi internado porque saiu correndo pelado pela rua.

— Claro que saiu correndo pelado pela rua. A pele dele não aguentava mais tanto náilon, estava lhe fechando os poros. Sempre considerei o sr. Becnel um mártir do nosso tempo. O pobre homem foi barbaramente atingido. Agora corra até a porta para ver se o meu táxi já chegou.

— Onde foi que você arranhou dinheiro para o táxi?

— Tenho uns tostões escondidos no colchão — respondeu Ignatius. Ele havia chantageado em mais dez dólares o jovem marginal, obrigando-o ainda a tomar conta da carrocinha enquanto ia ao Loew's, ver um filme sobre adolescentes em uma corrida de calhambeques. Aquele marginalzinho fora mesmo um achado, um presente da Fortuna para recompensá-lo de muitas voltas más. — Vá espiar pela veneziana.

A porta se abriu, rinchando, e Ignatius apareceu com todo o seu traje de pirata.

— Ignatius!

— Achei que você reagiria. No entanto, esta parafernália toda fica guardada na Distribuidora Paradise.

— Angelo então falou a verdade — gritou a sra. Reilly. — Você anda pela rua fantasiado o tempo todo, como se fosse carnaval.

— Um lenço aqui. Um cutelo ali. Uma ou outra sugestão de bom gosto. É o bastante. O efeito é magnífico.

— Você não vai sair desse jeito — ameaçou a sra. Reilly.

— Por favor. Nada de histeria. Você pode desviar os meus pensamentos, voltados para a palestra.

— Volte para o seu quarto, menino. — A sra. Reilly batia no braço de Ignatius. — Volte para lá. Agora eu não estou brincando, menino. Você não vai me desgrçar a esse ponto.

— Céus! Pare com isso, mãe. Não vou ter condições de fazer o discurso.

— Que discurso é esse que você vai fazer? Aonde é que você vai, Ignatius? Responda, menino. — A sra. Reilly esbofeteou o filho.

— Você não vai sair de casa, seu maluco.

— Valha-me Deus! Você está fora de si. Saia da minha frente imediatamente. Acho que você já viu o sabre pendurado no meu peito.

Um tapa atingiu Ignatius no nariz, outro no olho direito. Ele cambaleou pelo corredor, escancarou a porta da cozinha e correu para o pátio.

— Volte para dentro — gritava a sra. Reilly na porta da frente.

— Você não vai a lugar nenhum, Ignatius.

— Ei, acabem com a pancadaria, vocês dois — dizia a srta.

Annie de sua janela. — Vou ter um ataque dos nervos.

— Olhe só para Ignatius — gritou a sra. Reilly para ela. — Não é uma desgraça?

Ignatius deu adeus para a mãe, da calçada, com o brinco cintilando na luz.

— Ignatius, seja bonzinho, volte aqui — implorou a sra. Reilly.

— Já fiquei com dor de cabeça por causa daquele apito do carteiro — queixou-se a srta. Annie. — Vou ligar para a polícia agora mesmo.

— Ignatius! — berrou a sra. Reilly, mas era tarde demais.

Um táxi passava pelo quarteirão. Ignatius fez sinal para ele, enquanto sua mãe, esquecendo a inconveniência do quimono rasgado, correu para a calçada. Ignatius bateu a porta de trás no cabelo acaju da mãe e grunhiu um endereço para o motorista. Bateu com o cutelo nas mãos da mãe e ordenou ao motorista que partisse imediatamente. O táxi saiu em disparada, espirrando água, que passou pelo tecido esgarçado e atingiu as pernas da sra. Reilly. Ela ainda ficou olhando as lanternas traseiras por um momento, e então entrou correndo em casa para ligar para Santa.

— Vai a um baile de fantasia? — perguntou o motorista a Ignatius, ao entrarem na St. Charles Avenue.

— Atenção ao volante, e só fale quando eu lhe falar — proferiu Ignatius com estrondo.

Durante a corrida, o motorista não disse mais nada, enquanto Ignatius ensaiou o discurso em voz alta, raspando o cutelo no encosto da frente para ressaltar as partes mais importantes.

Na St. Peter Street, ele desceu e, antes de tudo, ouviu o barulho, abafado mas frenético, de cantoria e risadas que vinham do terceiro andar de um velho prédio amarelo. Um francês próspero construíra a casa no final do século XVIII, para acomodar mulher, filhos e tias solteironas. As tias foram instaladas no sótão, junto com a mobília que sobrara, e das duas janelas da água-furtada viam o pequeno mundo que acreditavam existir para além de seu próprio *monde de*

mexericos, trabalhos de agulha e recitações do terço. Mas a mão do decorador exorcizara qualquer fantasma da burguesia francesa que ainda permanecesse entre as paredes de tijolos do prédio. O exterior fora pintado de amarelo-canário; a chama das lanternas de cobre colocadas dos dois lados da entrada das carruagens tremeluzia com suavidade, refletindo-se, onduladas, no esmalte negro do portão e das janelas. No piso de lajes entre as lanternas havia antigos vasos em que as plantas erguiam suas folhagens como punhais apontando para o céu.

Ignatius parou diante do edifício, examinando-o com repugnância.

Seus olhos azul-amarelados condenavam a resplandecente fachada. Seu nariz se rebelava contra o odor acentuado de tinta fresca. Seus ouvidos se contraíam com a cacofonia da música, conversa e risos que acontecia atrás das janelas fechadas.

Pigarreou para testar a garganta e olhou para as três campainhas de latão e as plaquetas sobre cada uma:

Billy Truehard

Raoul Frayle — 3A

Frieda Club

Betty Bumper

Liz Steele — 2A

Dorian Greene — 1A

Apertou a campainha e esperou. A agitação atrás das janelas diminuiu ligeiramente. Abriu-se uma porta em algum ponto da entrada de carruagens, e Dorian Greene veio andando em direção ao portão.

— Ah, querido! — disse ele quando viu quem estava na calçada.

— Onde é que você andava? Estou achando que a reunião do partido vai ficar para a próxima vez. Já quis umas duas vezes botar ordem nesta festa, mas parece que está todo mundo animado demais.

— Espero que não tenha feito nada para desanimá-los — disse Ignatius muito

sério, batendo com o cutelo no portão, impaciente.

Reparou então que Dorian caminhava em sua direção com pouca firmeza nas pernas; não era bem isso que ele esperava.

— Mas que elegância! — disse Dorian ao abrir o portão. — Todo mundo só foi fazer o cabelo.

Dorian fez uma rápida e pouco coordenada mímica para ilustrar o que dissera.

— Ah, meu Deus! — disse Ignatius. — Deixe de ser escandaloso.

— Tem gente que vai ficar podre depois desta noite. Vai ser um êxodo em massa para a Cidade do México, amanhã de manhã. A Cidade do México é tão primitiva nesta época!

— Espero que ninguém esteja com intenção de fazer propostas armamentistas no encontro.

— Ora essa, claro que não.

— Fico aliviado em saber. Nunca se pode prever a oposição dentro do próprio grupo. Podemos ter algum inimigo infiltrado. O

plano pode transpirar para os núcleos militares do país, quiçá do mundo.

— Bem, vamos entrar, Cigana. Venha.

Ao passarem pela entrada das carruagens, Ignatius disse: — Este prédio é de um estilo *flamboyant* asqueroso. — Olhou para os lampiões semi-encobertos pelas palmeiras. — Quem é o responsável por este aborto?

— Eu, claro, Zíngara. Sou o dono do prédio.

— Eu devia ter adivinhado. Posso perguntar de onde vem o dinheiro para sustentar tamanha ostentação e decadência?

— Da fazenda de minha querida família — suspirou Dorian. — Todo mês eles mandam a minha mesada. Só pedem em troca que eu não apareça em Nebraska. Eu saí de lá meio escondido, entende?

Aquele trigo todo, aquela plantação que não acaba mais. Não dá para descrever como aquilo é deprimente. Nem nos romances. Fui estudar no Leste e depois vim para cá. Nova Orleans dá tanta liberdade!

— Bem, pelo menos temos um lugar para nos reunir. Agora que já conheço isto aqui, acho que vou preferir que você alugue um auditório num clube, ou outro local mais apropriado. Estas mais parecem instalações para actividades pervertidas, como chás dançantes, recepções.

— Sabe que uma revista de decoração quer fazer uma reportagem de quatro páginas em cores sobre este prédio? — perguntou Dorian.

— Se tivessem bom senso, iam ver que é o cúmulo do mau gosto — dardejou Ignatius.

— Ah, Moça do Brinco Dourado, você está me tirando do sério!

Olhe, a porta é aqui.

— Um momento — disse Ignatius, cauteloso. — Que som horrível! Parece que alguém está sendo sacrificado.

Ficaram parados na entrada, ouvindo. De algum ponto do pátio vinham gritos angustiados.

— Ah, querida, que será que eles estão fazendo agora? — A voz de Dorian estava impaciente. — Louquinhas. Não posso sair de perto um minuto.

— Gostaria de sugerir que investigássemos. — A voz de Ignatius era um sussurro conspiratório. — Algum militar pode ter-se infiltrado na reunião tentando extrair informações de um correligionário nosso sob tortura. Esse militar está disposto a tudo.

Pode ser até um agente estrangeiro.

— Ai, que bárbaro! — gritou Dorian.

Ele e Ignatius atravessaram o pátio aos tropeções. Gritavam por socorro na antiga senzala. A porta da senzala estava encostada, mas Ignatius atirou-se contra ela assim mesmo, quebrando vários vidros.

— Ah, meu Deus! — gritou ele diante do que viu. — Eles o pegaram!

Olhou o marinheiro acorrentado à parede. Era Timmy.

— Viu o que você fez com a porta? — perguntou Dorian atrás de Ignatius.

— O inimigo está entre nós — disse Ignatius com brutalidade.

— Quem nos traiu? Fale. Alguém dentre nós.

— Ora, tirem-me daqui! — suplicou o marinheiro. — Está um horror esta escuridão.

— Sua louca! — Dorian deu um tapa no marinheiro. — Quem foi que prendeu você aí?

— Foram aqueles dois horrorosos, Billy e Raoul. Disseram que você tinha feito a decoração da senzala e me chamaram para ver, e, quando percebi, eles me prenderam nestas correntes nojentas e ainda voltaram para a festa.

O marinheiro sacudiu as correntes.

— Acabei de fazer a restauração disso aqui — disse Dorian a Ignatius. — Ai, a minha porta!

— Onde estão os agentes? — perguntou Ignatius, despregando o cutelo e agitando-o no ar. — Temos que capturá-los antes que saiam do prédio.

— Por favor, tirem-me daqui! Tenho horror do escuro.

— Foi por sua causa que ele quebrou a porta — sibilou Dorian para o desconcertado marinheiro. — Fica de brincadeira com aquelas putas do andar de cima.

— Foi ele que quebrou a porta?

— Que é que você esperava? Basta olhar para ele.

— Os dois invertidos estão falando de mim? — perguntou Ignatius, aborrecido. — Se vão ter um atrito por causa da porta, duvido muito que possamos manter nossa unidade nos áduos caminhos da política.

— Ora, tirem-me daqui! Vou começar a gritar de novo, se me deixarem aqui.

— Cale essa boca, Neli — respondeu Dorian, esbofeteando o marinheiro nas bochechas rosadas. — Saia da minha casa e volte para a rua, que é o seu lugar.

— Não! — gritou o marinheiro. — Como tem coragem de me dizer uma coisa dessas?

— Por favor — ponderou Ignatius. — O movimento não pode ser solapado por divisões internas.

— Pensei que ainda tivesse meu único amigo — disse o marinheiro a Dorian. — Mas estava errado. Vamos. Bata-me outra vez, se isso lhe dá tanto prazer.

— Nunca mais vou encostar em você, putinha.

— Duvido que um escritor de segunda, mesmo obrigado, conseguisse escrever um melodrama tão contundente — observou Ignatius. — Agora parem com isso, seus degenerados. Pratiquem um pouco de bom gosto e decência.

— Bata-me! — O marinheiro se esganiçava. — Sei que você está morrendo de vontade. Você está doido para me machucar, não é?

— Parece que ele não vai sossegar enquanto você não lhe der pelo menos um pequeno castigo físico — disse Ignatius a Dorian.

— Não encosto um dedo nesse corpo.

— Bem, acho melhor fazermos alguma coisa para ele calar a boca. Minha válvula já não aguenta mais a neurose desse marinheiro.

Acho melhor nós o afastarmos discretamente do movimento. É uma pena, mas ele não sabe se controlar. Sente-se de longe o cheiro do masoquismo que ele exala. Está empestando esta senzala. Além disso, ele parece muito bêbado.

— Você também me odeia, seu monstrengo! — gritou o marinheiro para Ignatius.

Ignatius deu uma pancada sonora com o cutelo na cabeça de Timmy, que emitiu um ligeiro gemido.

— Sabe Deus que aviltante fantasia estará lhe passando pela cabeça agora — comentou Ignatius.

— Vá, dê nele de novo! — gorjeou Dorian alegremente. — Que espectáculo!

— Por favor, tire-me destas correntes horrorosas — implorava o marinheiro. — Meu uniforme vai ficar todo encardido.

Enquanto Dorian abria os grilhões com uma chave que apanhara sobre a porta, Ignatius disse: — Sabe, correntes e grilhões têm sua função na vida moderna, das quais seus inspirados inventores jamais suspeitaram em remotas eras. Se eu fosse construtor, nesses loteamentos isolados, colocaria pelo menos algumas nas paredes de cada edifício novo. Quando os moradores se cansassem de ver televisão, jogar pingue-pongue ou seja lá o que for que eles fazem nesses

condomínios, poderiam acorrentar-se uns aos outros por algum tempo. Eles iriam adorar. As mulheres diriam: “Meu marido me acorrentou ontem à noite. Foi maravilhoso! O seu marido tem acorrentado você?” E as crianças voltariam correndo da escola para que as mães as acorrentassem.

Isso haveria de estimular a criatividade das crianças, reprimida pela televisão, e diminuiria de maneira considerável a delinquência juvenil.

Quando o pai chegasse do trabalho, a família inteira poderia agarrá-lo e acorrentá-lo pela burrice de ficar trabalhando o dia inteiro. Só soltariam suas mãos uma vez por mês para assinar o recibo do seguro-desemprego. As correntes e os grilhões podem transformar a nossa vida. Preciso reservar um espaço para eles nas minhas anotações.

— Ah, querida! — suspirou Dorian. — Você não vai parar de falar nunca?

— Meus braços estão *cheios* de ferrugem — disse Timmy. — Espere só até eu chegar perto de Billy e de Raoul.

— Parece que a reunião está fugindo ao nosso controle — observou Ignatius a respeito do barulho louco vindo do apartamento de Dorian. — As forças ocultas atingiram mais de um centro nervoso.

— Ah, céus, é melhor nem olhar! — disse Dorian, empurrando uma porta envidraçada, em estilo rústico francês.

Lá dentro, Ignatius viu uma massa humana em ebulição.

Cigarros e copos, empunhados no ar como batutas de maestros, dirigiam a sinfonia de conversa, gritos, canto e risos. Dos alto-falantes de um gigantesco aparelho de som, a voz de Judy Garland tentava sobressair em meio à balbúrdia. Um pequeno grupo de rapazes, os únicos imóveis na sala, estava diante do toca-discos como se fosse um altar.

— Divina! Fantástica! Comovente! — diziam para a voz que saía do tabernáculo elétrico.

Os olhos azul-amarelados passearam pelo ritual e pelo resto da sala, onde os outros convidados se agrediam com conversas.

Príncipe-de-gales, madrastas, lãs e caxemiras exibiam-se na obscuridade, enquanto braços e mãos cortavam o ar em gestos graciosos. Unhas, abotoaduras, anéis, dentes, olhos — tudo brilhava.

No centro de uma roda de elegantes convidados, um *cowboy* com um pequeno chicote de montaria golpeou de leve um de seus espectadores, provocando exagerada gritaria e risinhos de satisfação.

No centro de outro grupo, estava um imbecil de jaqueta de couro preto, ensinando golpes de judo para sua turma de alunos epicenos.

— Ensine-me isso! — gritou alguém próximo ao lutador, depois que um convidado foi retorcido até uma posição obscena e então atirado ao solo, tilintando jóias diversas.

— Só convidei o pessoal melhor — disse Dorian a Ignatius.

— Louvado seja! — sibilou Ignatius. — Prevejo bastante trabalho para conseguir o voto dos conservadores rurais. Vamos ter que projectar uma imagem um pouco diferente da que vejo aqui.

Timmy, que observava o lutador de jaqueta torcer e derrubar seus ávidos companheiros, suspirou:

— Bárbaro!

A sala em si era o que os decoradores chamariam de *austera*.

Paredes e tecto brancos, mobiliário escasso, com algumas peças de antiquário. O único elemento voluptuoso no cómodo amplo eram as cortinas de veludo champanhe, cujo drapeado era preso por fitas brancas. As duas ou três cadeiras antigas, ao que parece, haviam sido escolhidas pelo formato bizarro, e não pela capacidade para acomodar alguém, pois não passavam de delicadas sugestões de móveis, com almofadas onde não caberia uma criança. O local convidava a pessoa não a se sentar ou descansar, mas ao contrário, a posar, tornando-se assim um móvel humano, que complementasse a decoração da melhor maneira possível.

Após examinar o *décor*, Ignatius disse a Dorian: — A única peça funcional aqui dentro é o equipamento de som, e é óbvio que estão fazendo mau uso dele. Esta sala é muito fria. — Resfolegou, em parte para a sala, em parte para o facto de que ninguém ainda o notara, apesar de seu aspecto complementar a decoração como se ali se colocasse um letreiro luminoso. Os participantes do encontro do partido, naquela noite, pareciam muito mais interessados em seus próprios destinos do que no futuro destino do mundo. — Reparei que ninguém, neste sepulcro caído, sequer olhou para nós. Sequer cumprimentaram o dono da casa, de quem estão consumindo a bebida e intoxicando o ar condicionado com seus

perfumes. Parece que estou assistindo a uma briga de gatos.

— Não ligue para eles. Há meses ninguém dá uma festa.

Vamos. Vou lhe mostrar a decoração que fiz. — Levou Ignatius para junto da lareira e mostrou-lhe, sobre o aparador, um vaso com três botões de rosa, uma vermelha, uma branca e uma azul. — Não é bárbaro? Muito melhor que quaisquer flores artificiais. Cheguei a comprar material para as flores de papel, mas nada do que fiz me agradou.

— Isto é uma aberração floral — comentou Ignatius, e deu uma pancadinha no vaso com o cutelo. — Flores secas são antinaturais, e desconfio que também são obscenas. Estou vendo que vou ter muito trabalho com vocês.

— Ora, conversa, conversa. — Dorian fez um muxoxo. — Agora vamos para a cozinha. Quero que conheça as assistentes.

— Assistentes? De verdade? — perguntou Ignatius, satisfeito.

— Devo cumprimentá-lo pela sua organização.

Entraram na cozinha, onde, com exceção de dois rapazes que discutiam acaloradamente, a um canto, tudo estava calmo. Sentadas à mesa, três mulheres tomavam cerveja em lata. Olharam para Ignatius bem dentro dos olhos. Uma delas, que tentava amassar a lata vazia com as mãos, cessou a actividade e jogou a lata em um vaso de plantas perto da pia.

— Meninas! — chamou Dorian. As moças da cerveja murmuraram saudações guturais. — Esse é Ignatius Reilly, uma cara nova.

— Toque aqui, Gordo — disse a moça que estava amassando a lata. Agarrou a manopla de Ignatius como se pretendesse amassá-la também.

— Ai, meu Deus! — gritou Ignatius.

— Essa é Frieda — explicou Dorian. — E elas são Betty e Liz.

— Muito prazer — disse Ignatius, enfiando as mãos nos bolsos para prevenir-se de outros apertos. — Tenho certeza de que serão muito valiosas para a nossa causa.

— De onde foi que ele saiu? — perguntou Frieda a Dorian, enquanto suas companheiras observavam Ignatius e se entreolhavam.

— Conheci o sr. Greene através de minha mãe — respondeu Ignatius, pomposo, por Dorian.

— Não brinque! — disse Frieda. — Sua mãe deve ser uma pessoa muito interessante.

— Bastante — replicou Ignatius.

— Bem, arranje uma cerveja para você, Redondo — disse Frieda. — Gostaria que tivéssemos alguma garrafa. A Betty tira a tampinha com o dente. Parece que usa dentadura de ferro. — Betty fez um gesto obsceno para Frieda. — Mas qualquer dia engole tudo de um murro só.

Betty jogou uma lata vazia na cabeça de Frieda.

— Você começou — disse Frieda, levantando uma cadeira.

— Acabem já com isso — bufou Dorian. — Se não sabem comportar-se, podem sair agora mesmo.

— Por mim — disse Liz —, está muito chato isso de ter que ficar na cozinha o tempo todo.

— É isso mesmo! — berrou Betty. Agarrou a perna da cadeira que Frieda segurava acima de sua cabeça, e começaram a disputá-la.

— Que negócio é esse de ficar aqui sentada o tempo todo?

— Ponha essa cadeira no chão agora mesmo — ordenou Dorian.

— Isso mesmo, por favor — acrescentou Ignatius, já encolhido em um canto. — Alguém pode se machucar.

— Alguém como *você* — disse Liz. Sacudiu uma lata fechada na direção de Ignatius, que engoliu em seco.

— Cruzes! Acho que eu vou voltar para a sala — disse ele. — Vá mesmo, baleia! — retrucou Liz. — Você está poluindo o ar aqui dentro.

— Gente! — Dorian gritava com Frieda e Betty, que na luta iam ficando encharcadas. Circulavam pela cozinha agarradas à cadeira, empurrando uma à outra contra a parede.

— Pronto, agora chega! — gritou Liz para as amigas. — Vão achar vocês umas

grossas.

Apanhou outra cadeira e meteu-se entre as lutadoras. Bateu com força na cadeira que Frieda e Betty disputavam, jogando cada uma para um lado. As cadeiras caíram com estrondo no chão.

— Quem mandou se meter? — perguntou Frieda a Liz, segurando-a pelos cabelos curtos.

Dorian, tropeçando nas cadeiras, tentou trazer as duas de volta à mesa e falou, ríspido:

— Agora sentem-se aí: tenham educação.

— Essa festa está uma droga — disse Betty. — Cadê o movimento?

— Para que nos convidou? Para ficar o tempo todo aqui sentadas na cozinha? — perguntou Frieda.

— Vocês vão lá para dentro arrumar confusão. Sabem como é.

Achei que era delicado convidar os vizinhos. Mas não quero bagunça aqui dentro. Há muito tempo a gente não faz uma festa tão boa!

— Tudo bem — resmungou Frieda. — Vamos ficar aqui sentadas como gente fina. — As outras concordaram, batendo com os cotovelos umas nas outras. — Afinal, nós somos inquilinas. Vá lá ficar com aquele falso *cowboy*, aquele que canta como a Jeanette MacDonald e que outro dia quis nos foder na Chartres Street.

— Ele é um sujeito muito legal — disse Dorian. — Garanto que ele não viu vocês.

— Claro que viu — disse Betty.

— Merecia um chute nos colhões — disse Liz.

— Por favor — disse Ignatius com imponência. — Só vejo cisões por aqui. É preciso cerrar fileiras e apresentar uma frente unificada.

— Que é que há com ele? — perguntou Liz, abrindo a lata com que ameaçara Ignatius. Um jacto de espuma espirrou directo em Ignatius, molhando seu estômago dilatado.

— Bem, para mim já chega — disse ele, irritado.

— Ótimo — disse Frieda. — Agora suma daqui.

— A cozinha hoje é território nosso — disse Betty. — Só fica aqui quem a gente deixar.

— Estou curioso para ver o primeiro chá etílico que essas assistentes vão organizar — bufou Ignatius, arrastando-se para a porta. Quando saía, uma lata vazia atingiu o batente da porta, passando junto do brinco. Dorian veio atrás dele e fechou a porta. — Não entendo como você foi convidar para o movimento essas arruaceiras.

— Tive que convidá-las — explicou Dorian. — Se a gente não as convida, elas aparecem de qualquer maneira. E aí ficam piores. São muito legais quando estão de bom humor, mas tiveram uns problemas com a polícia há pouco tempo, e saem descontando em todo mundo.

— Têm que ser expulsas do movimento agora mesmo!

— Como quiser, Zingara. — Dorian suspirou. — Sinto um pouco de pena dessas garotas. Elas viviam na Califórnia, foi uma época ótima para elas. Então houve um incidente com um levantador de pesos na praia. Elas estavam apostando queda-de-braço com ele, pelo menos foi o que contaram, e parece que a coisa acabou em briga. Saíram corridas da Califórnia e atravessaram o deserto naquele carrinho alemão que elas têm. Eu as recebi aqui. Em muitos aspectos, são inquilinas maravilhosas. Tomam conta do prédio melhor que um cão de guarda. Têm um bocado de dinheiro que recebem de uma antiga estrela de cinema.

— É mesmo? — perguntou Ignatius, interessado. — Talvez fosse precipitação de minha parte querer expulsá-las. Na política, precisamos muito de dinheiro, não importa a fonte. Essas moças têm lá o seu charme, com aqueles *jeans* e as botas. — Olhou para a massa de convidados. — Você precisa mandar esse pessoal ficar calado. Precisamos pôr ordem nisso aí. Temos um assunto crucial para tratar.

O falso *cowboy* batia em um rapaz bem-vestido com seu chicote. O lutador de jaqueta mandava outro convidado para o chão.

Por toda parte havia gritos, suspiros, faniquitos. Lena Horne cantava agora no aparelho de som.

— Genial! Comovente! Cósmico! — dizia, reverente, o grupo junto ao toca-

discos.

O *cowboy* abandonou os fãs e começou a dublar o disco, contorcendo-se como uma *crooner* de boate vestida para uma feira de gado. Com gritos esganiçados, os presentes se reuniram em torno dele, deixando o lutador sem ninguém mais para torturar.

— Você precisa acabar com isso — gritou Ignatius para Dorian, que piscava para o *cowboy*. — Além do facto de eu testemunhar um degenerado espectáculo de mau gosto e indecência, também começo a me sentir asfiziado pelos odores naturais e químicos.

— Ora, não seja tão drástico! Eles estão se divertindo tanto!

— Sinto muito — disse Ignatius, em tom formal. — Vim aqui esta noite em missão da maior seriedade. Tenho que resolver um problema com uma garota, uma ninfeta que já se tornou uma rameira. Agora tire esse disco e acalme os sodomitas. Precisamos trabalhar.

— Achei que você tivesse vindo para se divertir. Se veio só para chatear, é melhor ir embora.

— Não vou embora coisa nenhuma! Ninguém há de me deter.

Paz! Paz! Paz!

— Ah, querido, você está levando isso a sério demais, não acha?

Ignatius se desvencilhou de Dorian, atravessou a sala, abriu caminho entre roupas caras e desligou o som na tomada. Ao se voltar, foi saudado pela plateia com a versão castrada de um grito de guerra apache.

— Animal! Maluco! Foi isso o que Dorian prometeu? Essa Lena é demais. A fantasia é grotesca; e o brinco, ai! Era minha música preferida. Que horror! Mas que gordura incrível! Do tamanho de um monstro! Parece um pesadelo.

— Silêncio! — berrou Ignatius acima dos comentários irados. — Aqui estou eu, amigos, para mostrar-lhes como podem salvar o mundo e obter a paz.

— Ele é mesmo maluco. Dorian, que piada de mau gosto! De onde foi que ele saiu? Sem o menor charme. Nojento! Deprimente.

Alguém quer colocar aquele disco de novo?

— O desafio — continuou Ignatius a todo o volume — está diante de vocês. Podem utilizar sua capacidade para salvar o mundo.

Ou preferem dar as costas aos companheiros?

— Ah, que horror! Não tem graça nenhuma. Se esse maltrapilho não parar de falar, eu é que vou embora. Que falta de gosto! Alguém aí coloque aquele disco de novo; adoro Lena. Onde você deixou o meu casaco? Vamos para um bar animado. Ai, derramei martini no paletó novo! Vamos para um bar qualquer.

— O mundo de hoje está mergulhado num mar de inquietação — gritava Ignatius de encontro às vaías. Deteve-se um instante para procurar no bolso as anotações rabiscadas em uma folha de caderno.

Em vez delas, puxou a fotografia amarrotada da srta. O'Hara. Vários convidados viram e soltaram gritinhos. — Devemos evitar o apocalipse. Ao fogo, responderemos com fogo. E assim, venho até vocês.

— Mas de que é que ele está falando? Esse papo está tão deprimente! Ele tem uns olhos de meter medo! Vamos para um bar mais animado. Vamos para San Francisco.

— Silêncio, pervertidos! — gritou Ignatius. — Ouçam-me.

— Dorian — implorou o *cowboy* em falsete. — Tire esse sujeito daí. Esta festa estava bárbara, sensacional. Mas ele é chato demais.

— Isso mesmo — disse um jovem elegantíssimo, com o rosto discretamente maquilhado. — Está atrapalhando tudo. Que conversa deprimente!

— Nós não somos obrigados a ficar aqui ouvindo isso — disse outro, agitando o cigarro no ar como se fosse uma varinha mágica que fizesse Ignatius desaparecer. — Está brincando conosco, Dorian? Você sabe que a gente adora festa com um tema, mas *isso!*

Sabe, eu nunca vejo jornal, nem na televisão. Passo o dia inteiro trabalhando na loja e não estou aqui para passar a noite ouvindo esse tipo de coisa. Ele que deixe para falar mais tarde, já que está tão interessado. As coisas que ele diz são do maior mau gosto.

— Tão desagradável! — disse o lutador de jaqueta preta, e de repente começou a se agitar.

— Está bem — disse Dorian. — Liguem o som. Acho melhor animar a festa. —

Olhou para Ignatius, que resfolegava alto. — Minhas queridas, eu me enganei. Esse assunto é uma bomba!

— Jóia! Esse Dorian é demais! Olhe a tomada. Adoro Lena.

Acho que esse é o melhor disco dela. Tem cada arranjo! Uma vez eu vi um *show* dela em Nova York magnífico! Ponha na faixa *Gypsy*. Ah, que bom, já começou.

Lá estava Ignatius, como uma criança diante de uma casa destruída por um incêndio. A música elevou-se outra vez do tabernáculo. Dorian saiu para falar com um grupo de convidados, ignorando ostensivamente Ignatius, como, aliás, todos na sala.

Ignatius sentia-se sozinho como naquele dia, na faculdade, quando fez uma experiência de química e o laboratório explodiu, queimando-lhe as sobrancelhas e deixando-o apavorado. O pânico o fez molhar as calças, e ninguém no laboratório se preocupou com ele, nem mesmo o instrutor, que o detestava do fundo do coração por explosões anteriores. Durante o resto do dia, enquanto caminhava ensoado pela escola, todos fingiam que ele era invisível. Sentindo-se também invisível ali na sala de Dorian, Ignatius passou a atacar com o cutelo um contendor imaginário, para disfarçar seu constrangimento.

Muitos cantavam agora junto com o disco. Dois convidados dançavam perto do aparelho. A dança se espalhou como fogo na floresta e logo a pista se encheu de casais que se inclinavam de um lado para outro, girando em torno do único que não tinha par, Ignatius. Quando Dorian passou, nos braços do *cowboy*, Ignatius tentou inutilmente chamar sua atenção. Tentou até cutucar o *cowboy* com o cutelo, mas os dois dançavam, alheios ao resto do mundo.

Quando já estava a ponto de se esvanecer, foi interrompido por Frieda, Liz e Betty, que saíram da cozinha, invadindo a sala.

— Não aguentamos mais ficar na cozinha — disse Frieda a Ignatius. — Afinal, nós também somos seres humanos. — Deu um soco de leve no estômago de Ignatius. — Parece que você ficou de fora, Gordo.

— O que você quis dizer com isso? — perguntou Ignatius em tom áspero.

— Parece que a fantasia não funcionou — observou Liz.

— Com licença, minhas senhoras, mas eu já vou.

— Fique aí, Redondo — disse Betty. — Alguém vai procurá-lo.

Eles estão a fim de fodê-lo. Não dê o braço a torcer. Eles foderiam a própria mãe.

Nesse momento, Timmy, que voltara à senzala para procurar uma pulseira perdida e, quem sabe, mais emoções nas correntes, apareceu na sala. Acenou para Ignatius e perguntou, animado: — Vamos dançar?

— Viu? Não falei? — disse Frieda para Ignatius.

— Eu pago para ver! — gritou Liz. — Vocês vão ficar uma graça! Vamos lá. Vou buscar uma vassoura para ser meu par.

— Ah, meu Deus! — disse Ignatius. — Eu não sei dançar.

— Ora, vamos — disse Timmy. — Eu lhe ensino. Adoro dançar.

Deixe que eu levo.

— Ande, idiota! — incentivou Betty.

— Não. Impossível. Esse cutelo. Alguém pode se machucar. Vim aqui para falar e não para dançar. Não sei dançar. Nunca dancei.

Nunca dancei na minha vida.

— Então vai dançar agora — disse-lhe Frieda. — Senão o marinheiro fica ofendido.

— Não vou dançar! — latiu Ignatius. — Nunca dancei na minha vida, e a primeira vez não vai ser com um invertido alcoolizado.

— Hum, você é tão quadrado! — suspirou Timmy.

— Sempre tive um equilíbrio precário — explicou Ignatius. — Vamos acabar caindo no chão e quebrando uma perna. O marinheiro pode até ser esmagado.

— Esse Redondo gosta é de confusão — disse Frieda para as amigas. — Não acham?

A uma piscadela de Frieda, as três atacaram Ignatius. Uma passou a perna em volta da perna dele; a outra deu-lhe um pontapé na dobra do joelho; a terceira empurrou-o para cima do *cowboy*, que passava por perto. Ignatius firmou-se

agarrando o *cowboy*, que se desvenencilhou do horrorizado Dorian e despencou no chão. Com a queda do *cowboy*, a agulha pulou fora do disco e a música parou. Em seu lugar, um coro de gritos histéricos se elevou.

— Dorian, tire-o daqui! — pediam em pânico.

Ouviu-se um ruído metálico de anéis e pulseiras comprimidos contra a parede.

— Ei, você derrubou o *cowboy* como um pino de boliche! — gritou Frieda com admiração para Ignatius, que agitava os braços para recuperar o equilíbrio.

— Bom trabalho, Gordo — disse Liz.

— Vamos jogá-lo em cima de outro — disse Betty para as companheiras.

— Que foi que você fez, besta humana? — gritou Dorian para Ignatius.

— Isso é um ultraje — gritava Ignatius. — Eu não fui apenas humilhado neste encontro. Fui brutalmente atacado dentro de sua casa. Espero que você tenha seguro. Caso contrário, vai perder esta fulgurante propriedade quando eu puser meus advogados no seu encaixo.

Dorian estava ajoelhado, abanando o *cowboy*, cujas pálpebras tremiam.

— Mande-o embora, Dorian — soluçou o *cowboy*. — Ele quase me *matou*.

— Achei que você era engraçado e diferente — sibilou Dorian para Ignatius. — Agora vejo que é a coisa mais horrorosa que já entrou na minha casa. Desde a hora em que você apareceu naquela porta, eu já devia saber que isto ia acabar mal. Olhe o que você fez com o meu amigo querido.

— Sujou a minha calça — gritou o *cowboy*.

— Fui agredido e empurrado para cima desse monte de lixo.

— Não invente, Gordo — disse Frieda. — Nós vimos. Ele ficou com ciúmes, Dorian. Queria dançar com você.

— Nojento! Ponha-o para fora. Acabou com a festa. É um monstro. E perigoso. Estragou tudo.

— Fora! — gritou Dorian.

— Deixe conosco — disse Frieda.

— Muito bem — disse Ignatius, pomposo, enquanto as três o agarravam pela bata e o empurravam para a porta. — A opção é sua.

Aproveitem bastante este mundo conturbado. Quando a guerra começar, não adianta virem atrás de mim. Eu estarei longe!

— Caia fora — ameaçou Betty.

As três seguiram agarradas com ele porta afora, até a entrada das carruagens.

— Graças à Fortuna, acabo de me desvincular desse movimento — disse Ignatius, retumbante. O lenço lhe caíra sobre o olho, e ele não conseguia enxergar direito por onde andava. Os partidários da intemperança não iam mesmo conseguir muitos votos.

Elas o empurraram pelo portão até a calçada. A folhagem da entrada o picou, e ele saiu tropeçando.

— Pronto, demolidor — disse Frieda depois de fechar o portão.

— Tem dez minutos para se mandar. Depois disso, vamos passar um pente fino neste bairro.

— E é melhor a gente não o encontrar, bundudo — acrescentou Liz.

— Suma, Redondo — falou Betty. — Faz tempo que a gente não se mete numa briga feia. E já estamos com vontade.

— Seu movimento se desmantelou — babou Ignatius para as três, que se acotovelavam na entrada. — Estão me ouvindo? Desmante-lou. Vocês não entendem nada de política. Não iam conseguir um voto no país inteiro. Não iam conseguir um voto nem aqui no bairro!

A porta bateu com estrondo, e as moças voltaram para a festa, que parecia recuperar sua animação. A música recomeçara, e Ignatius ouviu os gritos e risadas ainda mais altos do que antes.

Golpeou a janela preta com o cutelo, gritando: — Vocês já perderam! — O ruído de pés arrastando-se ao som da música respondeu ao grito.

Um homem de camisa de seda e chapelão saiu das sombras da portaria ao lado, esperando que as moças desaparecessem. Voltou então para o escuro, observando Ignatius, que esbravejava diante do edifício.

A válvula de Ignatius respondeu ao seu estado emocional abrindo-se com um baque. As mãos, em solidariedade, explodiram em pequenas bolhas brancas que coçavam loucamente. Que iria dizer agora a Myrna sobre o partido da paz? Como a malfadada Cruzada pela Dignidade Moura, ele tinha agora um novo fracasso nas mãos cheias de eczema. Fortuna, que golpe desleal! A noite mal começara; não podia voltar para a Constantinople Street e enfrentar a fúria materna, agora que fora estimulado para atingir um clímax sobre o qual perdera o controle. Durante quase uma semana preocupara-se com a reunião de organização do partido, para terminar expulso da cena política por três garotas de reputação duvidosa. Ficou ali parado, frustrado e furioso, nas lajes húmidas da St. Peter Street.

Olhando para o Mickey Mouse de seu relógio, que, como sempre, estava moribundo, imaginou que horas seriam. Talvez desse tempo de ver o *show* do Noite do Prazer. Já que ele e Myrna não estavam destinados a se defrontar no campo da acção política, só lhe restava o campo do sexo. Que punhal seria a srta. O'Hara, para enfiar bem entre os olhos imorais de Myrna! Ignatius olhou mais uma vez para a fotografia, com água na boca. Que tipo de bichinho seria?

A noite ainda podia ser salva.

Esfregando as manoplas, resolveu que, pelo menos por motivos de segurança, o melhor era se afastar. Aquelas três selvagens poderiam cumprir o prometido. Desceu, ondulando, a St. Peter em direcção à Bourbon Street. O homem de camisa de seda e chapelão saiu das sombras e seguiu-o. Na Bourbon, Ignatius virou a esquina e foi andando para a Canal Street, em meio ao movimento de turistas e habitantes do bairro, entre os quais seu aspecto não surpreendia.

Disputou com a multidão a calçada estreita, metendo os quadris em cada centímetro desocupado, indo de encontro a quem lhe passasse por perto. Quando Myrna lesse a carta sobre a srta. O'Hara, haveria de derramar a xícara de café inteira sobre ela, inconsolável.

Ao chegar ao quarteirão do Noite do Prazer, ouviu a voz de um negro que gritava:

— Uau! Venha ver! Harla O'Horror dançando com o bichinho.

Cem por cento garantido. É uma dança de fazendeiro. Aqui, cada drinque é um coice na cara. Ninguém nunca viu nada igual. É a sulista Harla O'Horror dançando com o bichinho de estimação. Estreia hoje. Venham todos. Pode ser a única vez. Não percam esta oportunidade. Uau!

Ignatius o viu em meio à massa humana que passava, apressada, pelo Noite do Prazer. Ao que parece, ninguém atendia ao pregão. O pregoeiro permitiu-se uma pausa para exalar uma nuvem de fumaça. Usava sapatos de salto e uma cartola enterrada até os olhos escuros, e sorria para as pessoas que resistiam aos seus apelos.

— Ei, pessoal! Em vez de ficar andando de um lado para outro, sente a bunda aqui no Noite do Prazer — recomeçou. — O Noite do Prazer paga menos que o salário. Uau! Ambiente de fazenda, plantação crescente na frente do palco, bem na sua cara. Tem um negro trabalhando aqui como escravo. Ei!

— A srta. O'Hara já começou o *show*? — salivou Ignatius para o cotovelo do propagandista.

— Uau! — O gordo chegara. Ao vivo. — Ei, cara, como é que você ainda está com esse brinco e esse lenço? Onde é que você pensa que está?

— Por favor. — Ignatius mostrou o cutelo. — Não estou com tempo para conversa. Desculpe, mas não trouxe nenhuma claque hoje à noite. A srta. O'Hara já começou?

— Começa daqui a cinco minutos. É melhor ir entrando logo para arranjar uma mesa de pista. Já falei com o chefe dos garçons, ele ia reservar a sua mesa.

— Verdade? — perguntou Ignatius, orgulhoso. — A proprietária nazista saiu, não é?

— Tomou o avião hoje à tarde para a Califórnia. Disse que Harla O'Horror é tão boa artista que ela podia se mandar e largar a boate.

— Magnífico! Magnífico!

— Vamos logo. Entre, que o *show* já vai começar. Não dá para esperar nem um minuto. Vá logo para junto daquela merda daquele palco, para ver O'Horror mexer a bunda.

Jones empurrou Ignatius rapidamente porta adentro.

Ignatius tropeçou e fez uma entrada tão monumental no Noite do Prazer que se ouviu o farfalhar do seu largo blusão. Mesmo no escuro, pôde perceber que o local estava mais sujo que por ocasião de sua última visita. Sem dúvida, havia poeira no chão em quantidade suficiente para se desenvolver uma pequena plantação de algodão, mas não havia nenhuma. Devia ser o modo peculiar do

Noite do Prazer receber os clientes. Procurou em volta pelo chefe dos garçons, mas não viu um garçom sequer; deslocou-se então entre os poucos homens espalhados pelas mesas e sentou-se a uma mesa pequena, bem de frente para o palco. Seu boné parecia um solitário farol verde. Assim tão perto, talvez pudesse fazer um gesto para a srta. O'Hara ou sussurrar qualquer coisa sobre Boécio que lhe chamasse a atenção. Ela ficaria desarmada quando se desse conta de que havia uma alma gêmea na plateia. Passou os olhos pelos homens desanimados que frequentavam o lugar. A srta. O'Hara teria decerto que atirar suas pérolas para os porcos, pois a assistência parecia composta por aquele tipo de tarados que atacam criancinhas nas matinés.

Um trio, na lateral do pequeno palco, atacava *You are my lucky star*. No momento, o palco, que também parecia muito sujo, estava desprovido de libertinagem. Ignatius olhou para o bar, à procura de quem o servisse, e avistou o *barman* que o atendera da outra vez.

Este fingiu que não o via. Ignatius piscou então furiosamente para uma mulher encostada no bar, um tipo latino, de uns quarenta anos, que lhe respondeu com um sorriso terrível, de alguns dentes de ouro.

Escapuliu do bar antes que o *barman* pudesse detê-la e foi até Ignatius, que se aconchegara ao palco como se fosse um aquecedor.

— Quer bebida, *chico*?

O mau hálito filtrou-se através do bigode de Ignatius. Ele desamarrou o lenço do boné e com ele tapou as narinas.

— Quero, sim, obrigado — disse, com a voz abafada. — Um Dr.

Nut, se tiver. E bem gelado.

— Vou ver o que tem — disse a mulher, enigmática, e voltou para o bar arrastando as sandálias.

Ignatius observou-a falar por mímica com o *barman*. Fizeram gestos variados, a maioria dos quais dirigidos a Ignatius. Pelo menos, pensou ele, estava mais seguro naquele antro do que na rua, com aquelas arruaceiras procurando-o pelo bairro. *Obarman* e a mulher fizeram mais alguns sinais, e ela voltou para Ignatius com duas garrafas de champanhe e duas taças.

— Aqui não se vende Dr. Nut — disse ela, batendo com a bandeja na mesa.
— *Mira*, são vinte e quatro dólares pelo champanhe.

— Isso é um ultraje! — Dirigiui alguns golpes de cutelo para cima da mulher. — Traga-me uma Coca-Cola.

— Não tem Coca. Não tem nada. Só champanhe. — A mulher sentou-se à mesa. — Abra logo, querido. Estou com sede.

Mais uma vez o bafó chegou até Ignatius, que pressionou o lenço com tanta força no nariz que sentiu falta de ar. Poderia pegar algum germe com aquela mulher, e ele penetraria no seu cérebro, transformando-o em mongolóide. Pobre srta. O'Hara! Presa naquela arapuca com uma colega de trabalho sub-humana. A mulher jogou a nota no colo de Ignatius.

— Não ouse tocar-me! — berrou ele, através do lenço.

— *Ave Maria! Que pato!* — disse a mulher para si mesma. E

para ele: — *Mira, você paga agora, maricón.* Ou eles põem você para fora com um chute no *culo*.

— Nada disso — reclamou Ignatius. — Bem, não vim aqui para beber com você. Agora saia da minha mesa. — Ele respirava pela boca. — E leve o champanhe.

— *Oye, loco, você vai...*

A ameaça foi submersa pelo trio, que tocou algo parecido com uma fanfarra. Lana Lee apareceu no palco com um macacão de lamê dourado.

— Ah, meu Deus! — sibilou Ignatius. O negro drogado lhe pregara uma peça. Quis fugir da boate, mas decidiu que o mais sensato seria esperar que ela terminasse e saísse do palco. Em um minuto, estava encolhido no chão debaixo da mesa. Sobre sua cabeça, a nazista falava:

— Boa noite, senhoras e senhores.

Era um começo tão medonho que Ignatius quase bateu com a cabeça na mesa.

— Vai pagar agora — exigia a mulher, abaixando a cabeça para ver o rosto do cliente.

— Cale a boca, vadia — silvou Ignatius.

O trio atacou uma versão de *Sophisticated lady*. A nazista gritava:

— E agora, a nossa moça da Virgínia, srta. Harlett O'Hara.

Um velho aplaudiu de uma das mesas, com pouco entusiasmo, e Ignatius espiou pela borda do palco e viu que a proprietária já se fora. Em seu lugar, havia um cabide com argolas penduradas. Onde estaria a srta. O'Hara?

Então Darlene deslizou para o palco em um vestido comprido, com quilômetros de babados de náilon. Na cabeça, tinha um enorme chapéu de flores e no braço, um papagaio gigantesco. Alguém mais aplaudiu.

— *Mira*, vai pagar agora ou não vai, *cabrón*?

— Tinha mesmo tanto baile naquele baile, mas eu consegui preservar minha honra — disse Darlene cuidadosamente para o bicho.

— Ah, meu Deus! — berrou Ignatius, incapaz de permanecer em silêncio por mais tempo. — Essa cretina é que é a Harlett O'Hara?

O papagaio reparou nele antes de Darlene, e seus olhos esbugalhados focalizaram o brinco de argola. Quando Ignatius berrou, o pássaro voou do braço de Darlene para o palco, e, pulando e grasnando, avançou sobre ele.

— Ei! — gritou Darlene. — É o maluco!

Ignatius ia sair em disparada pelo bar, mas o papagaio pulou no seu ombro. Enfiou as patas no blusão e prendeu o brinco com o bico.

— Deus do céu! — Ignatius batia no bicho com as mãos cheias de eczema. Que ameaça alada a Fortuna lhe colocara pela frente?! As taças e as garrafas de champanhe se espatifaram no chão quando ele se levantou de um tranco e saiu cambaleando para a porta.

— Volte aqui com o meu papagaio! — gritou Darlene.

Lana Lee agora estava no palco, aos gritos. O trio parou de tocar. Os poucos homens presentes abriram caminho para Ignatius, que andava às cegas entre as mesas pequenas sem conseguir livrar-se do monte de penas que lhe cobria o ombro e o pescoço.

— Como foi que esse tipo entrou aqui? — perguntou Lana Lee aos aturdidos septuagenários da plateia. — Cadê Jones? Vão chamar Jones.

— Venha cá, seu gordo maluco! — urrava Darlene. — Logo na noite de estreia! Por que é que você tinha que vir aqui bem na noite da estreia?

— Valha-me Deus! — arfou Ignatius ao chegar à porta. Na fuga, deixara uma

trilha de mesas tombadas. — Como ousam infligir aos clientes um bicho hidrófobo? Vão ser processados amanhã de manhã.

— Volte! Você me deve vinte e quatro dólares. Vai pagar já.

Ignatius tropeçou em outra mesa e o papagaio cambaleou.

Sentiu então o brinco se afrouxar, e o bicho, com o brinco firme no bico, caiu do seu ombro. Apavorado, Ignatius chegou à porta um minuto antes da mexicana, que sacudia a nota com determinação.

— Uau! Oi!

Ignatius esbarrou em Jones na saída. Este nunca imaginara que seu acto de sabotagem assumiria proporções tão drásticas. Ofegante, contendo a válvula que ameaçava fechar-se, Ignatius continuou pela rua, na direcção de um ônibus que vinha em sentido contrário.

Primeiro, ouviu os gritos das pessoas na calçada. Depois, o ranger dos freios e dos pneus, e, ao olhar para cima, foi cegado por faróis a poucos passos dele. As luzes oscilaram e foram se apagando quando ele desmaiou.

Teria caído bem em frente ao ônibus se Jones não tivesse pulado no meio da rua e empurrado a bata branca com as duasmãos. Ignatius, assim, caiu de lado, e o ônibus passou a poucos centímetros de suas botas.

— Está morto? — perguntou Lana, esperançosa, examinando a montanha branca jogada na rua.

— Tomara que não. Ele me deve vinte e quatro dólares, o *maricón*.

— Ei, levante-se! — disse Jones, soprando fumaça sobre a figura inerte.

O homem de camisa de seda e chapelão saiu de um beco, onde se escondera ao ver Ignatius entrar no Noite do Prazer. A partida do bar fora tão abrupta que o homem só agora saía de seu estupor.

— Deixe-me dar uma olhada — disse o homem do chapelão, abaixando-se para ouvir o coração de Ignatius. Um ribombar lhe disse que a vida ainda soprava dentro da trouxa de pano branco.

Tomou o pulso de Ignatius. O relógio de Mickey estava despedaçado.

— Ele está passando bem. Só perdeu os sentidos. — O homem pigarreou e

sugeriu: — Saiam de perto. Precisa de ar.

A rua já estava cheia de gente, e o ônibus, parado a poucos metros, bloqueara o trânsito. De repente, parecia a Bourbon Street no carnaval.

Pelas lentes escuras, Jones olhava para o estranho. Tinha uma aparência familiar, como se fosse a versão bem-vestida de alguém que ele conhecesse. Os olhos sem viço foram o que mais chamou sua atenção. Jones se lembrava daqueles olhos sobre uma barba ruiva.

Depois se lembrou deles sob um boné azul, na delegacia, no dia do caso das castanhas. Não disse nada. Polícia era polícia. O melhor era sair de perto antes que se metessem com ele.

— De onde foi que ele saiu? — perguntou Darlene à multidão. O

pagão estava de volta ao seu braço, com o brinco preso no bico como um troféu dourado. — Que estreia! Que é que nós vamos fazer, Lana?

— Nada! — respondeu Lana com raiva. — Deixe esse tipo aí jogado até o caminhão de lixo passar. Deixe só eu pegar aquele Jones.

— Uau! Ei! O macadame ia passando. Nós discutimos, saímos no pau, mas o infeliz estava mesmo a fim de entrar no Noite do Prazer. Fiquei com medo de rasgar a roupa alugada: a senhora tendo que pagar, dava prejuízo para o Noite do Prazer. Foi isso, poxa!

— Cale essa boca. Acho que está na hora de chamar os meus amigos da delegacia. Você está despedido. Darlene também. Eu sabia que você não podia pisar no meu palco. Tire esse bicho daqui. — Lana virou-se para o povo reunido: — Bem, gente, já que está todo mundo aí, que tal entrar para tomar uma bebida? Temos um *show* especial.

— *Mira, Lee.* — A latina derramou o mau hálito sobre Lana Lee.

— Quem vai pagar os vinte e quatro dólares do champanhe?

— Você também está despedida, sua burra. — Lana sorriu. — Vamos, gente, venham para o Noite do Prazer, experimentem o nosso bar.

A multidão, porém, esticava-se para ver a massa branca, que gemia alto, e declinou o convite.

Lana Lee estava quase indo lá chutar aquele morro até ele recobrar os sentidos

para desimpedir a entrada de seu estabelecimento, quando o homem de chapelão disse, educadamente:

— Gostaria de usar seu telefone. Talvez seja melhor chamar uma ambulância.

Lana olhou para a camisa de seda, o chapéu, o olhar inseguro, sem viço. Ela sabia distinguir. Um médico rico? Advogado? Aquele fiasco poderia acabar em lucro.

— Claro — murmurou. — Olhe, não precisa perder seu tempo com aquele tipo lá na rua. É um vagabundo conhecido por aqui. Não saiu para se divertir esta noite?

Contornaram o monte branco, que respirava com dificuldade e resfolegava como um vulcão. Em seu delírio, Ignatius via Myrna Minkoff aterrorizada, diante de um tribunal de Bom Gosto e Decência que a considerou deficiente. A terrível sentença estava para ser proferida, condenando-a a algum castigo físico por inúmeras faltas.

Lana Lee chegou mais perto do homem e meteu a mão no bolso do macacão de lamê dourado. Encostou-se nele e rapidamente exibiu a foto de Boécio escondida na mão.

— Dê uma olhada, amor. Que tal passar a noite com isto?

O homem de chapelão desviou os olhos do rosto pálido de Ignatius e olhou a mulher, o livro, o globo, o giz. Pigarreou outra vez e disse:

— Sou o guarda Mancuso. Agente disfarçado. Está presa por prostituição e porte de material pornográfico.

Nesse momento, as três assistentes do falecido partido, Frieda, Betty e Liz, abriram caminho na multidão e cercaram Ignatius.

Treze

I

Ignatius abriu os olhos e viu tudo branco. Sentia dor de cabeça, e seus ouvidos latejavam. Aos poucos, seus olhos azul-amarelados conseguiram se abrir, e, apesar da dor de cabeça, deu-se conta de que olhava para o tecto.

— Afinal você acordou, menino — disse a voz da mãe ao lado dele. — Olhe só isto aqui. Agora você acabou comigo.

— Onde estou?

— Não comece com esse teatro, menino. Não comece, não, Ignatius. Estou lhe avisando. Agora chega. Como é que eu vou enfrentar os outros depois disso?

Ignatius virou a cabeça e olhou em volta. Estava em um cubículo formado por painéis de tela dos dois lados. Viu uma enfermeira passar pelos pés da cama.

— Céus! Estou num hospital. Quem é o meu médico? Espero que você tenha tido o desprendimento de contratar os serviços de um especialista. E chame um padre. Que seja aceitável. — Ignatius espirrou um pouco de saliva no lençol, que lhe cobria o estômago como se fosse um pico nevado. Tocou na cabeça e sentiu a bandagem pregada na dor de cabeça. — Ah, meu Deus! Pode me dizer, mãe. Pela dor, o que eu tenho deve ser fatal.

— Cale a boca e olhe isto aqui. — A sra. Reilly estava quase gritando, e esfregou um jornal na bandagem de Ignatius.

— Enfermeira!

A sra. Reilly tirou o jornal de cima dele e cobriu-lhe o bigode com a mão.

— Agora cale a boca, doido, e olhe só esse jornal. — Sua voz era firme. — Acabou conosco.

Sob a manchete ACIDENTE NA BOURBON STREET, Ignatius viu três fotografias, uma ao lado da outra. À direita, Darlene, de vestido comprido, sorria um sorriso de vedeta. À esquerda, Lana Lee cobria o rosto com as mãos ao subir no camburão onde já estavam as assistentes do Partido da Paz. O guarda Mancuso, de camisa rasgada e chapéu amassado, posava ao lado da porta aberta. No centro, o negro dopado ria diante do que parecia ser uma vaca morta no meio da rua. Ignatius apertou os olhos para melhor examinar a foto do meio.

— Olhe só para isso — esbravejou ele. — Os fotógrafos desse jornal são uns débeis mentais. Mal se distinguem as minhas feições.

— Leia o que está aí embaixo, menino. — A sra. Reilly enfiou o dedo no jornal como se quisesse trespassar a fotografia. — Leia só, Ignatius. O que é que você acha que eles vão falar lá na Constantinople Street? Vamos, leia para eu ouvir, menino. Baderna de rua, fotografias, mulheres da vida. Está tudo aí. Leia, menino.

— Prefiro não ler. Deve ser puro sensacionalismo. A imprensa marrom falsifica qualquer declaração. — Apesar de tudo, Ignatius tratou de ler vorazmente a notícia.

— Quer dizer que eles acham que aquele ônibus desgovernado não me atropelou? — perguntou, irritado. — Já começa com uma mentira. Chame a concessionária. Vou processá-la.

— Cale a boca. Leia até o fim.

"O papagaio de uma *stripteaser* atacou um vendedor ambulante fantasiado. A. Mancuso, disfarçado, prendeu Lana Lee por prostituição, porte e distribuição de pornografia. Burma Jones, faxineiro, mostrou a A. Mancuso o armário onde foi apreendido o material pornográfico. A. Mancuso disse à reportagem que já trabalhava no caso havia tempo e que mantinha contacto com um dos agentes de Lee. A polícia acredita que a prisão de Lee leve a uma rede de distribuição de material pornográfico, controlada pelo crime organizado, em escolas secundárias de toda a cidade. A polícia encontrou uma lista de escolas no local. A. Mancuso declarou que o agente ainda não havia sido localizado. Enquanto A. Mancuso efectuava a prisão em flagrante, três mulheres, Club, Steele e BUMPER, saíram da aglomeração em frente à boate e o atacaram.

Também foram autuadas. Ignatius Jacques Reilly, trinta anos, foi removido para o hospital em estado de choque."

— Que azar o nosso esse fotógrafo passar por lá, sem ter o que fazer, bem na hora em que você estava caído na sarjeta como um bêbado. — A sra. Reilly começou a fungar. — Logo vi que ia acontecer alguma coisa, quando você me apareceu com essa história de fotografias e de sair fantasiado por aí.

— Foi a página mais negra da minha vida — suspirou Ignatius.

— A Fortuna estava dirigindo bêbada a minha roda, ontem à noite.

Duvido que ainda possa girá-la mais para baixo. — Arroto. — Posso saber o que é que aquele cretino metido a policial estava fazendo lá?

— Ontem à noite, depois que você saiu, liguei para Santa e disse-lhe para chamar Angelo na delegacia e mandá-lo ir ver o que você estava fazendo lá na St. Peter Street. Ouvi quando você deu o endereço para o motorista.

— Espertinha.

— Achei que você ia se encontrar com um bando de comunistas. Mas não. Angelo disse que você anda é com os efeminados.

— Quer dizer que você mandou me seguir?! — gritou Ignatius.

— Minha própria mãe!

— Atacado por um papagaio. — A sra. Reilly chorava. — Isso só acontece com você, Ignatius. Nunca ouvi falar de papagaio que atacasse ninguém.

— Que fim levou o motorista do ônibus? Precisa ser indiciado.

— Você só desmaiou, burro.

— Então por que essa bandagem? Estou me sentindo malíssimo. Devo ter danificado algum centro vital quando caí na rua.

— Só se arranhou um pouquinho. Você não tem nada. Eles tiraram radiografias.

— Houve quem mexesse no meu corpo enquanto eu estava inconsciente? Você devia ter tido o bom gosto de não permitir uma coisa dessas. Deus sabe que experiências esses médicos depravados fazem com a gente. — Ignatius percebeu que, além da cabeça e da orelha, uma ereção o incomodava desde que acordara. Precisava resolver aquilo. — Você se importa de sair do quarto um pouco para eu me examinar e ver se ainda estou inteiro? Só cinco minutos.

— Olhe aqui, Ignatius. — A sra. Reilly se levantou da cadeira e agarrou o filho pelo decote da bata cirúrgica que lhe haviam colocado. — Não se faça de besta, senão eu lhe dou na cara. Angelo me contou tudinho. Um menino com a sua instrução, passeando com os efeminados do Bairro Francês, procurando mulher da vida nas boates. — A sra. Reilly gritava novamente. — Tivemos foi sorte de

isso não sair no jornal. Teríamos que mudar de cidade.

— Foi você que me levou àquele antro. Aliás, a culpa é daquela menina, Myrna. Tinha que pagar pelas suas culpas.

— Myrna? — A sra. Reilly soluçava. — Ela nem mora aqui. Já ouvi essa maluquice quando você disse que foi ela que mandou você embora das Calças Levy. Você não vai continuar fazendo isso comigo.

Você é doido, Ignatius. Tenho que admitir, meu próprio filho não é bom da cabeça!

— Você está muito abatida. Empurre alguém da cama aqui do lado e deite-se para cochilar um pouco. Dentro de uma hora estará melhor.

— Fiquei sem dormir a noite inteira. Quando Angelo me ligou e disse que você estava no hospital, quase tive um troço. Quase escorreguei na cozinha e bati com a cabeça. Eu podia ter quebrado a cabeça. Foi o maior custo dirigir até aqui.

— Outra batida eu não aguento — suspirou Ignatius. — Aí vou ter que trabalhar numa mina para pagar.

— Olhe, imbecil. Angelo me disse para lhe dar isto.

A sra. Reilly voltou à cadeira e apanhou no chão o volumoso *A consolação da filosofia*. Enfiou uma ponta do livro no estômago de Ignatius.

— Uff! — gargarejou ele.

— Angelo encontrou este livro na boate, ontem à noite — disse a sra. Reilly corajosamente. — Roubaram dele no banheiro.

— Ah, meu Deus! Isso tudo foi arrumado! — gritou Ignatius, sacudindo o livro enorme. — Agora entendi. Uma vez eu lhe disse que esse mongolóide era o nosso anjo exterminador. Agora ele deu o golpe final. Que ingenuidade a minha emprestar a ele esse livro.

Como fui iludido. — Fechou os olhos injectados e soluçou um instante. — Apanhado por uma prostituta do Terceiro Reich, escondendo aquela cara depravada atrás do *meu* próprio livro, a base da minha visão de mundo. Ah, se você pudesse entender que fui enredado numa conspiração de sub-humanos! Por ironia, o livro da Fortuna é o próprio azar. Ah! Fortuna, pitonisa renegada!

— Cale a boca! — gritou a sra. Reilly, com o rosto marcado pela raiva. — Está

querendo a enfermaria inteira aqui dentro? Que é que você acha que a srta. Annie vai dizer? Como é que vou enfrentar esse pessoal, sua besta, seu louco? Este hospital já me cobrou vinte dólares para tirar você daqui. A ambulância não podia levar você para a Santa Casa de Misericórdia, como todo mundo. Não. Tinha que ser para um hospital particular. Onde é que você acha que eu vou arranjar vinte dólares? Vou vender o seu trompete amanhã mesmo.

Tenho que pagar àquele homem do prédio.

— É ultrajante. Você não vai pagar os vinte dólares. Isso é um assalto. Agora vá embora e me deixe aqui. O lugar é bem calmo.

Posso até me recuperar. É disso que o meu psiquismo precisa no momento. Se puder, traga uns lápis e as folhas de fichário que estão na minha gaveta. Tenho que registrar este trauma enquanto está vivo na minha memória. Você tem permissão para entrar no meu quarto.

Agora, se me dá licença, preciso descansar.

— Que descansar coisa nenhuma! E pagar mais vinte dólares de diária? Levante-se dessa cama. Já chamei Claude. Ele vem vindo para pagar a conta.

— Claude? Quem é?

— Um homem que eu conheço.

— Você virou o quê? — Ignatius deu um grito sufocado. — Vou deixar bem claro. Nenhum estranho vai pagar a minha conta de hospital. Fico aqui até ter dinheiro honesto para pagar a minha liberdade.

— Levante-se dessa cama! — A sra. Reilly berrava. Puxou-o pela bata, mas o corpo estava enterrado no colchão como um meteorito. — Levante-se, senão eu lhe quebro a cara!

Ao ver o punho fechado da mãe vindo em sua direcção, ele se sentou.

— Ah, meu Deus! Você está com os sapatos de boliche. — Ignatius espiou com os olhos azul-amarelados por baixo da cama e viu a anágua da mãe aparecendo sob a saia e a meia soquete esgarçada. — Só mesmo você, para usar sapatos de boliche junto ao leito do filho enfermo.

Mas ela não respondeu à provocação. Tinha a determinação, a superioridade que vêm do ódio profundo. Era gélido seu olhar, firmes os lábios.

Tudo estava dando errado.

II

O sr. Clyde leu o jornal e despediu Reilly. A promissora carreira de vendedor estava encerrada. Por que aquele débil mental tinha que usar o uniforme fora do expediente? Um imbecil daqueles era capaz de destruir, em um dia, dez anos de sólida reputação na praça. Os vendedores de cachorro-quente já tinham uma imagem desgastada, sem precisar ficar passando na porta de um bordel.

O sr. Clyde resmungava e mexia o caldeirão. Se Reilly aparecesse de novo na Distribuidora Paradise, enfiaria aquele espeto no pescoço dele. Mas o guarda-pó e os adereços de pirata não estavam lá. Reilly devia tê-los levado escondido na véspera. Tinha que falar com aquele louco, nem que fosse para lhe dizer para nunca mais aparecer. Não era de se esperar que um animal como Reilly devolvesse o uniforme.

O sr. Clyde discou o número da Constantinople Street diversas vezes e não obteve resposta. Talvez ele estivesse escondido em outro lugar. E a mãe bêbada devia estar caída no chão, em coma. Só Deus sabia que tipo de mulher era aquela. Que família!

III

O dr. Talc tivera uma semana péssima. Os alunos haviam encontrado misteriosamente uma das muitas ameaças que aquele aluno psicótico do curso de graduação lhe enviara anos atrás. Como fora parar nas mãos deles, o professor não sabia. Os resultados já se faziam notar. Os boatos sobre o bilhete se espalharam sub-repticiamente; era o assunto principal no campus. Em um coquetel, afinal, um de seus colegas explicara a razão das risadas e murmúrios em turmas antes reverentes.

O trecho do bilhete que falava em perverter os jovens fora interpretado com malícia. Talvez ele precisasse explicar-se junto à administração. E o trecho, então, dos "testículos subdesenvolvidos"!

O dr. Talc estava alquebrado. Esclarecer aquilo tudo poderia ser a melhor tática, mas implicaria encontrar o ex-aluno, que era o tipo de pessoa que negaria qualquer responsabilidade. Poderia tentar apenas descrever como era o sr. Reilly. O dr. Talc tornou a ver, na sua imaginação, o sr. Reilly com seu grosso cachecol e aquela garota anarquista de sacola preta, circulando pelo campus, inundando-o de panfletos. Felizmente ela não ficara muito tempo na faculdade, embora o tal Reilly tivesse planos de ali se fixar para sempre, como as palmeiras e os bancos.

O dr. Talc os colocara em classes separadas por um semestre tenebroso, durante o qual interrompiam suas palestras com ruídos estranhos e perguntas impertinentes, a que ninguém, excepto Deus, poderia responder. Encolheu os ombros. Apesar de tudo, precisava localizar Reilly e extrair dele uma confissão e explicações. Só de olhar para o sr. Reilly, os alunos compreenderiam que o bilhete não passava de fantasia de uma mente doentia. Poderia até mostrá-lo à administração. Portanto, o problema agora era apenas físico: trazer o sr. Reilly em carne (abundante) e osso.

O dr. Talc tomava pequenos goles da vodca com laranja que costumava beber depois das noites em que exagerava nas bebidas, e passava os olhos pelo jornal. O Bairro Francês e suas ruidosas confusões. Tomou outro gole e se lembrou do incidente com o sr.

Reilly, que jogou todas aquelas provas pela janela, em cima de uma passeata de calouros. A administração haveria de se lembrar daquilo também. Sorriu, complacente, e voltou os olhos para o jornal. As três fotografias eram hilariantes. Tipos populares, gente de baixo nível, sempre lhe tinham interessado... à distância. Leu a reportagem e, surpreso, entornou a bebida no paletó do *smoking*.

Como Reilly chegara a esse ponto? Sempre fora excêntrico, mas assim já era demais. Que rumo tomariam os falatórios, se descobrissem que o bilhete fora escrito por um vendedor ambulante?

Reilly era bem capaz de chegar ao campus com sua carrocinha, querendo vender cachorros-quentes na frente do prédio de Ciências Sociais. Haveria de transformar o caso, deliberadamente, em um circo. Uma farsa em que ele, Talc, seria o palhaço.

O dr. Talc pousou o jornal, tirou os óculos e cobriu o rosto com as mãos. Agora teria que viver com aquele bilhete. Teria que negar tudo.

IV

A srta. Annie leu o jornal e ficou vermelha. Ela já se havia perguntado por que a casa dos Reillys estava tão quieta naquele dia.

Mas essa fora a última gota. A rua estava ficando falada. Não ia mais suportar aquilo. Aqueles dois tinham que se mudar. Ia passar um abaixo-assinado na vizinhança.

O guarda Mancuso leu o jornal outra vez. Segurou-o então junto ao peito e o *flash* espocou. Levava sua câmara automática para a delegacia e pedira ao sargento que o fotografasse diante de cenários específicos: a mesa do sargento, a escadaria da delegacia, uma radiopatrulha, uma policial feminina cuja especialidade era controlar o excesso de velocidade diante de escolas.

Quando restava apenas uma chapa, o guarda Mancuso resolveu juntar duas cenas para o fecho de ouro. A policial feminina, fingindo ser Lana Lee, entrava no camburão pela porta de trás, fazendo caretas e acenando com o punho ameaçador. Ao mesmo tempo, o guarda Mancuso olhava para a câmara com o jornal, de cenho franzido.

— Pronto, Angelo, terminou? — perguntou a policial, ansiosa para voltar a uma escola próxima antes da hora da saída dos alunos.

— Muito obrigado, Gladys — disse o guarda Mancuso. — As crianças queriam os retratos para mostrar aos amiguinhos.

— Claro — disse Gladys, apressada, e correu para fora do pátio da delegacia, com a bolsa a tiracolo inchada de tantos talões de multa. — Eles têm motivo para se orgulhar do pai. Para mim foi um prazer ajudar, querido. Quando quiser tirar mais, é só me dizer.

O sargento jogou o *flash* queimado na lata de lixo e baixou a mão no ombro empinado do guarda Mancuso.

— Você sozinho desbaratou a maior rede de tráfico de pornografia nas escolas. — Deu um tapa nas costas do guarda Mancuso. — Entre tantos outros, Mancuso pegou a mulher que enganou os nossos melhores detectives. Descobri que Mancuso trabalhou neste caso fora do horário do expediente. Ele ainda pode identificar uma das agentes. Quem é que anda por aí, por conta própria, procurando tipos suspeitos como aquelas três para trazer para cá? Só ele, Mancuso.

O rosto esverdeado do guarda Mancuso enrubescceu ligeiramente, excepto nas áreas atingidas pelas assistentes do Partido da Paz. Aí, estava tudo roxo.

— Olhe — adiantou o guarda Mancuso, limpando a garganta de um pigarro inaudível. — Alguém só me deu uma informação do lugar.

E depois Burma Jones me mandou olhar naquele armário debaixo do bar.

— Foi uma *blitz* individual, Angelo.

Angelo? Ele passou por todos os tons do arco-íris.

— Não vai ser surpresa nenhuma se você for promovido por isso — disse o sargento. — Já é guarda há muito tempo. Outro dia mesmo eu estava pensando que você leva jeito para a cavalaria. Que é que você acha? Que é que tem a dizer, Mancuso?

O guarda Mancuso pigarreou com veemência.

— O senhor pode me devolver a máquina fotográfica? — foi tudo o que conseguiu dizer quando a laringe finalmente funcionou.

VI

Santa Battaglia segurou o jornal junto ao retrato da mãe e disse:

— Que é que a senhora acha, amor? Gostou do sucesso do seu neto? Gostou, querida? — Apontou outra fotografia. — E o que é que a senhora acha do filho doido da pobre da Irene, jogado na sarjeta como um hipopótamo? Não é uma tristeza? Desta vez aquela menina tem que dar um jeito nele. Acha que alguém vai se casar com Irene para ficar com aquele gordo circulando pela casa? Claro que não.

Santa agarrou-se ao retrato da mãe e deu-lhe um beijo molhado.

— Aguento firme, meu bem. Estou rezando para a senhora.

VII

Claude Robichaux leu o jornal com um aperto no coração, dentro do bonde que o levaria ao hospital. Como um rapagão daqueles podia denegrir assim a imagem de uma mulher tão meiga como Irene? Ela já andava pálida e abatida com o trabalho que ele lhe dava. Santa tinha razão: aquele filho de Irene tinha que ser medicado para não desgraçar ainda mais a vida de sua maravilhosa mãe.

Daquela vez haviam sido só vinte dólares. Da próxima, podia ser muito mais. Mesmo com uma boa pensão e algumas rendas, uma pessoa não pode sustentar um enteado desses.

Mas o pior de tudo era a infâmia.

VIII

George colava a reportagem no seu caderno de rascunho, recordação de seu último semestre na escola. Colou-o em uma página em branco, entre o desenho da aorta da aula de biologia e o quadro sinóptico da história da Constituição. Tinha que admitir: aquele Mancuso era fora de série. Gostaria de saber se o seu nome estava na lista que os tiras haviam encontrado no armário. Se estivesse, era melhor ir para a casa de um tio no interior. Mesmo assim, o nome continuava com eles. E ele não tinha dinheiro para ir para lugar nenhum. O melhor era ficar em casa por uns tempos. Se fosse à cidade, podia dar de cara com Mancuso.

A mãe de George, que passava o aspirador do outro lado da sala, via, esperançosa, o filho mexer no caderno do colégio. Quem sabe ele pretendia voltar para a escola? Ela e o marido já não sabiam mais o que fazer. Quais eram as chances de uma pessoa sem diploma hoje em dia? O que iria ele fazer na vida?

Desligou o aspirador e foi atender à campainha. George examinava as fotografias, interessado em saber o que o vendedor de cachorro-quente estaria fazendo no Noite do Prazer. Não tinha cara de ser da polícia. E, afinal, George não lhe dissera onde arranjara as fotos. Aquele negócio estava muito esquisito.

— Da polícia? — George ouviu a mãe perguntando da porta. — O senhor deve ter-se enganado.

George correu para a cozinha e percebeu que não tinha por onde sair. No apartamento só havia uma porta.

IX

Lana Lee picou o jornal em pedaços e os pedaços, em pedacinhos. Quando a carcereira parou diante da cela e a mandou limpar aquilo, uma das assistentes do partido, que com ela partilhavam o mesmo espaço, disse à guarda: — Dane-se! Somos nós que vamos dormir aqui. E a gente gosta de papel picado.

— Suma! — acrescentou Liz.

— Caia fora! — disse Betty.

— Estou aqui para pôr ordem nessa cela — respondeu a carcereira. — Vocês quatro estão fazendo algazarra desde que chegaram, ontem à noite.

— Tire-me deste buraco! — gritou Lana Lee para a guarda. — Não fico nem mais um minuto com essas três.

— Ei! — disse Frieda para as companheiras de quarto. — A boneca não gosta da gente.

— Esse tipo de gente é que acaba com o Bairro Francês — disse Lana a Frieda.

— Cale a boca! — respondeu Liz.

— Acabe com ela — disse Betty.

— Tirem-me daqui! — gritou Lana para as grades. — Estou fodida aqui com elas. Tenho os meus direitos. Vocês não podem me deixar aqui.

A carcereira sorriu para ela e seguiu seu caminho.

— Ei! — gritou Lana para o corredor. — Volte aqui!

— Vá devagar — avisou Frieda. — Não deixe a canoa virar.

Agora mostre-nos o retrato que você escondeu aí no peito.

— É isso aí — disse Liz.

— Pegue o retrato, boneca — ordenou Betty. — Cansamos de olhar para as paredes.

As três investiram ao mesmo tempo contra Lana.

Dorian Greene virou um de seus austeros cartões de visita e escreveu, com letras de imprensa, no verso: "Aluga-se magnífico apartamento. Chaves no 1-A". Foi até a entrada lateral e pregou o cartão em uma das janelas pretas. As moças ficariam fora bastante tempo dessa vez. A polícia não transige com reincidentes.

Infelizmente aquelas moças nunca haviam sido muito sociáveis; se tivessem amizades no bairro, já conheceriam aquele maravilhoso guarda, e não teriam cometido o engano fatal de atacar um membro da polícia.

As moças eram muito agressivas. Sem elas, Dorian sentia o prédio totalmente desprotegido. Tomou o cuidado de trancar o portão de ferro. E voltou ao seu apartamento para terminar a remoção dos detritos da reunião do partido. Fora a promoção mais fabulosa de sua carreira: a certa altura, Timmy caíra de um lustre e torcera o tornozelo. Dorian apanhou uma bota *decowboy* com o salto arrancado e jogou-a na lixeira. Como estaria aquele Ignatius J.

Reilly? Com certas pessoas é impossível conviver. Aquela reportagem devia ter cortado o coração da mãe da Cigana.

XI

Darlene recortou seu retrato do jornal e colocou-o sobre a mesa da cozinha. Que estreia! Ela pelo menos conseguira alguma publicidade.

Apanhou o vestido de Harlett O'Hara que estava em cima do sofá e pendurou-o no armário, observada pelo papagaio, que, de vez em quando, grasnava no poleiro. Devia ter baixado algum santo em Jones, quando ele descobriu que aquele homem era da polícia, para ir directo ao armário sob o bar. Agora, ela e Jones estavam sem emprego. O Noite do Prazer estava fechado. Lana Lee, fora de circulação. Essa Lana! Fazendo fotografias de sacanagem. Fazia qualquer coisa por dinheiro.

Darlene olhou para o brinco dourado que o papagaio trouxera para casa. Lana tinha razão. Aquele gordo louco era mesmo o beijo da morte. Devia tratar muito mal a mãe dele. Coitada daquela senhora!

Darlene sentou-se e considerou suas possibilidades de arranjar emprego. O papagaio gritou e bateu as asas até ela lhe jogar o brinco de argola, seu brinquedo preferido no momento. Então o telefone tocou, ela atendeu, e um homem disse: — Escute, você ficou conhecida com tanta publicidade. Tenho uma boate no número 500 da Bourbon Street, e...

XII

Jones abriu o jornal no balcão do Mattie's e soprou fumaça ali em cima.

— Caramba! — disse para o sr. Watson. — Boa ideia, essa que o senhor me deu de fazer uns estragos. Só que agora o estrago se voltou contra mim, porque estou na vadiagem outra vez.

— Esse estrago foi uma bomba atômica.

— Aquele monstrengo é que é uma bomba atômica. Puta merda! Onde ele aparece, voa tudo pelos ares. Uau! O Noite do Prazer estava o maior faroeste ontem à noite. Primeiro, o papagaio, depois veio aquele macadame, e depois, as três gatas, como se estivessem num ringue de luta livre. Puta merda! Todo mundo tomando e levando, a maior gritaria, voava soco para todo lado, o pessoal rolando em volta do gordo estirado na rua. Parecia filme de guerra, filme de gangster. A Bourbon Street apinhada de gente, como em campeonato de futebol. Chegaram os tiros e levaram a puta.

Poxa! Aí foi que eu vi que ela não tinha amigo nenhum lá dentro.

Talvez peguem também os órfãos para os quais ela faz caridade.

Uau! Aquele jornal botou um monte de gente atrás de mim, tirando retrato, perguntando que foi que houve. Quem disse que preto não sai na primeira página? Caramba! Uau! Vou ter a vadiagem mais famosa da cidade. Falei para o guarda Mancuso: "Ei, agora que fecharam esse buraco, fale lá com os seus amigos que eu colaborei para depois não virem pegar no meu pé". Eu é que não quero ir em cana com Lana. Aqui fora ela já não era flor que se cheirasse. Merda!

— Você está pretendendo arranjar emprego, Jones?

Jones soprou uma nuvem negra cheia de maus presságios e disse:

— Depois de trabalhar por menos que o salário, estou é precisando de férias. E onde é que vou arranjar emprego? Já tem muito neguinho por aí querendo serviço. Uau! Sentar a bunda num emprego é a coisa mais difícil do mundo. E não sou só eu, não.

Aquela garota, Darlene, não está encontrando serviço para ela e para o bicho. Depois do vexame que ela deu no primeiro *show*, vão bater com a porta na cara dela. Está entendendo? A gente bota aquele gordo para fazer um estrago, e ele

fode um monte de gente inocente como a Darlene A srta. Lee sempre dizia que aquele gordo dava prejuízo para *qualquer um*. Vai ver que Darlene e o bicho agora estão dizendo um para o outro: "Caramba! Fizeram a gente de palhaço logo na estreia. Poxa! Foi mesmo uma *grande* estreia". Fiquei chateado de ter que meter Darlene nisso, mas, quando vi aquele gordo passando, não deu para resistir. Sabia que ele ia acabar com o Noite do Prazer.

Caramba! Uau!

— Ainda bem que a polícia não pegou você trabalhando naquele bar.

— O tal guarda Mancuso agradeceu quando mostrei o armário.

Ele disse: "Os caras da corporação precisam de gente como você para ajudar". Aí eu disse: "Uau! Não se esqueça de falar para o pessoal da delegacia, para depois não virem pegar no meu pé". E ele disse: "Não esqueço, não. Todo mundo na delegacia vai ficar agradecido, cara".

Os da polícia agora estão *agradecidos*. Vai ver eu até ganho uma medalha. — Jones soprou fumaça na cabeça parda do sr. Watson. — A filha da puta da Lee tinha cada retrato dela naquele armário! O

guarda Mancuso ficou olhando para aquilo, com os olhos saltando da cara. Disse: "Poxa, rapaz, com essa eu vou ser promovido". Eu disse para mim mesmo: "Tem gente que vai ser promovida. Tem outros que vão voltar para a vadiagem. Tem gente que não vai ter mais emprego certo, com carteira assinada. Outros vão ficar por aí numa boa, batendo perna, comprando ar condicionado, tv em cores".

Merda! Antes eu era o rei da faxina, agora sou um vadio.

— Podia ter sido pior.

— É. O senhor fala porque não sabe como é. Estabelecido por conta própria, com o filho ensinando na escola, um Buick, ar condicionado, televisão. Caramba! Eu nem rádio tenho. — Jones formou uma nuvem filosófica. — Mas o senhor tem certa razão. Podia ser pior. Eu podia ser aquele gordo. Uau! Que é que acontece com um cara daqueles?

XIII

O sr. Levy instalou-se no sofá amarelo e desdobrou seu jornal, que era entregue aos assinantes, no litoral, com acréscimo do frete.

Ter o sofá só para si era reconfortante, mas o desaparecimento da srta. Trixie não bastara para lhe dar mais ânimo. Passara a noite com insônia. A sra. Levy estava na mesa de massagens, eliminando a celulite. Estava calada, talvez absorta nos planos da fundação, que anotava em uma folha de papel presa à cabeceira, que vibrava.

Pousando a caneta um momento, ele escolheu um bombom na caixa, no chão. Fora com os bombons que o sr. Levy passara a noite de insônia. Ele e a esposa tinham ido pela estrada de pinheiros para ver o sr. Reilly em Mandeville, e não só não o encontraram como foram tratados com grosseria por uma autoridade local que achou que eles estavam brincando. A sra. Levy parecia estar fantasiada, com o cabelo louro platinado, óculos de lentes azuis e tanto rímel que deixava um círculo marcado nas lentes. Sentada no carro esporte ali diante do prédio principal de Mandeville, com uma enorme caixa de bombons no colo, ela deve ter despertado suspeitas na autoridade, achava o sr. Levy. Mas ela teve muito sangue frio. Na verdade, não parecia muito preocupada em encontrar o sr. Reilly. Seu marido começava mesmo a suspeitar de que ela não quisesse encontrar Reilly, que bem no fundo ela esperava que Abelman vencesse a causa, para poder atirar no rosto das filhas a sua miséria, como sendo o definitivo fracasso do pai. Aquela mulher tinha uma mente perversa, só previsível quando pressentia uma oportunidade para se impor sobre o marido. Ele nem sequer sabia se ela estava do seu lado ou do lado de Abelman.

Pedira a Gonzalez para cancelar suas reservas para o torneio. O

caso Abelman precisava ser esclarecido. O sr. Levy endireitou o jornal e tornou a pensar que, mesmo lesando seu aparelho digestivo, deveria ter dedicado mais tempo às Calças Levy. Coisas como essa não aconteceriam, a vida seria mais tranquila. Mas só o nome, só as quatro sílabas, "Calças Levy", já lhe provocavam uma terrível azia.

Talvez devesse ter mudado o nome. Talvez devesse ter despedido Gonzalez. Mas o gerente era muito fiel. Gostava daquele trabalho pouco gratificante, mal pago. Não podia mandá-lo embora sem mais nem menos. Quem mais lhe daria emprego? E, o que era mais importante, quem mais queria ficar no seu lugar? Uma boa razão para manter as Calças Levy era manter o empresário de Gonzalez. O sr.

Levy tentou, mas não conseguiu encontrar nenhum outro motivo.

Gonzalez poderia suicidar-se se ele fechasse a fábrica. Havia uma vida humana em jogo. E também, ao que parece, ninguém interessado em comprá-la.

Leon Levy poderia ter batizado seu monumento de "Roupas Levy". Não era tão mal. Durante toda a vida, mas principalmente na infância, Gus Levy dissera "Calças Levy" com certo constrangimento.

Quando tinha cerca de vinte anos, sugerira ao pai que uma mudança na razão social poderia melhorar a imagem da empresa, com que o pai não concordara.

"Então, de repente, 'Calças Levy' não lhe agrada mais. A comida que você come vem das Calças Levy. O carro em que você anda vem das Calças Levy. *Eu* sou as Calças Levy. Quanta ingratidão!

É assim que um filho me agradece? Daqui a pouco vai querer que eu mude o *meu* nome. Cale a boca, seu irresponsável! Fique lá com seus carros. Quem passou pela Depressão como eu não precisa pedir conselhos a uma criança. Por que você não vai dar conselhos a Hoover? Devia dizer a ele para mudar de nome. Fora da minha sala!"

Gus Levy olhou as fotografias e a reportagem, na primeira página do jornal, e assobiou por entre os dentes: — Puxa vida!

— Que foi, Gus? Algum problema? Você está com algum problema? Passou a noite inteira acordado. Eu ouvi o chuveiro funcionando a noite inteira. Você vai ter uma estafa. Por favor, vá ao médico de Lenny antes que fique violento.

— Acabo de encontrar o sr. Reilly.

— Deve estar muito contente.

— Por quê? Você não está? Olhe, ele está aqui no jornal.

— É mesmo? Traga-o aqui. Sempre me preocupei com esse jovem idealista. Deve ser alguma campanha pelos direitos humanos.

— Outro dia mesmo você disse que ele era psicopata.

— Se ele foi esperto o suficiente para nos mandar até Mandeville como dois idiotas, não pode ser psicopata. Até os idealistas fazem uma brincadeira de vez em quando.

A sra. Levy olhou para as duas mulheres, o papagaio, o porteiro sorridente.

— E ele? Não estou vendo o idealista. — O sr. Levy apontou a vaca morta no meio da rua. — É ele? Na sarjeta? Que tragédia!

Bêbado, abandonado. Ponha no seu caderninho, junto com a srta.

Trixie e eu, que essa é mais uma vida que você arruína.

— O papagaio bicou a orelha dele. Que loucura! Olhe quantos policiais na foto. Eu disse que ele tinha ficha na polícia. Os outros são da camarilha dele. *Stripteasers*, proxenetas, pessoal que edita pornografia.

— Antigamente ele se dedicava a causas mais nobres. Veja a que ponto chegou. Mas não se incomode. Você vai pagar por tudo isso um dia. Quando julgarem o processo da Abelman, você vai ter que começar do zero, como seu pai. Vai ver o que acontece com quem debocha de Abelman, com quem dirige um negócio levando vida de *playboy*. Susan e Sandra vão ficar em estado de choque quando descobrirem que não têm onde cair mortas. Vão ignorar você.

Gus Levy, ex-pai.

— Bem, vou para a cidade agora mesmo falar com esse Reilly.

Vou esclarecer definitivamente essa história da carta.

— Ah, ah! Gus Levy, detective. Dá vontade de rir. Você mesmo deve ter escrito aquela carta, num dia em que ganhou nas corridas e resolveu debochar dos outros.

— Sabe, acho que você prefere que Abelman ganhe a causa.

Você quer me ver na miséria, mesmo sabendo que vai afundar junto comigo.

A sra. Levy bocejou e disse:

— Eu não posso lutar contra uma coisa que você passou a vida inteira architectando. Isso só vem confirmar o que eu digo para as meninas sobre você. Quanto mais penso em Abelman, Gus, mais acho que essa coisa toda é inevitável. Graças a Deus a minha mãe tem algum dinheiro. Ela vai ter que abrir mão das férias na praia, coitada! Você não vai poder sustentar as meninas como camêlo.

— Ora, cale a boca!

— Você está me mandando calar a boca? — A sra. Levy se balançava para cima e para baixo. — E eu vou assistir à sua decadência calada? Tenho que ver como fica a minha situação e a das minhas filhas. A vida continua, Gus. Não quero acabar atrás de você, sem eira nem beira. Graças a Deus seu pai já não existe. Se ele visse as Calças Levy se acabarem por causa de uma brincadeira, você ia pagar bem caro. Leon Levy seria capaz de expulsar você do país. Era um homem de coragem, determinação. E, aconteça o que acontecer, a Fundação Leon Levy continua de pé. Mesmo que minha mãe e eu tenhamos que passar necessidade, vou distribuir os prêmios. Vou homenagear as pessoas que tiveram a coragem que seu pai teve.

Não vou deixá-lo arrastar o nome dele com você. Quando Abelman ganhar, pode ser que você, com um pouco de sorte, consiga emprego nos vestiários dos estádios que tanto frequenta. Ai é que você vai ver o que é trabalhar. Mas você fez por merecer.

O sr. Levy entendia agora que, na estranha lógica da esposa, sua ruína era o único desfecho aceitável. Ela queria ver a vitória de Abelman; achava essa vitória justa. Desde que lera a carta de Abelman, devia ter analisado o assunto sob todos os ângulos. Cada minuto que passara pedalando ou massageando-se, provavelmente ouvia sua lógica lhe dizer, cada vez com mais convicção, que Abelman merecia ganhar a causa. Não seria uma vitória apenas de Abelman, mas dela própria. Todos os diálogos, verbais ou epistolares, que mantinha com as filhas, indicavam o fracasso total, a frustração absoluta do pai. A sra. Levy não admitiria ser desmentida. Ela *precisava* ganhar aquela causa. Não estava interessada sequer em falar com Reilly. O caso Abelman saíra do plano apenas material e passara para o psicológico, onde forças cósmicas haviam decretado que Gus Levy tinha que perder, que o desolado Gus Levy tinha que passar o resto da vida no vestiário de um estádio.

— Bem, vou atrás de Reilly — disse o sr. Levy, afinal.

— Quanta determinação! Mal posso acreditar. Mas você não vai conseguir jogar a culpa no idealista. Ele é muito esperto. Vai fazer outra safadeza com você. Espere só. Vai mandá-lo voltar a Mandeville. E dessa vez eles o internam lá. Um homem de meia-idade dirigindo um carro de adolescente!

— Vou à casa dele.

A sra. Levy dobrou a folha com as anotações sobre a fundação e desligou a mesa, dizendo:

— Bem, já que vai à cidade, vou com você. Fiquei preocupada com a srta. Trixie

desde que Gonzalez me contou que ela mordeu a mão do mafioso. Preciso falar com ela. O ódio que ela sente pelas Calças Levy voltou à tona outra vez.

— Você ainda quer brincar com aquela velha decrépita? Não acha que já a atormentou bastante?

— Você não permite que eu tenha um pequeno interesse. Seu tipo não figura nem nos livros de psicologia. Devia ir ao médico de Lenny no interesse *dele*. Quando o seu caso estivesse nas revistas de psiquiatria, poderiam convidá-lo para falar em Viena. Ele ficaria famoso por sua causa, da mesma forma que aquela histórica, ou seja lá o que for, fez o sucesso do Freud.

Enquanto a sra. Levy obstruía a visão com camadas de sombra azul, nos preparativos para sua peregrinação caritativa, ele foi tirar o carro esporte da monumental garagem, construída como se fosse um avantajado pátio de carruagens, e lá ficou, olhando a baía calma.

Uma acidez começou a lhe aferroar de leve o peito. Reilly tinha que confessar alguma coisa. Os chicaneiros contratados por Abelman não iam acabar com ele; ele não daria esse gostinho à esposa. Se Reilly confessasse que escrevera a carta, se ele conseguisse sair dessa, haveria de mudar. Seria outra pessoa. Passaria até a administrar a empresa. Era mais sensato assumir a administração. Sua fábrica, abandonada, era como uma criança abandonada: podia se transformar em um delinquente, que um pouco de carinho e uma boa alimentação teriam evitado. Quanto mais longe ficasse das Calças Levy, mais a fábrica o atormentaria. As Calças Levy eram como um defeito congénito, uma enfermidade que se herda.

— Todo mundo que eu conheço tem um sedã — disse a sra.

Levy, acomodando-se no carro pequeno. — Só você é que gosta de andar nesses carrinhos de brinquedo, que custam mais que um Cadillac e me despenteiam o cabelo todo.

Para confirmar seu ponto de vista, uma mecha dura de laque voou ao vento durante todo o trajecto. Não se falaram. O sr. Levy pensava no futuro com ansiedade. A sra. Levy também pensava no dela, satisfeita, baixando as pálpebras azuis para se proteger do vento. Quando se aproximaram dos ruídos da cidade, o sr. Levy foi aumentando a velocidade, como se a cada segundo se sentisse mais perto de Reilly. Metido com aqueles tipos do Bairro Francês. Só Deus sabia o que seria a vida particular daquele homem. Um incidente atrás do outro, uma loucura após outra.

— Acho que consegui analisar o seu problema — disse a sra.

Levy quando o trânsito da cidade os fez ir mais devagar. — Essa correria me deu uma pista. Descobri por que você é frustrado, por que não tem ambição, por que deixou a empresa ir por água abaixo.

— A sra. Levy fez uma pausa de efeito. — É o Tánatos, seu impulso de destruição.

— Hoje ainda não mandei você calar a boca.

— Hostilidade, agressividade — disse a sra. Levy alegremente.

— Isso vai acabar muito mal, Gus.

Era sábado, e as Calças Levy tinham encerrado suas actividades desde a véspera. Os Levys passaram pela fábrica, que, aberta ou fechada, tinha a mesma aparência decadente. De uma das chaminés, saía um fio de fumaça, como se alguém estivesse queimando lixo. O

sr. Levy pensou na fumaça. Um operário poderia ter deixado a fornalha ligada na sexta-feira à noite. Ou talvez o faxineiro estivesse lá, queimando folhas secas. Coisas estranhas haviam acontecido. A própria sra. Levy, na fase da pintura em porcelana, usara uma delas como forno.

Quando a fábrica ficou para trás e a sra. Levy exclamou: "Uma pena!", fizeram a volta em direcção ao rio e pararam em frente a um prédio de apartamentos, diante do cais da Desire Street. Nas escadas de madeira, uma trilha gasta recepcionava quem pretendesse entrar ali.

— Não demore — disse a sra. Levy, empenhada na difícil tarefa de içar o corpo de um carro esporte. Levou consigo a caixa de bombons comprada para o suposto doente de Mandeville. — Já me cansei deste caso. Tomara que ela fique entretida com os bombons e não me obrigue a falar muito. — Sorriu para o marido. — Boa sorte com o idealista. Não o deixe fazê-lo de bobo outra vez.

O sr. Levy atravessou a cidade em disparada. Em um sinal fechado, conferiu o endereço de Reilly no jornal dobrado no console entre os dois bancos. Seguiu o rio pela Tchoupitoulas e entrou na Constantinople Street, detendo-se em cada cortiço até encontrar a casa em miniatura. Como podia uma pessoa tão grande morar naquela casa de bonecas? Como conseguia passar pela porta?

O sr. Levy subiu os degraus e leu os avisos "Paz a qualquer preço", afixado a uma pilastra, e "Paz aos homens de boa vontade", pregado na porta. Era ali mesmo. Lá dentro, o telefone tocava.

— Eles não estão! — gritou uma mulher da janela vizinha. — Esse telefone tocou o dia inteiro.

A janela se abriu, e uma mulher horrenda apoiou-se no peitoril.

— Sabe onde está o sr. Reilly? — perguntou-lhe o sr. Levy.

— Só sei que ele está no jornal. Devia estar era no hospício.

Vivo no maior estado de nervos. Quando me mudei para perto dessa gente, estava assinando a minha sentença de morte.

— Ele mora sozinho? Quando telefonei, foi uma mulher que atendeu.

— Devia ser a mãe dele. Ela também sofre dos nervos, coitada!

Deve ter ido ficar com ele no hospital, ou sei lá onde o meteram.

— A senhora se dá com eles?

— Desde que ele era criança. A mãe tinha tanto orgulho do filho! As freiras do colégio o adoravam. E foi acabar assim, jogado no meio da rua. Mas agora vão ter que se mudar daqui. Andam brigando demais.

— Gostaria de lhe fazer uma pergunta, já que a senhora conhece bem o sr. Reilly. Acha que ele é muito irresponsável, talvez até perigoso?

— Que é que o senhor quer com ele? — A srta. Annie arregalou os olhos turvos.

— Que foi que ele fez?

— Sou Gus Levy. Ele trabalhava para mim.

— É? Não diga! Aquele doido do Ignatius enchia a boca para falar desse emprego. Daqui eu o ouvia contar vantagem para a mãe.

Grande vantagem. Despedido em um mês. Bom, se ele trabalhava para o senhor, o senhor é que deve conhecê-lo bem.

O pobre Reilly achava as Calças Levy um bom emprego? Fora o que sempre dissera. Já era um sinal de insanidade.

— A senhora sabe dizer se ele já teve problemas com a polícia?

Ele tem ficha na polícia?

— Um agente da polícia esteve aqui falando com a mãe dele.

Estava até disfarçado. Mas não tinha nada a ver com Ignatius. É que ela gosta de tomar umas e outras. Ultimamente não anda bebendo, mas teve uma época que estava demais. Um dia fui olhar no quintal, e ela estava toda embaraçada num lençol que estava pendurado no varal. Moço, já faz dez anos que moro do lado desse pessoal. Que barulheira! Banjo, trompete, gritos na frente da televisão! Esses Reillys deviam sair daqui, mudar para uma fazenda. Eu tomo seis, sete aspirinas por dia. — A srta. Annie enfiou a mão no vestido para puxar a alça da combinação que lhe caía pelo braço. — Vou lhe dizer uma coisa com franqueza. Aquele Ignatius era bom da cabeça até que o cachorro dele morreu. O diabo do cachorro latia bem debaixo da minha janela. Foi quando comecei a sofrer dos nervos. Então o cachorro morreu. Aí eu achei que ia ter sossego. Mas não. Ignatius botou o cachorro deitado na sala de visitas com umas flores na pata.

Foi quando ele e a mãe começaram com as brigas. Para dizer a verdade, acho que foi quando ela começou a beber. Então o Ignatius foi chamar o padre para encomendar o corpo do cachorro. Queria fazer um enterro de gente, entende? O padre não veio, claro, e acho que foi quando o Ignatius parou de ir à igreja. Então ele fez o enterro sozinho. Um rapaz grande daqueles não devia mais fazer uma coisa dessas. Está vendo aquela cruz? — O sr. Levy olhou, sem vontade, para a cruz celta que apodrecia no jardim da frente. — Foi assim que começou. Ele juntou uns vinte moleques em volta da sepultura.

Estava com uma capa como a do Super-Homem e velas acesas por todo lado. A mãe ficou o tempo todo gritando da porta para ele botar o cachorro no lixo e entrar para dentro de casa. Foi assim que as coisas começaram a dar para trás. Então Ignatius foi para a faculdade e ficou por lá uns dez anos. A mãe ficou na miséria. Teve até que vender o piano. Mas eu não tenho nada a ver com isso. O senhor devia ver a moça que ele trouxe da faculdade. Eu disse comigo mesma: “Que bom! Vai ver esse Ignatius se casa e se muda”. Mas me enganei. Eles ficavam o tempo todo fechados no quarto dele.

Pareça que toda noite faziam uma bacanal. As coisas que eu ouvia daqui! “Vista essa blusa. Saia da minha cama. Como ousa? Eu sou virgem.” Era uma coisa horrível. Eu tomava aspirina vinte e quatro horas por dia. Mas a moça sumiu. Com toda a razão. Só louca, para ficar com um sujeito daqueles. — A srta. Annie suspendeu a outra alça. — Com tanto lugar na cidade, como é que vim parar logo aqui?

Pode me dizer?!

O sr. Levy não conseguia pensar em nenhum motivo para ela ter-se mudado para aquele local. Mas a história de Ignatius Reilly deixou-o deprimido, e ele gostaria de estar bem longe da Constantinople Street.

— Bom — continuou a mulher, ávida de audiência para a sua novela. — Esse negócio no jornal foi a gota d'água. Este bairro vai ficar mal falado. Se eles começarem de novo, agora eu chamo a polícia. Não suporto mais. Vivo no maior estado de nervos. Até quando esse Ignatius toma banho, parece uma enxurrada descendo pela casa. Acaba com a água da rua inteira. Já estou muito velha. Já aguentei demais esse pessoal. — A srta. Annie olhou por cima do ombro do sr. Levy. — Gostei muito da conversa, moço. Até logo.

Correu para dentro de casa e fechou as janelas. Seu súbito desaparecimento atordoou tanto o sr. Levy quanto a estranha biografia do sr. Reilly. Que vizinhança! A Cabana dos Levys sempre fora uma barreira ao contacto com gente desse tipo. Foi então que o sr. Levy viu o velho Plymouth tentando atracar junto ao meio-fio, raspando a calota no ancoradouro até parar. No assento traseiro, viu a silhueta do gordo. Uma mulher de cabelo acaju saltou do carro e chamou:

— Pronto, menino, saia desse carro!

— Só depois que você esclarecer seu relacionamento com aquele velho babão — respondeu a silhueta. — Pensei que tivéssemos escapado desse fascista degenerado. Ledo engano. Esse tempo todo você teve um caso com ele nas minhas costas. Vai ver que foi você que o colocou na porta da D. H. Holmes para me pegar. E estou achando também que foi você que colocou o Mancuso mongolóide lá, para dar início a este ciclo negativo. Mas que ingenuidade a minha!

Há meses venho sendo vítima de uma conspiração. Todos contra mim, unidos em aliança!

— Saia já desse carro!

— Está vendo? — disse a srta. Annie atrás da veneziana. — Começaram de novo.

A porta de trás do carro rangeu ao abrir, e uma bota irrompeu na calçada. O gordo tinha a cabeça enrolada em bandagens. Estava pálido e abatido.

— Não vou viver sob o mesmo tecto com uma mulher perdida.

Estou chocado e magoado. Minha própria mãe! Não admira que tivesse se

voltado contra mim. Desconfio que você esteja descontando em mim o seu sentimento de culpa.

Que família!, pensou o sr. Levy. O aspecto da mãe era estranhíssimo. Ficou imaginando o que o policial disfarçado teria querido fazer com ela.

— Pare com essas indecências! — gritava a mulher. — Falando isso de um homem tão decente como Claude!

— Tão decente! — bufou Ignatius. — Eu sabia que você ia acabar assim quando começou a andar com aqueles degenerados.

Alguns vizinhos chegaram até a porta. Que dia ia ser aquele! O

sr. Levy corria o risco de se envolver em uma cena de rua com aqueles bárbaros. A zia lhe subia pelo peito.

A mulher de cabelo acaju caiu de joelhos e implorou para o alto:

— Que mal fiz eu a Deus? Senhor, não me abandoneis!

— Saia de cima da sepultura de Rex! — berrou Ignatius. — Agora me conte o que foi que você e aquele macartista devasso andaram fazendo. Vocês devem pertencer a alguma célula extremista. Não admira que eu tenha sido bombardeado por aqueles panfletos. Não admira que me seguissem a noite passada. Onde está a alcoviteira Battaglia? Onde está ela? Tem que ser açoitada. Tudo isso não passa de um golpe contra mim, de um plano hediondo para se livrarem de mim. Meu Deus! O papagaio foi treinado por um bando de fascistas. A que ponto eles chegaram.

— Claude está me namorando — disse a sra. Reilly, desafiadora.

— O quê? — trovejou Ignatius. — Está me dizendo que permitiu intimidades a um velho?

— Claude é um homem direito. Só pegou na minha mão algumas vezes.

Os olhos azul-amarelados ficaram vesgos de ódio. Ele cobriu as orelhas com as mãos enormes para não ouvir mais nada.

— Só Deus sabe os nefandos desejos desse homem. Não me conte toda a verdade. Eu não resistiria.

— Cale a boca! — gritou a srta. Annie da janela. — Vocês estão com os dias

contados neste bairro.

— Claude não é muito inteligente, mas é um bom homem.

Trata bem da família dele, e é isso o que interessa. Santa disse que ele fala do comunismo por causa da solidão. Não tem nada que fazer.

Se ele me pedir em casamento agora, eu digo: "Aceito, Claude". Digo mesmo, Ignatius. Não vou nem pensar duas vezes. Tenho o direito de ser bem tratada pelo menos uma vez na vida. Tenho o direito de não dormir pensando no dinheiro de amanhã. Quando eu e Claude fomos buscar as suas roupas com a enfermeira-chefe, e ela nos deu a sua carteira com quase trinta dólares, foi a gota d'água. Essa sua loucura já me bastava, mas esconder dinheiro de sua pobre mãe...

— Aquele dinheiro tinha destino certo.

— Que destino? As mulheres da vida? — A sra. Reilly levantou-se, ágil, da sepultura de Rex. — Você não é só louco, não, Ignatius. É

avaro.

— Acha mesmo que esse Claude libertino vai se casar com você? — salivou Ignatius, mudando de assunto. — Vai ser arrastada de um motel para outro. Vai terminar se suicidando.

— Vou me casar, se *eu* quiser, menino. Você não vai me impedir. Agora não.

— Esse homem é um perigoso radical — disse Ignatius, sombrio. — Sabe Deus os horrores políticos e ideológicos que se alojam em sua mente. Ele vai torturar você.

— Quem é *você* para me dizer o que devo fazer, Ignatius? — A sra. Reilly olhava firme para o filho indignado. Estava desgostosa e cansada, desinteressada de qualquer coisa que ele tivesse a dizer. — Claude é bobo. É. Sei disso. Fica o tempo todo me assustando com os comunistas. É. Vai ver que ele não entende nada de política. Mas eu não estou nada preocupada com política. Estou preocupada com o dia de amanhã. Claude tem consideração para com as pessoas, e nem isso você conseguiu com toda essa política e tanto estudo. Depois de tudo o que eu fiz por você, só levei pontapé. Quero ser bem tratada pelo menos uma vez na vida. Você aprendeu de tudo, Ignatius, menos a ser uma pessoa humana.

— Seu destino não é ser bem tratada! — gritou Ignatius. — Você é masoquista assumida. O bom tratamento vai acabar com você.

— Vá para o inferno! Você me cortou o coração tantas vezes que já nem me lembro.

— Aquele homem não vai entrar nesta casa enquanto eu estiver aqui. Se ele se cansar de você, pode voltar as atenções para *mim*.

— Que é isso, doido? Pare de dizer besteira. Estou cheia. Eu dou um jeito em você. Você disse que quer sossego, não é? Pois vou lhe dar um bom descanso.

— Quando penso no meu falecido pai estremecendo no túmulo...

— murmurou Ignatius, fingindo enxugar uma lágrima que não havia.

— O sr. Reilly morreu há vinte anos.

— Vinte e *um* — disse Ignatius com satisfação. — Você já se esqueceu do seu saudoso marido.

— Com licença — disse o sr. Levy timidamente. — Posso falar com o senhor, sr. Reilly?

— Quê? — perguntou Ignatius, reparando pela primeira vez no homem parado no portão.

— Que é que o senhor quer com Ignatius? — perguntou a sra.

Reilly ao homem. O sr. Levy identificou-se. — Então é com ele mesmo. Tomara que o senhor não tenha acreditado naquela história que ele inventou outro dia ao telefone. Eu me cansei de tirar o fone da mão dele.

— Podemos entrar? — perguntou o sr. Levy. — Gostaria de lhe falar em particular.

— Por mim não faz diferença — disse a sra. Reilly, desinteressada. Olhou para o quarto inteiro, que os observava. — A vizinhança inteira agora sabe de tudo.

Mas abriu a porta da frente e os três entraram no *hall* minúsculo. A sra. Reilly pôs a sacola com o lenço e o cutelo do filho e perguntou:

— O que o senhor quer, sr. Levy? Ignatius! Volte aqui para falar com ele.

— Mãe, preciso satisfazer as minhas necessidades. Meu intestino está revoltado contra as traumáticas últimas vinte e quatro horas.

— Saia desse banheiro, menino, e volte aqui. Mas o que é que o senhor quer com o louco, sr. Levy?

— Sr. Reilly, o senhor já viu isto antes?

Ignatius olhou para as duas cartas que o sr. Levy lhe exibia e disse:

— Claro que não. A assinatura é sua. Saia desta casa imediatamente. Mãe, eis o demônio que me demitiu brutalmente.

— O senhor não escreveu isto?

— O sr. Gonzalez era um ditador. Não me deixava nem chegar perto da máquina de escrever. Aliás, chegou a me esbofetear por eu passar os olhos numa correspondência que ele escreveu em péssimo estilo. Eu tinha que lhe agradecer quando ele me deixava engraxar os seus sapatos. O senhor sabe como ele é possessivo com aquela sua companhia.

— Sei. Mas ele diz que não foi ele.

— Uma inverdade patente. Cada palavra dele é uma falsidade.

Língua de cobra!

— Essa firma vai nos processar.

— Foi culpa de Ignatius — interrompeu a sra. Reilly, um pouco rude. — Seja lá o que for, a culpa é dele. Ele apronta confusão em todo lugar. Vamos, Ignatius. Fale a verdade. Vamos, menino. Vamos, senão eu lhe bato.

— Mãe, mande esse homem embora! — gritou Ignatius, tentando empurrar a mãe para cima do sr. Levy.

— Sr. Reilly, essa firma vai nos processar em quinhentos mil dólares. Isso pode me levar à falência.

— Quanto? — exclamou a sra. Reilly. — Ignatius, que foi que você fez com esse homem?

Quando Ignatius ia comentar seu comportamento circunspecto nas Calças Levy, o telefone tocou.

— Alô — respondeu a sra. Reilly. — É a mãe dele. Claro que estou. — Dardejou um olhar para o filho. — Está? Foi? O quê? Não! — Olhou firme para Ignatius,

que esfregava uma manopla na outra. — Certo, moço, eu devolvo, menos o brinco. Ficou com o papagaio. Está bem. Claro que vou me lembrar do que estou lhe dizendo. Não sou bêbada! — A sra. Reilly bateu o telefone e virou-se para o filho: — Era o homem do cachorro-quente. Você está despedido.

— Graças a Deus! — suspirou Ignatius. — Não aguentava mais aquela carrocinha.

— Que foi que você falou de mim, menino? Disse para ele que eu era bêbada?

— Claro que não. Que ridículo! Não fico falando de você com os outros. Sem dúvida ele já falou com você antes e você não se lembra. Pelo que sei, deve até ter se encontrado com ele. Uma orgia no meio de uma porção de latas de salsicha.

— Você não dá nem para vendedor ambulante. Esse homem estava furioso. Disse que você foi o vendedor que deu mais problemas para ele.

— Ele ficava indignado com a minha visão de mundo.

— Ora, pare com isso antes que eu lhe dê um tabefe! — gritou a sra. Reilly. — Agora fale a verdade para o sr. Levy, aqui.

Que vida familiar pouco saudável!, pensou o sr. Levy. Aquela mulher era muito despótica.

— Mas estou falando a verdade — disse Ignatius.

— Deixe-me ver essa carta, sr. Levy.

— Não lhe mostre a carta. Ela quase não sabe ler. Vai se confundir toda.

A sra. Reilly bateu na cabeça de Ignatius, de lado, com a bolsa.

— Não se atreva! — gritou Ignatius.

— Não bata nele — disse o sr. Levy. A cabeça do gordo já estava envolta em bandagem. Fora do ringue, a violência deixava o sr. Levy muito nervoso. Esse Reilly era mesmo um pobre coitado. A mãe andava com um velho, bebia, queria se descartar dele. Ela já estava na mira da polícia. Aquele cachorro devia ser a única coisa que o gordo tivera na vida. Às vezes precisamos ver a pessoa em seu próprio ambiente para compreendê-la melhor. À sua maneira, Reilly se interessara pelas Calças Levy. O sr. Levy agora se arrependia de tê-lo demitido. Ele se orgulhava do emprego na companhia. — Pode deixar, sra. Reilly. Nós

vamos resolver este assunto.

— Socorro! — soluçou Ignatius, agarrando-se, histriônico, à lapela do *blazer* do sr. Levy. — Só a Fortuna sabe o que ela vai fazer comigo. Sei demais sobre suas atividades sórdidas. Tenho que ser eliminado. O senhor chegou a falar com aquela mulher, Trixie? Ela sabe mais do que o senhor pensa.

— É o que a minha mulher também acha, mas eu nunca acreditei. Afinal, a srta. Trixie está muito velha. Não deve conseguir fazer nem uma lista de compras, quanto mais uma carta.

— Velha? — interrompeu a sra. Reilly. — Ignatius! Você me disse que a srta. Trixie era uma garota bonita que trabalhava nas Calças Levy. Contou que vocês gostavam um do outro. Agora eu descubro que ela é uma velha que mal pode escrever. Ignatius!

Era mais triste do que o sr. Levy pensara a princípio. O pobre gordo queria que a mãe pensasse que ele tinha uma namorada.

— Por favor — Ignatius cochichou para o sr. Levy. — Vamos até o meu quarto. Tenho uma coisa para lhe mostrar.

— Não acredite no que ele diz — disse a sra. Reilly depois que seu filho arrastou o sr. Levy para dentro do quarto mofado.

— Pode deixar — disse o sr. Levy para a sra. Reilly, com voz mais firme. Essa Reilly não dava ao filho uma chance. Era pior que a sua mulher. Não admirava que o rapaz fosse aquele fracasso.

A porta se fechou atrás deles, e o sr. Levy começou a sentir náuseas. Havia um odor de chá velho que lhe recordava o bule que Leon Levy sempre tivera ao alcance da mão, o delicado bule de porcelana em cujo fundo sempre havia um resíduo de folhas. Foi até a janela e abriu-a, mas, ao olhar para fora, deu de cara com a srta.

Annie, que espiava pela janela dos fundos. Saiu de perto da janela e viu Ignatius folhear um fichário.

— Aqui está — disse Ignatius. — São umas anotações do tempo em que eu trabalhava para a sua empresa. Isto prova que eu adorava as Calças Levy, que passava todas as horas do meu dia pensando nela. Até em sonhos eu via o espectro das Calças Levy pairando glorioso sobre meu psiquismo adormecido. Jamais escreveria aquela carta. Eu adorava as Calças Levy. Aqui, leia isto,

senhor.

O sr. Levy apanhou o fichário e, onde o dedo gordo de Ignatius indicou, leu: "Hoje o escritório foi finalmente contemplado com a presença de nosso senhor e mestre, sr. G. Levy. Para ser sincero, achei-o por demais despreocupado e indiferente". O dedo pulou algumas linhas. "Com o tempo, reconhecerá minha lealdade à empresa, minha dedicação. Meu exemplo, por outro lado, poderá devolver-lhe a fé nas Calças Levy." O dedo indicou o próximo parágrafo. "La Trixie continua introvertida como sempre, provando assim mais sabedoria do que eu lhe atribuía. Desconfio que essa mulher sabe de muitas coisas, e que sua apatia não passa de um disfarce para o seu aparente ressentimento para com as Calças Levy.

Ela se torna ainda mais coerente quando fala na aposentadoria."

— Eis a prova, senhor — disse Ignatius, arrancando o fichário das mãos do sr. Levy. — Procure saber da menina Trixie. A senilidade ali não passa de um disfarce. É a defesa dela contra o mundo e a companhia. Aliás, ela odeia as Calças Levy por não lhe concederem a aposentadoria. E não tem razão? Muitas vezes, quando estávamos a sós, ela era capaz de falar horas a fio sobre seus planos para arrasar as Calças Levy. Seu rancor aflorou em forma de ataques à estrutura de sua organização.

O sr. Levy procurou avaliar as provas. Sabia que esse Reilly gostava de facto da empresa: ele o vira no escritório, ouvira da vizinha, e acabara de ler. Trixie, por outro lado, detestava a empresa.

Mesmo que sua mulher e o gordo afirmassem que a decrepitude não passava de um disfarce, não acreditava que ela fosse capaz de escrever uma carta daquelas. Mas agora tinha que sair daquele quarto antes que sua claustrofobia o levasse a passar mal em cima dos cadernos que cobriam o chão. Quando o sr. Reilly se aproximou para mostrar os trechos das anotações, o cheiro aumentou de maneira insuportável. Procurou a maçaneta, mas Reilly pulou na frente da porta.

— Precisa acreditar em mim — suspirou. — A rameira da Trixie tem fixação por peru de Natal. Ou seria um presunto? Às vezes essas coisas me confundiam. Ela jurou vingança por não ter sido aposentada no devido tempo. Vivia mergulhada no ódio.

O sr. Levy afastou-o e saiu para o corredor, onde a mãe de cabelo acaju os esperava como um leão-de-chácara.

— Obrigado, sr. Reilly — disse o sr. Levy. Tinha que sair daquele cenário

claustrofóbico de novela. — Se precisar do senhor, eu telefono.

— Vai precisar, sim — disse a sra. Reilly quando ele passou em disparada. — Seja o que for, foi Ignatius que fez.

Ainda falou mais coisas, mas o ruído do motor do carro do sr.

Levy abafou a sua voz. Uma fumaça azul envolveu o Plymouth, e ele se foi.

— Agora você conseguiu — dizia a sra. Reilly para Ignatius, agarrada ao guarda-pó branco. — Agora é que você se meteu mesmo em confusão. Sabe o que é que eles fazem com os falsários? Enfiam-nos na cadeia. Esse pobre homem está com um processo de quinhentos mil dólares na mão. Agora você conseguiu mesmo meter-se numa boa encrenca.

— Por favor — disse Ignatius com voz fraca. Seu rosto pálido passou do branco ao cinzento. Agora sentia-se mal de verdade. A válvula agitava-se com originalidade e violência inéditas. — Eu disse que não ia me dar bem desde que comecei a trabalhar.

O sr. Levy escolheu o caminho mais curto até o cais da Desire Street. Disparou pela Napoleon e entrou no elevador até chegar à via expressa, dominado por um sentimento que lembrava de longe a determinação. Se fora de facto o rancor que motivara a srta. Trixie a escrever a carta, a sra. Levy seria a pessoa responsável pelo processo da Abelman. Mas a srta. Trixie seria capaz de escrever algo inteligível como aquilo? O sr. Levy esperava que sim. Dirigiu-se em corrida desabalada para o bairro onde morava a srta. Trixie, passando por vários cartazes de CAMARÃO NO ESPETO E

MARISCADA. No prédio, seguiu a trilha na madeira gasta e chegou a uma porta escura. Bateu, e a sra. Levy atendeu.

— Vejam só quem está aí. O caça-idealistas. Resolveu o seu caso?

— Talvez.

— Você está falando como Gary Cooper. O enigmático xerife Gary Levy. — Puxou com as unhas um cílio azul que lhe incomodava a vista. — Bem, vamos embora. Trixie está entupida de bombons. Já estou ficando enjoada.

O sr. Levy passou pela esposa e viu uma cena que nunca sequer imaginara. A Cabana dos Levys o preservara de ambientes como o da Constantinople Street e como aquele. O apartamento da srta. Trixie era decorado com trapos, sucata,

papéis e caixas de papelão. Sob tudo aquilo havia móveis. A superfície, porém, o plano visível, era composta de roupas velhas, caixotes e jornais. Havia um caminho pelo meio da montanha e uma clareira no lixo, uma faixa de chão desimpedido que conduzia a uma janela, onde a srta. Trixie estava sentada em uma cadeira comendo bombons. O sr. Levy passou pela peruca preta que pendia do alto de um caixote e pelos sapatos de salto alto jogados sobre uma pilha de jornais. O único detalhe do rejuvenescimento conservado pela srta. Trixie haviam sido os dentes; brilhavam entre seus lábios finos quando ela mordia os bombons.

— Você está muito calado — observou a sra. Levy. — Que houve, Gus? Outra missão mal sucedida?

— Srta. Trixie! — gritou-lhe o sr. Levy ao ouvido. — A senhora escreveu uma carta para a Tecidos Abelman?

— Você agora está passando dos limites — disse a sra. Levy. — O idealista fez você de bobo outra vez. Como é que você vai na conversa desse Reilly?

— Srta. Trixie!

— Quê? — rosnou a velhota. — Vocês tratam muito bem os aposentados.

O sr. Levy entregou-lhe a carta. Ela apanhou uma lupa no chão e examinou os papéis. A viseira verde produzia reflexos em seu rosto e no chocolate que lambuzava os lábios finos. Ao baixar a lupa, assobiou alegremente:

— Vocês se meteram numa confusão.

— Mas foi a senhora que escreveu isso para a Abelman? O sr.

Reilly disse que foi.

— Quem?

— O sr. Reilly. Aquele forte, que usava boné verde e trabalhava nas Calças Levy.

— O sr. Levy mostrou à srta. Trixie as fotos do jornal. — Este aqui.

A srta. Trixie assustou a lente de aumento no jornal e disse: — Minha Nossa Senhora! Como foi que aconteceu isso? Coitada da Gloria. Parece estar ferida. Esse é que é o sr. Reilly?

— É. A senhora deve se lembrar dele. Disse que foi a senhora que escreveu a carta.

— Disse, é? — Gloria Reilly não ia mentir. Gloria, nunca. Que pena! Gloria sempre fora sua amiga. A srta. Trixie fez o possível para se lembrar. Talvez tivesse escrito a carta. Tantas coisas aconteciam de que ela não conseguia mais se lembrar. — É, acho que sim. Já que você falou nisso, acho que fui eu mesma. Vocês merecem uma carta dessas. Há muitos anos vocês estão fazendo tudo para me deixar maluca. Não vem a aposentadoria, não vem o peru. Não vem coisa nenhuma. Vou lhe dizer uma coisa: tomara que você perca tudo o que tem.

— A senhora escreveu isso? — perguntou a sra. Levy. — Depois de tudo o que eu fiz pela senhora, ainda teve a coragem de escrever uma coisa dessas? Um traidor sentado à nossa mesa! Pode dizer adeus às Calças Levy, ingrata! Despedida! Despedida!

A srta. Trixie sorriu. Aquela mulher maçante estava mesmo nervosa. Gloria sempre fora sua amiga. Agora a mulher maçante ia ter que pedir esmolas. Provavelmente. Mas no momento vinha para cima dela com as unhas suspensas como garras. A srta. Trixie começou a gritar.

— Deixe-a em paz — disse o sr. Levy para a mulher. — Bem, bem. Susan e Sandra não vão gostar de saber disso. A mãe delas torturou uma pobre velha a tal ponto que elas correm o risco de perder suas próprias roupas.

— Isso. Ponha a culpa em mim — disse a sra. Levy com veemência. — Fui eu que coloquei o papel na máquina. Ajudei a bater.

— Não escreveu essa carta para se vingar das Calças Levy por não ter sido aposentada?

— Foi, foi — disse a srta. Trixie distraidamente.

— E eu que acreditava na senhora! — A sra. Levy avançou para a srta. Trixie. — Devolva os dentes.

O marido se interpôs entre a mão dela e a boca da velhota.

— Quietos! — rosnou a srta. Trixie, mostrando os caninos reluzentes. — Não posso ficar sossegada nem na minha própria casa?

— Se não fosse você e a sua teimosia com esse "caso", esta mulher já teria se aposentado há muito tempo — disse o sr. Levy à esposa. — Depois de tantos anos prevendo coisas, foi *você* que quase levou as Calças Levy à falência.

— Já entendi. Você não acha que a culpa é dela. Acha que é de uma pessoa

cheia de exigências, de ideais. Se entrasse um ladrão nas Calças Levy, a culpa seria *minha*. Você precisa é de um médico, Gus. Urgentemente.

— Preciso mesmo. E, por incrível que pareça, do médico de Lenny.

— Que maravilha, Gus!

— Silêncio!

— Só que é você que vai ligar para ele — disse o sr. Levy à mulher. — Vai conseguir que ele dê um atestado de incapacidade para a srta. Trixie, explicando os motivos dela para escrever a carta.

— Isso é problema seu — respondeu a sra. Levy, irritada. — Ligue você.

— Susan e Sandra não vão gostar de saber que a mãe delas cometeu um pequeno engano.

— Nem que foi chantageada.

— Aprendi muita coisa com você. Afinal, já estamos casados há muito tempo. — O sr. Levy observava a raiva e o medo se alternarem no rosto de sua mulher. Dessa vez, ela não tinha nada a dizer. — As garotas não precisam saber que a mãe fez papel de boba. Agora procure o médico de Lenny. Com a confissão e o atestado, Abelman não tem nenhuma chance neste caso. Basta o juiz olhar para ela.

— Sou uma mulher muito bonita — disse a srta. Trixie automaticamente.

— Claro que sim — disse o sr. Levy, abaixando-se para falar com ela. — A senhora vai se aposentar, srta. Trixie. Com aumento. Já trabalhou muito.

— Aposentar? — ciciou a srta. Trixie. — Sabe que eu não esperava? Graças a Deus!

— A senhora assina uma declaração dizendo que escreveu a carta, não é?

— Claro que sim! — gritou a srta. Trixie. Que amiga, a Gloria!

Só Gloria havia descoberto um meio de ajudá-la. Muito esperta.

Graças a Deus Gloria tivera a ideia daquela carta mágica! — Digo tudo o que você quiser.

— Já percebi o que está acontecendo. — A voz amarga da sra.

Levy saiu de trás de uma pilha de jornais. — Você vai fazer chantagem com as minhas filhinhas. Vai me tirar do seu caminho para levar a sua vida de *playboy* sem ninguém incomodá-lo. Agora é que as Calças Levy vão acabar. Você pensa que tem alguma coisa contra mim.

— E tenho mesmo. E as Calças Levy vão acabar. Mas não vai ser porque as suas brincadeiras a levaram à falência. — O sr. Levy olhou para as duas cartas. — Essa história da Abelman me fez pensar muito. Por que ninguém compra as nossas calças? Porque elas são um horror. Porque são feitas nos mesmos modelos que meu pai usava há vinte anos atrás, nos mesmos tecidos. Porque aquele ditador não mudava um parafuso naquelas instalações. Porque ele acabou com toda a iniciativa que eu tinha.

— Seu pai foi um homem brilhante. Não admito essa falta de respeito.

— Cale a boca! Essa carta estranha me deu uma ideia. De agora em diante, só vamos fazer bermudas e *shorts*. Menos problemas, mais lucro com menos despesa. Vou fazer um mostruário completo da nova linha. As Calças Levy passam a se chamar Shorts Levy.

— Shorts Levy? Parece piada. Isso não vai durar um ano. E

tudo para enxovalhar a memória de seu pai. Você não é capaz de administrar uma empresa. Você é um fracasso, um *playboy*, um *bookmaker*.

— Silêncio! Fiquem sabendo que vocês são muito maçantes. Se isso é aposentadoria, prefiro voltar para as Calças Levy. — A sra.

Trixie sacudia para eles a caixa de bombons. — Podem ir embora, que eu depois recebo o cheque.

— Eu não era capaz de administrar as Calças Levy. Tem razão.

Mas acho que sou capaz de administrar a firma Shorts Levy.

— De repente você ficou muito convencido — disse a sra. Levy à beira da histeria. Gus Levy à frente da companhia? Gus Levy empresário? O que ela iria dizer à Susan e Sandra? Que iria dizer a Gus Levy? Que aconteceria com ela? — A fundação também vai por água abaixo, posso imaginar.

— Claro que não — o sr. Levy sorriu por dentro. Sua mulher estava desorientada, querendo voltar à rota em um mar de confusão, pedindo instruções. — Vamos

dar um prêmio. Para que era mesmo, por merecimento?

— É — disse a sra. Levy com humildade.

— Esse. Ele merece. — Apanhou o jornal e apontou o negro ao lado do idealista caído. — O primeiro prêmio vai para ele.

— O quê? Um marginal de óculos escuros? Que frequenta a Bourbon Street? Faça-me o favor, Gus. Assim já é demais. Leon Levy morreu há poucos anos e você não lhe dá descanso?

— Vai funcionar. O próprio Leon faria o mesmo. A maioria dos nossos operários são negros. Isso significa boas relações públicas. E

com toda a certeza vou precisar de mais empregados muito breve.

Vai contribuir para um bom ambiente de trabalho.

— Mas não precisa ser *esse*. — A sra. Levy falou como se fosse vomitar. — Prêmio é coisa de gente de bem.

— E o idealismo que você tanto defende? Pensei que fosse defender as minorias. Pelo menos foi o que você sempre disse. De qualquer forma, Reilly serviu para me mostrar o verdadeiro responsável.

— Você não pode viver de vingança a vida inteira.

— Quem é que vive de vingança? Até que enfim vou fazer uma coisa construtiva. Srta. Trixie, onde fica o telefone?

— Quem? — A srta. Trixie assistia à partida de um cargueiro da Monróvia cheio de tratores, da International Harvester. — Não tenho. Mas tem no armazém.

— Muito bem, sra. Levy. Vá ao armazém. Ligue para o médico de Lenny e para o jornal, para ver se eles localizam Jones, mas esse pessoal geralmente não tem telefone. E ligue para a polícia, também.

Eles devem saber. Depois me dê o número. Eu mesmo falo com ele.

A sra. Levy ficou parada olhando o marido, com os cílios coloridos imóveis.

— E já que você vai sair, compre um presente de Páscoa — disse a srta. Trixie com voz áspera. — Quero esse presunto aqui dentro de casa! Não vou falar duas vezes. Se vocês querem a confissão, podem começar a pagar.

Rosnou para a sra. Levy, mostrando os dentes como se fossem o símbolo de alguma coisa, um gesto de desafio.

— Pronto — disse o sr. Levy à esposa. Você já tem três razões para ir ao armazém. — Deu-lhe uma nota de dez dólares. — Fico esperando.

A sra. Levy apanhou o dinheiro e disse ao marido: — Acho que agora você está satisfeito. Virei sua empregada.

Você tem uma arma apontada para mim. Estou passando tudo isso por causa de um mal-entendido.

— Mal-entendido? Um processo de meio milhão? Por que tanto sofrimento? Você só vai até a esquina.

A sra. Levy virou as costas e escolheu o caminho no meio do lixo. Quando a porta bateu, como se lhe tivessem tirado um fardo das costas, a srta. Trixie mergulhou em um sono de criança. O sr. Levy ficou ouvindo o ressonar e vendo o cargueiro deslizar pelo porto em direcção do golfo.

Ficou relaxado pela primeira vez em muitos dias, e os acontecimentos relacionados com a carta afloraram à sua consciência. Lembrou-se da carta à Abelman, e sua mente fez a ligação com outro lugar onde ouvira a mesma linguagem. Foi na porta de Reilly, uma hora antes. "Ela tem que ser açoitada."

"Mancuso mongolóide." Então foi ele quem escreveu. O sr. Levy olhou com ternura para a frágil acusada, que roncava com a caixa de bombons no colo. Para o bem de todos, pensou, vai ter que ser declarada incapaz e confessar, srta. Trixie. A senhora vai ser acusada. O sr. Levy riu alto. Por que a srta. Trixie havia confessado com tanta sinceridade?

— Silêncio! — rosou a srta. Trixie ao despertar.

Aquele gordo prestara um grande serviço, afinal. Salvara a própria pele, a da srta. Trixie e a do sr. Levy também, à sua maneira louca. Quem quer que fosse Burma Jones, merecia o prêmio... ou uma recompensa. Oferecer-lhe emprego na empresa Shorts Levy seria ainda melhor, em termos de relações públicas. O prêmio e um emprego. E os jornais fariam propaganda da inauguração da nova Shorts Levy. Parecia coisa feita...

O sr. Levy observou o cargueiro atravessar a foz do Canal Industrial. Logo a sra. Levy estaria em um navio, com destino a San Juan. Iria visitar a mãe lá na praia, rir, cantar e dançar. Realmente, a sra. Levy não se enquadrava de modo algum

nos planos da empresa Shorts Levy.

Catorze

I

Ignatius passou o dia no quarto, tentando dormir um sono sempre interrompido e atacando sua luva de borracha nos frequentes momentos de ansiosa lucidez. Durante toda a tarde, o telefone tocou no *hall*, e cada novo toque o deixava ainda mais nervoso. Descontou na luva, que foi deflorada, rasgada, conquistada. Como qualquer celebridade, Ignatius atraía os fãs: os parentes azarados da mãe, vizinhos, gente que a sra. Reilly não via há anos. Todos telefonaram.

Todo toque fazia Ignatius pensar que era o sr. Levy ligando outra vez, mas sempre ouvia a mãe repetir ao interlocutor as mesmas lamúrias: "Não é um horror? Que é que eu vou fazer? Jogou o nosso nome na lama". Quando Ignatius já não aguentava mais, saía do quarto à procura de uma garrafa de Dr. Nut. Se acontecia de se encontrar com a mãe, ela não olhava para ele, só observava as esferas felpudas que se espalhavam pelo chão na esteira do filho. Ele parecia não ter nada a lhe dizer.

Que faria o sr. Levy? Abelman, ao que tudo indicava, era o tipo de pessoa mesquinha, incapaz de aceitar a menor crítica, uma molécula hipersensível. Escrevera à pessoa errada; o corajoso vitupério fora proferido diante da plateia errada. A essa altura, seu sistema nervoso não suportaria um tribunal. Teria um colapso na frente do juiz. Pensou em quanto tempo lhe restava antes que o sr.

Levy tornasse a cair em cima dele. Que caprichosos enigmas a srta.

Trixie estaria desvendando ao sr. Levy? O sr. Levy voltaria furioso e aturdido, firme na decisão de encarcerá-lo. A espera por sua volta era semelhante à espera por uma execução. A dor de cabeça persistia. O

Dr. Nut tinha gosto de fel. Abelman exigia uma quantia excessiva; a susceptibilidade de Abelman devia ter-se ofendido muitíssimo.

Quando o verdadeiro autor da carta fosse descoberto, que pediria Abelman em lugar dos quinhentos mil dólares? Uma vida?

O Dr. Nut teve o efeito de ácido descendo aos seus intestinos.

Ele, cheio de gases, e a válvula, lacrada como se um nó tivesse sido dado em um balão de gás. Eructações saíam da sua garganta e projectavam-se até o lustre de vidro leitoso, que lhe servia de lixeira.

Quando uma pessoa era chamada a trilhar este século brutal, tudo podia lhe acontecer. Por toda parte só o que havia eram os embustes e ciladas de tipos como Abelman, os insípidos Cruzados pela Dignidade Moura, o cretino do Mancuso, Dorian Greene, os repórteres de jornal, as *stripteasers*, os papagaios, a fotografia, os delinquentes juvenis, os pornógrafos nazistas. Mas principalmente Myrna Minkoff.

Os produtos de consumo. Mas principalmente Myrna Minkoff. A ninfeta haveria de passar um mau pedaço. De qualquer jeito. Tinha que pagar pelo que fizera. Em qualquer circunstância, mesmo que a vingança lhe tomasse décadas de perseguição de bar em bar, da orgia folclórica para o metrô, da plantação para a manifestação.

Ignatius rogou uma praga elisabetana em Myrna e, enrolando-se, abusou freneticamente da luva, outra vez.

Como ousava a mãe pensar em casamento? Só mesmo aquela mente primitiva poderia ser tão desleal. O fascista senil conduziria uma caça às bruxas sem precedentes, até que o outrora íntegro Ignatius J. Reilly fosse reduzido a um vegetal mudo. O fascista senil iria depor a favor do sr. Levy, para afastar seu futuro enteado e satisfazer seus perversos e arcaicos desejos para com a confiável Irene Reilly, para aplicar suas práticas conservadoras em Irene Reilly com plena liberdade. As prostitutas não podiam contar com a Previdência Social. Não admirava que o libertino Robichaux se sentisse atraído por elas. Só a Fortuna sabia o quanto ele aprendera com elas.

A sra. Reilly ouviu os arrotos e chiados vindo do quarto do filho e achou que, para culminar, ele estava tendo um ataque. Mas não queria nem olhar para Ignatius. Ao ouvi-lo abrir a porta, corria para o seu quarto, evitando-o. Quinhentos mil dólares era uma quantia que ela não conseguia sequer imaginar. Dificilmente conseguia imaginar a punição dada a alguém por fazer algo tão mau a ponto de valer aquilo tudo. Se havia algum motivo de suspeita por parte do sr. Levy, da parte dela não havia nenhum. Ignatius escrevera aquilo, fosse o que fosse. Não seria uma beleza? Ignatius na cadeia. Havia uma única maneira de protegê-lo. Levou o telefone o mais longe possível e, pela quarta vez naquele dia, discou o número de Santa Bataggia.

— Nossa, querida, como você está preocupada! — disse Santa.

— Que foi que houve dessa vez?

— Acho que Ignatius se meteu numa encrenca maior que a do retrato do jornal — sussurrou a sra. Reilly. — Não dá para falar pelo telefone. Santa, você tinha

razão. Ignatius tem que ir para o hospício.

— Até que enfim. Já cansei de lhe dizer isso. Claude acabou de me ligar. Disse que Ignatius fez uma cena terrível no hospital, quando se encontrou com ele. Claude disse que está com medo de Ignatius, ele é tão grande...

— Mas que tristeza! Foi uma coisa horrível lá no hospital. Já lhe contei que Ignatius começou a gritar. Aquelas enfermeiras todas, e os doentes. Eu queria morrer. Claude ficou com muita raiva?

— Com raiva, não, mas não quer que você fique sozinha em casa com ele. Perguntou se eu não podia ir fazer companhia a você.

— Não precisa, amor — disse a sra. Reilly, ligeira.

— Qual foi a encrenca dele dessa vez?

— Depois eu lhe conto. Só liguei para dizer que passei o dia inteiro pensando nesse negócio do hospício, e afinal me decidi.

Chegou a hora. Ele é meu filho, mas tem que se tratar para o seu próprio bem. — A sra. Reilly esforçava-se para lembrar uma frase muito usada nos filmes de tribunal. — Vamos obter uma declaração de insanidade temporária.

— *Temporária?* — zombou Santa.

— Temos que ajudar Ignatius antes que carreguem com ele.

— Quem vai carregar com ele?

— Parece que ele fez uma besteira quando trabalhava lá nas Calças Levy.

— Virgem Maria! Agora chega, Irene. Desligue e chame o pessoal do hospício agora mesmo, meu bem.

— Não, espere. Não quero estar aqui quando eles chegarem.

Sabe como é, Ignatius é muito grande. Pode dar trabalho. Eu não aguento ver isso. Já estou com os nervos à flor da pele.

— Grande ele é! Vai ser pior que pegar um elefante selvagem.

É melhor eles trazerem uma rede — disse Santa, aflita. — Irene, é a decisão mais acertada que você já tomou. Estou lhe dizendo. Vou ligar para o hospício

agora mesmo. Você vem para cá. Vou mandar Claude vir também. Ele vai adorar a notícia. Ui! Daqui a uma semana vocês estarão mandando os convites de casamento. Vai ter uns imóveis no seu nome antes do fim do ano, querida. Vai ter a pensão da Rede Ferroviária.

Aquilo soava bem à sra. Reilly, mas ela perguntou, hesitante: — E o comunismo?

— Deixe o comunismo para lá. Nós vamos acabar com esse negócio de comunismo. Claude vai passar o dia inteiro ajeitando essa sua casa. Vai ter muito o que fazer para limpar o quarto de Ignatius.

Santa explodiu em um repicar de gargalhadas roucas.

— A srta. Annie vai ficar verde de raiva quando me vir reformando a casa.

— Então você diz para ela: "Por que não reforma a sua casa também?" — Santa deu outra risada. — Agora desligue o telefone, meu bem, e venha para cá. Vou ligar para o hospício já, já. Saia dessa casa depressinha!

Santa bateu o telefone no ouvido da sra. Reilly.

A sra. Reilly olhou pela janela. Estava escuro, felizmente. Os vizinhos não teriam muito o que ver, se levassem Ignatius de noite.

Correu para o banheiro, passou pó no rosto e no vestido, desenhou uma boca surrealista com o batom, e disparou para o quarto em busca de um agasalho. Ao chegar à porta da frente, parou. Não podia se despedir de Ignatius daquele jeito. Era seu próprio filho.

Foi até a porta do quarto dele e ouviu o violento ranger das molas do colchão subir num crescendo, como se quisesse atingir um *grand-finale* digno de Grieg em *No palácio do rei das montanhas*.

Chamou, mas não obteve resposta.

— Ignatius — insistiu, triste.

— Que é que você quer? — uma voz ofegante respondeu por fim.

— Vou sair, Ignatius. Queria me despedir.

Ignatius não respondeu.

— Ignatius, abra aqui — implorou a sra. Reilly. — Venha me dar um beijo, meu

filho.

— Não estou me sentindo bem. Mal posso me mover.

— Vamos, filho.

A porta se abriu devagar. Ignatius meteu o rosto cinzento para fora. Os olhos da mãe se encheram de lágrimas quando ela viu a bandagem.

— Agora me dê um beijo, querido. Sinto muito que tudo tenha terminado assim.

— Que é que você quer dizer com esses clichês? — perguntou Ignatius, desconfiado. — Por que você ficou boazinha de repente? Vai se encontrar com algum velho por aí?

— Você tinha razão, Ignatius. Você não podia trabalhar. Eu devia ter entendido. Eu tinha que pagar aquela dívida de outra maneira. — Uma lágrima abriu caminho no pó, deixando à mostra uma listra de pele limpa. — Se o sr. Levy ligar, não atenda ao telefone. Vou cuidar de você.

— Ah, meu Deus! — urrou Ignatius. — Agora é que eu estou perdido. Só Deus sabe o que é que você está planejando. Aonde é que você vai?

— Fique dentro de casa e não atenda ao telefone.

— Por quê? De que se trata? — Os olhos injetados faiscavam de pavor. — Com quem é que você estava cochichando no telefone?

— Não precisa se preocupar com o sr. Levy, filho. Vou dar um jeito para você. Só quero que você saiba que sua mãe pensou antes de tudo no seu bem.

— É disso que estou com medo.

— Nunca se volte contra mim, meu amor — disse a sra. Reilly, e, ficando na ponta dos sapatos de boliche, que não tirava dos pés desde que Angelo lhe telefonara na noite anterior, abraçou Ignatius e beijou-o no bigode.

Soltou-se dele e correu para a porta da frente, de onde se virou e disse:

— Desculpe eu ter batido naquele prédio, Ignatius. Eu o amo.

A porta bateu e ela se foi.

— Volte! — berrou Ignatius. Escancarou a porta, mas o velho Plymouth, com o

fora de cogitação. Era preferível a cadeia. Lá os limites são apenas físicos. No hospício, invadem o cérebro, o espírito e a visão de mundo. Nunca haveria de tolerar tal coisa. E a mãe fora tão enfática sobre a misteriosa protecção que pretendia lhe dar! Tudo indicava o Hospital Psiquiátrico.

— Ah, Fortuna, sua puta!

Ele gingava pela casa como uma pata choca. Os musculosos enfermeiros do hospital já deviam estar no seu encaço. Ignatius Reilly, pombo em uma competição de tiro. A mãe poderia ter ido apenas a mais uma bacanal no boliche. Por outro lado, uma ambulância com grades poderia estar entrando na Constantinople Street naquele exacto momento.

Fuga. Fuga.

Ignatius abriu a carteira. Os trinta dólares não estavam lá, ao que parece confiscados pela mãe no hospital. Olhou o relógio. Eram quase oito horas. Entre cochilos e ataques à luva, a tarde passara depressa. Ignatius vasculhou o quarto, jogando cadernos para o alto, esmagando-os sob os pés, arrastando-os para baixo da cama.

Encontrou um punhado de moedas e voltou ao trabalho na escrivania, onde conseguiu mais algumas. No total, sessentacents, quantia que muito limitava suas opções de fuga. Pelo menos teria um abrigo seguro pelo resto da noite: o Prytania. Depois que o cinema fechasse, passaria pela Constantinople Street para ver se a mãe já voltara.

Vestiu-se em desleixado frenesi. O camisolão de flanela vermelha, desfraldado, prendeu-se no prato do lustre. Espremeu os pés nas botas e entrou como pôde nas calças de *tweed*, que mal conseguiu abotoar na cintura. Camisa, boné, sobretudo, Ignatius vestiu-os às cegas e correu para a sala, adernando contra as paredes. Estava quase chegando à porta quando ouviu três batidas firmes.

O sr. Levy voltara? A válvula emitiu o sinal de dor que estabelecia contacto com as mãos. Coçou o inchaço e espiou pela veneziana, na expectativa de ver os brutamontes do hospital.

Lá estava Myrna Minkoff, na porta, com uma japona de veludo verde-musgo desbotado. O cabelo preto, preso num rabo-de-cavalo, torcido de um lado, caído no peito. E o violão, pendurado no ombro.

Ignatius esteve a ponto de projectar-se porta afora, estilhaçando madeira e vidros, e enrolar aquele rabo-de-cavalo no pescoço dela até que ela ficasse roxa.

Mas a razão falou mais alto.

Não estava diante de Myrna; estava diante de uma possibilidade de fuga. A Fortuna fora condescendente. Não era depravada a ponto de encerrar aquele ciclo nefasto sufocando-o em uma camisa-de-força, nem enterrando-o em um túmulo de cimento com luzes fluorescentes. A Fortuna quis voltar atrás. De alguma forma, convocara a ninfeta Myrna em algum túnel de metro, em alguma passeata, na cama de algum existencialista eurasiático, nas mãos de algum budista epilético, na verborragia de uma terapia de grupo.

— Ignatius, você está metido aí dentro? — indagou Myrna com seu tom áspero, directo, agressivo. Tornou a bater na porta, apertando os olhos atrás dos óculos de armação preta. Myrna não tinha astigmatismo; as lentes eram de puro vidro; usava óculos para provar a dedicação aos seus objetivos. O brinco indiano refletia as luzes dos postes como um pingente de vidro. — Olhe, sei que tem gente aí dentro. Já ouvi você batendo os pés. Abra logo essa droga de porta!

— Estou aqui, sim! — gritou Ignatius. Puxou a porta com violência. — Graças à Fortuna você chegou!

— Nossa! Você está horrível. Parece que teve uma coisa. Que bandagem é essa? Ignatius, que foi que houve? Olhe só como você engordou! Eu estava lendo essas placas esquisitas aqui na porta.

Cara, você degingolou.

— Visite o inferno — disse Ignatius, dramático, puxando Myrna para dentro de casa pela manga da japonesa. — Como foi que você saiu da minha vida, ninfeta? Esse penteado novo lhe deu um ar de cidade grande. — Arrebatou o rabo-de-cavalo e levou-o ao bigode, beijando-o com furor. — O aroma de poluição desse seu cabelo me excita com visões daquela Gotham City. Vamos embora. Quero desabrochar em Manhattan.

— Achei você meio estranho, mas *assim* já é demais. Você está realmente mal, Ig.

— Rápido. Para o motel. Meu impulso clama por satisfação.

Você trouxe dinheiro?

— Pare com esse teatro — disse Myrna, irritada. Arrancou o rabo-de-cavalo das manoplas de Ignatius e jogou-o no ombro em que estava o violão, onde caiu fazendo "tóim". — Escute, Ignatius. Estou morta. Estou dirigindo desde as nove da

manhã de ontem. Quando lhe mandei aquela carta sobre o tal Partido da Paz, pensei comigo mesma: "Myrna, pense bem. Esse sujeito não está precisando só de uma carta. Precisa da sua presença. Ele está afundando ligeiro. Você é ou não é dedicada a ponto de evitar uma desintegração diante dos seus olhos? Seu engajamento vai fundo?" Sai do correio, entrei no carro e comecei a dirigir. A noite inteira. Directo. Você entende?

Quanto mais eu pensava naquela loucura de telegrama, mais nervosa eu ficava.

Ao que tudo indicava, Manhattan andava carente de causas para defender.

— Tem razão — gritou Ignatius. — Aquele telegrama foi uma coisa horrorosa. Pura demência. Fiquei semanas nas profundezas da depressão. Depois de ter perdido tantos anos por causa de minha mãe, ela resolveu casar-se e não quer mais nada comigo. Vamos sair daqui. Não fico nesta casa nem mais um minuto.

— Quê? Quem é que vai casar com ela?

— Ainda bem que você me compreende. Percebe como tudo é ridículo?

— Onde é que ela está? Preciso questionar essa mulher sobre o que ela andou fazendo com você.

— Deve estar por aí fazendo exame pré-nupcial. Não quero mais vê-la de novo.

— Acho melhor mesmo. Coitado! Que é que você tem feito, Ignatius? Atirado como sempre naquele seu quarto?

— É. Semanas inteiras. Fiquei imobilizado por uma apatia neurótica. Você se lembra daquela carta em que eu inventei a prisão e o acidente? Escrevia quando minha mãe conheceu esse velho depravado. Foi aí que o meu equilíbrio ficou instável. Desde que isso aconteceu, tenho percorrido um caminho descendente, que culminou na esquizofrenia do Partido da Paz. Essas placas lá fora são a manifestação física do meu tormento interior. Minha obsessão de paz representava o desejo de acabar com a hostilidade existente em minha própria casa. Só tenho a lhe agradecer por conseguir analisar as minhas fantasias, expressas nas cartas. Graças a Deus foram sinais de angústia escritos num código que só você podia decifrar!

— Pelo seu tamanho, posso imaginar a sua inactividade.

— Engordei de tanto ficar deitado na cama, sublimando tudo com a comida. Agora vamos. Temos que sair desta casa. Ela me traz associações dolorosas.

— Eu lhe disse para sair daqui há muito tempo. Ande logo, vamos fazer as malas.
— A voz monótona de Myrna crescia em entusiasmo. — Mas isso é fantástico. Mais cedo ou mais tarde você ia ter que sair daqui para preservar a sua saúde mental.

— Se eu tivesse prestado mais atenção no que você dizia, não teria passado os horrores por que passei. — Ignatius abraçou Myrna, pressionando-a com o violão contra a parede. Percebeu que ela estava radiante de batalhar por uma causa nobre, de ter um histórico de caso fidedigno. — Já tem um lugar no céu, minha ninfeta. Agora vamos de uma vez.

Quis arrastá-la para a porta, mas ela disse: — Não vai levar nada?

— Ah, claro. Tenho muitas anotações. Não podemos deixar isso para a minha mãe. Ela faria fortuna. Que ironia! — Foram até o quarto dele. — Por falar nela, é bom você saber que ela é alvo das atenções de um fascista.

— Não!

— Sim. Olhe só. Por aí você pode imaginar o quanto eles me têm torturado.

Entregou a Myrna um panfleto que a mãe jogara por baixo da porta de seu quarto: "Seu amigo é mesmo patriota?" Myrna leu o que estava escrito à mão na margem: "Leia isto, Irene. É bom. No final há algumas perguntas que você pode fazer ao seu filho".

— Ah, Ignatius! — gemeu Myrna. — Como foi isso?

— Terrível e traumático. Eles agora devem estar açoitando algum liberal que a minha mãe ouviu defendendo a ONU na padaria da esquina. Ela falou nisso o dia inteiro. — Ignatius arrotou. — Passei dias de terror.

— Acho tão estranho a sua mãe não estar! Ela ficava em casa o dia inteiro. — Myrna pendurou o violão na cabeceira da cama e se deitou. — Este quarto. Dávamos festas aqui dentro, expondo nossos corações, escrevendo manifestos anti-Talc. Acho que aquele impostor ainda está lá na faculdade.

— Creio que sim — respondeu Ignatius, ausente. Queria que Myrna sáísse da cama antes que tivesse a ideia de expor outras coisas. De qualquer forma, tinham que sair de casa. Foi ao armário, procurar a mochila que sua mãe comprara para ele levar em sua curtíssima estada em uma colônia de férias, quando tinha onze anos.

Desarrumou todas as gavetas como um cachorro procurando osso no quintal. — É melhor levantar-se, minha flor. Temos que juntar os cadernos, os papéis. Pode procurar debaixo da cama.

Myrna levantou-se aos poucos da cama húmida, dizendo: — Eu quis descrever você na minha terapia de grupo, trabalhando sem parar aqui neste quarto, totalmente afastado da sociedade. Uma mente medieval no claustro.

— Devem ter ficado curiosos — murmurou Ignatius. Tinha encontrado a mochila, e colocava nela umas meias que estavam espalhadas pelo chão. — Logo vão me ver em carne e osso.

— Espere só para eles verem como você tem uma cabeça original.

— Ah-ah — bocejou Ignatius. — Acho que a minha mãe me fez um favor querendo casar-se. Esses laços edipianos estavam me atrapalhando. — Jogou o ioiô na mochila. — Parece que você chegou inteira, nessa viagem ao sul.

— Foi porque nem parei no caminho. Quase trinta e seis horas na direcção. — Myrna empilhava os cadernos. — Parei num restaurante de negros ontem à noite, mas eles não quiseram me servir. Acho que foi por causa do violão.

— Deve ter sido. Acharam que você era cantora de música caipira. Já tive alguns contactos com esse tipo de gente. São muito limitados.

— *Realmente*, nem acredito que estou tirando você deste buraco.

— Incrível, não é? Só de pensar que lutei tantos anos contra o óbvio!

— Vai ser maravilhoso quando chegarmos a Nova York! Vai mesmo!

— Imagino — disse Ignatius, colocando o lenço e o cutelo na mala. — A Estátua da Liberdade, o Empire State, as minhas artistas preferidas, ao vivo, na Broadway. Bater um papo no Village com um pessoal tão engajado!

— Até que enfim você está de bem com o mundo. Nem acredito no que ouvi hoje aqui. Vamos estudar os seus problemas. Você vai entrar numa fase totalmente nova. A sua passividade já era. Pense bem nas ideias que vão começar a brotar na sua cabeça quando você se libertar de todas as suas fixações.

— Só Deus sabe o que é que vai acontecer — disse Ignatius, desinteressado. — Vamos embora. Agora. Previno-a de que a minha mãe pode voltar a qualquer momento. Se eu a vir de novo, vou ter uma regressão horrível. Temos que andar

depressa.

— Ignatius, você está na maior agitação. Procure se relaxar. O

pior já passou.

— Ainda não — disse Ignatius, ligeiro. — Minha mãe pode chegar com a gentilha. Você precisa ver. Supremacia dos brancos, dos protestantes, o fim do mundo. Deixe que eu vou levar o alaúde e o trompete. Já juntou os cadernos?

— Esse negócio é sensacional! — disse Myrna, folheando um caderno. — "Pérolas do niilismo".

— É só o fragmento de um todo.

— Não vai deixar nem um bilhete de protesto para sua mãe?

— Não vale a pena. Ela ia levar meses para entender. — Ignatius ajeitou o alaúde e o trompete debaixo do braço e apanhou a mochila. — Por favor, não se esqueça desse fichário. É um diário, um capricho sociológico escrito por mim. O meu trabalho mais comercial.

Com muitas possibilidades cinematográficas nas mãos de um Walt Disney.

— Ignatius. — Myrna parou na soleira da porta, carregada de cadernos, e mexeu os lábios descorados por um instante, sem falar, como se estivesse se lembrando de um endereço. Seus olhos cansados procuraram Ignatius de trás das lentes. — Este é um momento muito importante. Sinto-me como se eu estivesse *salvando* você.

— E está mesmo. Vamos embora. Por favor. Depois conversámos. — Ignatius empurrou-a ao passar e saiu aos trancos para o carro. Abriu a porta de trás do pequeno Renault, acomodando-se entre os montes de cartazes e pilhas de panfletos que cobriam o assento. O carro cheirava a banca de jornais. — Corra! Não dá tempo para fazer um *tableau-vivant* na frente de casa.

— Não é possível, você vai mesmo aí atrás? — perguntou Myrna, enquanto jogava os cadernos dentro do carro.

— Claro que vou! — berrou Ignatius. — Não posso correr os riscos mortais do banco da frente numa viagem por auto-estrada.

Agora entre logo nessa carroça e vamos sumir.

— Espere. Ainda falta uma porção de cadernos — disse Myrna, e correu para dentro de casa, com o violão batendo nas costas.

Desceu com outra remessa, parou na calçada de tijolos e virou-se para olhar a casa. Era como se quisesse *registar* a cena. Afinal, em resposta aos chamados de Ignatius, foi até o carro e jogou os cadernos no colo dele. — Acho que ainda tem mais debaixo da cama.

— Deixe esses pra lá! — gritou ele. — Ligue logo esse carro.

Ah, meu Deus! Não enfie o violão no meu rosto. Por que é que você não anda só de bolsa, como toda mulher decente?

— Vá para o diabo que o carregue! — disse Myrna, zangada.

Sentou-se ao volante e ligou o carro. — Onde é que você quer passar a noite?

— Passar a noite? — trovejou Ignatius. — Não vamos a lugar nenhum para passar a noite. Vamos pegar a estrada directo.

— Ignatius, vou cair morta daqui a pouco. Estou dentro do carro desde ontem de manhã.

— Bem, vamos atravessar o lago Pontchartrain pelo menos.

— Está bem. Pegamos o caminho da barragem e parámos em Mandeville.

— Não! — Myrna queria levá-lo para o covil dos psiquiatras. — Para lá não vamos. A água está poluída. Estão com uma epidemia.

— É? Então pegamos a ponte velha para Slidell.

— Isso. É mais longe e mais garantido. Essas barragens estão a toda hora se rompendo e inundando a estrada. A gente cai no lago e morre afogado. — O Renault estava com a traseira muito baixa e custou para deslanchar. — Este carro é pequeno demais para a minha estatura. Tem certeza de que você sabe mesmo ir para Nova York?

Tenho sérias dúvidas sobre a minha sobrevivência por mais de um dia nesta posição fetal.

— Ei, onde é que esses *hippies* vão? — A voz da srta. Annie vinha fraca de trás da janela. O Renault foi até o meio da rua.

— Essa puta velha ainda mora aí? — perguntou Myrna.

— Cale a boca e saia logo daqui!

— É assim que você vai me tratar? — Myrna lançou um olhar para o boné verde pelo espelho retrovisor. É só para eu ficar sabendo.

— Ai, minha válvula! — suspirou Ignatius. — Por favor, não dê um escândalo. Meu psiquismo pode sofrer um abalo irreversível, depois de tudo o que eu passei.

— Desculpe. Foi que pareceu tanto aquele tempo, eu aqui bancando o chofer, e você me enchendo aí no banco de trás!

— Tomara que não esteja nevando no norte. Meu organismo se recusa a funcionar com mau tempo. E muito cuidado com esses ônibus de turismo na estrada. Eles esmagam um brinquedo como este nosso.

— Ignatius, de repente você voltou àquele ego terrível. De repente estou achando que estou cometendo um erro enorme.

— Erro? Claro que não — disse Ignatius com delicadeza. — Mas cuidado com aquela ambulância. Não vamos começar a viagem com um acidente.

Quando a ambulância passou, Ignatius torceu-se todo e viu "Hospital Psiquiátrico" escrito na porta. A luz giratória no alto da ambulância iluminou o Renault no instante em que os veículos se cruzaram. Ignatius sentiu-se ofendido. Aquela não tinha nem grades.

Eles o haviam subestimado, mandando aquele caco velho.

Arrebentaria fácil todas aquelas janelas. Logo as luzes da ambulância estavam a duas quadras de distância, e Myrna entrou na St. Charles Avenue.

Depois de a Fortuna tê-lo salvo de um ciclo, em que direcção iria? O novo ciclo seria diferente de tudo o que ele experimentara.

Myrna se esgueirava no Renault, em meio ao tráfego intenso do centro da cidade, metendo-se por entre as menores frestas, até que o último poste de luz mortíça do último subúrbio pantanoso desaparecesse. Ficaram na escuridão das salinas. Ignatius olhou a placa de sinalização da auto-estrada, que refletia os faróis do carro.

U. S. 11. A placa passou voando. Baixou o vidro alguns centímetros e respirou a maresia que vinha do golfo.

Como se o ar fosse um purgativo, sua válvula se abriu.

Respirou outra vez, agora mais fundo. A dor de cabeça ingrata se dissipava.

Olhou, agradecido, a cabeça de Myrna, o rabo-de-cavalo que balançava, inocente, em seu joelho. Agradecido. Que ironia!, pensou Ignatius. Segurou o rabo-de-cavalo com a mão enorme e levou-o carinhosamente ao bigode molhado.

FIM

O AUTOR E SUA OBRA

John Kennedy Toole nasceu em Nova Orleans, em 1937. Menino extremamente inteligente, não precisou fazer o primeiro ano primário; entrou no segundo porque já sabia ler e escrever correctamente. O quarto ano ele também não fez, passando do terceiro para o quinto. Quando tinha dezasseis anos de idade, recebeu uma bolsa de estudos da Universidade de Tulane, e em 1959

conquistou o grau de mestre em língua e literatura inglesa na Universidade de Colúmbia.

Durante um ano, leccionou em Nova York, transferindo-se depois para Nova Orleans (Louisiana). Nessa época, foi chamado para o serviço militar, o que ocupou dois anos de sua vida. A maior parte desse tempo passou-a em Porto Rico, onde escreveu o romance "Uma confraria de tolos". Regressando a Nova Orleans, voltou a ganhar a vida leccionando, e tentou publicar a obra. Durante anos, suas tentativas foram infrutíferas. De decepção em decepção, o escritor foi se tornando cada vez mais melancólico e taciturno. Em 1968, leccionava no St. Mary's College, de Nova Orleans, e preparava seu doutorado na Universidade de Tulane. De repente, abandonou tudo, deixou o emprego e viajou por dois meses. Em San Simeon, Califórnia, visitou o palácio construído pelo famoso jornalista William Randolph Hearst; em Milledgeville, Geórgia, fez uma peregrinação até a casa de seu ídolo literário, o escritor Flannery O'Connor. No dia 26

de Março de 1969, seu corpo foi encontrado em Biloxi, Mississipi. O

escritor se matara inalando monóxido de carbono do escapamento de seu carro, um Chevrolet branco. Tinha apenas trinta e um anos de idade.

Sua mãe não se conformou com esse trágico e melancólico fim.

Estava certa das qualidades literárias da obra do filho e repetiu seu calvário para publicá-la. As editoras, como já tinham jeito com o autor, recusaram-se a publicá-la sob a alegação de que se tratava de texto pouco comercial. Mas ela não desanimou. Finalmente, em 1980, dezassete anos depois de escrito, o único livro de John Kennedy Toole era publicado pela Louisiana State University Press. Contrariando a opinião de todos os editores que o tinham lido anteriormente, o romance tornou-se um sucesso imediato de crítica e de público.

Capa

Prefácio

Um

I

II

III

Dois

I

II

III

IV

V

Três

I

II

III

IV

V

Quatro

I

II

III

IV

V

Cinco

I

II

III

IV

V

Seis

I
II
III
IV
V

Sete

**I
II
III**

Oito

**I
II
III**

Nove

I
II
III
IV
V

Dez

I
II
III
IV

Onze

I
II
III
IV

Doze

I

Treze

I
II
III
IV
V

VI

VII

VIII

IX

X

XI

XII

XIII

Q uatorze

I

Autor da Obra

